

Telmo Corujo dos Reis

Contributo para a História do Humanismo em
Portugal

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Coimbra

Faculdade de Letras

1997

Dissertação de Mestrado em
Literaturas Clássicas apresentada à
Universidade de Coimbra em 1997

Dedicatória

À minha família, pelas muitas horas de convívio de que este trabalho nos privou.

Ao Rui e ao Johnny, que assim como Deus dilata cada Primavera em flores, do mesmo modo lhes prolongue a vida em anos.

Prefácio

Foi na cidade de Granada que a nossa curiosidade intelectual se concentrou sobre o movimento humanístico do Renascimento e seus protagonistas, quando, depois de concluída a Licenciatura em Coimbra, frequentávamos as cadeiras do Seminário de Mestrado. Não tivemos, como outros, a dita de frequentar, na Universidade de Coimbra, veneranda *Alma Mater*, a cadeira de opção complementar de Latim Renascentista.

Semelhante circunstância, se não nos abriu de par em par as portas de um saber específico, não impediu uma primeira abordagem da literatura do nosso Renascimento. Assim, foi no segundo ano da Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas, (Variante de Estudos Clássicos e Portugueses), que, ao frequentar a cadeira de Literatura Latina I, regida pelos Profs. Doutores Américo da Costa Ramalho e Sebastião Tavares de Pinho, tomámos pela primeira vez contacto com a nossa literatura quinhentista, em língua latina e portuguesa. A causa foi a profunda influência que as obras, de que então nos ocupávamos, tiveram entre nós.

Desde essa altura foram-nos familiares nomes como André de Resende, André Falcão de Resende, Aquiles Estaço, entre outros. No ano seguinte foi a vez de um contacto, agora profundo, com a cultura e literatura portuguesa de Quinhentos, no âmbito da cadeira de Literatura Portuguesa II, regida pelo Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro e pelo Doutor José Cardoso Bernardes.

Terminada a Licenciatura seguiu-se um ano em que, no âmbito do Projecto ERASMUS, frequentámos a Universidade de Granada. Aí, de entre as várias disciplinas, de grande interesse e muito grata memória, salientou-se um Seminário de Mestrado, sabiamente regido pelo Prof. Doutor José A. Sánchez Marín, denominado *Poetas y poesía hispano latina en el Humanismo del Renacimiento español*, no qual tomámos contacto com a literatura latina hispânica do séc. XVI, ao mesmo tempo que crescia o nosso interesse pelo que se teria produzido em Portugal, em língua latina, por essa mesma época.

Sucedeu então que, longe de Coimbra, tivemos a fortuna de assistir a algumas lições de um Seminário sobre o Humanismo em Portugal, pronunciadas pelo Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho. No seio de um país estranho, posto que tão querido e familiar, tais lições tomaram um significado muito especial, atraindo-nos definitivamente para esta área de estudos.

Após o regresso a Portugal, foi o início das funções de docente, no então Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade da Madeira, e início também do estudo de um *corpus* de textos, latinos e renascentistas, motivo e origem do trabalho que agora apresentamos. O tema e até o próprio título foi-nos proposto pelo Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, a quem tributamos, em primeiro lugar, os máximos agradecimentos.

Como Orientador desta dissertação de Mestrado em Literaturas Clássicas soube guiar-nos no conhecimento de uma literatura fascinante que se nos ia patenteando em cada leitura. Também a selecção de poemas do *Elegiarum Liber* (sic) II, de que nos ocupamos, ficou a seu cargo, trabalho de que se desembaraçou magistralmente, escolhendo, de entre tantos títulos, os que são talvez mais interessantes e, sem dúvida, mais representativos para o estudo do movimento humanístico em Portugal.

O trabalho que, de então para cá, desenvolvemos, e que agora apresentamos no seu estado actual, tem por objectivo um estudo aprofundado e globalizante da produção literária de Jerónimo Cardoso, em particular da sua produção poética e, (dado que ambas se complementam), epistolográfica, que de há tanto merece ser trazida à luz do conhecimento geral pelas muitas informações nela contidas sobre o relacionamento entre algumas figuras cimeiras da nossa cultura de Quinhentos. Procuramos, assim, tornar acessível a um público mais vasto, por meio de versão para língua portuguesa, textos compostos ou redigidos numa língua que continua a não ter, entre nós, o estudo e a divulgação que, de direito, lhe são devidos.

O *Estudo Introdutório*, que precede as traduções, visa, acima de tudo, contextualizar os poemas de que nos ocupamos no ambiente humano e cultural em que a sua génese se produziu. Tornaram-se, como tal, imprescindíveis várias considerações, de natureza histórica, biográfica e bibliográfica, precedidas, forçosamente, por uma reflexão preliminar sobre as diversas fontes de conhecimentos a cujos mananciais fomos beber. A obrigatoriedade de tão dilatado périplo levou-nos a ser, bastas vezes, superficiais, defeito que a custo se poderia vencer no exíguo espaço físico e cronológico que nos foi imposto.

O comentário individual de cada um dos textos pareceu-nos necessário com o fim de fazer ressaltar o que em cada um se afigura de maior importância. Surgem, por fim, os próprios textos, na sua redacção latina e versão portuguesa, que fizemos acompanhar das notas consideradas necessárias ao seu pleno entendimento por parte de um leitor menos esclarecido.

De entre aqueles que contribuíram para que este trabalho fosse uma realidade, a primeira palavra de gratidão vai, como já acima dissemos, para o Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho que sempre, paciente e doutamente, nos auxiliou na resolução dos mais diversos problemas, fazendo valer os frutos de um imenso saber, acumulado ao longo de uma vida de estudo contínuo e laborioso.

Sentida gratidão ainda para com os nossos antigos Professores de Coimbra e de Granada, em geral, e para com os Profs. Doutores Sebastião Tavares de Pinho e Maria de Fátima de Sousa e Silva, em particular, que, mais recentemente, como Coordenadores das cadeiras de cuja leccionação fomos incumbidos, na Universidade da Madeira, sempre pacientemente aceitaram e procuraram corrigir os erros da nossa inexperiência, ao mesmo tempo que nos incitavam a prosseguir os estudos conducentes à realização deste trabalho.

Uma palavra de agradecimento muito particular, também, para o Prof. Doutor José A. Sánchez Marín, da Universidade de Granada, pelo caloroso acolhimento e proveitosos ensinamentos que nos prestou ao longo de um ano que rapidamente se escoou deixando, no entanto, na nossa formação, um rasto indelével e profundo cuja memória perdurará.

À Mestre Luísa Antunes, nossa amiga e colega na Universidade da Madeira, somos devedores pelas palavras de incentivo nos momentos de desânimo e pelo pronto auxílio na revisão da *Bibliografia* e referências bibliográficas deste trabalho, tarefa de que se desempenhou com elegância e bom humor.

É devida, também, uma palavra de reconhecimento à Lic.^a Zélia Sampaio Ventura, bibliotecária do Instituto de Estudos Clássicos em Coimbra, pela disponibilidade, afabilidade e simpatia com que sempre atendeu às nossas solicitações, facultando-nos o acesso aos fundos bibliográficos confiados à sua guarda. O mesmo se diga com respeito aos funcionários da Biblioteca da Universidade da Madeira que nunca hesitaram em interromper um trabalho para nos auxiliar na busca de uma obra.

Aos Dr. José Barata António e Dr.^a Maria de Deus Barata António o nosso bem haja pelos conselhos com que, desde antes da nossa entrada para o ensino universitário e até hoje, sem interrupção, tantas vezes fizeram valer a luz do bom senso sobre as sombras dos nossos momentos de desalento e frustração, ao mesmo tempo que acompanhavam, com interesse, o desenrolar dos nossos trabalhos.

Gostaríamos, finalmente, de recordar a saudosa memória do Dr. Carlos Alberto Louro da Fonseca de cuja agradável presença e brilhante personalidade nos vimos subitamente privados por um fim tão prematuro quanto inesperado: *Requiem aeternam...*

Funchal, 16 de Janeiro de 1997

Telmo Corujo dos Reis

Estudo Introdutório

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo I- Uma biografia de Jerónimo Cardoso

1.- Fontes do capítulo

Antes de tentar delinear um perfil biográfico de Jerónimo Cardoso, impõe-se uma reflexão preliminar. A sua biografia, no que tem de luz e de sombra, é uma reconstituição erudita dos quatro últimos séculos, que laboriosamente intentaram conhecer o homem através da obra.

Os pontos de apoio de semelhante perfil biográfico são razoavelmente sólidos, e provêm três tipos de origem: informações contidas na própria obra de Jerónimo Cardoso, (seja nos seus poemas, seja nas suas cartas, seja ainda, indirectamente, pela análise de textos que aparentemente nada possuem de biográfico); informações a seu respeito transmitidas por outros humanistas seus contemporâneos; e, enfim, informações, de carácter geral ou específico, oriundas quer de uma apreciação exterior da sociedade em que se movimentou quer de informações concretas transmitidas pelas mais diversas fontes.

1.1.- Nicolau António

Nicolau António foi, tanto quanto sabemos, o primeiro autor a traçar uma breve biografia de Jerónimo Cardoso. A sua *Bibliotheca Hispana*¹ consagra a Jerónimo Cardoso algumas linhas em que, concisa e correctamente, descreve os traços essenciais da vida do Humanista, tentando seguidamente uma primeira e muito incompleta, (e não isenta de algumas imprecisões, como assinalou Francisco Leitão Ferreira), listagem das obras cardosianas². Das suas informações viria a beber o próprio Barbosa Machado.

1.2.- Francisco Leitão Ferreira e Barbosa Machado

¹ Nicolau António, «HIERONYMVS CARDOSVS» in *Bibliotheca Hispana*, col. 1, p. 437.

² «HIERONYMVS CARDOSVS, Lusitanus Lamacensis, Poeta & Orator Latinâ linguâ disertissimus, omniúmque in ea gente eruditorum suae aetatis hominum iudicio probatus & laudibus exornatus, imbuit plures annos domi sua iuventutem studiis humanitatis in urbe Olissiponensi; quod velut sacrarium quoddam frequentari ab his debere, quicumque humanioribus disciplinis delectarentur, Hieronymus Osorius V. C. Silvensis Episcopus in literis ad eum olim datis affirmabat. Prelum viderunt hactenus, quod sciam, haec ejus opera;

Epistolarum familiarium libellus; Ioanni III. Regi dicatus. Olissipone 1556. 8.

Oratio pro rostris habita kalendis Octobri bus Olissiponensi Academiae de laudibus omnium disciplinarum, anno XXXVI. Supra Sexquimillesimum. Cominbricae 1550.

De Praeteritorum & Supinorum ratione, libellus.

Dictionarium ex Lusitano in Latinum sermonem siue Latino-lusitanicum, & vice versa Lusitanico-latinum, cum Adagiorum fere omnium perutili expositione. Olissipone 1562. in 4. & Conimbricae 1587. in 8. & 1588. ex recognitione scilicet Sebastiani Stochameri Germani apud Ioannem Barreiros.

Aliorum ipse spem fecit in *Epistolis*, sed nescio an ediderit. *Poëmatia* quaedam ejus laudat Valerius Andreas.»

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Ainda no século XVII, o beneficiado Francisco Leitão Ferreira³ ensaiaria uma biografia e listagem das obras de Jerónimo Cardoso bastante mais perfeita, tendo as suas informações sido, mais tarde, abundantemente utilizadas por Diogo Barbosa Machado, na sua colossal obra de síntese. O autor da *Bibliotheca Lusitana*,⁴ seguiu muito de perto o texto de Francisco Leitão Ferreira. O seu mérito, no entanto, reside na listagem das obras de Jerónimo Cardoso, (listagem mais completa do que as tentadas por Nicolau António e por Francisco Leitão Ferreira), que, embora com uma ou outra imprecisão, é a fonte de todos os índices de obras de Jerónimo Cardoso elaborados subsequentemente.

1.3.- Enciclopédia

O artigo que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*⁵ consagrou a Jerónimo Cardoso parte da interpretação do estudo de Barbosa Machado, mas está minado por uma série de mal entendidos que o viciam por completo. Aí se diz, por exemplo, que Jerónimo Cardoso «foi professor de Humanidades na Universidade quando esta tinha sede em Lisboa», e ainda que «já de avançada idade, Padre Jerónimo Cardoso cegou mas não deixou de ensinar, sendo uma filha sua quem lia as lições que ele comentava depois». As referências à obra de Jerónimo Cardoso, contidas neste artigo, constituem um passo atrás na História do Humanismo.

1.4.- Justino Mendes de Almeida

Justino Mendes de Almeida, por meados deste século, viria a interessar-se pela obra de Jerónimo Cardoso e, em três trabalhos sucessivos⁶, viria a lançar o fundamento do que modernamente se escreveu sobre o humanista de Lamego. O seu trabalho mais interessante para o estudo da poesia e epistolografia de Jerónimo Cardoso é o último, publicado em 1965. Aí se refundem informações dos dois trabalhos anteriores e se indexam, que saibamos pela primeira vez, as composições do *Elegiarum Liber*.

1.5.- I. S. Révah

³ Francisco Leitão Ferreira, *Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra*, pp. 496-507.

⁴ Diogo de Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo II, pp. 488-491.

⁵ Vol. 5, p. 906.

⁶ Justino Mendes de Almeida, «Uma carta latina do humanista Jerónimo Cardoso» in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, pp. 207-213.

Idem, «O primeiro lexicógrafo português de língua latina: Jerónimo Cardoso» in *Euphrosyne*, pp. 139-152.

Idem, e Miguel Pinto de Meneses, *Jerónimo Cardoso, Oração de Sapiência, proferida em louvor de todas as disciplinas*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

A pequena notícia de I. S. Révah⁷ estabelece firmemente as origens judaicas de Jerónimo Cardoso, marcando assim os pontos de partida de uma série de investigações ainda hoje por levar a cabo.

1.6.- Paul Teyssier

Mais recentemente, em 1980, Paul Teyssier, seguindo a linha inaugurada por Justino Mendes de Almeida, no seu trabalho, «O primeiro lexicógrafo português de língua latina: Jerónimo Cardoso», viria a dedicar um estudo a Jerónimo Cardoso⁸ em que, a despeito de se demorar mais os trabalhos de lexicografia do Humanista, fornece bastantes informações de natureza biográfica, extraídas da melhor fonte possível: as próprias obras de Jerónimo Cardoso.

1.7.- Telmo Verdelho

O primeiro trabalho de fundo sobre Jerónimo Cardoso, lexicógrafo e gramaticógrafo, viria a surgir muito recentemente, na obra *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, de Telmo Verdelho⁹.

1.8.- Mário Helder José Gomes Luís

No mesmo ano em que saía publicado este trabalho, Mário Helder José Gomes Luís apresentava o trabalho intitulado *Jerónimo Cardoso e os Irmãos Pedro e Rodrigo Sanches (Contributo para a história do Humanismo em Portugal)*¹⁰, trabalho esse em que, minuciosamente, elabora a «biografia possível» de Jerónimo Cardoso.

2.- Dados biográficos de Jerónimo Cardoso

2.1.- As suas origens e nascimento

Jerónimo Cardoso nasceu em Lamego, em data que se não pode determinar com segurança. Justino Mendes de Almeida fixou como datas limites da vida do Lexicógrafo os anos de 1508 e de 1569. A data do seu nascimento foi fixada com bases meramente conjecturais, não se conhecendo ainda hoje nenhum dado que a possa confirmar ou refutar, razão pela qual a aceitamos.

Onde nasceu o Humanista? Ele mesmo o diz numa das composições do *Elegiarum Liber*, a elegia n.º 29- “Ad Patriam”, consagrada à sua terra natal, a cidade de

⁷ I. S. Révah, «Les origines de Jerónimo Cardoso auter du premier dictionnaire portugais imprimé» in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, pp. 277-279.

⁸ Paul Teyssier, «Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise» in *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, pp. 7-32.

⁹ Telmo Verdelho, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*.

¹⁰ Mário Helder José Gomes Luís, *Jerónimo Cardoso e os Irmãos Pedro e Rodrigo Sanches (Contributo para a História do Humanismo em Portugal)*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Lamego. Ajunte-se ainda a este dado, já de si seguro, o uso constante, no rosto das edições das suas obras, do epíteto *Lamacensis*.

A sua família era certamente de origem judaica, segundo divulgou I. S. Révah num pequeno mas elucidativo artigo que nos informa de como, a 25 de fevereiro de 1550, foram denunciadas à Inquisição de Lisboa, uma «Beatriz Cardoso e suas filhas, Violante Nunes e Izabel, *Parentas do Bacharel Cardoso, mestre de Grammatica*, por guardarem os sabbados, accenderem candeias na noite de 6.^a feira e não irem à missa ao domingo».

Já anteriormente, em 1546, Beatriz Cardoso tinha sido presa pela primeira vez sob acusação de judaizar. Permaneceria dois anos no cárcere, sendo libertada em 1548. Voltaria a ser presa em 1550 e, ao ser interrogada sobre a sua genealogia, a 13 de janeiro de 1552, Beatriz Cardoso havia de declarar que «...o bacharel jeronimo cardoso que emsyna gramatica he seu sobrynho filho de hûua sua prima com jrmã...».

Beatriz Cardoso haveria de sair «reconciliada» com o Tribunal do Santo Officio, num auto-de-fé celebrado em Lisboa em 1553. O estigma do judaísmo, porém, continuaria a marcar Jerónimo Cardoso até ao final da sua vida.

I. S. Révah, salienta ainda que, dado o grande número de Cardosos, oriundos de Lamego, que passaram pelos cárceres da Inquisição no séc. XVI, será possível descortinar mais algumas informações sobre a história familiar de Jerónimo Cardoso.

2.2.- A sua situação familiar

O que efectivamente sabemos sobre a família deste humanista é bastante pouco. Ele mesmo nos informa de como era membro de uma família numerosa. Tinha quatro irmãos e quatro irmãs. Dado que era o mais velho, desde cedo viriam a pesar sobre os seus jovens ombros responsabilidades de vária ordem.

2.3.- Os seus estudos

Assim, ao passo que a um seu irmão menor foi concedido o ir frequentar a Universidade de Lovaina, Jerónimo Cardoso ficar-se-ia pela Universidade de Salamanca. Aí havia de adquirir toda a sua cultura, prodigiosa à maneira renascentista. Este facto terá marcado fortemente a personalidade do Lexicógrafo, pois sabemos, por uma carta de Cristovão Fernandes¹¹, que o Humanista de Lamego desejou vivamente ir frequentar a Universidade de Paris, a mais famosa e conceituada do seu tempo.

¹¹ *Epistolarum Familiarium Libellus*, carta n.º 40, fl. F i-r.º.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Pesavam sobre ele, como dissemos, inúmeras responsabilidades familiares, que de todo impediram um progresso nos estudos além Pirenéus.

2.4.- A sua vida como professor de humanidades

Regressado a Portugal na primeira metade da década de trinta, viria a fixar residência em Lisboa, cidade em que havia de permanecer todo o resto da sua vida. As suas passagens por Coimbra e por Évora, de que temos notícia segura, devem ter sido extemporâneas. Na Capital veio a abrir escola pública onde ministrava aulas de Humanidades. Tal escola estava situada no Bairro da Universidade e teria por função preparar os candidatos para o acesso ao ensino superior.

A sua estrela brilhava então com um fulgor que não iria durar por muito tempo. No primeiro dia de Outubro de 1536 coube-lhe a imensa honra de pronunciar a *Oratio pro Rostris* na abertura solene do ano lectivo de 1536/ 37. O destino, porém, estava traçado. As aulas, nesse ano, funcionariam até ao último dia de Março, iniciando-se, de seguida, a transferência da Universidade para Coimbra.

Dois anos antes da *Oratio pro Rostris* de Jerónimo Cardoso, fora André de Resende incumbido da mesma tarefa, da qual se desembaraçara com maior dextreza. Jerónimo Cardoso manteve-se, no seu discurso, no prudente caminho do elogio das disciplinas universitárias, não avançando nunca com a intrepidez de Resende. Em algo, porém, as duas situações se aproximam: nem Jerónimo Cardoso nem André de Resende, (nessa altura), eram professores da Universidade.

Nesta instituição, desde D. Henrique, fora norma confiar o discurso inaugural ao lente de Prima que, porém, podia delegar semelhante tarefa em quem tivesse para tal méritos reconhecidos. Estavam nesta situação Jerónimo Cardoso e André de Resende.

2.5.- A sua situação financeira

A condição económica da família do Lexicógrafo fora inicialmente desafogada, e a educação de Jerónimo Cardoso, num primeiro momento, reflete esta situação. O correr do século, porém, com as suas vicissitudes, havia de deixá-lo à beira da miséria. Desta mesma situação, por razões certamente diversas, compartilhavam muitos dos humanistas portugueses de então.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo II- A obra de Jerónimo Cardoso

Chegado é o momento em que nos devemos deter numa breve reflexão sobre a globalidade da produção literária de Jerónimo Cardoso.

O elenco da sua produção há muito está estabelecido. Entre os investigadores mais antigos que dessa produção se ocuparam conhecemos Nicolau António e Francisco Leitão Ferreira, como já anteriormente referimos. Foi, no entanto, Barbosa Machado que, já no século XVIII, tomando por fundamento as informações de Francisco Leitão Ferreira, estabeleceu o índice das obras de Jerónimo Cardoso que serviu de base aos estudos dos que subsequentemente se ocuparam da produção do Lexicógrafo.

Dos elencos que conhecemos, além do de Barbosa Machado¹², devemos ainda apontar o de António Joaquim Anselmo, na sua *Bibliografia*¹³, o de Justino Mendes de Almeida, na sua «Introdução» à *Oratio Pro Rostris*¹⁴, o de Paul Teyssier¹⁵ e, o mais recente de todos, o de *HISLAMPA*¹⁶.

1.- O lexicógrafo e gramaticógrafo

Na produção de Jerónimo Cardoso avulta, sobremaneira, o conjunto das suas obras que podemos designar por *didácticas*. Tal conjunto é constituído pelas obras lexicográficas e gramaticográficas que Jerónimo Cardoso produziu como material de apoio das suas lições, dado que ele era, como vimos, um aplicado mestre de gramática.

Três dicionários, (o último saído postumamente), que referiremos de passagem sem nos debruçarmos sobre o seu conteúdo, (estudo que tem vindo a ser levado a cabo por vários investigadores como Justino Mendes de Almeida, Paul Teyssier e, sobretudo, Telmo Verdelho), atestam um profundo conhecimento da língua latina e, dado que foram os primeiros trabalhos do género impressos em Portugal, granjearam ao seu autor o título de primeiro lexicógrafo da língua latina em Portugal e, simultaneamente, dado que os dicionários são bilíngues, o título de primeiro lexicógrafo da língua portuguesa.

¹² Diogo de Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, -Tomo II., pp. 489-491.

¹³ António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*.

¹⁴ Justino Mendes de Almeida, *op. cit.*, 1965, pp. 6-38.

¹⁵ Paul Teyssier, *op. cit.*, pp. 8-11.

¹⁶ *HISLAMPA*, pp. 315-316.

Estranhámos a inclusão neste índice de dois tratados de D. Jerónimo Osório, recentemente traduzidos para português e publicados num volume em que se incluem, é certo, duas cartas do *Epistolarum Familiarium Libellus*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

O primeiro dicionário a ser impresso foi o *Dictionarium Iuventuti Studiosae admodum Frugiferum*, impresso em 1551, em Coimbra, por João da Barreira e João Álvares¹⁷, dedicado a Manuel de Góis, filho de Damião de Góis. Este dicionário, que é, na sua essência, uma pequena fraseologia latina, teve duas reimpressões, a primeira em 1562, em Coimbra, por João Álvares¹⁸, a segunda em 1587, igualmente em Coimbra, por João da Barreira¹⁹.

O segundo dicionário, intitulado *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*, veio a lume pela primeira vez em 1562, em Lisboa, na oficina de João Álvares²⁰.

O terceiro dicionário²¹, integrando o que anteriormente citámos, veio a lume sob o longo título de *Dictionarium Latino-Lusitanicum et viceversa Lusitanico-Latinum, cum adagiorum, fere omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione: Ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione. Item de monetis, ponderibus, & mensuris, ad praesentem vsum accomodatis*. A sua primeira edição foi póstuma e saiu por instâncias de D. Sebastião, com alvará de privilégio passado em Lisboa, 4 de Julho de 1569, em favor de «Filipa Cardoso viuva, mulher que foy do Bacharel Hieronymo Cardoso», como reza o alvará real em resposta a uma petição da viúva do Lexicógrafo. Nessa petição se dizia que o autor «gastou trinta, e seys annos em o fazer».

Como Jerónimo Cardoso morrera deixando a obra inacabada, ficou a sua conclusão a cargo de Sebastião Stockamer, alemão radicado em Coimbra, que reviu e completou o trabalho de Jerónimo Cardoso, acrescentou de sua lavra um *Dictionarium Aliud de Propriis Nominibus Celebriorum Virorum, Populorum, Regionum, Locorum, Insularum, Urbium, Oppidorum, Montium, Fluuiorum, & Fontium: nec non aliorum*

¹⁷ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 287.

¹⁸ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 87.

¹⁹ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 236. Barbosa Machado, *op. cit.*, tomo II, p. 490, não menciona esta terceira edição, referindo, no entanto, as duas primeiras.

²⁰ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 88. Barbosa Machado não refere este dicionário.

²¹ Motivo da única referência feita por Innocência Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo III, pp. 258-259, a Jerónimo Cardoso. O bibliógrafo faz eco de algumas informações, nem sempre exactas, a respeito do Lexicógrafo, como quando diz que Cardoso foi «Mestre de Humanidades na Universidade de Lisboa», ou quando, na esteira de Manuel de Faria e Sousa, refere que «houve dous auctores d'este nome, dos quaes o primeiro fôra natural de Villa-real; e que a este se deve o *Dictio. Latino-Lusit.*, que ordinariamente se attribue ao segundo, natural de Lamego; quando este não fez mais do que accrescentar algumas cousas ao que o outro escrevêra», não deixa, contudo, de estranhar o silêncio de Barbosa Machado no tocante a tal «duplicação». As restantes informações desta notícia são de confiança, merecendo somente reparo o facto de desconhecer cinco edições do *Dictionarium Latino-Lusitanicum et viceversa Lusitanico-Latinum*, (a saber, as edições dos anos de 1588, 1613, 1630, e as duas saídas em 1695).

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

complurium scitu dignorum nominum ac rerum, (com rosto próprio), e dedicou o conjunto ao rei D. Sebastião, por carta nuncupatória datada de Coimbra, 20 de Junho de 1569.

Este dicionário foi impresso pela primeira vez entre 1569 e 1570, em Coimbra, na tipografia de João da Barreira²², vindo a ter, com o correr do tempo, numerosas reimpressões: em 1588, em Coimbra, por João da Barreira; em 1592, em Lisboa, por Alexandre de Sequeira²³; em 1601, em Lisboa, por António Álvares; em 1613, 1619 e 1630, (três edições), em Lisboa, por Pedro Craesbeeck; em 1643, em Lisboa, por Lourenço de Anvers; em 1677, em Lisboa, por António Craesbeeck; em 1694²⁴ e 1695, (duas edições), em Lisboa, por Domingos Carneiro; e em 1695, em Coimbra, por João Antunes. Doze edições no total.

No campo da gramaticografia Jerónimo Cardoso publicou as *Institutiones in Latinam linguam breviores, et elucidiores, quam ante hac aliae in lucem editae sunt*, impressas em 1557, (depois de já em 1552 estarem concluídas e serem dedicadas por carta nuncupatória a D. João de Meneses e Vasconcelos), em Lisboa, por João da Barreira²⁵. Conheceram uma reimpressão, dedicada a D. Sebastião, em 1562, em Lisboa, por João Blávio²⁶.

Existe ainda notícia de uma outra obra de Jerónimo Cardoso, pertencente ao campo da gramaticografia, de que se não sabe quando foi impressa. Trata-se do *Libellus de Praeteritorum, et Supinorum ratione*²⁷ mencionado numa carta de Jerónimo Cardoso a António Pimenta (ou Pimentel)²⁸. Nicolau António apresenta esta obra como impressa, porém, como até hoje não se encontrou nenhum exemplar, Justino Mendes de Almeida levanta a hipótese de que tal obra «tivesse ficado inédita ou tenha sido aproveitada na redacção da arte de gramática de que tratámos anteriormente»²⁹.

²² Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com os títulos n.º 208 e 208 (a).

²³ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 1058.

²⁴ «D'esta ultima cuidou o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, como elle proprio declara nas *Noticias Chron. da Univ. de Coimbra*, pag. 570». Innocência Francisco da Silva, *op. cit.*, Tomo III, p. 259.

²⁵ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 147. A obra que A. J. Anselmo descreve sob o título anterior, (n.º 146), segundo Justino Mendes de Almeida, *op. cit.*, 1965, pp. 9-10, corresponde a esta mesma obra: «Portanto, as *Grammaticae introductiones* (assim chamadas) e as *Institutiones in Latinam linguam* são a mesma obra».

²⁶ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 348.

²⁷ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 25 do «Suplemento».

²⁸ Trata-se da carta n.º 41 do *Epistolarum Familiarium Libellus*.

²⁹ Justino Mendes de Almeida, *op. cit.*, 1965, p.11.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

2.- O orador

Já acima fizemos alusão à oração de sapiência que Jerónimo Cardoso, não sendo professor da Universidade, pronunciou em Lisboa, a 1 de Outubro de 1536. Trata-se da última oração proferida na Universidade antes da sua transferência para Coimbra, e nela, como assinalou Paul Teyssier: «Cardoso se contente de faire l'«éloge» des différentes disciplines sans jamais se hausser au-dessus des banalités»³⁰, ao passo que André de Resende, dois anos antes e na mesma situação de Jerónimo Cardoso, havia aproveitado semelhante ocasião para traçar todo um novo programa de estudos humanísticos, uma verdadeira reforma intelectual.

A oração de sapiência de Jerónimo Cardoso só tardiamente viria a ser impressa, em 1550, juntamente com outras obras poéticas do autor, no *Libellus de Terrae Motu. De vario amore aegloga. De disciplinarum omnium laudibus oratio*.

3.- O poeta

Vejamos agora, por último, as edições em que Jerónimo Cardoso fez brilhar o seu talento poético, complemento de uma afadigada actividade de pedagogo. Os títulos, transcritos de A. J. Anselmo, seguem ordenados por ordem cronológica.

Assim conhecemos o *Libellus de Terrae Motu. De vario amore aegloga. De disciplinarum omnium laudibus oratio*³¹, (editado em Coimbra, por João da Barreira e João Álvares, em 1550), obra de que houve reedição parcial poucos anos depois, em 1553, levada a cabo por João da Barreira, vinda a lume sob o título de *Egloga, quae Sylenis inscribitur de vario amore aliaque simul poemata*³².

O mesmo tipógrafo imprimiu, desta feita em Lisboa, o *De obitu Serenissimi Principis D. Ludovici Portugalliae Infantis Dialogus cum aliis Epigrammatibus*³³, no ano de 1556. Dois anos depois, (em 1558) vinha a lume, também em Lisboa, mas na oficina de João Blávio, o *Apologus de morte, & de Pastore cum aliis elegiacis*³⁴ obra de que se sabe, unicamente, que trazia no final alguns enigmas traduzidos de castelhano em versos latinos.

³⁰ Paul Teyssier, *op. cit.*, p. 19.

³¹ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 272.

³² Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 122.

³³ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 139.

³⁴ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 324.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Em 1563 surgia a obra de que nos ocupamos, o *Elegiarum Liber* (sic) II³⁵, impresso em Lisboa por João da Barreira e, no ano seguinte, (em 1564), vinha a lume a última das obras poéticas de Jerónimo Cardoso, o *Sylvarum Liber Vnus*³⁶, impresso em Coimbra, também por João da Barreira.

São estas as edições de obras poéticas de Jerónimo Cardoso de que se conservou memória até aos nossos dias. Três das edições mencionadas são dadas como perdidas e, se tal perda não é tanto de lamentar no caso da edição de 1553 da *Egloga, quae Sylenis inscribitur de vario amore aliaque simul poemata*, o mesmo não se poderá dizer a respeito do *De obitu Serenissimi Principis D. Ludovici Portugalliae Infantis Dialogus cum aliis Epigrammatibus* e do *Apologus de morte, & de Pastore cum aliis elegiacis*, cujos conteúdos, perdidas as obras, de todo os ignoramos.

Mencionamos aqui, em último lugar, um livro de Jerónimo Cardoso que pelo seu título se deveria incluir entre as obras de carácter didáctico, como sejam os dicionários ou as gramáticas, mas que, pelo seu conteúdo, com justiça se poderá enumerar juntamente com as restantes obras poéticas. Trata-se do tratado *De Monetis tam Graecis quam Latinis. Item de Ponderibus et Mensuris ad praesentem usum redactis, Anacaephaleosis*³⁷. Esta obra é «uma espécie de sumário, a maneira de anacefaleose, da matéria contida no tratado do grande humanista francês Guillaume Budé (*Gulielmus Budaeus*): *Libri V de asse et partibus eius* (1514)»³⁸, teve a sua primeira impressão, dedicada por carta nuncupatória a Salvador Rodrigues, em 1561, em Coimbra, por João Álvares, vindo posteriormente a ser incluído no terceiro dicionário de Jerónimo Cardoso, o *Dictionarium Latino-Lusitanicum et viceversa Lusitanico-Latinum*, em que, nas edições de 1569-1570, 1588, 1592 e 1601, figura ainda acompanhado da carta nuncupatória. No entanto, os poemas que o acompanham, (motivo da inclusão deste título entre as obras poéticas de Jerónimo Cardoso) não voltaram a ser editados. Assim, pela descrição de A. J. Anselmo, sabemos que, para além da carta nuncupatória, o texto do tratado vem precedido de um poema a Salvador Rodrigues e seguido de cinco composições poéticas de Jerónimo Cardoso e de Salvador Rodrigues e ainda o “*Genethliacon Emmanuelis Pueri, ad Petrum a Palatii Medicinae Doctorem eius patrem, medicum Regium*” e o “*Lodouicae Sigae Epicedion*”

³⁵ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 173.

³⁶ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 186.

³⁷ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 84.

³⁸ Justino Mendes de Almeida *op. cit.*, 1965, p. 7.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

4.- O epistológrafo

Para além das cartas nuncupatórias de algumas das obras de Jerónimo Cardoso que temos vindo a enumerar, parte substancial da sua correspondência, trocada com outros humanistas seus contemporâneos, teve a fortuna de chegar aos nossos dias impressa, supõe-se que, (como adiante se verá), com o auxílio financeiro de Pedro Sanches, também ele correspondente do Lexicógrafo. Tal correspondência veio a lume sob o título de *Epistolarum Familiarium Libellus*³⁹, em Lisboa, na oficina de João da Barreira, em 1556.

Esta importante colectânea de cartas, um total de 68, (se contarmos com a carta nuncupatória dirigida «Clarissimo adolescenti D. Alfonso illustrissimi viri domini Sanctii a Noronha de Mirae domini, & extremotiae arcis praefecti maximi filio»), reveste-se de particular importância para o estudo do movimento humanístico em Portugal dado que «mostra o humanista em relações epistolares com algumas figuras cimeiras da cultura portuguesa do seu tempo, como André de Resende, D. Jerónimo Osório, Damião de Góis, Pedro Sanches e Aquiles Estaço, seu antigo aluno»⁴⁰.

Merecendo, de há muito, um estudo integral cuja saída chegou a ser anunciada⁴¹, (mas pela qual se continua à espera), algumas destas cartas têm vindo a ser traduzidas, estudadas e mesmo publicadas por alguns investigadores, que nos permitem, deste modo, uma abordagem mais directa e, no entanto, completamente seccionada da epistolografia cardosiana.

³⁹ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 140.

⁴⁰ Américo da Costa Ramalho, «CARDOSO (Jerónimo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, p. 182.

⁴¹ Justino Mendes de Almeida, *op. cit.*, 1957, p. 213: «Estamos autorizados a divulgar que se prepara actualmente uma reedição da correspondência latina de Jerónimo Cardoso, acompanhada de versão portuguesa».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo III- O *Elegiarum Liber* (sic) II de Jerónimo Cardoso

1.-Introdução

Em 1563 surgia, impresso em Lisboa, na casa de João da Barreira, tipógrafo régio, o *Elegiarum Liber* (sic) II⁴², cronologicamente a penúltima das obras poéticas de Jerónimo Cardoso.

O livro em questão nunca foi alvo de um estudo sistemático que equacionasse os muitos problemas que coloca, havendo, no entanto, bastas referências a esta obra, importante pelas personagens que nela figuram, quer de forma passiva (como destinatários de composições de Jerónimo Cardoso), quer, ainda, de forma activa (como autores de composições endereçadas ao Lexicógrafo).

É esta obra, com efeito, um notável repertório, no qual encontramos presente, como numa pintura retabular, a nata dos humanistas portugueses de Quinhentos: poetas, historiadores, oradores, burocratas, juristas, advogados e professores da Universidade que então, não havia ainda muitos anos, se instalara «nos saudosos campos do Mondego». E assim encontramos, a par de algumas personagens sobejamente conhecidas, outras a quem cobriu a treva do esquecimento. Será muito difícil voltar a fazer luz sobre as suas pessoas.

Os textos que constituem integram esta obra não voltaram a ser alvo de uma edição integral, sendo simplesmente citados em estudos vários, atendendo ao seu valor poético, e sobretudo, biográfico e histórico.

1.1.- A natureza ecléctica da obra

Textualmente estamos perante uma obra ecléctica, dado que nem todas as composições aqui presentes se devem ao labor de Jerónimo Cardoso (se bem que lhe sejam dirigidas as quatro composições que não são da sua autoria), nem todas se apresentam sob a forma de dísticos elegíacos, havendo contudo predominância absoluta deste ritmo métrico.

Neste *corpus*, encontramos composições de valor literário e de extensão muito variável. Vemos, assim, lado a lado, pequenos epigramas em que à futilidade dos assuntos se alia a ligeireza de linguagem e composições de grande fôlego, como a elegia n.º 29- “Ad Patriam”. Quantitativamente lembremos que este último poema se dilata por

⁴² Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II., p. 490; A. J. Anselmo, *op. cit.*, título n.º 173; *HISLAMP*, p. 316.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

53 dísticos elegíacos, ao passo que a menor composição, o minúsculo epigrama n.º 27 “Ad Andream Cotrinium”, se confina no exíguo espaço de um dístico.

Tematicamente, também, a diversidade é nota dominante nesta obra, havendo de tudo um pouco. Temos, deste modo, um hino a S. João Baptista a par de epigramas laudatórios, pedidos de censura poética a par de um «consolatorium carmen». Muitas das composições encerram elogios desmedidos, hoje difíceis de compreender e aceitar, mas plenamente acordes com as regras do mecenatismo de Quinhentos.

1.2.- Distribuição das composições em dois livros

Formalmente depara-se-nos uma obra dividida em dois *libri*, precedidos por uma epístola nuncupatória e separados pela elegia n.º 29 “Ad Patriam”, que, com os seus 106 versos é a mais extensa composição deste florilégio. Tal elegia está, pela sua transcendência, claramente colocada numa posição de charneira, no ponto de união dos dois grupos de composições poéticas.

Temos, assim, uma obra que se articula em duas partes, que contam com igual número de composições e que estão separadas por um outro poema particularmente extenso e transcendente. Obtemos, deste modo, a estrutura 28+1+28.

Além destas, talvez não sejam de buscar outras proporções numéricas rigorosas na distribuição dos textos pelos dois livros. Jerónimo Cardoso limitou-se, provavelmente, a agrupar as composições em dois blocos de vinte e oito, colocando, em primeiro lugar, o único poema de carácter sagrado, ao meio, (a separar os dois grupos), a elegia dedicada à sua terra natal e, a abrir o segundo *liber*, a única elegia que endereçou a Álvaro Vaz, o jurisconsulto a quem dedicou esta obra.

O trabalho, efectivamente, apareceu dedicado no frontispício, em carta nuncupatória, (impresa no segundo fólio, frente e verso), e, implicitamente, também na composição de abertura do segundo livro, ao doutor Álvaro Vaz, qualificado de «iurisconsultum peritissimum». A carta nuncupatória vem datada de «Vlisipone tertio Calendas Septembris», ou seja, trinta de Agosto de 1563.

Quem era este notável jurisconsulto, a quem Jerónimo Cardoso diz ter dedicado o livro «propter tua in me collata beneficia», quais os benefícios prestados a Cardoso, e quais as relações que uniam estes dois indivíduos, são questões merecedoras de uma reflexão que tentaremos desenvolver no primeiro capítulo da segunda parte.

2.- Suporte material

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Debrucemo-nos agora sobre o suporte material em que a obra chegou aos nossos dias. O pequeno volume foi impresso em seis cadernos, que dobrados no formato *in octava*, resultaram num pequeno volume de quarenta e quatro fólhos, oitenta e oito páginas, portanto.

2.1.- Ausência de paginação

Estas páginas não apresentam qualquer numeração que indique a sua ordem. Essa numeração pôde considerar-se desnecessária, visto tratar-se de uma obra de pequeno fôlego. Esta vicissitude levanta-nos, contudo, o problema de situar rigorosamente, no todo do livro, as composições que estudamos. Tentaremos solucionar este problema da melhor maneira possível. Além disto, diga-se desde já, a edição não foi alvo de grandes cuidados, apresentando, em vários locais, lapsos e falhas de natureza tipográfica.

2.2.- Indicação de fôlio

O pequeno volume apresenta, como era de praxe, o reclame e uma anotação, em cada folha de papel, destinada a orientar o encadernador no processo de dobragem, ordenação e costura dos cadernos⁴³.

Dado que, ao elaborar um índice, temos que localizar as composições no todo da obra, faremos uso dessa mesma anotação, completando a sua sequência. Lembremos que, sendo, como já se disse, um livro *in octava*, a letra que indica o caderno muda sempre que se chegue a um número viii-v.º. Por este processo será fácil localizar qualquer poema, (ou ponto determinado), dentro da obra sem desrespeitar a edição de 1563.

2.3.- Existência de reclame

O reclame, que indica sempre, no canto inferior direito de cada página, por forma plena ou abreviada, a primeira palavra do texto da página seguinte, apresenta alguns lapsos no decurso da obra⁴⁴.

⁴³ Esta anotação, que, de resto, em tipografia, foi de uso comum até quase aos nossos dias, assume a seguinte forma: em cada caderno, (cada oito folhas), existe no canto inferior direito de cada página de rosto uma letra, atribuída a cada caderno, a qual se repete, acompanhada de numeração, até à página de dobragem de cada caderno, sob a seguinte forma: -, Aij, Aiiij, quatro páginas de rosto, sem indicação, correspondendo a meios fólhos; B, Bij, Biiij, Bv, três páginas de rosto sem indicação; C, Cij, Ciiij, Cv, três folhas sem indicação; D, Dij, Diiij, Dv, três páginas de rosto sem indicação; E, Eij, -, Eiiij, Ev, três folhas sem indicação; F, Fij, Fiiij, e uma última folha sem indicação, mas com a palavra *Finis*, pelo que o último caderno só tem quatro fólhos. Note-se que esta indicação está omissa, por desnecessária, do frontispício do livro, e ainda, por simples lapso, da terceira folha do quinto caderno.

⁴⁴ Assim está omissa da página de rosto, dos fólhos A ii-v.º, A v-v.º, B i-r.º e B iiiii-v.º. Está errado no fôlio B viii-v.º (onde em vez de *quare* escreve *quam*, forma que inicia o texto dessa mesma página). Está novamente errado no fôlio C i-r.º (que diz *nam* em vez de *pectus*: *nam* aparece logo a abrir o segundo verso do fôlio C i-v.º que é o primeiro hexâmetro dessa mesma página). O reclame está omissa

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

2.4.- A composição tipográfica dos vários cadernos

Um último pormenor material a notar nesta edição é que os cadernos apresentam variações a nível da composição tipográfica. Deste modo o primeiro caderno não tem qualquer título a encabeçar a mancha tipográfica de cada página, talvez porque o título vem bem explícito na página de rosto. O segundo caderno também é omissivo quanto a este título. O terceiro caderno abre com o título em maiúsculas *ELEGIARVM LIB. I.*, que só voltamos a encontrar na página de rosto do seu segundo fólio, sendo que, nas páginas de rosto dos restantes fólhos encontramos só a forma abreviada *LIB. I.* Todos os fólhos deste caderno apresentam, na página de verso, a indicação *ELEGIARVM.*

O quarto caderno apresenta na página de rosto do primeiro fólio o título *ELEGIARVM LIB. I.*, mostrando em todas as restantes páginas de rosto, (e ainda ao longo dos quinto e sexto cadernos), a abreviatura *LIB. II.* Em todas as páginas de verso destes três últimos cadernos, (com excepção da última página que está em branco), encontramos o genitivo *ELEGIARVM.*

Pormenor curioso a notar é que os dois primeiros cadernos, que não têm nenhum título a encabeçar o texto das páginas, apresentam sempre, como máximo, vinte e oito versos impressos, (isto quando não há espaço ocupado por títulos de composições, que por estarem em caracteres maiores, ocupam mais espaço, fazendo assim variar o número de linhas impressas). Já do início do terceiro caderno até ao fim do volume, em que as páginas são encabeçadas pelo título que acabamos de ver, encontramos sempre, no máximo, vinte e sete versos impressos⁴⁵, vinte e oito linhas, portanto, se contarmos com o dito título.

3.- Principais falhas tipográficas

Parece provar-se que a edição deste livro não teve grandes problemas, pois encontramos-lo marcado por aparente unidade de concepção. No entanto, não deixa de ser prolixo em lapsos e falhas tipográficas que mostram ou o pouco cuidado de que foi alvo esta edição ou a fraca qualidade de impressão de muitos dos livros que saíram de oficinas portuguesas.

do fólio C viii-r.º e de novo errado no fólio D v-r.º (onde diz *nam*, quando deveria dizer *non*). Temos novamente um erro no fólio E v-v.º, (que em vez de *Egregium* diz *Ex*, talvez por má leitura de uma forma abreviada daquela palavra), e novas omissões dos fólhos E viii-r.º e E viii-v.º, apresentando-se correcto até ao fim do volume.

⁴⁵ Deste facto já tinha dado conta A. J. Anselmo, *op. cit.*, que, na p. 48, refere: «8.º - (41? fl.)- 27 e 28 l.».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

3.1.- Lapso no frontispício

O mais notável destes lapsos ocorre logo no frontispício onde se lê: «Hieronymi Cardosi Lamacensis *Elegiarum Liber. II.*», (o sublinhado é nosso), como se se tratasse de um *segundo livro* de elegias. Tal facto não corresponde ao conteúdo da obra cujas composições se apresentam claramente agrupadas em dois grupos, (ou *libri*), o primeiro de vinte e nove poemas, o segundo, com vinte e oito.

Este segundo livro inicia-se, ao findar a elegia n.º 29- “Ad Patriam”, com as palavras «Elegiarum liber. II.» que aqui se interpretam literalmente *liber secundus*, significando «O Livro Segundo das Elegias». Por tudo o que fica dito o título da obra, restituído à sua forma correcta, deveria ser *Elegiarum Libri. II.*

Como temos que nos referir várias vezes ao nome desta obra, para não tomar liberdades excessivas sobre os materiais de que nos ocupamos, (e abstraído o nome do autor), conviria chamar-lhe *Elegiarum Liber (sic) II*, já assim o fez Mendes de Almeida⁴⁶. Todavia, e feita esta ressalva, passaremos a mencionar o nome da obra sempre de uma forma abreviada. Será, simplesmente, o *Elegiarum Liber*.

3.2.- falha na distribuição de texto

Uma falha tipográfica curiosíssima surge no fólio C vi-v.º, afectando a composição n.º 27 que, por ser pequena em extremo, (trata-se de um epigrama a André Cotrim escrito num único dístico), foi interpretada graficamente como sendo parte da dedicatória da composição seguinte. Aqui tentamos reproduzir a distribuição tipográfica do texto:

Ad Andream Cotrinium.

*Cvm sua soluisse facunda Cotrinus ora:
Indoluit phoebus se reperisse parem.
Ad aegnatum moreum,
Sum fateor segnis, sed non oblitus vt essem,...*

Como podemos constatar, o tipógrafo não respeitou o espaço de uma linha em branco a separar o título *Ad aegnatum moreum*, nem o compôs em caracteres capitais. O texto que obtemos poder-se-ia interpretar da seguinte forma: *Com respeito a André Cotrim. Desde que Cotrim abriu a sua eloquente boca, encheu-se Febo de mágoa por ter encontrado um rival. [Elegia] a Inácio de Moraes «Confesso que sou preguiçoso, mas não me esqueceria...»*

⁴⁶ Justino Mendes de Almeida, *op. cit.*, 1965, p. 20.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Seria, assim, de esperar uma composição dirigida a Inácio de Moraes, a propósito de André Cotrim, descrevendo os dissabores e ciúmes de Apolo motivados pela eloquência deste seu novo rival. Porém todo o poema subsequente constitui uma epístola dirigida a Inácio de Moraes, na qual nem uma só palavra é dita a respeito de Cotrim.

Por esta razão, pelo facto de, desde *cvm* até *parem*, obtermos um dístico elegíaco, e ainda pelo facto de tal dístico encerrar em si uma mensagem de sentido bastante claro e coerente, constatamos que houve um lapso por parte do tipógrafo e consideramos este dístico como a mais pequena composição inserta nesta obra.

Deste facto parece não ter dado conta Diogo de Barbosa Machado⁴⁷, que deve ter interpretado o dístico como título da composição dirigida a Inácio de Moraes. Com efeito, ao falar do poeta André Cotrim, refere unicamente uma carta, (a n.º 27), e uma elegia, (a n.º 22, em que Jerónimo Cardoso elogia um epigrama de André Cotrim sobre a Fonte da Água de Prata, como adiante veremos). Menciona, assim, os dois textos que, numa primeira abordagem das obras de Jerónimo Cardoso, se constata serem dirigidos a André Cotrim, e não faz qualquer referência a este epigrama, pelo que é de concluir que lhe tenha passado despercebido.

Também Mendes de Almeida, no seu índice das elegias⁴⁸, além de uma estranha omissão, da qual mais tarde daremos notícia, não teve em consideração as palavras de Barbosa Machado, (que por lapso mencionavam a existência de só duas composições, uma carta e uma elegia), e traduziu simplesmente o que leu em letras capitais: «A André Cotrim». Por este motivo não menciona a composição n.º 28- “Ad Aegnatium Moreum” do nosso índice.

4.- Índices

4.1.- Índice das composições

Somos chegados ao ponto em que podemos delinear um índice. Por comodidade, os títulos das composições a traduzir seguem sublinhados e, por prudência, os títulos das composições de que não nos ocupamos são transcritos tal e qual se encontram na edição de 1563, fazendo-se unicamente excepção no que respeita à transcrição das semivogais, para a qual se adopta o critério agora em vigor.

Os títulos vêm seguidos, entre parêntesis, do número de versos de que consta cada uma das composições e da indicação dos fólhos em que tais composições estão

⁴⁷ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I., p. 144.

⁴⁸ Justino Mendes de Almeida, *op. cit.*, 1965, p. 19.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

impressas, (seguindo o processo a que acima fizemos referência). As dedicatórias das composições pertencentes ao livro segundo, vêm precedidas por um outro número, entre parêntesis, que indica a sua posição no interior desse segundo *liber*.

Livro I

[A] Hieronimus Cardosus Doctori Alvaro Vallasco Iurisconsulto Peritissimo. S. P. D., (fls. A ii-r.º/ A ii-v.º);

[1] Ad Dium Ioannem Baptistam, (32 vv. fls. A iii-r.º/ A iii-v.º);

[2] Ad Ferdinandum Siluerium Sarzedarum Dominum, (14 vv., fl. A iii-v.º);

[3] Ad Georgium Bucananum Scotum, (18 vv., fl. A iii-r.º);

[4] Ad Ferdinandum Siluerium Responsio, (42 vv., fls. A iii-r.º/ A v-r.º);

[5] Ad Iacobum a Silua, (40 vv., fls. A v-r.º/ A v-v.º);

[6] Ad Petrum Sanctium, (38 vv., fls. A v-v.º/ A vi-v.º);

[7] Ad Eundem [Petrum Sanctium] Phalaeticum, (22 vv., fls. A vi-v.º/ A vii-r.º);

[8] Ad Lodouicum de Souto Maiore, (24 vv., fls. A vii-r.º/ A vii v.º);

[9] Ad Saluatorem Rodericum Medicinae candidatum, (48 vv., fls. A vii-v.º/ A viii-v.º);

[10] Ad dominum Lodouicum Menesium, (32 vv., fls. A viii-v.º/ B i-r.º);

[11] Ad Ferdinandum blandonium, (46 vv., fls. B i-r.º/ B ii-r.º);

[12] Ad Blasium Conimbricensis academiae rectorem Episcopumque Ieriensem, (30 vv., fls. B ii-r.º/ B ii-v.º);

[13] Ad Antonium Martinum Iuris peritum, (44 vv., fls. B ii-v.º/ B iii-v.º);

[14] Ad Petrum Sanctium, (40 vv., fls. B iii-v.º/ B iii-r.º);

[15] Ad Aegnatium Moreum, (52 vv., fls. B iii-r.º/ Bv-r.º);

[16] Ad Eundem [Aegnatium Moreum], (11 vv., fl. B v-r.º);

[17] Ad eundem [Aegnatium Moreum], (52 vv., fls. B v-v.º/ B vi-r.º);

[18] Ad Georgium Lopesium consulentem. Ultram amicam Eligeret, (60 vv., fls. B vi-v.º/ B vii-v.º);

[19] Ad Franciscum Philelphum, (24 vv., fls. B vii-v.º/ B viii-r.º);

[20] Ad Vicentium Italum qui uersus Anapestos et iambos miserat, (20 vv., fls. B viii-r.º/ B viii-v.º);

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

- [21] Ad Petrum Gomesium, (60 vv., fls. B viii-v.º/ C i-v.º);
- [22] Ad Andream Cotrinium de Epigrammate Suo in Aquam Argenteam, (16 v., fl. C i-v.º);
- [23] Ad Aegnatium Moreum Qui Suam Iuuentutem Monuerat Loquitur Iuuentus, (64 vv., fls. C ii-r.º/ C iii-r.º);
- [24] Ad Ferdinandum Arceum, (78 vv., fls. C iii-r.º/ C iii-v.º);
- [25] Ad Gomesium corderium, (40 vv., fls. C iii-v.º/ C v-v.º);
- [26] Ad Martiam de Lupo amatore, (60 vv., fls. C v-v.º/ C vi-v.º);
- [27] Ad Andream Cotrinium, (2 vv., fl. C vi-v.º);
- [28] Ad Aegnatium Moreum, (58 vv., fls. C vi-v.º/ C vii-v.º);
- [29] Ad Patriam, (106 vv., fls. C viii-r.º/ D ii-r.º).

Livro II

- [30 (1)] Ad Doctorem Aluarum Vaz Iureconsultum, (24 vv., fls. D ii-r.º/ D ii-v.º);
- [31 (2)] Ad Antonium Martinum iurius utriusque Doctorem et poetam eximium, (20 vv., fls. D ii-v.º/ D iii-r.º);
- [32 (3)] Ad Gasparem Thebanum, (24 vv., fls. D iii-r.º/ D iii-v.º);
- [33 (4)] Ad Arium Gomesium elutetia redeuntem, (26 vv., fls. D iii-v.º/ D iii-r.º);
- [34 (5)] Ad celium, (62 vv., fls. D iii-r.º/ D v-r.º);
- [35 (6)] De catello quem in delitiis habebat, (60 vv., fls. D v-r.º/ D vi-v.º);
- [36 (7)] Ad Syluiam amicam de amore suo, (104 vv., fls. D vi-v.º/ D viii-v.º);
- [37 (8)] Ad Achillem Statium Auditorem Suum, (12 vv., fl. D viii-v.º);
- [38 (9)] Ad Flauenium quod ualerium Flaccum dono dederit, (18 vv., fls. D viii-v.º/ E i-r.º);
- [39 (10)] Ad Andream Resendum poetam, (50 vv., fls. E i-r.º/ E ii-r.º);
- [40 (11)] Ad Balthasarem Tebium Iuris Vtriusque Doctorem Eclogam cum Suam Corrigendam Mitteret, (20 vv., fls. E ii-r.º/ E ii-v.º);
- [41 (12)] Petrus Sanctius ad Auctorem, (80 vv., fls. E ii-v.º/ E iii-r.º);
- [42 (13)] Ad Georgium Coelium, (32 vv., fls. E iii-r.º/ E iii-v.º);
- [43 (14)] Ad Alphonsum Portugaliae, (30 vv., fls. E iii-v.º/ E v-r.º);

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

- [44 (15)] Balthasar Tebius ad Auctorem de Doryla et Mopso, (8 vv., fl. E v-v.º);
- [45 (16)] Ad Antonium Vergerium musam suam alloquitur, (44 vv., fls. E v-v.º/ E vi-v.º);
- [46 (17)] Ad Franciscum Riuium, (16 vv., fl. E vi-v.º);
- [47 (18)] Ad Hieronymum a conceptione auditorem olim suum, (24 vv., fls. E vi-v.º/ E vii-r.º);
- [48 (19)] Ad Antonium piper Alloquitur musam, (40 vv., fls. E vii-r.º/ E viii-r.º);
- [49 (20)] Ad eundem [Antonium piper], (10 vv., fl. E viii-r.º);
- [50 (21)] Ad eundem [Antonium piper] trimetrum iambicum, (9 vv., fls. E viii-r.º/ E viii-v.º);
- [51 (22)] Ad eundem [Antonium piper], (10 vv., fl. E viii-v.º);
- [52 (23)] Ad Gasparem lopesium leonensem, (42 vv., fls. E viii-v.º/ F i-v.º);
- [53 (24)] Ignatius Moreus ad Auctorem, (12 vv., fls. F i-v.º/ F ii-r.º);
- [54 (25)] Ad collegii Antoniani rectorem carmen inuitatorium, (16 vv., fl. F ii-r.º);
- [55 (26)] Doctor Antonius Martinus ad autorem quondam praeceptorem suum, (4 vv., fls. F ii-r.º/ Fii-v.º);
- [56 (27)] Ad Antonium Martinum iure consultum et eximium poetam, (40 vv., fls. F ii- v.º/ F iii-r.º);
- [57 (28)] Ad clarissimum uirum arium a sousa serenissimi principis admissioalem maximum de interitu pauli a silua sororis suae filii, consolatorium carmen, (50 vv., fls. F iii-r.º/ F iii-r.º).

Temos assim um total de cinquenta e sete composições, das quais cinquenta e três são devidas à pena de Jerónimo Cardoso e quatro ao engenho de Pedro Sanches, Baltasar de Teive, Inácio de Moraes e do doutor António Martins⁴⁹.

4.2.- O índice de Justino Mendes de Almeida

⁴⁹ Uma chamada de atenção no tocante a estas quatro composições, (números 41, 44, 53 e 55, todas em dísticos elegíacos), que não são de autoria cardosiana. *HISLAMP*, *op. cit.*, p. 454, refere uma delas, a composição n.º 41 do *Elegiarum Liber*, da autoria de Pedro Sanches.

Já ao ocupar-se da produção literária de Baltasar de Teive e de Inácio de Moraes, (respectivamente nas p. 211 e pp. 333-334), não faz qualquer referência aos dois epigramas da sua autoria, incluídos no *Elegiarum Liber*, (respectivamente com os números 44 e 53).

Do doutor António Martins, «iure consultum et eximium poetam», que fora em tempos aluno de Jerónimo Cardoso, (o qual lhe dirige as elegias n.ºs 13, 31 e 56), temos no *Elegiarum Liber* um singelo epigrama em dois dísticos elegíacos, com n.º 55 do nosso índice. *HISLAMP* nada diz a seu respeito.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Destas elegias publicou Mendes de Almeida um índice⁵⁰, (o único que até agora encontramos), na sua «Introdução» à *Oratio pro Rostris*. Este índice, que enumera as

⁵⁰ Aqui transcrevemos o índice de Justino Mendes de Almeida:

Livro I

1. A S. João Baptista;
2. A D. Fernando da Silveira de Sarzedas;
3. A Jorge Buquenano Escoto;
4. A D. Fernando Silveira (em resposta);
5. A Diogo da Silva;
6. A Pedro Sanches;
7. Ao mesmo (composição em falécios);
8. A Luís Sotomaior;
9. A Salvador Rodrigues, «graduado em Física»;
10. A D. Luís de Meneses;
11. A Fernão Brandão;
12. A Braz, reitor da Universidade de Coimbra e bispo de Leiria;
13. A António Martins, jurista [...];
14. A Pedro Gomes;
15. A André Cotrim, acerca de um epigrama que este consagrara à Fonte da Prata;
16. A Inácio de Moraes (ao qual se dirige a Juventude, pois que ele censurara a sua própria juventude);
17. A Fernando *Arceus*;
18. A Gomes Cordeiro;
19. Para Márcia (de Lobo, seu amante);
20. A André Cotrim;
21. À terra natal [...].

Livro II

1. Ao Dr. Álvaro Vaz, jurista;
2. A António Martins, doutor em Direito Civil e Direito Canónico e poeta notável;
3. A Gaspar de Teive;
4. A Aires Gomes (no regresso de Paris): [...];
5. A Coelho;
6. A um cachorrinho que era todo seu encanto;
7. A Sílvia e ao seu amor;
8. A Aquiles Estaço, seu aluno;
9. A Flavénio que lhe oferecera um exemplar de Valério Flaco;
10. Ao poeta André de Resende;
11. A Baltazar de Teive, doutor em Direito Civil e Direito Canónico que lhe enviara uma égloga para correcção;
12. De Pedro Sanches a Jerónimo Cardoso;
13. A Jorge Coelho;
14. A Afonso de Portugal;
15. De Baltazar de Teive a Jerónimo Cardoso;
16. A António Vergeiro (?), à sua Musa;
17. A Francisco Ribeiro (?);
18. A Jerónimo da Conceição, seu antigo aluno;
19. À Musa de António Pimenta;
20. Ao mesmo;
21. Ao mesmo (composição em trímetros jâmbicos);
22. Ao Mesmo;
23. A Gaspar Lopes de Leão;
24. De Inácio de Moraes a Jerónimo Cardoso: [...].
25. Convite em verso ao reitor do Colégio de Santo António;

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

elegias traduzindo os seus títulos, contém alguns lapsos, resultantes de uma abordagem que se entrevê apressada. Deste modo não só não demonstra uma leitura completa das próprias dedicatórias ou dos textos a que essas dedicatórias se reportam, como omite ainda alguns dos títulos, facto tanto mais singular quanto o exemplar do *Elegiarum Liber* consultado é o da Biblioteca Nacional de Madrid, (cota R 22818 (3)), ou seja, o mesmo que nós manuseamos em fotocópias de uma cópia em microfilme que se guarda na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, (cota fotocópia 44).

Assim, como já acima dissemos, não menciona a elegia n.º 28 e, além desta, não faz também qualquer referência às elegias que apresentamos com os n.ºs 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20. São, pois, oito as composições omissas de tal índice, e daqui resulta que são enumerados só 49 poemas, e não os 57 que nós conhecemos, dando origem, deste modo, a uma grande desproporção numérica entre os primeiro e o segundo livros.

Mendes de Almeida, na dita «Introdução», elucida-nos quanto ao facto de ter manuseado, para a sua redacção, o exemplar sem rosto da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, (cota Res. 303 c). A esse exemplar⁵¹ que é o único da edição de 1563 que nós manuseámos e que, tanto quanto sabemos, existe em Portugal, faltam, pelo menos, dois fólios: o de rosto e o fólio C viii, (que contém o início da elegia “Ad Patriam”). Conservam-se, no entanto, os fólios cuja numeração vai de B iii a B viii, que contêm as elegias não enumeradas por Mendes de Almeida.

Em nossa opinião, o lapso neste processo de indexação tem origem não num defeito do livro utilizado (que sabemos estar completo), mas antes no que em Crítica Textual se chama *salto do mesmo ao mesmo*. Consiste este tipo de lapso no deixar escapar uma parte de um texto ou um membro de uma enumeração, saltando algumas linhas ou páginas não numeradas, de um ponto para outro que se caracteriza por ter um nome parecido, um sentido semelhante ou ainda a repetição de uma palavra estranha ao copista ou indexador.

No caso presente podemos constatar que o lapso se deu na passagem da composição n.º 13- “Ad Antonium Martinum Iuris peritum” para a n.º 14- “Ad Petrum

26. Do doutor António Martins a Jerónimo Cardoso, seu antigo mestre;

27. A António Martins, jurista e poeta de mérito;

28. Ao muito ilustre Senhor Aires de Sousa, porteiro-mor da câmara do Sereníssimo Príncipe, na morte de seu sobrinho Paulo da Silva.

⁵¹ Referido em *Livros Impressos no Século XVI Existentes na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora-I Tipografia Portuguesa*, separata do *Boletim da Junta Distrital de Évora*, p.44, (com o número 169); *HISLAMPÁ*, *op. cit.*, p. 316; e A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 48, (título n.º173).

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Sanctium”, (fl. B iii-v.º), que foi confundida com a composição n.º 21- “Ad Petrum Gomesium”, (fl. B viii-v.º), dada a semelhança das dedicatórias.

A tal similitude pode ainda aduzir-se o facto de as duas composições estarem bastante próximas uma da outra, com apenas cinco folhas de diferença, e ainda a semelhante composição tipográfica de ambas as páginas.

Paiva Boléo, ao recenciar este trabalho de Mendes de Almeida⁵², dá particular relevância ao que este investigador escreve sobre os trabalhos lexicográficos de Jerónimo Cardoso não fazendo qualquer referência aos defeitos do índice das elegias e perdendo, assim, uma boa oportunidade de os corrigir.

5.- Da métrica

5.1.- Predominância do dístico elegíaco

A nível da composição métrica dos poemas que constituem o *Elegiarum Liber*, predomina o dístico elegíaco, (em 50 das 57 composições), marca do grande favor que tal estrutura métrica gozou, entre os poetas do Renascimento, como veículo de expressão privilegiado. Assim nos surge plenamente justificado o título que Jerónimo Cardoso escolheu para esta sua obra.

5.2.- Outras estruturas métricas

As restantes sete composições do *Elegiarum Liber*, que se desenvolvem sobre outras estruturas métricas, todas da autoria de Jerónimo Cardoso, surgem-nos distribuídas ao acaso, postas de permeio e como que dissimuladas por entre tantas dezenas de dísticos elegíacos.

Registamos, assim, três composições em estrofes sáficas, (n.º 15- “Ad Aegnatium Moreum”, n.º 42- “Ad Georgium Coelium” e n.º 48- “Ad Antonium piper Alloquitur musam”), outras três composições em hendecassílabos alexandrinos, (n.º 7- “Ad Eundem [Petrum Sanctium] Phalaeticum”, n.º 16- “Ad Eundem [Aegnatium Moreum]“ e n.º 49- “Ad eundem [Antonium piper]), e um só epigrama em trímetros iâmbicos, (n.º 50- “Ad eundem [Antonium piper] trimetrum iambicum”). Notemos, enfim, que no caso dos poemas n.º 7 e n.º 50 houve, por parte de Jerónimo Cardoso, o cuidado de indicar, na dedicatória, o tipo de estrutura métrica usado na sua composição.

⁵² Manuel de Paiva Boléo, «Recensão» a Justino Mendes de Almeida e Miguel Pinto de Meneses *Jerónimo Cardoso, Oração de Sapiência* in *Revista Portuguesa de Filologia*, 15, 1969-1971, p. 494.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo IV- Álvaro Vaz, um muito notável jurisconsulto

1.- Fontes do capítulo

Dos vários textos que compulsámos para a elaboração deste capítulo dois assumem particular relevância. São seus autores Barbosa Machado e Costa Ramalho. Além destes nomes teremos de nos contentar com algumas referências soltas, dispersas por obras várias.

1.1.- Barbosa Machado

O incansável Barbosa Machado consagrou a Álvaro Vaz um artigo de várias páginas⁵³, complementado por um pequeno aditamento⁵⁴, inserto no «suplemento». Utilizamos os dados que fornece com a prudência necessária, dado que os seus estudos, em geral riquíssimos de informações, não deixam de conter, em certos pontos, algumas imprecisões, das quais não deixaremos de fazer reparo.

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*⁵⁵, que se cingiu às informações deste autor, não teve em conta as correcções por ele introduzidas na sua segunda notícia que consta, sobretudo, de dados biográficos. De resto, e de um modo geral, os artigos desta enciclopédia respeitantes ao Humanismo renascentista, são resumos anónimos das informações de Barbosa Machado, os quais nada acrescentam ao que disse o infatigável bibliógrafo, além de novas imprecisões. Delas daremos conta sempre que tal venha a propósito.

1.2.- Costa Ramalho

Um estudo de Costa Ramalho, intitulado «Alguns Aspectos da Vida Universitária em Coimbra nos Meados do Século XVI (1548- 1554)»⁵⁶, deu-nos a conhecer alguns dados biográficos preciosos sobre este jurisconsulto.

Este estudo merece-nos a maior atenção, dado que trata de um escândalo que agitou a vida da Universidade de Coimbra por meados do século XVI, escândalo esse que estalou quando o bacharel Cosme Fernandes se envolveu numa disputa com Álvaro Vaz, já então doutor, ambicionando para si o lugar de lente substituto da cadeira de Prima de Leis. Como argumentos destinados a inutilizar o seu rival, Cosme Fernandes

⁵³ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, pp. 116-119 e tomo II, p. 490, ao tratar do *Elegiarum libri duo* «dedicadas (sic) ao insigne Iurisconsulto Alvaro Velasco».

⁵⁴ *Ibidem*, Tomo IV, p. 13.

⁵⁵ «VAZ (Álvaro)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, pp. 365-366.

⁵⁶ Américo da Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal-I*, pp. 49-74, em especial pp. 59-61.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

alegava a ascendência de Álvaro Vaz, descendente, como Jerónimo Cardoso, de cristãos novos.

1.3.- Outras

A *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, revelou-nos dois artigos sobre a genealogia dos Valasco e dos Vaz⁵⁷. Brevíssimas referências encontrámo-las no *Dicionário de História de Portugal*⁵⁸ e no *Dicionário de Literatura*⁵⁹. Inocêncio menciona-o uma única vez⁶⁰. A referência vem a propósito de um «catálogo ou índice da collecção de estampas [...], que no seu tempo colligira em quatro volumes para uso particular o nosso douto e infatigavel bibliothecario Diogo Barbosa Machado» e que «deve [...] existir hoje na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro»⁶¹. O catálogo desta colecção, que Inocêncio intitula «Retratos de Varões Portuguezes, insignes em virtudes e dignidades, [...]», menciona, (no índice do tomo II), um retrato de «Alvaro Valasco, Jurisconsulto. Aberto em pau grosseiramente, e antigo»⁶². Seria interessante encontrar o retrato deste indivíduo que Jerónimo Cardoso teve em tão alta consideração.

A obra de António Joaquim Anselmo⁶³ indica, pelo seu carácter mais específico, alguns títulos saídos das mãos do próprio Álvaro Vaz, (com os n.ºs 29, 749, 993 1264). Todos estes títulos correspondem a obras de carácter jurídico, pelo que não interessam directamente ao nosso trabalho.

2.- Dados biográficos de Álvaro Vaz

2.1.- O seu nascimento

⁵⁷ AAVV, «VALASCO (Genealogia)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 18, pp. 615-616 e também AAVV, «VAZ (Genealogia)», Idem, pp. 789-790.

⁵⁸ Mário Júlio de Almeida Costa, «Adopção» in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. 6, p. 363. Toda a bibliografia citada no fim desse trabalho respeita à História do Direito e, portanto, é irrelevante para o nosso estudo. Em todo o caso, aqui vai transcrito o passo que refere Álvaro Vaz: «Valasco, ao escrever na segunda metade do século XVI, supõe a adopção em desuso. Pela mesma época, Jorge Cabedo informa que já não se passavam no Desembargo as respectivas confirmações régias».

⁵⁹ Hernâni Cidade, «*Rimas de Luís de Camões*» in *Dicionário de Literatura*, Vol. 3, pp. 943-946. No Vol. V, (índice do dito *Dicionário*), lemos a referência «Vaz, Dr. Álvaro, Jurisconsulto português (1526- 1593)» que nos dá, pela coincidência das datas, a identificação com o destinatário da carta nuncupatória de Cardoso. Este artigo menciona o Doutor Álvaro Vaz como vítima do «desejo de restituir a Camões o que lhe fora roubado». É, até ao momento, a única referência a este jurisconsulto como poeta, se bem que ao seu amor às Musas se refira Jerónimo Cardoso na carta nuncupatória.

⁶⁰ Innocêncio Francisco da Silva, *op. cit.*, Tomo VII, p.85.

⁶¹ Innocêncio Francisco da Silva, *op. cit.*, Tomo VII, p 80.

⁶² Innocêncio Francisco da Silva, *op. cit.*, Tomo VII, p 85.

⁶³ A. J. Anselmo, *op. cit.*

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Álvaro Vaz nasceu, segundo Barbosa Machado, em Évora, em 1524⁶⁴. O artigo da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* aponta Évora, ou Sintra, como lugar de nascimento de Álvaro Vaz. Filho de uma casa financeiramente próspera e «honrada» eram seus pais João Vaz, meirinho da casa de D. Fernando II, duque de Bragança, e Maria Álvares, e Barbosa Machado pouco mais adianta quanto às suas origens. O escândalo promovido por Cosme Fernandes, na Cidade do Mondego, trouxe a lume dados mais específicos sobre a sua origem, dados esses que ficaram registados em Actas dos Conselhos da Universidade⁶⁵. Todo o desenrolar desse escândalo tem por base acontecimentos ocorridos em Évora, e, por essa mesma razão, inclinamos-nos para esta cidade como lugar do seu nascimento.

2.2.- Estudos

Sendo filho de uma família abastada, Álvaro Vaz recebeu uma educação cuidada, primeiramente ainda em Évora, onde terá aprendido os rudimentos de gramática latina e grega, e desenvolvido ainda estudos de Poética e de Retórica, disciplinas imprescindíveis a quem quisesse ascender a mais altos estudos.

De Évora passou a Coimbra onde estudou Direito Civil com tanto sucesso que se formou doutor «por geral aclamação de todos os cathedráticos», no dizer de Barbosa Machado.

2.3.- Magistério em Coimbra

Ao seu retumbante sucesso atribui Barbosa Machado o facto de ter sido eleito lente de Instituta em 22 de Março de 1556⁶⁶, contando trinta e dois anos de idade. Este mesmo autor faz o mais completo silêncio sobre os tristes acontecimentos de 1554, acontecimentos que passamos a narrar de forma resumida.

Sucedeu que o bacharel Cosme Fernandes, movido da mais negra inveja contra o muito bem sucedido doutor Álvaro Vaz tentou neutralizá-lo como seu opositor, alegando que Álvaro Vaz nunca poderia ser doutor em razão de ser «incapaz e inábil *ipso iure*». A base desta acusação era a «impureza» de sangue de Álvaro Vaz, que lhe advinha do facto de, conforme Cosme Fernandes fez saber, seu avô ter morrido sem confissão nos cárceres da Inquisição e os seus restos mortais terem sido queimados,

⁶⁴ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, refere a data de 1226, corrigindo-a no Tomo IV. O artigo da *Grande Enciclopédia* repete a primeira data sem fazer caso da correcção.

⁶⁵ *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, publicadas por Mário Brandão, Vol. II, ii parte, Coimbra, 1955, p. 243. Apud Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1988, p. 60.

⁶⁶ Por aquilo que se espera ser um erro tipográfico, o artigo da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* coloca esta nomeação em 6 de Março de 1542. Álvaro Vaz teria, então 18 anos!

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

juntamente com uma sua efigie, em Évora, sob acusação de heresia. O seu pai fora posto a ferros, também pela Inquisição de Évora, estando ainda encarcerado «por seus erros e heregias» ao tempo em que decorria o processo de embargo da candidatura de Álvaro Vaz, ou seja, em 1554. Álvaro Vaz andaria então pelos trinta anos.

Não sabemos quais foram as consequências destes incidentes na ulterior vida de Álvaro Vaz. Que eles parecem, à partida, não ter afectado grandemente a sua carreira é algo que se deduz do facto de ter sido bem sucedido, durante mais algum tempo, na espinhosa vida universitária. Tal facto já foi assinalado por Costa Ramalho.

E no entanto, os acontecimentos não devem ter deixado de o perturbar, dado que Cosme Fernandes, para embargar o processo de candidatura do seu antagonista, não só veio a agitar os estudantes contra Álvaro vaz, visitando-os nas suas próprias casas com fins de suborno, (facto que, só por si, indo contra os regulamentos então vigentes, o desqualificava para a oposição), como também chegou a promover arruaças em que Álvaro vaz foi vaiado de insultos, diante da sua casa, a altas horas da noite, e ameaçado de que o «havam de queimar».

Entre as testemunhas que foram apresentadas por Cosme Fernandes contra Álvaro Vaz contavam-se alguns seus concidadãos e vários membros do pessoal do paço episcopal de Évora. Gente mesquinha e certamente invejosa do sucesso deste homem.

Não sabemos até que ponto essa mesma gente, movida de inveja pela condição desafogada da família de Álvaro Vaz, terá sido responsável pela sua tragédia. Em todo o caso podemos suspeitar que o jurisconsulto não tenha alimentado o desejo de se fixar na sua terra natal, dado que, muitos anos mais tarde, quando a ela podia ter regressado, aureolado pela fama de uma carreira impoluta, não o fez. Acaso a lembrança da sua desgraçada família, acaso o pálido fantasma do medo, certamente os inimigos que ainda possuía, definitivamente o afastaram da capital do Alentejo. Algo de semelhante terá acontecido a Jerónimo Cardoso em relação à cidade de Lamego, na qual, como divulgou I. S. Révah⁶⁷, foram muitos os indivíduos do seu apelido, certamente seus parentes, a sofrerem perseguições movidas pelo Santo Ofício.

Mas voltemos à sua carreira na Universidade. Desconhecemos completamente o seu percurso entre os anos de 1554, data do processo de embargo da sua candidatura, e o de 1556, ano da sua nomeação como lente de Instituta, não sendo em qualquer caso de

⁶⁷ I. S. Révah, *op. cit.*, p. 279.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

esperar que se tenha afastado de Coimbra. No ano de 1557, passou para a cadeira de Código e, em 5 de Agosto de 1559 passou a reger a cadeira dos Três Livros de Código.

A 20 de Fevereiro de 1560 entrou numa contenda sobre a atribuição da cadeira de Digesto Velho, na qual teve por rival Pedro Barbosa. Desta vez saiu derrotado, decidindo, então, deixar Coimbra e estabelecer-se, como advogado, em Lisboa.

2.4.- Carreira como advogado

Nesta cidade foi eleito advogado da Casa da Suplicação, aplicando, então, nas causas forenses o génio que, em Coimbra, manifestara. Barbosa Machado elogia o seu desempenho dizendo «que sempre os Ministros julgavão por mais provavel, e segura a opinião, que elle defendia»⁶⁸.

Terá sido, acaso, por esta altura que os destinos de Álvaro Vaz e Jerónimo Cardoso se cruzaram, se é que o seu conhecimento mútuo não era mais antigo. A tal respeito nada sabemos. Se os «collata beneficia» de que fala a carta nuncupatória, merecedores de recompensa «uel aurea uel argentea», são reais, deverão reportar-se a algum evento sucedido, forçosamente, entre o seu estabelecimento em Lisboa e o ano da publicação do *Elegiarum Liber*, ou seja, entre 1560 e 1563. Anteriormente Álvaro Vaz não estaria em condições de lhe prestar grandes favores.

2.5.- Segundo magistério em Coimbra

Após uma longa carreira, anos mais tarde, D. Sebastião constituiu-o juiz e nomeou-o desembargador dos Agravos, cargo que Álvaro Vaz ocupou pouquíssimo tempo, de 30 de Setembro de 1577 até 22 de Dezembro desse mesmo ano. Nesta data o mesmo monarca nomeou-o lente de Prima na Universidade de Coimbra.

Com cerca de cinquenta e três anos, de saúde enfermiça que o sujeitava a achaques, pouco tempo terá durado este seu segundo magistério. Regressou então, definitivamente, à cidade de Lisboa.

2.6.- A sua morte

De volta à capital, continuou no cargo para que fora inicialmente nomeado, continuando então a publicação das suas obras, que iniciara em 1569. A morte sobreveio no ano de 1593, a 17 de Abril. Contava, então, sessenta e nove anos de idade. Barbosa Machado dá notícia do seu enterramento numa pequena capela funerária, da invocação

⁶⁸ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, p. 116. Não sabemos até que ponto foi este autor induzido em tal juízo pelas informações que se inferem da carta nuncupatória de Jerónimo Cardoso e pela elegia n.º 30- “Ad Aluarum Vaz Iureconsultum”, com a qual encerra o estudo desta personagem, e cujos versos vivamente prenunciam a sua afirmação.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

de Nossa Senhora da Humildade, instituída pela viúva, D Brites de Gouveia, que a vinculou por morgadio a si e a seus herdeiros, e que estava situada no claustro do Convento de S. Domingos de Lisboa. D. Brites sobreviver-lhe-ia ainda dezassete anos.

Do seu casamento nasceram-lhe dois filhos e duas filhas. O seu primogénito, Pedro Alvares de Gouveia, foi alcaide-mor de Ferreira e senhor de um morgado junto a Santarém. Francisco Valasco de Gouveia, seu filho segundo, seguiu com sucesso os estudos jurídicos e, tendo alcançado o grau de doutor, foi lente de Véspera em Cânones, na Universidade de Coimbra. Foi, também desembargador da Casa da Suplicação, e ainda arcediogo de Cerveira na Sé de Braga. Quanto às suas filhas, D. Leonor e D. Helena de Gouveia, a primeira foi casada com Baltasar Pereira do Lago, fidalgo da casa real, cavaleiro da Ordem de Cristo, corregedor de Tavira e provedor da comarca de Beja. A segunda foi esposa do desembargador Inácio Colasso de Brito.

2.7.- Breve referência à sua obra como jurista e poeta

A extensa obra que Álvaro Vaz nos legou ocupa-se dos temas que preencheram a sua vida de jurisconsulto. Deste modo, a primeira obra de Álvaro Vaz a ser impressa, intitulada *Quaestionum Iuris Emphyteutici Liber Primus seu Prima Pars*, teve a sua primeira edição⁶⁹, (que Barbosa Machado não conheceu), em 1569, ano da morte de Jerónimo Cardoso. Esta obra teve reimpressões em 1591, (duas reimpressões simultâneas em Lisboa⁷⁰ e em Cremona), e outras reimpressões em 1599, 1611, 1618 e 1628.

Publicou um *Consultationum ac Rerum Iudicatarum in Regno Lusitaniae Tomus Primus*, pela primeira vez editado em 1588⁷¹ e com reedições em 1593⁷² e 1597.

Tiveram a mesma sorte os *Decisionum Tom. II*, pela primeira vez editados em 1599 e com reedições sucessivas em 1601, 1608, 1621, 1656 e 1686.

Publicou ainda uma *Praxis Partitionum et Collationum inter Haeredes Secundum Ius Regium Lusitaniae*, que teve a sua primeira edição, postumamente, em 1605, e reimpressões em 1607, 1609 e 1612.

Estas obras que acabamos de enumerar⁷³ tiveram edição integral em três tomos em 1650, com reedições em 1684, 1730/ 1731, (esta reedição, com dois tomos apenas, sem o tratado *Quaestionum Iuris Emphyteutici*), e 1735.

⁶⁹ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 1264.

⁷⁰ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 993.

⁷¹ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 749.

⁷² Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 29.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Conservavam-se manuscritas, em Coimbra, ao tempo de Barbosa Machado, outras obras versando assuntos jurídicos, compostas por Álvaro Vaz na época em que leccionou na Universidade, (*HISLAMPA* regista a existência de dois manuscritos guardados actualmente na Biblioteca Nacional de Lisboa). Correu impressa, enfim, entre outras, uma alegação de Álvaro Vaz que ficou famosa, redigida em castelhano, *Por la Excelentissima Señora D. Juliana de Alencastro Duqueza de Avero*.

Álvaro Vaz foi, como podemos constatar, um jurista de mérito, e o grande número de edições das suas obras, levadas a cabo tanto em Portugal como no estrangeiro, atesta o seu renome de fama europeia.

Que Álvaro Vaz tenha produzido também obra poética, não é para estranhar, dado que essa produção fazia parte da preparação académica de qualquer jovem universitário de então. Além disso Jerónimo Cardoso divulga a notícia de que Álvaro Vaz se sentia fortemente atraído pela poesia, consagrando, no exemplo do próprio Cícero, os seus ócios à leitura das obras dos poetas. Tais leituras devem ter moldado o seu génio proporcionando-lhe uma formação convencional em que confluíam as tendências poéticas da época, nas quais se mesclavam traços de matiz peninsular, italianizante e greco-latina.

Conquanto não tenhamos notícia de que tenha impresso livro algum contendo versos seus, a dar crédito a uma notícia de Hernâni Cidade⁷⁴, algumas composições da sua autoria teriam sido incluídas no *corpus* das *Rimas* de Camões, facto que, só por si, atestaria a qualidade da sua produção.

3.- Álvaro Vaz na obra de Jerónimo Cardoso

Jerónimo Cardoso dedicou esta sua compilação de poesia neolatina a este jurisconsulto. Tal dedicatória ocorre em três pontos da obra, dois que aludem manifestamente ao facto e um terceiro que o faz implicitamente.

Assim, logo no frontispício, somos informados de que o livro vai dirigido «ad Doctorem Aluarum Vaz Iurisconsultum Peritissimum», ao que se segue a data: «Vlisipone[...] M. D. LXIII». Ao virar da folha inicia-se a carta nuncupatória dirigida,

⁷³ Seguimos, nesta enumeração, a cronologia das edições que Barbosa Machado nos fornece, a qual comparámos com a do artigo da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, que omite a referência à edição de 1597 das *Consultationum ac Rerum Iudicatum in Regno Lusitaniae Tomus Primus* e inclui uma edição integral das obras jurídicas de Álvaro Vaz vinda a lume em Coimbra, em 1713, da qual Barbosa Machado não faz menção. Verificámos ainda as edições registadas por A. J. Anselmo e por *HISLAMPA*, pp. 157-158.

⁷⁴ Hernâni Cidade, *op. cit.*, p. 945.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

também ela, «*Doctori Alvaro Vallasco Iurisconsulto Peritissimo*» carta esta datada de Lisboa, «*tertio Calendas Septembris*», ou seja, trinta de Agosto. O ano é, naturalmente, o de 1563, data da impressão da obra.

Finalmente, Jerónimo Cardoso reitera a dedicatória inicial ao colocar, como poema de abertura do livro segundo a elegia n.º 30- “*Ad Doctorem Aluarum Vaz Iureconsultum*”, imediatamente a seguir à elegia n.º 29- “*Ad Patriam*”, a mais longa e transcendente de todas estas composições, como já acima deixámos dito. Esta composição, que é o único poema do *Elegiarum Liber* dedicado a Álvaro Vaz, constitui, assim, a terceira e última referência ao famoso jurisconsulto.

Podemos, deste modo, constatar que Jerónimo Cardoso escolheu três posições privilegiadas para colocar as referências àquele que elegeu como destinatário de toda a colectânea: o frontispício; a carta nuncupatória e o início do segundo livro.

A diferença presente no nome do destinatário, entre as formas *Vaz* e *Vallascus*, corresponde a simples variantes diacrónicas de um mesmo nome. Com efeito, *Valasques* deu por corrupção *Vaz*, do mesmo modo que *Rodrigo* deu *Rui* e *Rodrigues* deu *Ruiz*. Diga-se ainda a respeito deste apelido, (*Vaz*, bem como *Vasques*), que é de origem portuguesa, e que constitui um patronímico derivado do nome próprio de *Vasco*, (ou, na sua forma plena *Valasco*⁷⁵). Por este mesmo motivo poderão existir muitas famílias que o usem, sem que tal implique qualquer ligação de parentesco entre si.

3.1.- A carta nuncupatória

3.1.1.- Dados biográficos que dela se podem inferir

O Lexicógrafo, dirigindo-se a Álvaro Vaz, (a quem trata sucessivamente por «*iuris consulto peritissimo*», «*doctor insignis*» e, no final, por «*Lusitaniae nostrae ornamentum*»), começa por informar que não tem grandes problemas em publicar estas suas «*nugas et apinas*», a despeito de se expor, deste modo, às críticas da maioria dos seus concidadãos, sobretudo quando tais «*nugas et apinas*» vão dirigidas a um influente advogado que não deveria prestar qualquer atenção semelhantes banalidades quer pela sua alta posição social quer pelo muito tempo que a sua profissão lhe consumia, deixando-o completamente ocupado com «*negotiis et causis forensibus*».

⁷⁵ Resulta estranho constatar que *Vallascus*, em si mesmo, não é um patronímico, mas sim um nome próprio. O patronímico que corresponde a este antropónimo é *Valasques*, que, na sua grafia castelhana, mostra já algo da corrupção da sua forma, *Velasquez*. Em português o nome evoluiu, primeiramente, com a queda da líquida intervocálica, seguida de crase, originando-se assim a forma *Vasques*. Obtemos, por fim, pelo predomínio da tónica, a forma mais reduzida, corrente no século XVI: *Vaz*. O facto do nome vir citado em latim fornece a justificação para a incongruência do uso do antropónimo a par do patronímico.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Jerónimo Cardoso possuía, no entanto, dois fortes motivos para tal, uma «duplex ratio». O primeiro de tais motivos era saber que Álvaro Vaz se sentia fortemente inclinado para a leitura das obras dos poetas, e isso desde os tempos em que ensinava em Coimbra. Com efeito Jerónimo Cardoso tinha ouvido dizer a alguns jovens alunos de Álvaro Vaz, que este era um devotado leitor das Belas Letras tanto latinas como gregas, e que a tal facto precisamente devia Álvaro Vaz a sua formação retórica, excelente a ponto de ele ser unanimemente considerado um Cícero na eloquência e um Cévola na habilidade jurídica. Essa sua estremada formação teria sido a causa directa do sucesso que granjeou tanto na interpretação de textos jurídicos quanto na administração de causas forenses.

De seguida, o Lexicógrafo louva as muitas qualidades de que a personalidade de Álvaro Vaz era dotada, destacando entre todas elas a *humanitas* e a *facilitas*, de que o Jurisconsulto dava mostras para com toda a gente sem excepção, sendo levada a um tal extremo que não seria de crer se Jerónimo Cardoso não a tivesse verificado no trato directo com Álvaro Vaz, «adiens et salutans».

Que Jerónimo Cardoso já teria tido notícia da brilhante personalidade de Álvaro Vaz, fosse pelos jovens estudantes que em Coimbra escutavam o Jurisconsulto fosse pelos amigos que Jerónimo Cardoso não deixaria de ter entre os docentes da Universidade, é um dado que se conclui do próprio texto da carta nuncupatória. O mesmo se poderá supor em relação a um conhecimento que Álvaro Vaz teria de Jerónimo Cardoso, personagem bem conhecida, nos meios mais cultos, pelo menos desde a recitação da *Oratio pro Rostris* na Universidade, a 1 de Outubro de 1536. No entanto, não posuímos prova alguma que ateste um conhecimento pessoal directo entre ambos, antes da data do estabelecimento de Álvaro Vaz em Lisboa, no ano de 1560.

Na capital terá Álvaro Vaz travado relações de amizade com Jerónimo Cardoso que seria uma geração mais velho do que ele⁷⁶. Que o Jurisconsulto, já nesta altura, exercia com grande sucesso o cargo de advogado da Casa da Suplicação é uma informação que se pode colher da própria carta nuncupatória, «nunc forum regium regiusque senatus», assim como duas referências à sua vida académica em Coimbra, «te

⁷⁶ Justino Mendes de Almeida, *op. cit.*, 1965, p. 3, refere como limites cronológicos da vida de Cardoso, os anos de 1508 e 1569. A data da sua morte é bastante segura, mas já no que toca à data de nascimento ela é «proposta com fortes dúvidas e baseada em elementos susceptíveis de correcção». Aceitamo-la à falta de novos dados. Ora Álvaro Vaz nasceu em 1524, quando o Lexicógrafo contaria cerca de dezasseis anos, e faleceu tarde no século, em 1593. Álvaro Vaz, de resto, terá vivido uns oito anos mais do que Jerónimo Cardoso.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

olim Conimbricae [...] praelegentem» e «olim Conimbricensis academia [...] admirata sit».

A segunda razão foram as «feriae bimestres seu senatoriae», período de repouso das fadigas da docência para um e das actividades forenses para outro, em que, com maior desenvoltura, Álvaro Vaz poderia saborear as composições que Jerónimo Cardoso lhe dedicava.

3.1.2.- Hipotética razão da dedicatória

A terceira razão da dedicatória desta compilação o Lexicógrafo não a escreveu, e ela seria, sem dúvida, a mais interessante. Esta sua obra, por encerrar grande número de composições dirigidas aos seus amigos mais chegados, era-lhe certamente muito cara, a despeito de, por falsa modéstia, Jerónimo Cardoso se lhe referir com os nomes de «nugas et apinas», «uersiculos» e, por fim, o epíteto de «tam paruo munere».

Os «collata beneficia», merecedores de generosa recompensa «aurea uel argentea», de todo os ignoramos. Não seria tamanho o prémio da simples «humanitas et facilitas». Tratava-se certamente de algum favor prestado pelo agora poderoso advogado da Casa da Suplicação. Esses benefícios, quaisquer que tenham sido, deverão ser procurados no espaço de tempo que medeia entre a chegada de Álvaro Vaz a Lisboa e a publicação do livro. Antes dessa data o Jurisconsulto não teria grandes hipóteses de socorrer o Lexicógrafo, se é que, como acima assinalámos, o conhecia pessoalmente.

3.1.3.- A presença do espírito do *Pro Archia*

Como modelo de dedicação dos tempos livres às Belas Letras, Jerónimo Cardoso lembra a Álvaro Vaz o exemplo de Cícero que, no discurso que proferiu em defesa do poeta Árquias, não se coibiu de afirmar e defender, diante do juiz, (que era, de resto, seu irmão), a imensa admiração que sentia pela Literatura.

Cícero, o grande político, orador e advogado de Roma, pronunciou em 62 a. C., perante um tribunal especialmente constituído, um discurso em defesa do poeta Árquias, seu antigo mestre. Esse discurso, destinado antes de mais a rebater a acusação de usurpação do direito de cidadania movida contra o poeta por um sujeito chamado Grácio, acabou por ser o mais belo discurso latino de defesa das Belas Letras, sendo, como tal, lido, estudado e imitado no Renascimento.

Trata-se, com efeito, de «uma peça literária cuja beleza formal acompanha a elevação das ideias defendidas»⁷⁷. A obra de Cícero, em geral, e este discurso, em

⁷⁷ Maria Isabel Rebelo Gonçalves, «Introdução» in *Em Defesa do Poeta Árquias*, Cícero, p. 11.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

particular, era um modelo de perfeição proposto à juventude estudiosa de Quinhentos. Não admira, como tal, que fosse particularmente bem conhecido por Jerónimo Cardoso a ponto de podermos constatar que todo o texto da carta nuncupatória está impregnado das ideias então defendidas pelo Arpinate.

Assim, descobrimos nesta carta algumas ideias-chave que animam o discurso de Cícero. O estudo da poesia é uma ocupação das mais nobres que pode e deve ser exercida por qualquer pessoa sem desmérito para a sua vida pública. O seu culto, longe de ser uma actividade fútil, é fonte de conhecimentos e de desenvolvimento moral e espiritual. Sem esse culto dificilmente se alcançará o dom da eloquência, a «*facundiam sollertiamque*» que a carta menciona, tão necessária à defesa das grandes causas. Tal culto assegura e justifica o sucesso de um orador.

Jerónimo Cardoso lamenta não poder enviar presentes de ouro e de prata. Lamenta-o porque ele não poderia enviar aquilo que não possuía, (como ele mesmo confessa na elegia n.º 30- “*Ad Doctorem Alvarum Vaz Iureconsultum*”), e, no entanto, a poesia é, como lapidarmente escreveu Horácio, (e talvez o Léxicógrafo disso se lembrasse), um «*monumentum aere perennius*». A nós compete-nos recordá-lo, volvidos que são, hoje, mais de quatro séculos. Os poemas que Jerónimo Cardoso tributa a Álvaro Vaz, longe de serem os «*parua munera*», de que o autor fala, foram a única recompensa verdadeiramente válida em troca de canseiras e fadigas. Foram, em vida, desfazio de longos trabalhos e são, após a morte, uma garantia de imortalidade.

3.1.4.- A reminiscência da dedicatória da *Naturalis Historia* de Plínio-o-Antigo

Jerónimo Cardoso escolheu, para finalizar esta sua carta, um provérbio e uma frase proverbial. O provérbio está escrito em grego ou, melhor dizendo, manuscrito num espaço deixado em branco propositadamente. Para quem não entendesse a língua de Demóstenes, o autor verteu-o para latim. Que Álvaro Vaz conhecia a língua grega é um dado manifesto no próprio texto, quando Jerónimo Cardoso fala no aperfeiçoamento pelas «*latinis et graecis litteris*». Até que ponto ia esse seu conhecimento não o sabemos. Não se pode facilmente discernir se a tradução do provérbio se destinava ao público em geral ou a Álvaro Vaz em particular.

A frase que aqui ganha sentido proverbial é uma citação da carta nuncupatória de Plínio-o-Antigo que abre, à semelhança desta, o primeiro dos trinta e sete livros da *Naturalis Historia*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

A citação de Jerónimo Cardoso é feita em situação análoga à de Plínio-o-antigo, salvaguardadas as devidas proporções e ainda as diferentes localizações dentro das cartas⁷⁸. O Lexicógrafo desculpa-se, assim, tal como Plínio, por não poder tributar grandes ofertas, por não poder recompensar os «collata beneficia» com o ouro ou a prata que ele não possuía. Os dois autores socorreram-se daquilo de que a natureza os havia dotado em abundância: naquele os frutos da sua curiosidade intelectual, neste as flores do seu talento poético.

3.2.- A composição n.º 30- “Ad Doctorem Aluarum Vaz Iureconsultum”

O segundo livro de elegias que Jerónimo Cardoso compilou abre com a única composição poética de todo o *Elegiarum Liber* dirigida ao Jurisconsulto. Tal poema não possui, como os restantes, qualquer indicação cronológica, mas será lícito considerar que a sua composição é anterior à redacção da carta nuncupatória. Deste modo a sua composição estará cronologicamente muito próxima dos favores, quaisquer que eles sejam, prestados por Álvaro Vaz a Jerónimo Cardoso.

3.2.1.- Contactos entre a composição e a carta

Este poema, pela sua natureza, acaba por não nos fornecer dados mais objectivos do que a carta. No entanto será interessante fazer uma comparação entre os dois textos.

Assim, à semelhança do que sucede na carta nuncupatória, Álvaro Vaz é invocado como «consultorum iuris clarissime», só ele é considerado «doctissimus» entre os doutos e entre bons «optimus». Mais uma vez se mencionam as humildes recompensas, «munera parua», (neste caso os simples versos desta composição, naquele todas as composições do *Elegiarum Liber*).

3.2.2.- Cardoso como hipotético cliente de Álvaro

De seguida, e justificando o envio de tão parca recompensa, temos algumas palavras que nos deixam entrever mais claramente a natureza dos laços que faziam Jerónimo Cardoso depender de Álvaro Vaz «alii [...] clientes». O uso da palavra *cliens* justifica as suspeitas que tínhamos em relação ao motivo da dedicatória da obra e, surgindo novamente no penúltimo hexâmetro, reforça esta nossa ideia.

O Lexicógrafo tenta desculpar-se pelo envio de tão efémera recompensa dizendo que outros clientes, mais favorecidos pela fortuna, não deixarão jamais de enviar ao seu

⁷⁸ Em Plínio-o-Antigo a frase ocorre ao fim do primeiro terço da carta nuncupatória. Em Jerónimo Cardoso vem citada no final.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

patrono grandes presentes, ao passo que ele, de grande, só tem a sua pobreza, «paupertas».

3.2.3.- A alegada pobreza de Cardoso

As dificuldades económicas por que Jerónimo Cardoso passava são de há muito conhecidas, e surgem atestadas em vários pontos da sua obra, esta, porém, é a primeira referência explícita que nós encontramos na sua poesia, aqui mitigada com a regra geral de que os poetas, em abundância, só possuem os seus versos, e com uma alusão mitológica a Febo e à colina que as Musas habitavam, o Hélicon. Tal facto não deverá ser motivo de descontentamento pois Álvaro Vaz tem a maior riqueza que um advogado pode possuir, a saber, a confiança admirável que, em qualquer parte, reside nas suas palavras, a «mira fides» que faz igualar as suas sentenças aos infalíveis oráculos da velha sibila de Cumas.

Lembremos, neste ponto, que muitos dos poetas desta época passavam por sérias dificuldades económicas em tudo semelhantes às de Jerónimo Cardoso. Um outro caso a apontar será o de Inácio de Moraes cuja pobreza, além de servir pretexto a uma anedota quinhentista, que a seu tempo veremos, foi ainda motivo de um longo e eloquente poema de Pedro Sanches⁷⁹ que, na sua condição mais desafogada de alto funcionário da corte, descreve e lamenta, de um modo comovedor, a miséria em que viviam muitos dos poetas e letrados de então.

3.2.4.- O carácter propagandístico deste poema

Álvaro Vaz é cantado como advogado modelar. Consultam-no naturais e estrangeiros, personagens de alta estirpe e de baixa condição, toda a cosmopolita população da Lisboa de meados de Quinhentos. Álvaro Vaz é bem merecedor de tal pois, quem a ele recorrer, poderá ter certezas não só quanto aos resultados das suas causas como também quanto à seriedade deste advogado. Ele jamais tomará partido da sua posição contra um seu cliente, a tal ponto residem nele virtudes como a «probitas», o «cândor» e a «alba fides».

O carácter propagandístico desta composição é algo que não se oculta nem ao mais ingénuo leitor. Ocorre-nos como tal uma interrogação: conhecendo a fama que já então aureolava a Musa de Jerónimo Cardoso, tendo conhecimento da sua precária situação financeira, será acaso despropositado pensar num acordo tácito de pagamento estabelecido entre o Lexicógrafo e o Jurisconsulto, acordo esse em muito semelhante ao

⁷⁹ Parcialmente editado e traduzido por Costa Ramalho, *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*, p. 220 e segg.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

que se supõe, com fortes razões, estabelecido entre Cícero e o poeta Árquias? Se tal acordo existiu, ainda que tacitamente, só nos resta constatar que Jerónimo Cardoso foi bem mais leal do que Árquias. Este, que se saiba, não cantou os feitos levados a cabo por Cícero durante o seu consulado de 63 a. C.. Aquele, pelos meios ao seu dispor, em algo deve ter contribuído para a promoção do já então famoso Álvaro Vaz.

O fim desta composição coloca Jerónimo Cardoso no papel de cliente ou protegido deste seu patrono ou mecenas. Como tal, ao encerrar a sua elegia com fecho de ouro, o Lexicógrafo, chamando Álvaro Vaz de astro, «solem», pede aos destinos que o protejam, para que a luz do seu génio por muito tempo brilhe nas terras de Portugal. Este sol já tinha atingido o zénite, e começava agora a sua lenta descida rumo ao ocaso. Álvaro Vaz, lembremo-lo, viveria ainda mais trinta anos.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo V- S. João Baptista, protector do *Elegiarum Liber*

1.- Fontes do capítulo

Este capítulo desenvolve-se sobre um tema sagrado. Ao passo que todos os outros abarcam composições profanas dirigidas a personagens contemporâneas de Jerónimo Cardoso, incluindo a sua própria pessoa, em poemas de Inácio de de Moraes, Pedro Sanches e Baltazar de Teive, a elegia n.º 1- “Ad Dium Ioannem Baptistam” é a única composição dirigida a uma personagem histórica, é certo, porém desaparecida há muito, personagem essa que constitui uma pedra basilar na história salvífica e que nos é detalhadamente revelada ao longo de várias passagens dos Evangelhos.

Deste modo, para analisar um texto que, sob todas as perspectivas, resulta sagrado, cingimo-nos a obras que se ocupam predominantemente de tal tema. Tal deve-se, repetimo-lo, ao facto de estarmos a comentar um hino.

1.1.- Estudos vários

Ocupamo-nos, assim, de alguns breves artigos sobre as influências da Bíblia, de Deus e de Cristo na literatura portuguesa⁸⁰, e isto com o fim de integrar a composição cardosiana numa tradição literária, existente a nível nacional, que se estende por todas as épocas da nossa história e abarca autores e obras de matiz muito diversificado.

Fizemos também uso de um velho volume intitulado *Hymnologia Sacra*⁸¹, obra escrita por um professor de Teologia do Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa. O seu autor transcreve, traduz e comenta o extenso Hino de S. João, de suposta autoria de Paulo Diácono, com que o *Missal Romano* celebrava o nascimento do Santo. Socorremo-nos do seu comentário como fonte de dados, posto que o hino manifestamente não seja a fonte de inspiração de Jerónimo Cardoso, como a seu tempo veremos.

1.2.- Enciclopédia e dicionários de santos

⁸⁰ Maria de Lourdes Belchior, «Bíblia, Influência na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura*, Vol. II, pp. 99-101.

Jacinto do Prado Coelho, «Deus na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura*, Vol. II, pp. 256-257.

Mário Martins, «Cristo na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura*, Vol. II, pp. 230-231.

⁸¹ Fr. José da Assumpção, *Hymnologia Sacra*, Vol. 2.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Considerámos também um artigo⁸², presente na *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, que descreve a biografia deste santo e que nos revela, de modo bastante claro e conciso, as teorias mais importantes que hoje correm sobre quem era realmente a «voz que bradava no deserto».

Mais por questão de metodologia do que por procura de novos conhecimentos, (e isto porque o artigo anteriormente citado sobejamente nos basta para a análise que nos propomos fazer), consultámos ainda alguns dicionários de santos⁸³.

1.3.- Textos sagrados

Enfim, como toda a tradição cristã que tem por ponto de partida os textos da Bíblia, (textos esses que terão servido de fonte a Jerónimo Cardoso para este seu hino), mais que qualquer outro facto nos interessa ver como o Lexicógrafo tratou tal matéria literária e verificar, assim, em que pontos e em que grau existe intertextualidade. Para tal estudo servimo-nos de várias edições quer da Bíblia⁸⁴ quer do Novo Testamento⁸⁵. Fazemos igualmente uso dos comentários exegéticos com que os comentadores iluminam passos menos claros da Sagrada Escritura.

2.- A presença do divino na literatura portuguesa

O divino encontrou lugar na literatura portuguesa desde as épocas mais recuadas e, como tal, resulta infrutífera qualquer tentativa de obter uma visão abrangente dessa influência. Tal não impede, contudo, que se possa elaborar uma visão parcelar, como é nossa intenção fazer.

Como Jacinto do Prado Coelho realçou, os Portugueses manifestaram sempre preferência, na esfera religiosa, pelo concreto, o familiar, o tangível, o próximo e é assim que encontramos, na nossa literatura, bastas alusões a Cristo, à Virgem e, no caso presente, a um dos santos intercessores, alusões essas que respondem «à humana ânsia de esperança e consolação»⁸⁶. O lado humano da religião, por vezes com um travo de ingenuidade e nem sempre dentro da ortodoxia da Igreja, sempre tocou os corações de

⁸² Patrocínio Gonçalves, «JOÃO BAPTISTA (São)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 11, pp. 632-635.

⁸³ Tom Morgan, *Saints A Visual Almanac of the Virtuous, Pure, Praiseworthy, and Good*, pp. 95-96.

Donald Attwater, *Dicionário de Santos*, p. 234.

⁸⁴ *Bíblia Sagrada-a Boa Nova*, 1995³.

A Bíblia de Jerusalém, 1993⁶.

⁸⁵ *Novo Testamento*, 1992¹⁷.

Novum Testamentum Graece et Latine, 1981.

⁸⁶ Jacinto do Prado Coelho, *op. cit.*, Vol. II, p. 256.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

poetas e escritores, fossem eles crentes ou não. A tudo isto se mostra Jerónimo Cardoso sensível, no poema de que nos vamos ocupar.

Acresce ainda a influência da Bíblia na nossa literatura, influência à luz da qual se desenvolve toda a elegia n.º 1- “Ad Dium Ioannem Baptistam”. Como Maria de Lourdes Belchior notou, a influência deste conjunto de textos a que damos o nome de Bíblia, entre nós, é constante, e apresenta reflexos mais ou menos profundos nos textos produzidos: «Citações, integração de excertos bíblicos no desenvolvimento do discurso oratório, traduções e comentários, alusões brevíssimas ou longas transcrições, sugestões que nascem de títulos ou de passos dos livros bíblicos, etc.»⁸⁷, de tudo isto fizeram uso os autores portugueses em todas as épocas da nossa literatura, contudo «é só em pleno Renascimento que a Bíblia cria raízes no espírito dos autores que a frequentam com assiduidade e, depois, impregnados da sua leitura, a citam em suas obras»⁸⁸.

De tudo isto o Lexicógrafo é um bom exemplo. Na Bíblia bebeu ele a sua inspiração e, servindo-se das informações que tal fonte lhe proporcionou, homenageou um santo que desde as épocas mais remotas catalizou a veneração e a piedade dos crentes da religião cristã, um santo que os povos do Ocidente sentiram particularmente acessível e benigno, um intercessor que, pelas palavras de Jerónimo Cardoso, (que, talvez por astúcia, talvez por simples coincidência, abjura assim de uma tese do protestantismo que negava a possibilidade de comunicação dos santos), nunca deixará de rogar a Deus por aqueles que a ele recorrem com súplicas e preces.

2.1.- A presença do divino na obra de Jerónimo Cardoso

Nas várias obras cardosianas que chegaram até nós, verificamos a existência de apenas dois textos sagrados: a elegia n.º1- “Ad Dium Ioannem Baptistam” e um outro poema, cujo elegante latim, de travo fortemente renascentista, se estende por cinquenta e dois dímetros iâmbicos, e cujo título é um pouco mais preciso do que o anterior quanto à natureza do texto. Trata-se do poema: “Ad Dium Mariam Hymnus”.

Quanto ao texto de que agora nos ocupamos, vamos abordá-lo como hino que é, dado que não só o seu tema e desenvolvimento nos evoca outros hinos do santoral, (com a invocação inicial ao santo, a narração resumida dos seus feitos e padecimentos e a

⁸⁷ Maria de Lourdes Belchior, *op. cit.*, Vol. II, p. 99.

⁸⁸ Maria de Lourdes Belchior, *op. cit.*, Vol. II, p. 100.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

prece final), como também o tipo de verso, o dístico elegíaco, se inclui entre as estruturas métricas usadas pelos hinógrafos nas suas composições.⁸⁹

Em função das suas origens, não deixa de ser curioso verificar a acuidade dos conhecimentos de Jerónimo Cardoso no tocante à matéria dos Evangelhos, dado que se tratava de um cristão novo, (perfeitamente doutrinado, diga-se em abono da verdade).

Um dado a reter desde uma primeira abordagem destes dois hinos é o tipo de vocabulário que Jerónimo Cardoso utiliza para se dirigir a personagens que nós conhecemos como *santos*. Assim, dirige-se-lhes com o adjectivo *diuus*, *diua*, *diuum*⁹⁰, palavra esta que tem o mesmo radical que as palavras latinas *deus*, *diuinus*, *Zeus*, *Iuppiter* e *dies* e ainda o grego Ζεύς, (gen. Διός). A esse radical, que na sua origem indo-europeia significa *brilho*, se juntou um sufixo que significa *luminosidade*.

Pela morfologia histórica do latim sabemos que *deus* e *diuus* são uma só palavra cuja evolução morfológica conduziu à formação de dois diferentes paradigmas de declinação, vindo também a gerar-se uma diferenciação pela qual *deus* se conservou como substantivo e *diuus* como substantivo ou adjectivo. Assim *diuus*, como nome, significa *deus*, *divindade*, e foi, deste modo, dado como título aos imperadores romanos divinizados após a morte. Como adjectivo significa *divino*, *próprio do deus*.

Digamos ainda que o uso deste adjectivo como substituto de *sanctus*, aplicado a santos da Religião Cristã corresponde, nos textos do Renascimento, a uma diferenciação vocabular quando se trata de fazer referência ao próprio Deus. Assim, o Padre Eterno vê-se distinguido pelo título com que a Antiguidade Latina homenageava Júpiter, o *deus* mais importante do seu panteão: *Optimus Maximus*⁹¹.

Tal uso vocabular prende-se mais a uma tentativa de emprestar aos textos uma pátina literária antiga do que a quaisquer concepções religiosas heterodoxas de natureza pagã ou politeísta, pelo que foi largamente usado, por grande número de autores, durante o período da Renascença⁹², a par com o uso tradicional ortodoxo de *sanctus* e de *Deus*.

⁸⁹ José Pedro Soares, *Os Sagrados Hymnos da Santa Igreja, Dispostos em Latim por Ordem Alfabética, e Traduzidos em Portuguez*, Tomo I, p. XXXVII.

⁹⁰ Deste modo, nos dois hinos de Jerónimo Cardoso, deparamo-nos com «Diuam Mariam», «Diuum Ioannem» e «diue beate» a par do uso comum de «Mater [...] sanctissima» e «sanctorum [...] chori».

⁹¹ Assim, em Jerónimo Cardoso, no “Ad Diuam Mariam Hymnus”, lemos «Deum uocarunt Maximum» ou então surge simplesmente o substantivo *Deus*.

⁹² Tal uso não foi sequer exclusivo dos textos humanísticos em língua latina, atente-se, por exemplo, no caso de Luís de Camões, n’*Os Lusíadas*, (X-82):

«Aqui, só verdadeiros, gloriosos

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Efectivamente o substantivo ou adjectivo *diuus*, na sua etimologia e significado, de maneira nenhuma corresponde a *sanctus*, adjectivo verbal que parte do verbo *sancio* e significa *sancionado*, *tornado sagrado* ou *consagrado*. Assim sendo, *diuus* como atributo só poderá ser aplicado ao próprio Cristo, ao passo que *sanctus*, de bom uso, deverá qualificar todas aquelas pessoas que após a sua morte foram canonizadas pela Igreja.

É claro que a situação se complica nos casos particulares da Virgem e de S. João Baptista, que foram *favorecidos* por Deus *ab initio*, a Virgem por ter sido concebida «sem pecado original» e S. João por ter sido anunciado, pelo anjo Gabriel, a seu pai Zacarias, como «grande aos olhos do Senhor» e «cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe», (Lc. 1. 15.). A Igreja procurou clarificar estas águas dizendo, no caso de João Baptista, que tal não significa a plenitude da graça santificante desde a própria concepção, mas antes a atribuição do dom da profecia, que se manifestou em João, ainda o seio materno, por meio do estremecimento profético que revelou a Isabel a presença do Salvador, (Lc. 1. 41-44.). A despeito de tal explicação, porém, a tradição sempre considerou João Baptista santificado desde o seio de sua mãe e, por essa mesma razão, a Igreja celebra a festa do seu nascimento, tal como sucede com Jesus e a Virgem.

2.2.- O poema “Ad Diuam Mariam Hymnus”

O texto que Jerónimo Cardoso intitulou “Ad Diuam Mariam Hymnus” abre o *Libellus de Terrae Motu*, livro impresso treze anos antes desta compilação de que nos ocupamos, em Coimbra, no ano de 1550. Nessa edição o hino segue-se à carta nuncupatória da obra⁹³ e precede imediatamente o poema “Hieronymi Cardosi Lusitani de Terraemotu Libellus”. A elegia n.º 1- “Ad Diuum Ioannem Baptistam” ocupa exactamente a mesma posição dentro do *Elegiarum Liber*, em que se segue à carta nuncupatória, dirigida “Doctori Alvaro Vallasco Iurisconsulto Peritissimo”, encabeçando as restantes cinquenta e seis composições, todas elas de natureza profana. A composição é constituída por dezasseis dísticos, em que é narrado, de forma muito breve mas quase sempre exacta, o que a tradição bíblica consagrou no tocante a S. João Baptista.

Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.»

Veja-se, a este propósito, Américo da Costa Ramalho, *Estudos Camonianos*, p. 18.

⁹³ Sob o título “Hieronymus Cardosus Clarissimus Puero Roderico Gonsallo a Camera Emanuelis a Camera D. Michaelis Insulae Ducis, et Praefecti Maximi Filio”.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

3.- Uma biografia de S. João Baptista

3.1.- A concepção de S. João Baptista

Tentemos agora traçar uma biografia do homem a quem coube o incomensurável privilégio de baptizar o próprio Cristo. Começemos pela sua concepção que vem narrada em detalhe no primeiro capítulo do Evangelho segundo S. Lucas.

Filho Isabel e de Zacarias, o seu nascimento foi anunciado pelo anjo Gabriel que apareceu a seu pai no momento em que este se preparava para efectuar as suas funções sacerdotais, que consistiam em renovar as brasas e queimar a «resina sabeia» no altar situado diante do «santo dos santos». Esse filho deveria levar a cabo uma missão muito importante: reconduzir «muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus» e ir «diante d'Ele, com o espírito e o poder de Elias». A criança deveria chamar-se João, nome que significa *Iahweh é favorável*. À incredulidade de Zacarias que pede um sinal ao anjo, alegando a avançada idade dele e de sua mulher e a vergonhosa esterilidade desta, responde um castigo: ficará mudo até à consumação dos factos por não ter acreditado naquele mensageiro. Alguns dias depois a sua mulher concebeu cheia de alegria: «Assim procede o Senhor para comigo, nos dias em que Lhe aprouve tirar-me a ignomínia entre os homens», (Lc. 1. 25.). Seis meses mais tarde sucederia a anunciação do anjo à Virgem.

Segue-se, na história da Salvação, a visita de Maria a sua prima Isabel. Esta tinha concebido havia já seis meses e, ao aproximar-se Maria, que transportava no seu seio o Verbo Divino, o filho de Isabel saltou-lhe de alegria no ventre, revelando assim a presença do Salvador. Isabel dirige-lhe as palavras: «bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre», (Lc. 1. 42.), e Maria, no fastígio da sua bem-aventurança, profere o “Magnificat”.

Maria permaneceu em casa de Zacarias os três meses que separavam Isabel do fim do tempo de gravidez. Entretanto o menino nasceu para alegria geral e, ao oitavo dia, preparavam-se para circuncidá-lo. Quando, à pergunta de como se deveria chamar o menino, Zacarias pede as tabuinhas e escreve o nome de João, imediatamente os factos se consumaram e recobrou a sua voz, para admiração e espanto de quantos assistiam ou ouviram a narração de tais factos. Zacarias entoa, então, o “Benedictus”, réplica poética do “Magnificat”, em que se dão graças pelos sucessos presentes e se profetizam acontecimentos futuros, replica essa modificada com a inclusão de dois versículos, (Lc.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

1. 76-77.), que se referem à missão específica de João, com o fim de a adaptar à situação presente.

3.2.- A sua vida no deserto

Segue-se, em S. Lucas, a informação de que o menino se retirou para o deserto até ao dia da sua apresentação a Israel. É neste ponto que S. Mateus e S. Marcos iniciam a sua narração. A partir deste momento estes três Evangelhos seguem uma linha de narração muito próxima sendo, por tal razão, chamados sinópticos.

João viveu como eremita no deserto, alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre, e vestindo-se com peles de camelo. Ele tornou-se um eloquente pregador, que exigia o arrependimento dos pecados e o baptismo nas águas como sinal de alma redimida. A voz dele era aquela que «clamava por lugares desertos» e não só profetizou que um dia viria um homem que seria maior do que ele e que havia de ser o Salvador da humanidade como, quando o viu, o indicou dizendo: «aí está o Cordeiro de Deus, que vai tirar o pecado do mundo», (Jo. 1. 29. e 1. 36.).

Quanto ao seu retiro no deserto, este aparece estreitamente relacionado com a sua formação. A primeira educação ter-lhe-á sido prestada por seus próprios pais, Zacarias e Isabel. S. Lucas apresenta-os como «justos diante de Deus, cumprindo irrepreensivelmente todos os mandamentos e preceitos do Senhor», (Lc. 1. 6.). Ora, sendo Zacarias um membro da classe sacerdotal, parece lógico que, nos primeiros tempos, se teria encarregado pessoalmente da educação do seu único filho. A formação subsequente decorreu no deserto. Assim o diz S. Lucas.

Patrocínio Gonçalves⁹⁴ relaciona o facto com a seita mística dos monges Essénios, sobre os quais os nossos conhecimentos têm vindo a ser elaborados desde que, em 1947 um jovem beduíno de 15 anos, Mohammed adh-Dhib, descobriu acidentalmente o mais importante filão de manuscritos antigos, aparecido em tempos modernos.

Estes textos, conhecidos como *Documentos do Mar Morto*, faziam parte da biblioteca de um mosteiro, conhecido como Khirbet Qumrân, cujos monges levavam um modo de vida muito semelhante ao dos Essénios, seita mística judaica, de que fala Plínio-o-Antigo, activa entre 125 a. C. e 68 d. C.. Dada a semelhança existente entre o tipo de vida que os Essénios levavam e os preceitos e regulamentos, descritos em alguns dos manuscritos que documentam a vida e as observâncias da comunidade, sempre se supôs que os monges de Qumrân fossem Essénios.

⁹⁴ Patrocínio Gonçalves, *op. cit.*, Vol. 11, p. 633.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Estes Essénios, sendo uma classe sacerdotal, (filhos de Sadoq), tinham-se separado do sacerdócio oficial para alcançarem uma vivência da religião mais pura porque isenta de compromissos políticos e, segundo diz Flávio Josefo, recebiam crianças para educar. Nesta situação parece plausível que um sacerdote justo e piedoso como Zacarias confiasse o seu único filho a estes monges. Diversos pontos de contacto entre o “Benedictus” e a pregação de S. João Baptista, por um lado, e as doutrinas de Qumrân, por outro, bem como o género de vida que ambos levavam, parecem atestar a existência de tal relacionamento.

Além disso alguns estudiosos consideram a história da comunidade de Qumrân, em função de alguns dos textos, estreitamente ligada aos começos do cristianismo. Tais textos mencionam um «mestre de rectidão», cujo nome não é nunca revelado, mas que parece ter sido um precursor do Messias. Assim se pode relacionar a permanência de S. João Baptista no deserto com a seita de Qumrân. O próprio Jerónimo Cardoso, na sua elegia, começa por se referir a S. João Baptista como Precursor do Messias.

A questão, contudo, é problemática, uma vez que a pregação de S. João vai dirigida a todo o povo, ao passo que a de Qumrân é esotérica, o seu baptismo é um ritual de penitência que pressupõe uma mudança de orientação na vida, o de Qumrân é um ritual de iniciação na seita, S. João Baptista tem como missão principal o revelar o Messias já presente, ao passo que os monges Essénios viviam ainda na expectativa da sua vinda.

Chegou mesmo a colocar-se a hipótese de Cristo ser um essénio. O seu nome, contudo, nunca é mencionado em nenhum dos textos até agora encontrados e, assim, nem sequer se pode afirmar que Ele fosse o Messias por quem os Essénios esperavam. Sendo a verosimilhança bastante tentadora, nada há que a possa confirmar. O que se sabe ao certo é que alguns dos textos encontrados correspondem de perto a algumas passagens dos Evangelhos e Epístolas do Novo Testamento, e que é bem possível que o cristianismo, nas suas origens, estivesse de alguma forma ligado a essa obscura seita.

3.3.- João dá testemunho de Cristo: Cristo é o filho de Deus

«Surgiu um homem enviado por Deus, cujo nome era João. Veio como testemunha, para dar testemunho da luz», (Jo. 1. 6-7.). A missão de S. João apresenta duas facetas distintas, por um lado preparar o caminho para a vinda do Messias, por outro mostrá-lo, quando presente, a Israel.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

O primeiro aspecto surge como profecia nas palavras com que Gabriel anuncia a Zacarias a concepção do seu filho, (Lc. 1. 16-17.), e nos já mencionados versículos do “Benedictus”, (Lc. 1. 76-77). Como escreve Patrocínio Gonçalves, também os outros evangelistas se referem a este aspecto da missão do Baptista, ao iniciarem os seus textos citando o versículo de Isaias: «Uma voz grita no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas», (Is. 40. 3-5.; Mt. 3. 3.; Mc. 1. 3.; Jo. 1. 23.). Esta vertente da sua missão consuma-se na pregação do Santo que Jerónimo Cardoso refere muito brevemente. S. João fazia apelo à penitência e mudança interior nos seus contemporâneos, «Inque hominum coetus prodixit, peccata flagellans/ Cunctorum: longa multiplicata mora», como diz Jerónimo Cardoso, fazendo eco de S. Mateus, (Mt. 3. 7-12.). Apontava ainda um justo caminho a seguir, (Lc. 3. 10-14.).

A segunda vertente da sua missão consistiu no ter anunciado a vinda de alguém muito maior do que ele, que havia de baptizar «não em água mas no Espírito Santo e no fogo», (Mt. 3. 11-12.; Mc. 1. 7-8.; Lc. 3. 15-17.), e, o que é mais, no tê-lo apontado quando já presente, dando testemunho de que se tratava do Messias filho de Deus: «Aí está o Cordeiro de Deus, que vai tirar o pecado do mundo» e «Aí está o Cordeiro de Deus», (Jo. 1. 29- 34; 35-36.).

Deste modo, o principal significado de S. João Baptista na história da Salvação foi o de ter preparado o caminho do Senhor e de o ter apontado ao mundo como aquele que vinha cumprir as antigas profecias. Quanto ao facto de ter baptizado Cristo, Jesus nunca pecara e, como tal, não necessitava de remissão. Ele, contudo, pediu a S. João que também o baptizasse no rio Jordão, com o fim de mostrar a sua obediência a Deus. Certamente por esta razão Jerónimo Cardoso não dirá uma só palavra sobre o baptismo do Salvador.

3.4.- A sua prisão e execução

João Baptista foi encarcerado por ter denunciado o casamento incestuoso de Herodes Antipas, tetrarca da Palestina. Antipas unira-se a uma sua sobrinha, Herodias, que sucedia ser também sua cunhada, esposa Filipe, irmão de Herodes Antipas por parte do pai. Este Filipe era um simples particular e tal facto foi causa do desagrado da sua esposa, a ambiciosa Herodias.

Desta senhora diga-se de passagem que o seu nascimento justificava a ambição de manter o alto estado. Ela era, com efeito, neta de Herodes Magno e sobrinha de Herodes Antipas. Dado que o seu primeiro marido, Filipe, era ainda vivo, considerava-se

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

adúltera a sua união com Antipas que, para tal casamento, repudiara a sua primeira mulher. Tal era o crime de Herodes Antipas, e foi este crime que S. João Baptista não se coibiu de censurar, desencadeando assim a sua prisão, por parte de Antipas, e um ódio visceral, por parte de Herodias.

A filha de Herodias, Salomé, (cujo nome não consta sequer no Novo Testamento, antes é o historiador Flávio Josefo que no-lo revela), tinha dançado e entretido o seu padraсто ou tio-avô no dia do aniversário deste. Em troca, ele disse à princesa que ela poderia ter o que quer que lhe agradasse: «até metade do meu reino». Sem saber o que pedir, Salomé recorre a sua mãe que não perde a ocasião de se libertar desse profeta, venerado e respeitado pelo próprio Herodes e demasiado perigoso pela sua língua afiada e pelo seu dom de mover as multidões. Salomé pede, então, para grande consternação de seu padraсто, a cabeça desse prisioneiro trazida numa travessa. Não fosse o seu juramento, feito, para mais, na presença de tantos convidados, nunca Herodes Antipas teria consentido em tal capricho. Os carrascos foram imediatamente enviados e, no momento apropriado, a cabeça foi apresentada. Salomé, triunfante, apresentou-a a sua mãe, sendo o corpo entregue aos discípulos de S. João para ser sepultado.

3.5.- O culto do Santo

Este profeta, precursor de Cristo, tem seus dias festivos a 24 de Junho, dia em que se celebra de forma soleníssima a sua natividade, e 29 de Agosto, dia da sua decapitação.

O seu culto perde-se no fundo dos tempos e podemos considerar que se inicia com os elogios que o próprio Cristo lhe tece, (Mt. 11. 7-15; Mt. 17. 12-13.; Mc. 9. 12-13.; Lc. 7. 24-28.; Jo. 5. 32-35.), e a devoção à sua figura surge como consequência da leitura dos Evangelhos.

Segundo a tradição a que já acima fizemos referência, a sua santificação ocorreu, quando ainda estava no seio materno, com o movimento profético que revelou a presença do Salvador, movimento esse que, lembremos, fora profetizado pelo anjo Gabriel ainda antes da sua concepção. Esta é a razão pela qual a Igreja celebra o seu nascimento, (facto singular pois, geralmente, nos dias dos santos, celebra-se a sua morte), fixando-o no solstício de Verão, em função da colocação da natividade de Cristo no solstício de Inverno. Tais datas estão a uma distância de seis meses, aqueles seis meses que S. Lucas menciona, (Lc. 1. 26.), e que coloca na boca do anjo Gabriel, (Lc. 1. 36.).

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Numa tradição que se estende por todo o Ocidente, a noite de São João, na véspera do dia mais longo do ano, foi desde sempre associada às festas pagãs que celebravam o solstício de Verão. Tal noite, celebrada com fogueiras e arraiais, ocupa um lugar de destaque entre nós, sendo associada a todo um imaginário de carácter fantástico que enriquece a tradição folclórica nacional, de que a *D. Branca* de Almeida Garrett é apenas um esmerado exemplo.

Patrocínio Gonçalves⁹⁵ chama a atenção para o facto de tais manifestações de alegria popular, por justas e acertadas que sejam, tomarem geralmente formas pouco aptas para celebrar a austeridade de vida do homenageado que se tornou, mercê do seu género de vida, patrono de monges e eremitas, em muito responsáveis pela difusão do seu culto.

3.6.- A iconografia de S. João Baptista

Os atributos de S. João Baptista são um cordeiro, um pote com mel e vestes de pele de camelo. Costuma ser portador de uma cruz com uma grande aste e estar acompanhado por um cordeiro⁹⁶. Nesta figuração deve ter um só dedo erguido, o indicador, (ou dois dedos, por confusão do artista, em sinal de benção). Sendo muito frequentemente representado a baptizar Cristo, surge ainda em figurações da Sagrada Família como uma pequena criança, sentada com Jesus, junto aos joelhos de Maria.

4.- A composição n.º 1- “Ad Diuum Ioannem Baptistam”

Já acima fizemos referência à posição privilegiada que a elegia n.º 1- “Ad Diuum Ioannem Baptistam” ocupa dentro do *Elegiarum Liber*, encabeçando as restantes 56 composições do volume, e tal não é de estranhar dado que era prática corrente, não só em Jerónimo Cardoso como em outros autores seus contemporâneos, o fazer preceder as obras de algum texto de cariz religioso.

A redacção deste hino deverá ter ocorrido em Lisboa, em ano que não se pode determinar, por ocasião das festas do Santo: Jerónimo Cardoso, para mais, menciona o «tuum [...] festum», dia que os jovens celebram com solenidade e em que dirigem preces a S. João Baptista. Estaremos assim perante um poema de ocasião, escrito de improviso por quem conhecia muito bem os textos do Novo Testamento.

⁹⁵ Patrocínio Gonçalves, *op. cit.*, Vol. 11, p. 635.

⁹⁶ Na sua iconografia, S. João Baptista é frequentemente confundido com o Bom Pastor, representação metafórica do próprio Cristo que data já de tempos paleo-cristãos.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Esta hipótese tem a seu favor a constatação de que todo o poema respira alegria e felicidade, uma atmosfera muito própria dos arraiais com que, ainda hoje, se celebra o nascimento de S. João Baptista. Esse mesmo tom de alegria messiânica já o encontrávamos nos dois primeiros capítulos do Evangelho segundo S. Lucas, nos quais se anuncia e descreve a vinda do Salvador ao mundo, capítulos que Jerónimo Cardoso conhecia muito bem.

O hino atinge o zénite, no 12.º dístico, quando S. João Baptista aponta Cristo já presente. Tal facto poderá encerrar a explicação do silêncio em torno ao baptismo de Jesus, sobre o qual nem uma só palavra é dita: S. João surge como «Praecursor» desde o primeiro verso e, quando Cristo é mostrado como presente, o poema encontra-se já perto do final, seguindo-se a narração, resumida ao essencial, da morte do Santo e, como transição para a prece final, o elogio que Cristo tece ao Baptista, (cf. Mt. 11. 11. e Lc. 7. 27.).

4.1.- A elegia como paráfrase do Novo Testamento

Qualquer hagiografia, pregação ou hino, dedicado a S. João Baptista, para ser legítimo, terá forçosamente que partir dos textos do Novo Testamento. Assim não só traçámos a biografia do Santo tomando tais textos por base, como também os confrontámos com o hino de Jerónimo Cardoso. Para facilitar tal aproximação, seleccionámos os excertos mais relevantes e adscrevêmo-los, em notas de rodapé, aos versos quinhentistas. Deste confronto, paradoxalmente, resultam manifestos, por um lado, o conhecimento que o Lexicógrafo tinha das Sagradas Escrituras, por outro, a abissal diferença linguística que separa os textos sagrados do hino renascentista.

Efectivamente Jerónimo Cardoso segue *pari passu* as suas fontes, que ora trata com grande proximidade ora resume a algumas poucas palavras, (como será fácil de constatar), acrescentando-lhes muito pouco. Há, no entanto, três excepções: uma quanto à duração da permanência do Santo no deserto; outra quanto à natureza desse mesmo deserto; uma última quanto ao modo como S. João revelou a presença do Messias.

Expliquemo-nos. Jerónimo Cardoso diz: «lustra ibi quinque teris», quando, nas Sagradas Escrituras, nada fixa esse período de tempo passado por S. João no deserto de forma tão taxativa, pelo que o Lexicógrafo deve ter recolhido esta informação noutra lugar. Com efeito, não há certezas quanto à idade com que o Percursor se retirou para o deserto, como também se não sabe quanto tempo nele permaneceu.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Assim também, o Lexicógrafo diz que S. João buscou as «siluas horrendaque lustra ferarum» e, mais adiante, diz que, quando Deus assim o quis, abandonou os «spelea ferarum». A menção de bosques e animais selvagens, nesta situação, não consta no Novo Testamento, mas corresponde, todavia, a um ideal messiânico, anunciado pelos profetas, de retorno à pureza e vivência de uma paz paradisíaca, (cf. Is. 11. 6-9.). Quanto às «siluas», remetem-nos para a experiência de uma natureza selvagem europeia bastante diversa do secular deserto da Galileia e podem ter surgido, no espírito de Jerónimo Cardoso, por sugestão da iconografia da época.

Por último, no 11.º pentâmetro, Jerónimo Cardoso escreveu «ostendis digito et uoce sonante Deum», quando o Evangelho segundo S. João, que é o texto que mais detalhadamente descreve o encontro entre Cristo e S. João Baptista, (Jo. 1. 29-37), diz unicamente que este viu Aquele, revelando-O aos que o rodeavam por meio da palavra.

O pentâmetro revela um conhecimento mais elaborado a nível teológico. Assim, Fr. José da Assumpção⁹⁷ esclarece este aspecto, escudando-se na autoridade de S. Ambrósio, ao dizer que o testemunho de S. João Baptista, profeta e precursor de Cristo, «foi muito singular», pois mostrou Cristo já presente, «quando os mais Profetas só de longe o mostraraõ [...], e assim o Bautista, naõ só mostrou a Christo com a voz, mas ainda muito mais com o dedo, que he a demonstraçaõ mais efficaz, como disse Theodorico Rey de Itália» e, mais adiante, «os mais Profetas falláraõ de Christo, mas naõ o mostraraõ, o Bautista porèm, naõ só fallou, mas mostrou a Christo com o dedo, e por isso entre os Profetas tanto se singularisou no ministerio de Profeta».

É, no entanto, bem possível que Jerónimo Cardoso, abstraindo-se de toda a problemática teológica, tivesse sido, neste ponto, (como no caso anterior), simplesmente influenciado pela iconografia do Santo, que muitas vezes surge representado de indicador erguido.

⁹⁷ Fr. José da Assumpção, *op. cit.*, Vol. 2, p. 399.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo VI- Fernando da Silveira, o poeta heróico

1.- Fontes do capítulo

1.1.- Barbosa Machado

Na elaboração deste capítulo assume particular importância uma correcta identificação do destinatário das composições n.º 2- “Ad Ferdinandum Siluerium Sarzedarum Dominum” e n.º 4- “Ad Ferdinandum Siluerium Responsio”, membro, como veremos, de uma importante família da nobreza nacional.

Servimo-nos, assim, das informações de Barbosa Machado⁹⁸, cujos estudos, não sem algumas imprecisões, de que a seu tempo daremos conta, se ocuparam de algumas figuras desta família.

1.2.- Cristovão Alão de Moraes

Os estudos de Cristovão Alão de Moraes, autor de um notável tratado de genealogia⁹⁹, rico de dados sobre a família de Fernando da Silveira, assumem particular relevância, uma vez que, demorando-se a discorrer em algumas páginas sobre esta família, não só nos possibilitam uma aproximação individual aos vários membros, como nos permitem, por essa mesma razão, compreender mais profundamente o sentido dos dois poemas de que nos ocupamos.

Partindo, assim, dos estudos deste genealogista, foi-nos possível visualizar uma quase dinastia de poetas-guerreiros cuja produção parcialmente se conserva, no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, e parcialmente se perdeu, não restando mais do que a memória dos seus títulos e um eco da sua fama antiga.

1.3.- Compilações de anedotas quinhentistas

Manuseámos, também, pequenos relatos soltos, insertos por mão anónima numa compilação de ditos jocosos¹⁰⁰. Semelhantes historietas facultam-nos o acesso a uma outra face da história em que figuras que conhecemos por meio de tratados genealógicos e crónicas antigas assumem vida e colorido muito peculiares, havendo mesmo um episódio ocorrido com o próprio *Poeta Heróico*.

1.4.- Notícias de Elaine Sanceau

⁹⁸ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, pp. 54-55 e p. 261; Tomo IV, p. 121.

⁹⁹ Cristovão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana (Nobiliário das Famílias de Portugal)*, Vol. 2, Tomo I, pp. 9-26 e p. 45. Veja-se também, para confirmar os dados expostos, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Vol. 11, pp. 421 e 523; *Os Brazões da Sala de Sintra*, Vol. II, p. 398; *Armorial Lusitano*, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, 1961, pp. 503-505.

¹⁰⁰ *Ditos Portugueses Dignos de Memória*, ed. José Hermano Saraiva.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Duas notícias modernas, da autoria de Elaine Sanceau¹⁰¹, serviram de complemento às informações de Cristovão Alão de Morais. São um reflexo actual, depurado pela passagem de quatro séculos, da imensa fama que a família de Fernando da Silveira granjeou e, pela bibliografia indicada, portas de acesso a crónicas antigas do Império Marítimo Português.

2.- Dados Biográficos de Fernando da Silveira

2.1.- O seu nascimento

Fernando da Silveira nasceu em Évora, cidade em que a sua família tinha solar e raízes antigas, em data que se desconhece. Era filho de Francisco da Silveira coudel-mor e claveiro da Ordem de Cristo, segundo senhor de Sarzedas, Sobreira Formosa e Ancião e regedor da Casa da Suplicação. Sua mãe foi Dona Margarida de Noronha, filha de D. João de Noronha e de Dona Joana de Castro, senhora do condado de Monsanto.

Após a morte de seu pai, Fernando da Silveira herdou o título de senhor de Sarzedas, que é localidade da Beira Baixa, e foi, assim, o terceiro senhor de Sarzedas. Mais tarde, um seu bisneto, o sétimo senhor de Sarzedas, viria a ser nomeado conde.

Pertencia Fernando da Silveira, como teremos ocasião de verificar, uma família da alta nobreza, cujos membros ocuparam importantes cargos na administração e na vida do Reino.

Barbosa Machado, que trata deste autor em duas notícias¹⁰², resume os seus dados biográficos ao essencial cometendo uma imprecisão, da qual adiante daremos conta. A identificação do Fernando da Silveira destinatário de Jerónimo Cardoso, com o filho de Francisco da Silveira coudel-mor é bastante segura, mercê do seu título, expresso na dedicatória da elegia n.º 2- “Ad Ferdinandum Siluerium Sarzedarum Dominum”, sem o qual seria muito difícil identificá-lo entre os numerosos membros da sua família, homónimos e contemporâneos, e da família dos Silveira Lobo.

De Fernando da Silveira diz Cristovão Alão de Morais que «foi muito inhabil, e desobediente a seu pae, que houve Alvara p^a poder nomear as Terras em seu neto Heitor

¹⁰¹ Elaine Sanceau, «Silveira, António da» e «Silveira, Heitor da» in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, pp. 583-584.

¹⁰² Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II., pp. 54-55, e breve aditamento em: Tomo IV, p. 121.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

da Sylveira, e o confirmou ElRey»¹⁰³ e acrescenta que «Teve cõ tudo Fernão da Sylveira o senhorio das Sarzedas sómente»¹⁰⁴.

2.2.- Casamentos de Fernando da Silveira

Por duas vezes Fernando da Silveira contraiu matrimónio. A primeira com D. Maria ou Guiomar da Silva, filha de Simão Fogaça «de quem [Fernando da Silveira] foi apartado por sna. em razão de sua inhabilidade, e ella se meteo freira em Chellas onde foi Prioreça». Da segunda vez casou com D. Grimaneza Mascarenhas, filha de Pedro Dossem de Almeida e de Dona Isabel Mascarenhas.

Teve uma única filha, nascida do segundo casamento, chamada D. Maria ou Mariana de Noronha, a qual veio a suceder a seu pai no senhorio de Sarzedas. Foi dama da Infanta D. Maria, última filha de D. Manuel e irmã de D. João III, por favor de quem veio a herdar o título de senhora de Sarzedas. Esta filha de Fernando da Silveira veio a contrair matrimónio com o fidalgo D. Rodrigo Lobo, que foi pagem da lança de D. Sebastião em Alcácer Quibir, e foi o quarto senhor de Sarzedas «por casar cõ Dona M.^a de Nr.^a f.^a de Fernão da Sylveira sr. das Sarzedas chamado o Poeta heroico»¹⁰⁵, (sublinhado nosso).

Um neto deste casamento, D. Rodrigo Lobo da Silveira, homónimo do genro do *Poeta Heróico*, viria a ser o primeiro conde de Sarzedas, por mercê de Filipe III que lhe conferiu tal título a 21 de Outubro de 1631. Este título de conde de Sarzedas extinguiu-se em 1747.

¹⁰³ Cristovão Alão de Morais, *op. cit.*, p. 23.

¹⁰⁴ O título de senhor de Sobreira Formosa, segundo Cristovão Alão de Morais, *op. cit.* pp. 23-24, foi herdado por um irmão mais novo, Bernardim da Silveira *o Drago*, que foi também, por algum tempo, senhor de Sarzedas. Este Bernardim da Silveira esteve na Índia entre 1528 e 1538 e pereceu, durante a viagem de regresso, num naufrágio, ao largo da costa de Sofala. O seu primogénito, Francisco, morreu quando ia para a Índia na companhia do pai e, assim, o velho Francisco da Silveira, pai do destinatário de Jerónimo Cardoso, fez seu herdeiro o mais velho dos netos varões, Heitor da Silveira *o Drago*, filho segundo de Bernardim da Silveira *o Drago*, que assim veio a ser senhor de Sobreira Formosa.

Ditos Portugueses Dignos de Memória, p. 278, José Hermano Saraiva, em comentário à anedota n.º 75, (que relata um episódio ocorrido na Índia entre um Heitor da Silveira, Lourenço Vaz Pegado e Luís de Camões), identifica esse Heitor da Silveira como sendo o «filho de Francisco da Silveira, que foi coudel-mor no tempo de D. João III», no que manifestamente se equivoca porque esse Heitor da Silveira «serviu em Arzilla, e depois passou a India ano 1523. cõ seu primo 2.º D.º da Sylveira e foi muitas vezes Cap.^m e hindo cõ o g.^{or} Nuno da Cunha a Ilha de Bete foi morto de hum pelouro em Fevereiro do ano de 1531» (Cristovão Alão de Morais, *op. cit.* p. 22).

Camões só partiu para a Índia em 1553, aí ficou, supostamente, até 1567, e regressou ao Reino em 1570. O enconto narrado nunca poderia ter ocorrido entre estas duas personagens, pelo que o Silveira da anedota camoniana só poderá ser Heitor da Silveira *o Drago*, filho de Bernardim da Silveira *o Drago*. Dele diz Cristovão Alão de Morais, *op. cit.* p. 24, que «passou soldado a Índia ano 1561». O companheiro de Camões na Índia será inequivocamente o neto e, em razão da *inhabilidade* do destinatário de Jerónimo Cardoso, e herdeiro do coudel-mor Francisco da Silveira.

¹⁰⁵ Cristovão Alão de Morais, *op. cit.* p. 45

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

2.3.- Os seus feitos de armas e morte

Em relação aos feitos de armas de Fernando da Silveira, sabemos que prestou serviço em África, em Safim, durante o tempo em que seu primo, D. Nuno de Mascarenhas, era capitão dessa praça. Mais tarde, na Índia, participou na conquista de Brava e Zeila quando era governador Lopo Soares de Albergaria. Terá regressado a Portugal no ano de 1527.¹⁰⁶

O terceiro senhor de Sarzedas veio a falecer em Évora, no ano de 1569, na mesma data, portanto, que todos os biógrafos apontam para a morte de Jerónimo Cardoso. Esteve primeiramente sepultado na Freguesia de S. Tiago e foi, mais tarde, trasladado para o Convento de Nossa Senhora do Espinheiro, da Ordem de S. Jerónimo.

2.4.- Fernando da Silveira, o *Poeta Heróico*

Fernando da Silveira, terceiro senhor de Sarzedas, «foy muito applicado ao estudo da Poezia, sahindo tão insigne em a pratica desta divina arte, que era conhecido pela antonomazia de *Poeta Heroico*»¹⁰⁷. Conhecemos a este respeito uma anedota quinhentista, inserta numa compilação a que já temos feito referência¹⁰⁸, que apresenta Fernando da Silveira como personagem principal, pelo que merece ser transcrita:

«[1004] Devia Fernão da Silveira, senhor de Sarzedas, a um homem cinco tostões e não lhos pagava. E um dia, indo o homem a sua casa, estava ele tangendo uma viola, que o sabia fazer muito bem, e, dissimulando com a paga do dinheiro, tangeu e cantou seis vilancetes e depois disse ao credor:

-Estes vilancetes não cantara eu a ninguém menos de tostão; mas a vós dou-vo-los pelos cinco que vos devo.

E o homem, metendo a mão na bolsa, disse-lhe:

¹⁰⁶ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 54. Esta data é digna de crédito, sobretudo quando comparada com as que Cristovão Alão de Moraes, *op. cit.* pp. 22-23, refere ao falar de dois irmãos de Fernando da Silveira. Assim, Heitor da Silveira, depois de ter servido em Arzila, partiu em 1523 para a Índia, onde foi morto em 1531. Bernardim da Silveira o *Drago*, partiu para a Índia em 1528, e naufragou na viagem de regresso em 1538.

¹⁰⁷ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 54.

¹⁰⁸ Em comentário a anedota em questão, em *Ditos Portugueses Dignos de Memória*, p. 365, o editor, José Hermano Saraiva, escudando-se na autoridade de Barbosa Machado, que cita, identifica este *Fernão da Silveira* com o terceiro senhor de Sarzedas. Ora, como acima vimos, Barbosa Machado confundiu avô e neto numa só figura. Esta historietta, por outro lado, assenta bem quer ao avô quer ao neto, razão pela qual nos ficam dúvidas relativas à sua atribuição.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

-Senhor, não quero eu que Vossa Mercê perca comigo um tostão, ei-lo aí, pois já lá tem cinco.»

Este autor gozou da fama que lhe era devida quer como descendente de uma ilustre família de poetas-guerreiros quer como poeta-guerreiro que ele próprio era, razão pela qual a família real o tinha em alta estima.

Temos, assim, conhecimento de uma carta do príncipe D. João, pai de D. Sebastião, em que com instância lhe pedia uma cópia dos seus poemas:

«Fernaõ da Sylveira. Eu o Principe vos envio muito saudar. Porque receberey grande contentamento com ver todas as obras, que tendes feitas, vos encomendo muito que me queirais enviar o treslado dellas, e naõ deixeis algumas, de que mo naõ envieis; e quanto mais em breve o fizeres tanto mayor prazer receberey, e tanto mais volo agradecerey. Escrita em Almeirim 4. de Março de 1551. Principe»¹⁰⁹.

É certamente esta carta que está na origem da primeira obra que Barbosa Machado lhe atribui: um manuscrito intitulado *Poemas de Fernaõ da Sylveira senhor de Sarzedas dedicadas (sic) ao Principe D. João*¹¹⁰. No «suplemento» encontramos uma segunda obra da sua autoria, um outro manuscrito que dá pelo nome de *Epistolas de Ovidio tiradas de Latim em linguagem Castelhana, quando andou na India, em as quaes se conta as amorosas palavras, que as Damas da Grecia escreviaõ a seus maridos estando na guerra da Troya*.

Quanto ao relacionamento de Fernando da Silveira com membros da casa real, encontrámos uma breve referência de D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos¹¹¹, em que a sábia senhora, falando dos poetas que se moviam na esfera da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, diz que já todos tinham caído no esquecimento, restando memória de «apenas um que era filho e neto de poetas». Em anotação esclarece quem era o poeta chamando-o, porém, equivocadamente, pelo nome de seu pai, Francisco da Silveira¹¹². Ora

¹⁰⁹ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 54.

¹¹⁰ Este manuscrito conservava-se, ao tempo de Barbosa Machado, na livraria do duque de Alafões, a qual tinha pertencido ao cardeal de Sousa.

¹¹¹ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*, p. 50.

¹¹² Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *op. cit.*, p. 94, Nota n.º 218.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

tal não é cronologicamente aceitável, dado que o próprio Fernando da Silveira, cuja única filha, D. Maria ou Mariana de Noronha, foi dama da Infanta, era uma geração mais velho do que D. Maria. Lembremos que Barbosa Machado fixa o regresso de Fernando da Silveira da Índia em 1527 e que a infanta D. Maria nascera em 1521. Seria impossível que fosse o velho Francisco da Silveira o «morador da casa da Infanta». Para além do factor cronológico, só Fernando da Silveira, que tenhamos conhecimento, era «filho e neto de poetas», a saber Fernando e Francisco da Silveira, pai e filho, poetas do *Cancioneiro Geral* Garcia de Resende.

2.5.- Inocência e Anselmo desconhecem Fernando da Silveira

A obra de Fernando da Silveira não chegou a ser impressa, pelo que não é de estranhar que António Joaquim Anselmo o ignore. Também Inocência Francisco da Silva não se refere uma vez que seja a este destinatário de Jerónimo Cardoso no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*, pelo que é de supor que nunca tenha encontrado nenhum dos manuscritos citados, no decorrer das suas muitas investigações. A tal facto não deixará de ser alheia a acção devastadora do tempo e, sobretudo, do terramoto de 1755, causa da destruição de algumas das melhores bibliotecas da capital.

3.- Problemas da homonímia renacentista

3.1.- Barbosa Machado confunde duas pessoas distintas

Vejamos agora a imprecisão de Barbosa Machado a que fizemos alusão. Diz o investigador que: «no *Cancioneiro de Garcia de Resende*. [impresso em] Lisboa por Herman de Campos 1516. fol. estão as Poesias de Fernando da Sylveira» e, de seguida, enumera os fólhos em que se encontram. Ora as composições, impressas nos fólhos enumerados por Barbosa Machado, são efectivamente da autoria de um Fernão da Silveira coudel-mor.

Sabendo-se que Garcia de Resende compilou o seu cancionero entre 1511 e 1516, no intuito de preservar ditos graciosos que se disseram no Paço, e que Fernando da Silveira, o terceiro senhor de Sarzedas, morreu em 1569, conclui-se ser impossível que ocupasse já em 1516 o cargo de coudel-mor com que figura no *Cancioneiro Geral*. Além disso não encontrámos notícia alguma que diga que o terceiro senhor de Sarzedas tenha sucedido a seu pai, Francisco da Silveira, no officio de coudel-mor.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Fernando da Silveira coudel-mor, poeta do *Cancioneiro Geral*, era, sem dúvida alguma, o primeiro senhor de Sarzedas, avô, portanto, do destinatário de Jerónimo Cardoso.

3.2.- Fernando da Silveira coudel-mor

Fernando da Silveira coudel-mor¹¹³, era filho terceiro de Nuno Martins da Silveira¹¹⁴, escrivão da puridade de D. Duarte e de D. Afonso V. O filho segundo, de nome Diogo, fora também escrivão da puridade de D. Afonso V, vedor das obras do Reino e coudel-mor, senhor de Recardães, Segadães e Bronhido e Morgado de Goes e Oliveira do Conde, porém, acompanhando o Monarca numa jornada a África, fora morto na Serra de Benacafú. O primogénito deste, Nuno Martins da Silveira, (homónimo do avô), herdou os senhorios de seu pai, mas não o ofício de coudel-mor que ficou na posse de seu tio, Fernando da Silveira, poeta do *Cancioneiro Geral*.

Este fidalgo foi senhor de Sarzedas, Sobreira Formosa e Ancião e exerceu funções de embaixador em Castela, em nome de D. João II, monarca que fez dele regedor da Casa da Suplicação. Casou com D. Isabel Henriques, filha de D. Fernando Henriques, primeiro senhor de Alcáçovas, e de D. Branca de Sousa. O seu primogénito foi Francisco da Silveira, coudel-mor, pai do *Poeta Heróico*.

Barbosa Machado confundiu, assim, avô e neto, duas figuras homónimas: *quandoque bonus dormitat Homerus*.

3.3.- Fernando da Silveira-o-Moço

No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende existem várias composições da autoria de um Fernão da Silveira-o-Moço. Quem era ele? Acaso o futuro senhor de Sarzedas, destinatário dos poemas de Jerónimo Cardoso? À primeira vista poder-se-ia suspeitar que sim, trata-se, porém, de um escolho da homonímia renascentista.

¹¹³ A quem se referem as anedotas n.ºs 566, 586 e 587 da compilação *Ditos Portugueses dignos de Memória*.

¹¹⁴ O percurso biográfico deste bisavô do *Poeta Heróico* merece ser referido. Nuno Martins da Silveira, (que deixou escrita uma autobiografia, manuseada por Cristovão Alão de Morais), era filho primogénito de Martim Gil Pestana, alferes-mor de Évora, e de Maria Gonçalves da Silveira. Usava o apelido de sua mãe por dela ter herdado muitos bens, entre os quais avultava uma grande herdade, junto a Évora, cujo nome, a *Silveira*, deu apelido à família, que nela possuía um solar. Foi casado com D. Leonor Gonçalves de Abreu, filha e herdeira de Gonçalo Eanes de Abreu, senhor de Castelo de Vide.

Participou na conquista de Ceuta, em tempo de D. João I, rei que depois o fez seu embaixador em Castela. O seu nome vem mencionado na *Crónica da Tomada de Ceuta*. Foi escrivão da puridade de D. Duarte a quem servia desde os 18 anos, quando o dito rei, ainda infante, andaria pelos 14 anos de idade. Teve o ofício de comenda e protecção da comuna dos mouros de Évora. Foi primeiro senhor e alcaide-mor de Terena, coudel-mor e vedor das obras do Reino. Por vontade de D. Duarte foi, após a sua morte, aio do futuro D. Afonso V e dos infantes seus irmãos.

D. Afonso V, ao lado de quem lutou em Alfarrobeira, fez dele rico-homem e membro do seu Conselho, ao mesmo tempo que o conservou no posto de escrivão da puridade.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Efectivamente este indivíduo não era sequer parente próximo do Coudel-mor, antes pertencia à família dos barões de Alvito, os Silveira Lobo. Era chamado o *Moço* para, por sua vez, se diferenciar de seu avô, conhecido pelo nome de Dr. Fernando António da Silveira.

Este Fernando da Silveira-o-Moço, filho do que viria a ser o primeiro barão de Alvito, é personagem por demais conhecida. Fora escrivão da puridade de D. João II, contra quem conspirara ao lado do duque de Viseu. Refugiando-se, seguidamente, na corte de Isabel a Católica, veio a ser assassinado em Avinhão, pelo Conde de Palhares, a 8 de Dezembro de 1489, supostamente por mandado do Príncipe Perfeito¹¹⁵.

D. Rodrigo Lobo, o pagem da lança de D. Sebastião em Alcácer Quibir, genro e sucessor do destinatário de Jerónimo Cardoso no senhorio de Sarzedas, era neto do segundo barão de Alvito, meio irmão deste Fernão da Silveira-o-Moço¹¹⁶ que era, assim, por um caminho algo tortuoso, tio avô do quarto senhor de Sarzedas.

3.4.- Outros homónimos

Entre os netos de Fernão da Silveira coudel-mor encontramos ainda dois outros homónimos, primos direitos do terceiro senhor de Sarzedas. Um deles, filho terceiro de Jorge da Silveira, foi vedor da casa de D. João III. Era casado com D. Guiomar da Cunha, e não deixou descendência. O outro, filho primogénito de Diogo da Silveira, teve existência efémera, dado que morreu jovem sem deixar descendência. De nenhum deles se sabe que fosse dado ao cultivo da poesia.

3.5.- Francisco da Silveira coudel-mor, pai do *Poeta Heróico*

Já falámos de Fernando da Silveira coudel-mor, avô do destinatário de Jerónimo Cardoso, com o fim de esclarecer um equívoco de Barbosa Machado¹¹⁷. Digamos agora algumas palavras sobre o pai do *Poeta Heróico*, o coudel-mor Francisco da Silveira.

¹¹⁵ Veja-se o relato da sua fuga, depois de descoberta a conjura contra D. João II, em Garcia de Resende, «Vida e Feitos D'el Rey Dom João Segundo» in *Livro das Obras de Garcia de Resende*, p. 237.

Em *Ditos Portugueses Dignos de Memória*, vem transcrita uma longa série de anedotas, (n.ºs 160-172, 880 e 1423), bastante elucidativas quanto à presença de espírito e fulgurante personalidade deste fidalgo. Lê-se, nessa mesma compilação, p. 72, em nota, uma breve biografia desta figura.

¹¹⁶ Fernando da Silveira-o-Moço era o primogénito do primeiro casamento de D. João Fernandes da Silveira, (escrivão da puridade de D. Afonso V), com D. Violante Pereira, ao passo que D. Diogo de Sousa Lobo da Silveira, segundo barão de Alvito, era o primogénito de um segundo casamento com D. Maria de Sousa Lobo, filha e herdeira de Diogo Lopes Lobo, senhor de Alvito. O dito João Fernandes da Silveira veio a ser senhor de Alvito, por meio deste segundo casamento, e, mais tarde, foi elevado à categoria de barão de Alvito, com título confirmado por D. Afonso V, por carta régia de Portalegre, 27 de Abril de 1475, que lhe conferiu igualmente o direito de usar o título de Dom, extensivo a seus descendentes. D. João II confirmou-lhe o título, a 1 de Abril de 1482, e fê-lo seu escrivão da puridade. Por sua morte, sucedeu nesta função o seu filho mais velho, Fernão da Silveira-o-Moço.

¹¹⁷ Falámos também de Nuno Martins da Silveira, bisavô do *Poeta Heróico*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Francisco da Silveira¹¹⁸ foi claveiro da Ordem de Cristo e membro do Conselho de D. João III. Sucedeu a seu pai no senhorio de Sarzedas e nos ofícios de coudel-mor e de comenda e protecção da comuna dos mouros de Évora, como consta de uma carta de D. Manuel, datada de Março de 1496. Ainda bastante jovem, assistiu, nas funções de meirinho-mor, à execução de D. Fernando, duque de Bragança, o qual, a caminho do cadafalso, lhe disse: «bem galante está Francisco da Silveira»¹¹⁹. Grangeou fama na Índia, onde foi capitão de Chaul, de Diu e de Sofala. Veio a morrer em Sarzedas, para onde se retirara, em 1536.

Poeta como o seu pai, dele diz Barbosa Machado que: «foy versado em todo o genero de erudição principalmente na Poesia heroica, e lyrica deixando muita copia de versos taõ elegantes, como conceituosos, dos quaes se publicaraõ alguns no *Cancioneiro* de Garcia de Resende»¹²⁰. O primogénito do seu casamento com D. Margarida de Noronha foi Fernando, (ou Fernão), da Silveira, o *Poeta Heróico*.

4.- Fernando da Silveira na obra de Jerónimo Cardoso

Quanto ao relacionamento entre Fernando da Silveira e Jerónimo Cardoso ele surge-nos debilmente atestado pelos dois textos de que nos ocupamos, as composições n.º 2 e n.º 4 do *Elegiarum Liber*, e pelo poema de Fernando da Silveira que não conhecemos directamente e que não foi impresso na compilação de elegias de Jerónimo Cardoso por razões que nos é impossível precisar¹²¹.

Ocorreu-nos pensar, a este respeito, que tal poema não tivesse tido redacção latina, isto porque não nos restam informações de que Fernando da Silveira tivesse produzido obras em latim¹²². Que ele fosse bom latino é facto de que se não deve sequer duvidar, basta lembrarmo-nos de quem ele era filho, qual a cidade que o vira nascer e ainda o título de um dos seus manuscritos: uma versão das *Heróides* de Ovídio que, no tempo em que permaneceu na Índia, traduziu de «Latim em linguagem Castelhana».

Outra hipótese possível seria a de que Jerónimo Cardoso terá impedido a sua publicação movido de um sentimento de modéstia, não aceitando dar a lume tamanhos

¹¹⁸ A quem se refere a anedota n.º 587 da compilação *Ditos Portugueses dignos de Memória*, p. 209.

¹¹⁹ Episódio narrado por Garcia de Resende, *op. cit.*, cap. XLVI, pp. 222-223. Deste episódio faz memória Cristovão Alão de Moraes, *op. cit.*, p. 22.

¹²⁰ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 261.

¹²¹ Não encontramos mais nenhum título nem no *Sylvarum Liber Vnus* (1564) nem no *Libellus de Terrae Motu* (1550) que diga respeito a este fidalgo. O seu nome também não se inclui na lista dos correspondentes do *Epistolarum Familiarium Libellus* (1556).

¹²² *HISLAMPA* não inclui o nome de Fernando da Silveira entre os autores latinos conhecidos.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

elogios à sua pessoa, o que é estranho. Do poema de Fernando da Silveira, por consequência, só é lícito afirmar que foi desencadeado pela elegia n.º 2- “Ad Ferdinandum Siluerium Sarzedarum Dominum” e que suscitou, por sua vez, a *responsio* do Lexicógrafo, numa breve correspondência poética que se ficou por isso mesmo.

4.1.- A composição n.º 2- “Ad Ferdinandum Siluerium Sarzedarum Dominum”

Cardoso dirigiu inicialmente ao Senhor de Sarzedas uma pequena composição, a elegia n.º 2- “Ad Ferdinandum Siluerium Sarzedarum Dominum”. Em que data? de todo o desconhecemos. É lícito, porém, supor que tenha sido depois de 1 de Outubro de 1536, data em que Jerónimo Cardoso pronunciou a *Oratio pro Rostris*, pois só então se justificavam os elogios que Fernando da Silveira retribuiu ao Lexicógrafo, os quais, como deixa entrever no poema n.º- 4 “Ad Ferdinandum Siluerium Responsio”, o deixaram incrédulo e satisfeito. Com maior probabilidade estes versos serão ainda posteriores aos acontecimentos ocorridos durante o cerco de Diu, em 1538, acontecimentos esses que, como veremos, maior projecção deram ao já ilustre nome dos Silveira.

Não resulta claro o motivo que levou Jerónimo Cardoso a dirigir-se preferencialmente a este membro da família dos Silveira. A inclinação de Fernando da Silveira para as Belas Letras oferece-nos um ponto de contacto entre as duas figuras. Fernando da Silveira, devotado às letras, como era, a ponto de associar o manejo da pena ao das armas, teria maiores afinidades com Jerónimo Cardoso do que qualquer outro dos seus parentes. O *Poeta Heróico* surge-nos, com efeito, como um modelo de guerreiro cultivado: «numa mão sempre a pena, na outra a espada», por palavras de Camões. Não devemos esquecer, por outro lado, que Fernando da Silveira tinha acesso directo a pessoas da família real e que Jerónimo Cardoso procurava ansiosamente relacionar-se com figuras bem colocadas na máquina burocrática do Reino que lhe pudessem valer em caso de dificuldades.

Fernando da Silveira é interpelado como sendo «decus» e «fax fulgentissima» entre os portugueses, ele é uma tocha fulgente, em cuja chama rebrilham «origo» e «doctrina», ou seja, por um lado o seu nascimento de uma família da mais alta nobreza, de uma estirpe que facilmente supera, pela generosidade, uma ilustre *gens* de Roma Antiga, por outro a sua imensa sabedoria e experiência da vida torna-o semelhante aos deuses.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Jerónimo Cardoso pede-lhe que aceite este *libellum*, este pequeno poema que a sua frágil Musa lhe oferece. Graciosamente a Camena do Lexicógrafo surge-nos a coxear, e isto porque, tendo ela assunto para discorrer ao longo de muitos hexâmetros, limita-se a dar alguns passitos vacilantes nos poucos versos desta composição. Em tempo futuro, porém Jerónimo Cardoso assegura que irá cantar «res gestas» e «laudes», ou seja, os feitos e os louvores de Fernando da Silveira, por forma a que o terceiro senhor de Sarzedas nesses versos futuros se possa dignamente contemplar. Os presentes versos não são mais do que simples «praeludia» que de modo algum refletem o imenso prestígio do *Poeta Heróico*.

4.1.1.- A gesta da família

Vimos já como os antepassados do *Poeta Heróico* eram influentes, pródigos em títulos de nobreza e em feitos dignos de memória, à luz dos quais se compreende o modo encomiástico com que Cardoso se lhes refere ao mencionar as origens de Fernando da Silveira: «generosae et stirpis origo».

Debrucemo-nos agora sobre os feitos de armas de dois homens desta família, contemporâneos de Jerónimo Cardoso, homens esses que granjearam fama de longe maior do que a do *Poeta Heróico*. Os seus feitos eram de tal modo assombrosos e causaram sensação tal que, na época em que o Lexicógrafo escrevia, eram cantados por poetas e cronistas.

4.1.2.- António da Silveira

O mais notável foi, sem dúvida, António da Silveira¹²³, primo do terceiro senhor de Sarzedas, herói do cerco de Diu que, na altura em que a Musa de Cardoso estava no seu auge, andava nas bocas do mundo como defensor da cristandade¹²⁴.

António da Silveira serviu na Índia entre 1524, ano em que partiu para o Oriente na armada de Vasco da Gama¹²⁵, e 1540, ano do seu regresso triunfal ao Reino. Esteve às ordens de D. Henrique de Meneses e de Lopo Vaz de Sampaio, seu sogro, cujo partido seguiu, contra Pêro Mascarenhas, num conflito que se gerou acerca da sucessão no governo, e ainda de Nuno da Cunha, seu cunhado. Em 1528 António da Silveira foi contemplado com a capitania de Ormuz, da qual tomou posse em 1533.

¹²³ Elaine Sanceau, *op. cit.*, pp. 583-584. Veja-se também Cristovão Alão de Moraes, *op. cit.* pp. 18-19.

¹²⁴ Diogo Pires, poeta eborense que passou grande parte da sua vida exilado em Ragusa, (a actual Dubrovnik), dedicou ao herói do cerco de Diu uma elegante elegia, em 22 dísticos, intitulada: “Vellet Amoribus Renuntiare” in *Antologia Poética*, Diogo Pires, pp. 76-79, e 118-119 (notas).

¹²⁵ A mesma armada em que seguia Paulo Nunes Estação, o pai de Aquiles Estação, que, já no seio da sua mãe, ficava ainda por nascer.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Era António da Silveira capitão de Diu já desde o ano anterior, quando, em 1538, Solomão Baxá, às ordens do Grão-Turco, pôs cerco a essa praça com uma frota de galés e 7000 homens, contando com a ajuda do grande exército de Cambaia, comandado por Coja Sofar, um italiano renegado. A pequena guarnição portuguesa aguentou o formidável cerco durante cerca de um mês, inspirada pela fé e coragem do seu valoroso capitão. No fim restavam unicamente 40 homens em estado de combater, as muralhas e baluartes jaziam destróçados e escasseavam já mantimentos e munições. Tudo parecia perdido quando a oportuna chegada a Goa da armada do vice-rei D. Garcia de Noronha pôs os Turcos em debandada e o cerco foi levantado.

António da Silveira regressou triunfalmente ao Reino em 1540 e recebeu, como prémio, a capitania de Machico, na Ilha da Madeira. Cristovão Alão de Morais acrescenta que, regressado a Portugal, António da Silveira foi visitado pelo embaixador de Francisco I, rei de França, que o mandou retratar e «por na casa da fama». Cristovão Alão de Morais não deixa, contudo, de mencionar um *senão* deste guerreiro, o facto de António da Silveira ter sido um grande dissipador. Assim, o herói do cerco de Diu acabou por vender a capitania de Machico ao conde de Vimioso e desbaratou não só a fortuna que o conde lhe pagou como também os grandes dotes que obtivera pelos seus dois casamentos, o primeiro com a filha do governador Lopo Vaz de Sampaio, D. Mécia d'Eça, o segundo com D. Clara de Almada. Não deixou descendência, posto que tivesse tido uma filha do seu primeiro casamento, que morreu criança. Este António da Silveira, irmão segundo de Luís da Silveira, conde da Sortelha, era neto de Diogo da Silveira, irmão de Fernão da Silveira coudel-mor e poeta do *Cancioneiro Geral*, era, assim, primo em segundo grau do *Poeta heróico*.

4.1.3.- Heitor da Silveira

Heitor da Silveira, irmão do *Poeta Heróico* a que já nos referimos, foi também capitão na Índia, onde esteve como comandante de armadas no Oceano Índico, entre 1523 e 1531. Socorreu Calecut quando esta foi cercada pelo Samorim, em 1525. Era então capitão de Cananor. Heitor da Silveira percorreu o Mar Vermelho em busca de D. Rodrigo de Lima, embaixador na Abissínia, e em 1526 conseguiu chegar a Maçua, a tempo de se encontrar com a armada. A viagem de regresso desta expedição foi atormentada pela falta de água e Heitor da Silveira, abnegadamente, participou do sofrimento da tripulação, repartindo com ela a pouca água a que tinha direito. Heitor da Silveira deu provas da sua valentia em combates navais ao largo das costas de Cambaia.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Destruíu Surrate, Reynel e Baçaim, praças ocupadas pelo inimigo, vindo a morrer em combate, em 1531, na ilha de Bete, quando acompanhava o governador Nuno da Cunha no ataque de Diu¹²⁶.

4.2.- A composição n.º 4- “Ad Ferdinandum Siluerium Responsio”

A resposta de Fernando da Silveira aos «praeludia» de Jerónimo Cardoso não se terá feito esperar, e o seu tom elevava o Lexicógrafo à altura dos astros. A composição, com que Cardoso, por sua vez, lhe agradeceu, abre com a conjunção condicional *si non*, repetida anaforicamente nos quatro primeiros hexâmetros. Jerónimo Cardoso gaba as qualidades do seu destinatário quase como se enumerasse as virtudes que os antigos Romanos atribuíam aos seus antepassados, o *mos maiorum*. Menciona assim a «nobilitas», a «inclyta fama decusque», «candor simplicitasque», refere a «grauitas», dificilmente ultrapassável pelas mais sisudas personalidades da história de Roma, refere a sua língua, «tenax» e «diserta» e, no entanto, sempre fiel à verdade, e finalmente a sua «modestia».

Explica, de seguida, que, se Fernando da Silveira não encarnasse tão vivamente as ditas qualidades, ele, Jerónimo Cardoso, sentir-se-ia ofendido pelos versos que recebeu, tamanhas as lisonjas neles contidas. Cardoso não se vê refletido neles em função da quebra de um preceito antigo, em grego τὸ πρέπον. Nada nos versos que recebeu se pode considerar adequado à sua pessoa, nada neles é, como se diz, «aptum, aut proprium conueniensque». Aceita-os, contudo, por saber que os sentimentos do *Poeta Heróico* são sinceros, dado que no seu peito não existe lugar para a mentira. Aceita-os também, paradoxalmente, por não apresentarem nenhuma verosimilhança, estão completamente desfasados da realidade.

Logo de seguida o Lexicógrafo gaba-lhes a beleza. Naqueles versos brilham todos os encantos da Antiguidade, personificados pelos Amores e pelas Cárites. Sugere assim a presença de Febo ou de Calíope, (origem divina, portanto), como fonte da eloquência de tais «encomia».

Questionando-se, enfim, sobre a génese da resposta recebida, uma só conclusão se afigura verosímil: Fernando da Silveira terá tentado pôr o seu engenho à prova, fazendo-o criar uma grande obra a partir do nada, «de re nihili», trazendo, assim, à memória, exercícios antigos de Sofística.

¹²⁶

Elaine Sanceau, *op. cit.*, p. 584.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Segue-se uma série de *exempla* destinados a ilustrar esta situação, alguns dos quais não se podem adscriver ao campo restrito da Sofística. Será preferível supor que Jerónimo Cardoso tenha pretendido unicamente documentar o seu raciocínio com a menção de algumas obras dignas de serem lembradas pela sua estranheza. Três delas são clássicas, a quarta é já renascentista e quase contemporânea de Jerónimo Cardoso. Ali encontramos Luciano, Favorino, Erasmo de Roterdão e Estesícoro.

4.2.1.- Um eco do *Moriae Encomium* de Erasmo de Roterdão

Surpreendente, no entanto, é o poder evocador desse único dístico, que nos remete para a epístola nuncupatória do *Elogio da Loucura* do Humanista de Roterdão, epístola datada de 5 de Junho de 1508.

O seu autor, dirigindo-se a Thomas More, defende-se de eventuais detractores desta sua obra lembrando uma plêiade de escritos antigos ao lado dos quais o seu é digno de figurar¹²⁷. O texto de Erasmo, que se desenvolve com uma lucidez admirável, parece ter deixado alguns reflexos, acaso simples evocação ou talvez mera coincidência, nesta elegia de Jerónimo Cardoso.

Assim, enquanto Erasmo escreve que «se alguém se ergue a gritar que foi ofendido, confessa que se sente culpado, ou pelo menos em segredo se inquieta», Jerónimo Cardoso tranquiliza-se dizendo que: «[...] et si mens conscia nostra sibi:/ Quae nihil agnuit quod uere dicere posset/ Esse aptum, aut proprium conueniensque sibi».

Ao aproximar-se do termo da *responsio*, Jerónimo Cardoso assume finalmente um tom menos chocarreiro, não escondendo já o seu contentamento por, no fim de contas, ter sido alvo dos elogios deste fidalgo, um poeta como Fernando da Silveira, elogios esses que, afinal, fora o próprio Lexicógrafo a solicitar e que, agora, com esta elegia, retribui.

¹²⁷ Erasmo de Roterdão, *Elogio da Loucura*, pp. 11-12.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo VII- Pedro Sanches «et summum decus et poeta felix»

1.- Fontes do capítulo

O estudo dos poemas de que neste capítulo nos ocupamos está bastante facilitado, uma vez que a relação existente entre Jerónimo Cardoso e Pedro Sanches se encontra documentada por vários textos, (epístolas e poemas da autoria destes dois humanistas), que já foram alvo de alguns estudos.

Como fontes recorreremos, primeiramente, aos títulos enumerados por Isaltina das Dores Figueiredo Martins, na sua *Bibliografia*¹²⁸. A estes temos a acrescentar alguns outros títulos, uns antigos, de natureza mais geral, já estudados por Cândido Aparício Pereira, e um outro trabalho bastante recente, posterior, portanto, à edição da dita *Bibliografia*.

1.1.- Barbosa Machado

Recorreremos, assim, às informações de Barbosa Machado¹²⁹, autor que cometeu várias imprecisões, algumas verificáveis até sem sequer aprofundar o estudo de Pedro Sanches¹³⁰. O artigo que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*¹³¹ consagrou a este humanista, resumindo as informações do autor da *Bibliotheca Lusitana*, não deixou de repetir tais erros, tendo, por isso, pouquíssimo valor documental¹³².

1.2.- Enciclopédia

A *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, contém dois artigos, da autoria de Américo da Costa Ramalho¹³³. O primeiro apresenta-se como uma síntese das

¹²⁸ Isaltina das Dores Figueiredo Martins, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, pp. 229-230.

¹²⁹ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo III, pp. 614-616.

¹³⁰ A nível da cronologia, por exemplo, quando afirma ter André de Resende dirigido uma carta a Pedro Sanches, carta essa datada de «Eborae Nonis Maii 1542». Ora se Pedro Sanches tinha cerca de 16 anos, como Barbosa Machado afirma, aquando da morte de D. João III, ocorrida por apoplexia a 11 de Junho de 1557, tal facto fixaria o seu nascimento pelos anos de 1542-1543, data da publicação da carta de Resende! Por outro lado, aceitando tal cronologia, iríamos encontrar Pedro Sanches, com cerca de oito anos de idade, a defender Jerónimo Cardoso dos seus detractores com os epigramas publicados no *Libellus de Terrae Motu*.

¹³¹ «SANCHES, (Pedro)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 26, p. 912.

¹³² Este artigo é nitidamente um resumo do trabalho de Barbosa Machado, repetindo no seu tom vago todas as imprecisões do autor setecentista, não se apercebe sequer das incongruências cronológicas. Recolhe mais dados biográficos do que bibliográficos, sendo, nestes últimos, escasso e inexacto. O autor do dito artigo fala de «alguns manuscritos em latim», quando só há notícia de um manuscrito deste autor, que Barbosa Machado disse estar na posse de Gaspar de Faria Severim e que é o mesmo que hoje se guarda, sob a designação de Ms. F. G. n.º 6368, na Biblioteca Nacional de Lisboa.

¹³³ Américo da Costa Ramalho, «SANCHES (Pedro)» in *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 16, pp. 1224-1225 e «SANCHES (Pedro)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 20, pp. 1121-1122.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

informações divulgadas por dois importantes trabalhos¹³⁴, um, a que nos referiremos mais tarde, da autoria do mesmo investigador, o outro de Cândido Aparício Pereira.

O segundo artigo, aditamento ao anterior, completa a enumeração dos textos de Pedro Sanches impressos até à data, discriminando os textos, quer em prosa quer em verso, vindos a lume em obras de Jerónimo Cardoso¹³⁵, e ainda dois epigramas publicados por Joaquim de Vasconcelos¹³⁶.

1.3.- Cândido Aparício Pereira

O trabalho de Cândido Aparício Pereira¹³⁷ é uma dissertação de licenciatura apresentada à Universidade de Coimbra, em 1954. Apresenta-se dividida em duas partes, a primeira dedicada a Pedro Sanches, de que fazemos uso, e a segunda dedicada ao estudo de Rodrigo Sanches, irmão do anterior e correspondente, também ele, de Jerónimo Cardoso.

Este trabalho, que infelizmente nunca foi impresso, apresenta boas bases documentais, e desmistifica muitas das falsas informações de que os séculos passados fizeram rodear Pedro Sanches¹³⁸. Foi Cândido Pereira quem descobriu e descreveu¹³⁹ o Ms. F. G. 6368 da B. N. L., o qual contém parte substancial da produção literária de Pedro Sanches. De igual modo foi responsável pela aquisição, por parte da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, de algumas fotocópias de obras de Jerónimo Cardoso, cópias procedentes das edições quinhentistas da Biblioteca Nacional de Madrid¹⁴⁰. Assim se facilitou o acesso dos actuais investigadores a esses acervos de

¹³⁴ Este artigo chama a atenção para as incongruências de Barbosa Machado e fixa o nascimento de Pedro Sanches uma geração antes, (o que resolve o problema da cronologia). Aí se faz menção dos textos de Pedro Sanches conservados no Ms. F. G. 6368 e se assinalam as cartas publicadas no *Epistolarum Familiarium Libellus* de Cardoso, o “Carmen de Poetis Lusitanis”, dado pela primeira vez à estampa, em 1745, pelo Oratoriano P.º António dos Reis, e a sátira “De Superstitionibus Abrantinatorum”, estudada e publicada pelo mesmo Costa Ramalho. O artigo inclui um juízo sobre a qualidade da produção poética de Pedro Sanches, que é excepcional.

¹³⁵ Costa Ramalho refere, por lapso, a existência de apenas três cartas de Pedro Sanches impressas no *Epistolarum Familiarium Libellus* de Cardoso. Costa Ramalho não viu a carta n.º 32 (impressa no fl. D viii-r.º), porque a cópia coimbrã do *Libellus*, (e não, como adiante se verá, o exemplar de Madrid, de que procede), está incompleta, faltando-lhe a fotocópia que reproduz os fólios D vii-v.º e D viii-r.º.

¹³⁶ In Francisco de Holanda, *Da Pintura Antiga*, Porto, 1918.

¹³⁷ Cândido Aparício Pereira, *Subsídios para a História do Humanismo em Portugal- Pedro e Rodrigo Sanches*.

¹³⁸ Como a célebre *Academia de Évora* que, nascida de uma incerteza do Oratoriano P.º António dos Reis, haveria de crescer, como bola de neve, e tornar-se um quase *dogma de fé*, custando a Cândido Aparício Pereira um capítulo inteiro, com vista à reposição da verdade, ficando assim provado que Pedro Sanches «abriu em sua casa uma *academia*, isto é, uma tertúlia de amigos», como sintetizou Américo da Costa Ramalho, «André de Resende, *On Court Life*» (Recensão) in *Para a História do Humanismo em Portugal-II*, p. 221.

¹³⁹ Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, pp. 28-38.

¹⁴⁰ Cândido Aparício Pereira foi, involuntariamente, responsável por um lapso a que já nos referimos e que voltaremos a encontrar.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

informação, antes dificilmente consultáveis em Évora e Lisboa ou de todo inexistentes em território nacional.

1.4.- Mário Helder José Gomes Luís

Recentemente Mário Helder José Gomes Luís consagrou um estudo de menor fôlego ao relacionamento entre Jerónimo Cardoso, Pedro e Rodrigo Sanches. Tal trabalho, intitulado *Jerónimo Cardoso e os Irmãos Pedro e Rodrigo Sanches*¹⁴¹, inclui a tradução de alguns textos trocados entre os dois primeiros autores como sejam, em prosa, quatro cartas de Pedro Sanches a Jerónimo Cardoso e uma de Cardoso a Pedro Sanches, (todas elas publicadas no *Epistolarum Familiarium Libellus*), em verso, cinco epigramas de Pedro Sanches, dois dirigidos a Cardoso e três a um detractor deste, apelidado de Zoilo, (os quais vieram primeiramente a lume no *Libellus de Terrae Motu*). Gomes Luís não se ocupou da tradução de nenhum poema do *Elegiarum Liber*.

1.5.- Outros estudos

Recorremos ainda a um estudo de Costa Ramalho, intitulado «O poema *De superstitionibus Abrantinorum* de Pedro Sanches»¹⁴², em que avulta um julgamento crítico sobre o humanismo cristão de matiz erasmista que impregnava a personalidade de Pedro Sanches. Diz o investigador que, nesse poema, «as críticas, claras ou implícitas, lembram Erasmo» e conclui que «bem andou [...] Pedro Sanches, “uir humanissimus”, em deixar manuscrita a sátira “De Superstitionibus Abrantinorum”, numa altura em que grande parte dos livros de Erasmo [...] estavam proibidos em Portugal, como aliás, em outros países católicos».

Quando este investigador adquiriu uma cópia microfilmada do exemplar do *Epistolarum Familiarium Libellus*, existente em Madrid, utilizou, na sua dissertação, a fotocópia que reproduzia os fôlios D vii-v.º e D viii-r.º. Utilizou, concretamente, a metade da cópia que correspondia ao fl. D viii-r.º, com o início da carta n.º 32, que colou numa das páginas finais do seu trabalho, onde ainda hoje se encontra, precedida da seguinte legenda: «A carta de Pedro Sanches a Jerónimo Cardoso devido à errada tradução da qual o Padre António dos Reis “criou” em Évora, uma academia de erudição clássica». A outra metade, que reproduzia o fl. D vii-v.º, levou sumiço.

A cópia do *Libellus* foi posteriormente vendida, já incompleta, à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Desse exemplar de Coimbra partem muitas das fotocópias que posteriormente se fizeram.

Mário Helder José Gomes Luís, *Jerónimo Cardoso e os irmãos Pedro e Rodrigo Sanches (Contributo para a História do Humanismo em Portugal)*, p. 35, comenta que: «são quatro as cartas de Pedro Sanches e não apenas três, como considera a maior parte dos estudiosos. Tal engano ficará a dever-se, certamente, ao conhecimento apenas do exemplar do *Libellus* de Cardoso existente em Madrid, que [...] se encontra incompleto».

Mais uma vez repetimos que o exemplar de Madrid, (pelo menos nesse ponto), está completo, incompleta é a cópia de Coimbra, à qual facilmente se poderia acrescentar a reprodução do fl. D viii-r.º que existe na própria cidade, colado numa das folhas finais do trabalho de Cândido Aparício Pereira.

¹⁴¹ Mário Helder José Gomes Luís, *op. cit.*

¹⁴² Américo da Costa Ramalho, «O poema *De superstitionibus Abrantinorum* de Pedro Sanches» in *Estudos sobre o Século XVI*, pp. 237-250.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

2.- Dados biográficos de Pedro Sanches

2.1.- As origens de Pedro Sanches

O perfil biográfico de Pedro Sanches foi já traçado por Cândido Aparício Pereira, com sólidas bases documentais, partindo de alguns documentos de chancelaria conservados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, de informações fornecidas pelo próprio Pedro Sanches, de um testemunho do pintor quinhentista Francisco de Holanda e de Jorge Cardoso, contemporâneo e conhecido de descendentes do Humanista. Limitar-nos-emos a verter resumidamente as suas informações, dado que os textos do *Elegiarum Liber*, de que nos ocupamos, não permitem aduzir novas informações biográficas.

Sabemos assim que Pedro Sanches era castelhano de nação, nascido em Alcantara (Cáceres)¹⁴³. Foram seus pais Salvador Diaz Blasquez, cavaleiro biscainho, natural da cidade de Victória e Isabel Sanchez, filha de Fernão Sanchez, um membro da rica aristocracia da Estremadura. Pedro Sanches, por palavras de Aparício Pereira:

«apesar de ter por pátria a castelhana Alcântara (em cujas proximidades está Brozas, solar dos Sanchez) era bom português pela sua virtude (isto é, pela sua *lusitaniedade*, pelo coração, demonstrados no cabal desempenho de lugares de relevo na corte portuguesa) e pelas letras, ou seja pelo contributo poderoso dado ao nosso humanismo, pois que [...] só dos portugueses escreveu»¹⁴⁴.

2.2.- A sua vinda para Portugal e a carreira na corte

Pedro Sanches veio para o reino trazido por seu irmão, Rodrigo Sanches, o qual viera no séquito de D. Catarina, esposa *por palavras de presente* de D. João III, em 1524. Em Portugal, por uma cláusula do contracto de casamento, lavrado na cidade de Burgos a 19 de Julho de 1524, Pedro Sanches adquiriu nacionalidade portuguesa, justificando-se deste modo os versos em que o Humanista fala como português que, efectivamente, passava a ser. Em Portugal, Pedro Sanches desempenhou cargos

¹⁴³ Barbosa Machado, vítima de um lapso difundido pelo Oratoriano P.º António dos Reis, equivocadamente diz ter Pedro Sanches nascido em Lisboa e justifica tal afirmação com algumas palavras do próprio Pedro Sanches. Apresenta-o, ainda, como filho de um *Luiz Sanchez*, castelhano, vindo no séquito de D. Catarina, futura rainha de Portuga.

¹⁴⁴ Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, p. 12.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

sucesivamente mais importantes na corte¹⁴⁵, ao longo dos reinados de D. João III, D. Sebastião e D. Henrique.

Rodrigo Sanches, irmão de Pedro Sanches, foi capelão da rainha D. Catarina. Ensinou latim na corte, pelo menos desde 1529, e foi professor de duas infantas portuguesas, ambas de nome Maria, uma irmã e uma filha de D. João III. Foi, finalmente, por mercê da rainha D. Catarina, prior de Santa Maria de Óbidos, «onde, sem ambições, como sacerdote exemplar, passou os últimos anos da sua vida»¹⁴⁶.

Pedro Sanches foi casado com D. Maria de Rosales, fidalga, de quem se sabe ter tido três filhos, Rodrigo, Atanásio e Luís Sanches, e uma filha, Maria Rosales Sanches. Veio a falecer, em Lisboa, durante o ano de 1580.

Em função de documentos encontrados por Aparício Pereira foi-lhe possível concluir que Pedro Sanches «faleceu no ano de 1580, morte que deve ter ocorrido entre 24 de Junho e 23 de Agosto»¹⁴⁷. A morte deste humanista aparece corroborada por um alvará de Filipe I de Portugal, datado de 25 de Janeiro de 1581, que o dá como estando já morto.

Barbosa Machado, que desconhece a data do falecimento do Humanista, não ignora os pormenores curiosos de Pedro Sanches ter morrido no mesmo dia que a sua esposa e de ambos terem sido sepultados em Lisboa, no Convento da Trindade.

2.3.- A sua obra literária em prosa e em verso

Falando de Pedro Sanches, Costa Ramalho diz que «os versos que compõem creditam-no como um dos melhores poetas latinos do seu tempo»¹⁴⁸. Efectivamente sabemos hoje que os graves officios exercidos por Pedro Sanches não o impediram de se dedicar às Belas Letras, as quais considerava um lenitivo dos trabalhos burocráticos no meio dos quais sempre viveu. Era, com efeito, particularmente devotado ao culto da poesia, quer como judicioso leitor quer como mecenas quer como poeta de profunda

¹⁴⁵ Onde foi, (segundo Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, pp. 14-17), «moço da câmara e da capela de D. Catarina, escrivão da câmara e tesoureiro da Infanta D. Maria, de D. João III, D. Sebastião e D. Henrique, escudeiro fidalgo e cavaleiro da Casa Real, secretário do Príncipe D. João, [de que tinha sido mestre], escrivão da receita e despesa e tesoureiro-mor de D. João III, escrivão do despacho da mesa dos desembargadores, alcaide-mor, feitor e recebedor da alfândega da fortaleza e feitoria de Baçaim. Foi também “nomeado por elRei D. Sebastião, & Mesa da Consciencia. no contrato que se celebrou entre elle, & a Religião, cerca da Redempção dos cativos ann. 1561”».

¹⁴⁶ Américo da Costa Ramalho, «SANCHES (Rodrigo)» in *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 20, p. 1122.

¹⁴⁷ Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, pp. 20-21.

¹⁴⁸ Américo da Costa Ramalho, «SANCHES (Pedro)» in *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 16, pp. 1224-1225.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

sensibilidade e erudição, sendo justificado o epíteto que granjeou de *Ovidio* do seu século.

Pedro Sanches nunca publicou escritos seus: as suas ocupações eram demasiado graves para se entregar publicamente a ócios literários e o seu discernimento, acaso excessivamente lúcido e desapaixonado, jamais poderia manifestar-se publicamente em versos do teor dos da sua sátira “De Superstitionibus Abrantinatorum”.

No entanto, ainda no seu tempo, algumas composições suas saíram à luz, impressas em obras de Jerónimo Cardoso¹⁴⁹. Deste facto dera já notícia de João Franco Barreto na sua *Bibliotheca Lusitana*: «Teve particular graça em os seus versos Latinos ê que compoz muytas obras que tem seu bisneto Gaspar de Faria Severim, [...] mas se chegaram a imprimir-se algumas em prosa e verso, que andam entre outras de Jer.º Cardoso»¹⁵⁰.

Temos ainda notícia, por um estudo de Costa Ramalho¹⁵¹, de uma composição poética que também chegou aos nossos dias impressa. Trata-se do epigrama intitulado “De spoliata Domo”, que foi impresso em Portugal, já no século XVII, sem indicação de nome de autor, entre os *testimonia* da *História da Índia no tempo em que a governou o visorei Dom Luís de Ataíde*, obra cujo autor, António Pinto Pereira, era muito provavelmente meio-irmão de Inácio de Moraes. Como anónimo ou atribuído a Inácio de Moraes andaria ainda, se Belmiro Fernandes Pereira não tivesse encontrado, numa biblioteca romana, um opúsculo¹⁵², onde o dito epigrama surge atribuído a Pedro Sanches.

A restante produção literária deste humanista ficou manuscrita num volume a que Barbosa Machado chama *Opera Poetica* e que, segundo já dizia João Franco Barreto, se conservava na posse de Gaspar de Faria Severim, sobrinho do Chantre da Catedral de Évora, descendente de Pedro Sanches.

Deste manuscrito, o P.º António dos Reis publicou, a abrir o primeiro volume do seu *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui Latine Scripserunt* (1745, pp. 11-34), o “Carmen de Poetis Lusitanis” que, segundo Cândido Aparício Pereira, tem, no Ms. F.

¹⁴⁹ É o caso da elegia n.º 41- “Petrus Sanctius ad Auctorem” do *Elegiarum Liber* (1563), cinco epigramas do *Libellus de Terrae Motu* (1550) e quatro cartas do *Epistolarum Familiarium Libellus* (1556).

¹⁵⁰ Apud Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, pp.25-26.

¹⁵¹ Américo da Costa Ramalho, «Notas Para a Biografia de Inácio de Moraes» in *op. cit.* 1994, pp. 148-149.

¹⁵² *Diuersorum Auctorum Carmina in laudem Illustrissimi Domini Ludouici Athaidii, Serenissimi Regis Portugalliae a Concillis, Pro foelici uictoria apud Indos reportata. Cum licentia Superiorum. Romae apud Iosephum de Angelis, MDLXXV.*

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

G. 6368, o título completo de “Petri Sanctii supremi senatus a secretis, Rege Sebastiano, Carmina de poetis Lusitanis ad Ignatium Moralem”.

Nesta composição, cuja abertura foi editada e traduzida por Costa Ramalho¹⁵³, Pedro Sanches, ao longo de 592 hexâmetros, enumera e elogia 59 dos mais ilustres poetas novilatinos que, no seu tempo, Portugal produziu, consagrando assim alguns versos a Jerónimo Cardoso. Nesse mesmo texto, segundo Barbosa Machado, Pedro Sanches menciona uma “Elegia in mortem Infantis Cardinalis Alphonsi” da sua autoria.

Foi Cândido Aparício Pereira que, seguindo o percurso histórico que tal manuscrito teria tomado, (passando sucessivamente pelas mãos de Gaspar de Faria Severim e de seu genro Diogo de Faro, senhor do Vimieiro), concluiu que teria chegado à biblioteca dos condes do Vimieiro, cujos restos se encontram, actualmente, na Biblioteca Nacional de Lisboa, onde veio efectivamente a descobrir o hoje célebre manuscrito, prestando assim um notável serviço à história do Humanismo em Portugal.

O dito volume, que o seu achador descreve detalhadamente¹⁵⁴, apresenta-se sob a designação de *Papeis Varios* e é efectivamente o que pertenceu a Gaspar de Faria Severim, conforme se constata pela legenda que traz no início: «Deumo o sor Chantre meu tio em Evora 2 de Dezembro de 620» e, mais adiante, «Gaspara Seuerim de Faria».

Este *corpus* de obras de Pedro Sanches, que chegou aos nossos dias, é-nos descrito por *HISLAMPA*¹⁵⁵ num breve índice que mostra algumas imprecisões¹⁵⁶ e que acrescenta um título aos já mencionados, título de que não encontramos menção em mais nenhuma das fontes consultadas¹⁵⁷.

2.4.- O seu relacionamento com Jerónimo Cardoso

¹⁵³ Os primeiros setenta versos in Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1985, pp. 220-225.

¹⁵⁴ Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, pp. 28-38.

¹⁵⁵ *HISLAMPA*, pp. 454-455.

¹⁵⁶ Refere, por lapso, e na sequência de um artigo de Costa Ramalho («SANCHES (Pedro)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 20, p. 1122), três cartas, (“Epistolae tres”), impressas no *Epistolarum Familiarium Libellus* de Cardoso, quando, na realidade, aí estão impressas quatro cartas. De resto, não discrimina os epigramas contidos no *Libellus de Terrae Motu*, nem os poemas conservados no Ms. F. G. 6368. Faz menção do poema n.º 42- “Petrus Sanctius ad Auctorem” do *Elegiarum Liber*, (que refere sob a designação de “elegiacum carmen”), e dos dois epigramas vindos a lume in Francisco de Holanda, *op. cit.*. Destaca, enfim, o título da sátira “De Superstitionibus Abrantinatorum”, não indicando o lugar em que se encontra. Este poema, o n.º 53 do índice de Aparício Pereira, está no Ms. F. G. 6368, (fls. 336-r.º/ 340-v.º) de onde foi impresso pela primeira vez por Américo da Costa Ramalho in *Memórias da Academia das Ciências- Classe de Letras*, pp. 71-86. Teve posteriormente duas reimpressões (em 1980 e 1983). Nada diz a respeito do epigrama “De spoliata Domo”.

¹⁵⁷ Trata-se do “De uictoria D. Duardi Menesii ducis clarissimi”, proveniente do Ms. 8920 f. 84 da B. N. L.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Como e quando se relacionaram Jerónimo Cardoso e Pedro Sanches? Barbosa Machado fazia de Pedro Sanches aluno do Lexicógrafo, hipótese que Aparício Pereira refuta veementemente¹⁵⁸, tomando por base as informações contidas na epistolografia trocada entre estes autores e concluindo, enfim, que Jerónimo Cardoso e Pedro Sanches «só se conheceram quando, como humanista, já Sanchez tinha um nome de tal modo ilustre, que à impossibilidade de ter sido aluno de Cardoso se junta a de o vir a ser». Este mesmo investigador fixa o ano de 1534 como data do início da relação de amizade entre os dois humanistas, que pertenciam à mesma geração.

Relativamente a este aspecto Costa Ramalho mostra-se mais prudente. Partindo da leitura da correspondência de Jerónimo Cardoso, deixa tal data indeterminada, algures entre os anos de 1536 e de 1550, datas, respectivamente, da recitação e da impressão da *Oratio pro Rostris* de Cardoso¹⁵⁹. Costa Ramalho parte de uma carta em que o Lexicógrafo pedia a Luís Pires, humanista de Évora e amigo quer de Jerónimo Cardoso quer dos Sanches, que servisse de intermediário entre eles, mostrando assim que, em 1536, ainda não tinham entabulado relações. Jerónimo Cardoso tinha em mente a revisão da sua *Oratio* por um indivíduo da craveira intelectual de Rodrigo Sanches.

Gomes Luís aceita a cronologia proposta por Costa Ramalho, situando, no entanto, o início da relação entre os dois humanistas logo após o célebre dia 1 de Outubro de 1536 em que Cardoso recitou a *Oratio pro Rostris*. Alega para tal um passo de uma missiva de Pedro Sanches a Jerónimo Cardoso, a carta n.º 32 do *Epistolarum Familiarium Libellus*.

Em face desta carta, por cujo conteúdo facilmente se depreende ter sido a primeira que Pedro Sanches escreveu a Jerónimo Cardoso, Gomes Luís conclui que: «a relação entre Cardoso e Pedro Sanches, se não se iniciou antes de 1536, ter-se-á iniciado ou ainda em 1536, aceitando a tese de Costa Ramalho, ou nos inícios do ano seguinte. Seja como for é anterior à transferência da Universidade para Coimbra»¹⁶⁰.

3.- Pedro Sanches na obra de Jerónimo Cardoso

¹⁵⁸ Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, pp. 42-50.

¹⁵⁹ Américo da Costa Ramalho, «Algumas Observações sobre o Latim de Gil Vicente» in *Estudos sobre a Época do Renascimento*, p. 171.

¹⁶⁰ Mário Helder José Gomes Luís, *op. cit.*, pp. 36-37. O passo da carta é o seguinte: «Verebar tamen meae tenuitatis conscius, te uirum ad unguem factum et qui in ista florenti Academia primas facile teneres, meis litteris languidis et incultis interpellare». Por palavras de Gomes Luís: «Pedro Sanches diz, portanto, que Jerónimo Cardoso “facilmente ocuparia o primeiro lugar nessa florescente Universidade”. O uso da forma pronominal *ista* parece-me revelador de que a Universidade se encontraria ainda em Lisboa».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Barbosa Machado¹⁶¹ faz eco de uma notícia, divulgada primeiramente pelo P.^o António dos Reis, segundo a qual Pedro Sanches, em face da extrema pobreza de que alguns dos poetas latinos de então padeciam, tomou em mãos a empresa de os socorrer «com largos donativos», mandando assim imprimir algumas obras de Inácio de Moraes e ainda as cartas latinas de seu amigo Jerónimo Cardoso. Esta mesma notícia tem sido repetida pelos investigadores que se debruçaram sobre a acção mecénica de Pedro Sanches.¹⁶²

Acrescente-se, a esta ajuda monetária do rico e poderoso Humanista, o grande interesse que demonstrou na divulgação e promoção da obra deste seu amigo, facto atestado por vários pontos da obra de Jerónimo Cardoso.

3.1.- Os epigramas publicados no *Libellus de Terrae Motu*

Assim, cumpre destacar a viva defesa do Lexicógrafo, que Pedro Sanches levou a cabo, contra os detractores do poema sobre o terrível sismo de 1531. A única edição que este poema conheceu foi tardia, posterior ao sismo quase duas décadas. Saiu, com efeito, no *Libellus de Terrae Motu*, impresso em 1550.

À maneira de *testimonia*, seguem-se ao texto cinco epigramas, nos quais, como escreveu Gomes Luís, «as críticas, virulentas, que [Sanches] dirige a esse tal Zoilo, acompanham sempre o elogio à figura e à obra de Cardoso»¹⁶³. Deles, dois são dirigidos a Jerónimo Cardoso. O primeiro gaba as suas qualidades como autor de poemas dignos de durarem para sempre, poemas que «perpetuo uiuent terris dubiumque uidetur/ an sint cum terris interitura simul»¹⁶⁴, ao mesmo tempo que aconselha o Lexicógrafo a desprezar «turbamque rudem populumque profanum». O segundo, um pequeno dístico, encerra um jocoso pensamento sobre um «indoctus» que faria melhor em morder as próprias unhas do que em tentar ferrar o dente nos intocáveis versos cardosianos.

Os restantes três epigramas, dirigidos “In Zoilum Detractorem”, encerram violentos ataques contra um «inuidulus» que tenta tornar-se conhecido à custa dos versos do douto poeta. O primeiro epigrama termina desejando «obscoenis inguinibus»

¹⁶¹ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo III, p. 615.

¹⁶² Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, desenvolve documentadamente este tema ao longo das pp. 71-81; «SANCHES, (Pedro)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 26, p. 912: «mandou imprimir à sua custa várias obras de Inácio de Moraes»; Américo da Costa Ramalho, «SANCHES (Pedro)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 16, p. 1224: «embora tenha ajudado pecuniariamente a impressão das obras de outros poetas novilatinos, como Jerónimo Cardoso, [...], e Inácio de Moraes, não publicou os versos próprios».

¹⁶³ Mário Helder José Gomes Luís, *op. cit.*, p. 37.

¹⁶⁴ Mário Helder José Gomes Luís, *op. cit.*, p. 58: «eles viverão para sempre na terra e parece duvidoso que eles venham a morrer juntamente com a terra».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

para a língua de tão pérfida criatura. O segundo, um dístico, réplica poética do dístico anteriormente mencionado, aconselha o invejoso detractor a roer as próprias unhas. O terceiro inicia-se na mesma linha do dístico anterior, apresentando o detractor como que tomado por uma verdadeira *Furia*, tentando a todo o custo lacerar os escritos de Cardoso para ser, assim, lido como poeta. Pedro Sanches, no entanto, interroga-se sobre quem seria ímpio a ponto de misturar corvos negros com cisnes alvos ou meigos rouxinóis, ou quem colocaria um porco tihoso a par das belas Musas. Na defesa do seu poeta, cujos versos, mais uma vez, são mostrados como inatacáveis, Pedro Sanches condena o *Zoilus* à pior pena possível, o perpétuo anonimato. O seu nome jamais será incluído entre os dos poetas. Acaso, um pensamento premonitório do “Carmen de Poetis Lusitanis”, que, volvidos muitos anos, havia de redigir?

Como refere Gomes Luís: «o elogio e a defesa de Cardoso feitos por Pedro Sanches levaram aquele a escrever elegias em que agradece as palavras que lhe são dedicadas»¹⁶⁵. Efectivamente, esses epigramas estão directamente relacionados com duas das elegias de que nos ocupamos e revestem-se, a todos os títulos, de grande interesse.

3.2.- Epistolografia latina publicada no *Epistolarium Familiarium Libellus*

No *Epistolarium Familiarium Libellus* de Jerónimo Cardoso existem algumas cartas trocadas entre ambos, uma da autoria de Cardoso, as restantes quatro saídas das mãos de Pedro Sanches. Do seu estudo e tradução se ocupou Gomes Luís¹⁶⁶.

3.3.- Correspondência poética no *Elegiarum Liber*

Ocupemo-nos agora das composições¹⁶⁷ trocadas entre Pedro Sanches e Jerónimo Cardoso que vieram a público no *Elegiarum Liber*, em 1563. Em duas delas, como já se disse, sente-se um eco da gratidão de Cardoso pelos cinco epigramas em que Pedro Sanches defende o Lexicógrafo contra os seus detractores.

3.3.1.- A composição n.º 6- “Ad Petrum Sanctium”

A primeira de todas, a elegia n.º 6- “Ad Petrum Sanctium”, em dezanove dísticos, mostra-nos Jerónimo Cardoso satisfeito por ter recebido alguns versos de Sanches, que leu e releu cheio de prazer, versos de um humor comedido e cheios de encanto: «cum

¹⁶⁵ Mário Helder José Gomes Luís, *op. cit.*, p. 37.

¹⁶⁶ Assim, de Jerónimo Cardoso a Pedro Sanches temos a carta n.º 39, (fl. E vi-v.º). De Pedro Sanches a Jerónimo Cardoso, as cartas n.º 32, (fl. D vii-r.º), n.º 42, (fl. F ii-r.º), n.º 46, (fl. F vi-r.º), e n.º 48, (fl. F viii-r.º).

Desta carta n.º 48 já Justino Mendes de Almeida publicara uma tradução integral, na sua «Introdução», *op. cit.*, 1965, p. 34. Também dela se ocupou Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1985, pp. 226-227, publicando texto latino e tradução.

¹⁶⁷ As composições têm a seguinte numeração: n.º 6, n.º 7 e n.º 14, (de Cardoso a Sanches), e, de Sanches a Cardoso, a maior elegia deste trabalho, extensa de 80 versos, com o n.º 41.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

delitias ueneresque referrent». Jerónimo Cardoso questiona-se seguidamente sobre qual o motivo que levou Pedro Sanches a empenhar-se na defesa da sua pessoa contra os detractores dos seus versos, aqui chamados «Archilochos», servindo-se de um «tristi [...] carmine», um «poema terrível». Questiona-se ainda sobre que digno agradecimento lhe poderá retribuir e louva-lhe a acção de defesa. Pedro Sanches é um «clipeus famae», é uma «munitissima arx decoris». Jerónimo Cardoso conclui dizendo que, se os seus versos agradaram ao culto Pedro Sanches, nada lhe importa o veneno das invejzinhas mundanas e encerra a elegia confessando-se feliz por ter merecido os favores, «suffragia» de Sanches, homem cujas palavras gozam de fama tal que, só com a voz, pode pôr em fuga qualquer adversário.

Em função dos dados fornecidos por esta composição, não será arrojado tentar identificar o «tristi carmine», a que Cardoso alude, com o primeiro epigrama de Pedro Sanches a que acima fizemos referência, que começa «O cui Phoebeas licuit decerpere laurus,...». Só ele, de entre os que nós conhecemos, é de molde a deixar Jerónimo Cardoso «ebrius», ao referir, nos primeiros versos o que *lato sensu* podemos considerar as «delitias ueneresque», a que Jerónimo Cardoso alude.

Este poema, em que Sanches assume a defesa do amigo como se se defendesse a si próprio, assume, nos versos finais, um tom terrível para com o invejoso visado, ao desejar que os versos cardosianos permaneçam para sempre. O pentâmetro final, que aconselha o detractor a roer as próprias unhas, poderá facilmente corresponder aos «uarios multa cum grauitate sales» de que fala Jerónimo Cardoso.

3.3.2.- A composição n.º 7- “Ad Eundem [Petrum Sanctium] Phalaeticum”

A composição n.º 7- “Ad Eundem [Petrum Sanctium] Phalaeticum” em versos hendecassílabas alexandrinos, insere-se na mesma linha de pensamento do poema anterior. Nele, porém, Pedro Sanches é cantado sobretudo como poeta, não tanto como defensor. É certo que o terceiro verso ainda lhe chama «praesidium unicum tuorum», palavras que não deixarão de conter uma alusão aos epigramas do *Libellus de Terrae Motu*, mas logo o pensamento diverge sendo Pedro Sanches qualificado como «summum decus» e «poeta felix».

Será este o mote glosado nos versos seguintes em que Jerónimo Cardoso irá elogiar tudo o que pode caracterizar um poeta bem sucedido. O talento de Pedro Sanches, diz o poema, logra sucesso com vários tipos de poesia, quer lamentando-se por

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

meio de versos elegíacos quer entoando cantos de tom épico quer fazendo vibrar as cordas da lira de Lesbos quer, enfim, ao manejar os iâmbos próprios do sarcasmo.

A referência à «*oratio soluta*», própria do ritmo iâmbico, ritmo esse em que Pedro Sanches, segundo diz o texto, triunfa diante de todos e acima todos brilha, mais uma vez nos remete para a sua viva defesa do Lexicógrafo.

A composição termina afirmando ainda, uma última vez, a qualidade da veia poética de Pedro Sanches. Os seus versos sempre não-de ser perfeitos, por tal forma que ou jamais saem à luz ou, quando correm, são já obra acabada, soberbos, mas de tal forma acessíveis que qualquer pessoa os poderá compreender.

3.3.3.- A composição n.º 14- “Ad Petrum Sanctium”

A elegia n.º 14- “Ad Petrum Sanctium”, em que a tristeza do assunto se alia, de forma admirável, à elegância de expressão, diverge tematicamente das duas composições que vimos anteriormente, cujo motivo de fundo é o encómio de Pedro Sanches como defensor, como poeta e como amigo. Esta composição resume em si um único pensamento: a ausência de contacto entre os dois autores e a incredulidade de Jerónimo Cardoso perante a eventual indiferença de Pedro Sanches.

De cronologia difícil de situar, senão impossível, esta elegia inicia-se com o advérbio interrogativo *cur*, repetido anaforicamente nos primeiros quatro versos. A série de interrogações, que, desenvolvendo-se de forma gradativa, se estende ainda ao terceiro dístico, lamenta e questiona a ausência de comunicação entre os dois humanistas e serve ainda para realçar a qualidade dos versos de Pedro Sanches. Qualidade de versos, dizemos nós, porque a menção de «Musa», o vocativo «*clare poeta*», a alusão à fonte Castália, às trípedes de Delfos, à lira e ao plectro, aos poemas impregnados com o «*ambrosiae succo*» não admitem qualquer possível alusão à epistolografia em prosa.

De seguida contrapõem-se duas diferentes situações. Por um lado o tempo passado, determinado pelo advérbio *prius*, em que era costume Jerónimo Cardoso receber correspondência poética de Pedro Sanches. Por outro lado o tempo presente, designado pelo momento em que tal correspondência cessou: «*ut primum his carui*».

A menção do tempo passado assume-se como pretexto para eloquentemente evidenciar o valor da poesia, em alguns versos implicitamente evocadores do mito de Orfeu. A poesia alegra o coração humano e amansa as feras selvagens, dissipa as amarguras da vida e expulsa o tédio da alma.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

O silêncio presente, pelo contrário, é causa de tristeza, de dor, de uma terrível incerteza, «quid rear ignoro», em que todas as dúvidas ganham forma. Talvez Pedro Sanches, outrora tão solícito, evite agora este seu desventurado amigo, talvez as muitas obrigações não lhe concedam um instante de sossego que lhe permita escrever talvez não tivesse encontrado ninguém que lhe servisse de correio.

O tom sombrio desta composição adensa-se terrivelmente, como uma nuvem de angústia em que o medo do esquecimento, aquela terrível ameaça que Pedro Sanches fazia pesar sobre o incerto *Zoilus*, se corporiza na evocação das criaturas mais tenebrosas que o espírito humano pôde conceber. Do desespero, porém, surge a esperança, o voto de que, a despeito de todas as vicissitudes, a antiga amizade que os unia permaneça imutável.

A esperança torna-se uma certeza quando o carácter de Pedro Sanches, «mores ingeniumque», é evocado. Pedro Sanches não poderá esquecer-se deste seu amigo. É que seria mais fácil aceitar que todo um bestiário de criaturas fabulosas e incríveis alguma vez tivesse respirado, antes ter como certas as mais inverosímeis narrativas, (enumeradas numa cerrada série de ἀδύνατα), antes isso do que admitir qualquer remota hipótese de que Sanches se tivesse esquecido deste seu amigo.

Os versos do Lexicógrafo são docemente proféticos. Sabemos hoje que Pedro Sanches nunca o esqueceu.

3.3.4.- A composição n.º 41- “Petrus Sanctius ad Auctorem”

A elegia n.º 41- “Petrus Sanctius ad Auctorem” é uma composição notável, de uma fluência e elegância dignas do epíteto de *Ovidio* que Pedro Sanches granjeou. Esta elegia ultrapassa, pela sua qualidade, a simples poesia de ocasião, é mais do que simples correspondência poética, é uma consagração do talento poético de Jerónimo Cardoso e, sobretudo, da amizade que unia os dois humanistas.

Toda a composição tem por pano de fundo a natureza, um esmerado *locus amoemus* de tons virgilianos, em que se nos deparam campos floridos e bosques verdejantes, árvores frondosas e sombras frescas, e fontes de águas cristalinas correndo em regato por entre salgueiros e a imagem inolvidável de um por-do-sol nas águas do Tejo.

A elegia inicia-se evidenciando um contraste entre a cidade e o campo, o qual leva uma clara vantagem. A azáfama da vivência citadina é doentia, o povo inconstante, e o homem culto uma vítima de constantes intrigas, movidas pela inveja dos que o

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

rodeiam¹⁶⁸. O campo surge como lugar de repouso, de *otium* no seu sentido antigo. A despeito do desconforto causado pelo ardente sol do meio-dia, a natureza, amiga, oferece sombras e uma fonte de águas límpidas, capaz de rivalizar, pela frescura das suas torrentes, com as mais famosas da Antiguidade Clássica.

Iniciando a sua *peregrinatio* sob o sol ardente de uma tarde estival, levado por esse mesmo sol a procurar a frescura de uma sombra, o narrador desvia-se do seu caminho e, acalmada a sua sede, é induzido, por tudo o que o rodeia, a meditar sobre o amor.

Presente, paradoxalmente, pela sua ausência, surge-nos a evocação da mulher amada de Pedro Sanches, certamente D. Maria de Rosales, aqui sob o nome poético de Lília. A nostalgia, a saudade, a frustração de um encontro não logrado mais se faz sentir ao serem evocados amores célebres que arrebataram antigas divindades pagãs. O sono sobrevém, enfim, transportando no seu seio o esquecimento.

O despertar subsequente traz a nota mais bela de toda a composição. Quando, o carro do Sol, conduzido por Febo, se aproxima do seu destino final, fazendo alongar as sombras dos montes, numa clara reminiscência de um por-do-sol virgiliano¹⁶⁹, o narrador prepara-se para retomar o seu caminho.

Eis senão quando, vinda do cimo de um monte, lugar de eleição das divindades para sua residência, surge uma belíssima figura de mulher, esplendorosa nos seus atavios e no seu gesto. Só após alguns momentos de hesitação, em que o narrador se mostra perplexo ante a complicada simbologia desta figura, na qual se fundem de forma harmoniosa traços e atributos de algumas divindades antigas, ele vem a reconhecer a Camena de Jerónimo Cardoso, que o mesmo é dizer, a sua Musa.

¹⁶⁸ Mais uma alusão aos detractores de Jerónimo Cardoso. Pedro Sanches detestava a rudeza e brutalidade próprias da plebe inculta, como ele mesmo deixa patente na sua sátira “De superstitionibus Abrantinorum”, ao referir-se aos habitantes das freguesias de São João Baptista e de S. Vicente de Abrantes como «stultissima turba» e «impia gens». Veja-se Américo da Costa Ramalho, «O poema *De superstitionibus Abrantinorum* de Pedro Sanches», *op. cit.*, 1983, pp. 237-250.

¹⁶⁹ Em Sanches lemos: «Longior et summis montibus umbra cadit», em Virgílio: «Maioresque cadunt altis de montibus umbrae», (*Buc.* I, 83), e a simples sugestão do alongar das sombras: «Et sol crescentes decedens duplicat umbras», (*Buc.* II, 67). A mesmíssima imagem é usada por Pedro Sanches, no “Carmen de Poetis Lusitanis”, ao ocupar-se do polígrafo André de resende: «Tu quoque dum summis descendent montibus umbrae».

Note-se que, em Virgílio, os versos surgem ambos no final das composições, ao passo que em Pedro Sanches surge exactamente no meio da composição, sendo, assim, o ponto de transição entre os dois tópicos sobre os quais se elabora todo o poema, o afastamento da cidade com a ida para o campo e o encontro com a Camena de Cardoso.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Segue-se, entre as duas personagens, uma troca de palavras, animada e amistosa, de uma ternura incontida, em que se afirma a excelência do Lexicógrafo, e a composição encerra com votos finais de saúde e longevidade para Jerónimo Cardoso.

Podemos talvez tomar à letra os versos em que Pedro Sanches pergunta à Musa de Jerónimo Cardoso se ele está bem de saúde e, sobretudo, o dístico final da composição, em que Sanches formula o desejo de que Cardoso os longos anos de vida do idoso Nestor. Talvez já a debilidade física do Lexicógrafo fizesse preocupar os seus amigos¹⁷⁰, sendo possível constatar que aquele precedeu muitos destes na morte.

Esta composição, que a despeito da sua extensão não deixa nunca cair a atenção do leitor, é a mais bela de quantas traduzimos e mostra bem, com seu agradável e surpreendente final, a vitalidade de uma literatura que não deixa de ter rasgos de originalidade, mesmo quando trilha uma senda tão antiga quanto gasta, como seja, no seu sentido mais lato, a do bucolismo.

3.4.- Correspondência poética no *Silvarum Liber Vnus*

Cumprido, finalmente, fazer menção de uma última composição, dirigida por Jerónimo Cardoso a Pedro Sanches, que havia de ser impressa ainda depois dos poemas do *Elegiarum Liber*. Trata-se de uma *silua*, em 38 hexâmetros dactílicos, publicada pelo Lexicógrafo no *Silvarum Liber Vnus*, (pp. 10-11), em 1564.

¹⁷⁰ Lembremos o epigrama, transmitido pelo Ms. F. G. 6368 (fl.328), que Diogo de Teive dirigiu a Pedro Sanches, no qual se celebra a morte de Cardoso como fim do seu sofrimento terreno. Nessa composição faz-se aberta referência à sua decadência física: «paene sepultus eras uiuus». A sua saúde havia de agravar-se, com o correr do tempo, culminando na sua morte em 1569.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo VIII- Inácio de Moraes, amigo de Jerónimo Cardoso

1.- Fontes do capítulo

Neste capítulo ocupar-nos-emos das composições, presentes no *Elegiarum Liber* de Jerónimo Cardoso, trocadas entre este e o seu amigo Inácio de Moraes, composições que constituem o maior conjunto de poemas, patente nesta obra, dirigidos a um só destinatário.

1.1.- Barbosa Machado

Para tal estudo, tendo em vista um esclarecimento possível das circunstâncias que rodearam a génese destes textos, tentaremos, antes de mais, delinear um perfil biográfico do destinatário, Inácio de Moraes, professor de Humanidades como Jerónimo Cardoso.

Com o fim de elaborar tal perfil recorreremos, primeiramente, aos trabalhos de Barbosa Machado¹⁷¹ cujas informações, parcialmente bebidas em João Franco Barreto, se encontram resumidas no artigo que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*¹⁷² consagrou a este humanista.

1.2.- A. da Rocha Brito e Mário Brandão

Dos estudos acerca deste humanista, registados por Isaltina das Dores Figueiredo Martins¹⁷³, tivemos acesso a dois, um da autoria de Rocha Brito, o outro de Mário Brandão. Ambos os investigadores se ocuparam do poema intitulado *Conimbricæ Encomium* de Inácio de Moraes. O primeiro autor, Rocha Brito, levou a cabo uma tradução desta obra, que fez preceder de uma brevíssima introdução¹⁷⁴.

Mário Brandão, por seu turno, reviu e editou o poema, complementando-o com um estudo introdutório mais amplo, uma biografia possível de Inácio de Moraes, à maneira de prefácio¹⁷⁵.

1.3.- Américo da Costa Ramalho

Igualmente nos socorremos da *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* que consagra dois artigos, da autoria de Américo da Costa Ramalho, a este poeta neolatino e humanista de Quinhentos¹⁷⁶.

¹⁷¹ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II., pp. 544-546.

¹⁷² «MORAIS, (Inácio de)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 17, p. 808.

¹⁷³ Isaltina das Dores Figueiredo Martins, *op. cit.*, p. 198.

¹⁷⁴ Inácio de Moraes, *Conimbricæ encomium ab Ignatio Morali editum*.

¹⁷⁵ Mário Brandão, *Inácio de Moraes- Conimbricæ encomium*.

¹⁷⁶ Américo da Costa Ramalho, «MORAIS (Inácio de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 20, pp. 575-576, e Vol. 22, p. 566.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Assim também nos debruçámos sobre um outro trabalho de maior extensão, da autoria deste mesmo investigador, trabalho cujas informações reputamos de marcado interesse, e que constituem, juntamente com as do estudo citado de Mário Brandão, o principal suporte teórico deste nosso comentário. Trata-se de um estudo intitulado, precisamente, «Notas para a Biografia de Inácio de Moraes»¹⁷⁷.

Restará lembrar uma outra obra de Américo da Costa Ramalho¹⁷⁸, em que estão editados e traduzidos textos da autoria de Inácio de Moraes, (concretamente os primeiros versos do *Conimbricæ Encomium* e uma carta dirigida a Aquiles Estaço, «Viro Piissimo Atque Eruditissimo»).

1.4.- Bibliografias gerais

Como fontes de informação acerca da obra de Inácio de Moraes consultámos, além das fontes já apontadas, a *Bibliografia* de António Joaquim Anselmo¹⁷⁹ e o índice modernamente editado sob o título de *HISLAMPA*¹⁸⁰ que se demora a tratar da produção literária de Inácio de Moraes enumerando boa quantidade de títulos.

2.- Dados biográficos de Inácio de Moraes

2.1.- O seu nascimento e família

Inácio de Moraes nasceu na cidade de Bragança, segundo ele mesmo declarou em três registos da Faculdade de Direito, actualmente guardados no Arquivo da Universidade de Coimbra¹⁸¹. A sua data de nascimento, como sucede com muitos humanistas seus contemporâneos, permanece ignorada. Não devemos, porém, estar muito longe da verdade se a fixarmos algures na segunda década do séc. XVI.

Pertencia a uma família da nobreza que, contudo, não primava já por bens de fortuna material. Era, segundo Barbosa Machado, filho de Pedro Álvares de Moraes e meio irmão de Nuno Álvares Pereira, brigantino, membro do Conselho de Estado de Portugal em Madrid, junto de Filipe II de Espanha, que foi ainda senhor de Serra Leoa, do Paúl de Muje, das Jugadas de Santarém e comendador de Nossa Senhora do Marmeleiro da Ordem de Cristo.

¹⁷⁷ Trabalho publicado in Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1994, pp. 133-150. Ver ainda p. 161.

¹⁷⁸ Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1985, pp. 188-195.

¹⁷⁹ A. J. Anselmo, *op. cit.*

¹⁸⁰ *HISLAMPA*, pp. 333-334.

¹⁸¹ Segundo João Franco Barreto, *Bibliotheca Lusitana*, (Apud «Notas para a Biografia de Inácio de Moraes», *op. cit.*, 1994, Américo da Costa Ramalho, p. 133), Inácio de Moraes era natural de Mogadouro

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Conhece-se ainda um outro seu meio-irmão, de orientações políticas diametralmente opostas às de Nuno Álvares Pereira. Chamava-se António Pinto e foi secretário de D. António prior do Crato. Muito provavelmente poderá identificar-se com um António Pinto Pereira que deixou escrita uma *História da Índia no Tempo que a governou o Visorei D. Luís de Ataíde*, livro cuja redacção se situará entre os anos de 1572 e 1578 e que só tardiamente foi publicado, já em 1616 ou 1617, por Frei Miguel da Cruz, frade da Ordem de Cristo.¹⁸²

Veio Inácio de Moraes a contrair matrimónio, segundo Barbosa Machado¹⁸³ que repete uma informação divulgada por João Franco Barreto, com uma senhora chamada Ana Mendes, de quem teve por geração um filho e duas filhas. Muito provavelmente diz respeito a Inácio de Moraes, como já Costa Ramalho notou¹⁸⁴, uma anedota que corre impressa numa compilação anónima a que já fizemos referência¹⁸⁵. Por essa historieta se pode vislumbrar a triste condição económica deste humanista, condição essa que, inevitavelmente, irá aflorar em alguns pontos da sua obra e que não devia ser muito diferente da de Jerónimo Cardoso.

Inácio de Moraes, de resto, deve ter casado já um pouco tarde, quando leccionava na Universidade de Coimbra, como adiante veremos.

2.2.- Os seus estudos

Segundo Mário Brandão, Inácio de Moraes:

¹⁸² Américo da Costa Ramalho, «Notas para a Biografia de Inácio de Moraes», *op. cit.*, 1994, p. 134, escreve a este respeito: «Por mim, e no estado presente dos meus conhecimentos, acho possível que o Autor [da *História da Índia no Tempo que a governou o Visorei D. Luís de Ataíde*] tenha sido irmão de Inácio de Moraes, mas não sei se é o mesmo que foi secretário do Prior do Crato». Mais adiante, aduzindo argumentos abonatórios desta identificação, escreve, p. 136: «Quanto a ser António Pinto Pereira, o biógrafo de D. Luís de Ataíde, o irmão de Inácio de Moraes, há ainda a favor desta hipótese a circunstância seguinte: o livro de Pinto Pereira abre com um poema em latim, em honra do Vice-Rei, da autoria de André de Resende. Segue-se um epigrama em doze dísticos elegíacos, igualmente em louvor de D. Luís de Ataíde, composto por Inácio de Moraes, e mais cinco epigramas menores, sem indicação de autor, glosando tópicos do epigrama maior, que penso serem também de Inácio de Moraes».

Esta associação de André de Resende e Inácio de Moraes como autores dos *testimonia* que antecedem o livro de António Pinto Pereira vem confirmar a amizade entre os dois humanistas que terá durado até ao final da vida de Resende.»

¹⁸³ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 545.

¹⁸⁴ Américo da Costa Ramalho, «Notas para a Biografia de Inácio de Moraes», *op. cit.*, 1994, p. 139.

¹⁸⁵ *Ditos Portugueses Dignos de Memória*, p. 440.

A anedota é a seguinte: «[1254] Namorando um homem honrado em Coimbra, chamado Inácio de Moraes, uma moça pobre daí, afeiçoou-se-lhe tanto que a mandou pedir ao pai sem dote. E o pai concedendo-lho, indo ele para a receber bem acompanhado de amigos, vendo sair de uma câmara uma irmã mais velha de sua dama muito bem vestida, chegou-se à puridade ao pai e disse-lhe que lhe não pedira aquela. E a moça que vinha, que ganhava à irmã em discrição o que a outra tinha de vantagem em formosura, antes que o pai respondesse, disse ao Inácio de Moraes:

-Nem eu, Senhor, venho para isso. Eu venho-vos abraçar por cunhado, que por esposo não sou contente.»

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

«Iniciou os seus estudos numa época em que não havia ainda em Portugal ensino à altura dos ideais renascentistas, o que o levou, como a tantos outros jovens do seu tempo, a ir frequentar escolas estrangeiras. Em Paris viveu provavelmente no famoso Colégio de Santa Bárbara, que graças ao Dr. Diogo de Gouveia, seu principal, e à generosidade esclarecida de D. João III se transformara numa escola portuguesa»¹⁸⁶.

No estudo parisiense obteve, em 1530, o grau de mestre em Artes. Depois desta data, e antes do seu regresso a Portugal, sabemos que passou ainda algum tempo na Universidade de Lovaina.

Em Portugal dedicou-se ao ensino de Humanidades em diversos mosteiros da Ordem de S. Jerónimo. Em 1535 encontramos-lo no Convento de Belém, em 1536 vamos encontrá-lo no Mosteiro de Penhalonga, em S. Pedro de Penaferrim, perto de Sintra, em cujas instalações, muito favorecidas por D. Manuel, D. João III fundara um pequeno colégio destinado à educação de D. Duarte, filho bastardo deste monarca, destinado por seu pai à púrpura cardinalícia, mas que viria a falecer com apenas 22 anos. No ano seguinte, em 1537, continua a ensinar o mesmo D. Duarte, mas desta feita no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, perto de Guimarães.

2.3.- Carreira como professor de Humanidades

Em 1541, mais concretamente a 21 de Janeiro¹⁸⁷, D. João III proveu Inácio de Moraes como mestre da «segunda regra» de Latim, na Faculdade de Artes da Universidade de Coimbra, que então funcionava, provisoriamente, no Mosteiro de Santa Cruz.

No ano lectivo de 1542-1543 regressa a Santa Marinha da Costa, a fim de ensinar uma cadeira da «segunda escola» de gramática a D. António, outro bastardo da família real, filho do infante D. Luís e neto de D. Manuel. Este D. António, mais tarde prior do Crato, seria a derradeira e malograda esperança de independência do Reino.

Em 1543 viria a falecer D. Duarte, que continuara no pequeno estudo de Santa Marinha da Costa, para ele criado, o qual via assim desaparecer a principal razão da sua existência.

¹⁸⁶ Mário Brandão, *op. cit.*, p. 3.

¹⁸⁷ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 545.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Em 22 de Outubro de 1546¹⁸⁸, Inácio de Morais ocupou o lugar de professor de Humanidades na Universidade de Coimbra, tendo, segundo Barbosa Machado, que leccionar duas horas diárias, uma de manhã, outra pela tarde.

2.4.- Carreira Jurídica

Com a fundação do Colégio das Artes, inaugurado a 21 de Fevereiro de 1548, o ensino de Inácio de Morais na Universidade deve ter-se interrompido e, nesse mesmo ano, certamente na esperança de poder melhorar a sua precária condição económica, a que já nos referimos, começou a frequentar a Faculdade de Leis, em Coimbra, onde viria a alcançar o grau de bacharel a 26 de Julho de 1554.

Quando, logo em 1549 as querelas entre *parisienses e bordaleses* desencadearam o êxodo destes últimos do Colégio das Artes, Inácio de Morais recebeu um convite do sub-principal, João da Costa, a fim de leccionar no dito Colégio. Esse convite foi recusado a pretexto de outras ocupações que agora entretinham o Humanista.

Inácio de Morais pronunciou, a 8 de Novembro de 1550, a convite da Universidade, ante a família real que visitava Coimbra e a Universidade, uma oração latina, composta por si¹⁸⁹. E novamente discursou, em 1557, também por ordem da Universidade, tendo recitado o elogio fúnebre de D. João III¹⁹⁰, falecido a 11 de Junho de 1557.

Com a entrega, em 1555, do Colégio das Artes à Companhia de Jesus, Inácio de Morais ficou, por consequência, impossibilitado de reger cursos de latinidade nos gerais públicos de Coimbra e, por essa razão, vamos encontrá-lo novamente, em 1556, no Mosteiro de Santa Cruz, a leccionar diariamente aulas de «latinidade grave»¹⁹¹.

Em 1560 a sua situação económica deteriorou-se: como membro da Faculdade de Artes, Inácio de Morais continuara a receber as propinas que lhe podiam caber pelos exames e graus nessa faculdade em que, como decano, lhe competia a imposição das insígnias aos graduandos. Porém, os novos estatutos dados à Universidade em 1559 por D. Catarina, regente na menoridade de D. Sebastião, vinham atribuir essa função ao

¹⁸⁸ Américo da Costa Ramalho, «MORAIS (Inácio de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 20, pp. 575. Segundo Barbosa Machado, a provisão fora passada a 30 de Setembro.

¹⁸⁹ *Ignatii Moralis oratio panegyrica ad invictissimum Lusitaniae Regem diuum Ioannem tertium nomine totius Academiae Conimbricensis, atque in eiusdem scolis habita, ipsa etiam Regis coniuge augustissima diua Caterina Lusitaniae regina, & regni haerede principe filio diuo Ioanne serenissimo eiusdemque regis sorore diua Maria serenissima praesentibus*, (sem data nem lugar de impressão). Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 253.

¹⁹⁰ *Oratio funebris in interitum Serenissimi Regis Ioannis ad Patres Conscriptos Conimbricensis Academiae*, (esta obra, que leva no fim uma elegia e quatro epitáfios, foi impressa em Coimbra, na oficina de João Alvares, em 1557); Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 78.

¹⁹¹ Mário Brandão, *op. cit.*, p. 12.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

próprio professor dos magistrandos, pelo que o Humanista se viu privado dos honorários que auferia.

Veio a falecer no Mosteiro de Alcobaça, para onde se retirara a fim de preparar-se para a morte, segundo Barbosa Machado, a fim de usufruir de algum conforto que a estadia nessa instituição lhe poderia prestar, segundo Costa Ramalho. Aí morreu, em 1580, pouco tempo depois de Filipe II de Espanha ter ocupado o trono de Portugal.

2.5.- A sua obra literária em prosa e em verso

A obra que Inácio de Moraes legou à posteridade reflete a sua vivência de professor de membros da família real e de académico, mestre de Artes e bacharel em Direito.

A breve enumeração de títulos que vamos tentar não tem qualquer pretensão de ser exaustiva, visa apenas uma apreciação meramente exterior, e, tanto quanto possível, abrangente, da produção literária de Inácio de Moraes, à semelhança do que já antes fizemos com autores como Álvaro Vaz ou Pedro Sanches.

Assim, e em função das bibliografias de Inácio de Moraes que consultámos¹⁹², temos a acrescentar às duas orações, já acima referidas, os seguintes títulos, quase todos de obras em verso: *M. T. Ciceronis Proaemium Rhetoricae. Dicatum Nobilissimo Iuveni Petro Lupo Sousae*, (obra poética em versos elegíacos sem data nem lugar de impressão)¹⁹³; um *Epithalamium Serenissimorum Principum Ioannis & Ioannae* (sem data nem lugar de impressão)¹⁹⁴; *Panegyris D. Antonio Principis Ludovici filio* (impresso em Coimbra, por João da Barreira, em 1553)¹⁹⁵.

Inácio de Moraes escreveu também, à morte do príncipe D. João, filho de D. João III, vários poemas que saíram sob o título *Ignatius Moralis in interitum principis Ioannis*, (impresso em Coimbra, por João da Barreira, em 1553)¹⁹⁶, escreveu um elogio de Coimbra, em verso, conhecido pelo nome de *Conimbricae Encomium ab Ignatio*

¹⁹² Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 546; A. J. Anselmo, *op. cit.* e *HISLAMP*, pp. 333-334.

¹⁹³ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 32 do «suplemento».

¹⁹⁴ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 27 do «suplemento».

¹⁹⁵ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 124.

¹⁹⁶ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 133. Os títulos dos restantes poemas são bastante elucidativos sobre a natureza desta obra, dedicada a D. António prior do Crato: “Eiusdem Principis Epitaphia”; “Ad nascentem prolem serenissime Joannae”; “Deplorabat Ioanna Serenissima Maritvm”; “Ioannes Princeps recenti fato fvinctvs, et Maria eius soror, in Olympo colloquuntur” e “Principis Ioannis alius tumulus”.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Morali editum, (impresso em Coimbra, por João da Barreira, em 1554)¹⁹⁷; *In interitum Principis Ludovici elegia cum epitaphio*, (obra impressa em Coimbra, por João Álvares, em 1555)¹⁹⁸.

Temos, finalmente, um texto de carácter excepcional, intitulado *In Quosdam Dialecticos, & Grammaticos pro Iure peritis, Ignatij Moralis Lusitani carmen: & alia quaedam ejusdem poëmata*, (impresso, juntamente com outros oito poemas¹⁹⁹, em Coimbra, por João da Barreira, em 1562)²⁰⁰.

O poema que abre este último livro, e que lhe dá o nome, mostra-nos um professor de Humanidades, um poeta de mérito, amigo de humanistas e poetas como Pedro Sanches, André de Resende, Jerónimo Cardoso ou Aquiles Estaço, a tomar partido em favor dos seus mais recentes companheiros de estudo. Inácio de Moraes, contra a opinião dos humanistas, em geral, que se queixavam da crescente influência da Faculdade de Leis na vida portuguesa, coloca-se ao lado dos *causidici* que, pelo uso obsessivo do sistema legislativo, com maior propriedade se chamariam *causifici* e que contribuíam, com a sua influência, para o abandono do estudo das Belas Letras.

Escreve Costa Ramalho, a respeito deste poema, que: «tudo aquilo que no Universo constitui ordem pré-estabelecida ou é susceptível de ser reduzido a um plano racional com regras e princípios directivos, incluindo as leis científicas, pertence ao domínio do Direito. As bagatelas inúteis são deixadas aos literatos»²⁰¹.

Além destas obras que tiveram a fortuna de sair impressas nas edições que acabamos de discriminar, temos notícia de outras, ora manuscritas ora impressas em obras de outros autores. A bibliografia intitulada *HISLAMP*, acrescenta aos títulos enumerados por Barbosa Machado e Joaquim Anselmo, apenas três referências. Um poema, intitulado “*In interitum Antonii Cabedi celeberrimi poetae*”, que saiu publicado, em 1597, no *De Antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende, (pp. 568-570), uma carta de Inácio de Moraes, sob o título “*Epistola ad Achillem Statium*”, que se guarda em Roma, num manuscrito da Biblioteca Vallicelliana, e que foi publicada, seguida de

¹⁹⁷ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 127. A carta nuncupatória deste poema, dirigida a D. António prior do Crato, foi publicada e traduzida, bem como alguns versos do *Conimbricæ Encomium*, por Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1985, pp. 186-187 e pp. 188-191.

¹⁹⁸ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 68.

¹⁹⁹ Um índice destas composições, juntamente com a reedição parcial de um destes poemas, intitulado “*Conquesto de discessu Arii Pineli à Lusitania*”, pode ler-se, acompanhado da respectiva tradução, em Américo da Costa Ramalho, «Notas para a Biografia de Inácio de Moraes», *op. cit.*, 1994, pp. 142-143.

²⁰⁰ Refere-se-lhe A. J. Anselmo, *op. cit.*, com o título n.º 166.

²⁰¹ Américo da Costa Ramalho, «Notas para a Biografia de Inácio de Moraes», *op. cit.*, 1994, pp. 141-142.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

tradução, por Costa Ramalho²⁰², e ainda, com uma referência separada, os poemas que acompanham o livro *Ignatius Moralis in interitvm principis Ioannis*.

A estes títulos outros haverá certamente a acrescentar. No breve périplo destes nossos estudos podemos ainda aduzir os seguintes. Um poema publicado sob o título “Ad Illustrissimum Virum Dom. Ludouicum de Ataíde, quondam Imperatorem Indicum, Ignatius Moralis”²⁰³, um poema fúnebre, intitulado “In interitum D. Catharinae Lusitaniae Reginae Ignatii Moralis elegia”, que se conserva no Ms. F. G. 6368 da B. N. L.²⁰⁴. Temos ainda notícia de duas cartas²⁰⁵ e de dois epigramas compostos de improviso e transmitidos pelo diálogo resendiano *Conversio Miranda D. Aegidii Lusitani*, (Paris 1586), facilmente acessíveis em Barbosa Machado²⁰⁶.

A estas composições devemos, finalmente, acrescentar alguns textos publicados em obras de Jerónimo Cardoso, a saber, três cartas vindas a lume no *Epistolarum Familiarium Libellus* (1556) e um epigrama, que traduzimos, publicado no *Elegiarum Liber*, (1563).

3.- Inácio de Moraes na obra de Jerónimo Cardoso

Inácio de Moraes é um autor largamente representado nas edições de obras de Jerónimo Cardoso e podemos considerar que a sua relação com o Lexicógrafo está bastante bem documentada, merecendo, só por si, um estudo mais aprofundado que não cabe aqui desenvolver. Façamos, em todo o caso, um sumário dos textos que estes dois humanistas trocaram entre si e que tiveram a fortuna de se conservar até aos nossos dias.

3.1.- Epistolografia latina publicada no *Epistolarium Familiarium Libellus*

²⁰² Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1985, pp. 192-195.

²⁰³ Pela primeira vez impresso por Frei Miguel da Cruz, em 1616 ou 1617, como *testimonium* da obra intitulada *História da Índia no Tempo que a governou o Visorei D. Luís de Ataíde*. Pode ler-se, acompanhado de tradução, em Américo da Costa Ramalho, «Notas para a Biografia de Inácio de Moraes», *op. cit.*, 1994, pp. 137-138.

²⁰⁴ Tem o n.º 42, no índice de Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, p. 34.

²⁰⁵ Uma datada de 5 de Outubro de 1536, escrita no Mosteiro da Penhalonga, dirigida a Frei Brás de Braga, Prior de Santa Cruz de Coimbra, carta essa em que Inácio de Moraes menciona a sua passagem, em 1535, pelo Mosteiro dos Jerónimos de Lisboa, a outra, datada de 15 de Outubro de 1537, vai dirigida também a Coimbra, a D. Sancho de Noronha. Ambas foram publicadas pela primeira vez por Mário Brandão, *Alguns documentos respeitantes à Universidade de Coimbra na época de D. João III*, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1937, p. 69.

²⁰⁶ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 545.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

No *Epistolarum Familiarium Libellus* deparamo-nos com cinco cartas trocadas entre Jerónimo Cardoso e Inácio de Moraes²⁰⁷. Dessas cartas, três são da autoria de Inácio de Moraes, tendo as duas restantes saído da pena de Jerónimo Cardoso.

A primeira carta de Inácio de Moraes a Jerónimo Cardoso, com o n.º 34, é bastante conhecida e tem sido parcial ou integralmente citada por vários investigadores²⁰⁸. Nela o mestre de Humanidades, Inácio de Moraes, desculpa-se de não ter respondido mais cedo a Jerónimo Cardoso que lhe enviara uma carta acompanhada de alguns poemas: «Tuam igitur epistolam, Cardose uir ornatissime, simul et festiuissima illa carmina non sine ingenti animi mei uoluptati perlegi». Os elogios são uma constante nesta missiva. Assim, os poemas recebidos beberam a sua inspiração em Virgílio, a carta de Jerónimo Cardoso atesta o pleno domínio da eloquência de Cícero e eleva-se ao nível da oratória forense.

Desculpando-se da sua falta de inspiração, Inácio de Moraes termina a breve epístola com um pequeno epigrama de dois dísticos elegíacos, nos quais se sintetiza a comparação entre Cardoso e Virgílio, por um lado, e Cardoso e Cícero, por outro. Esta mesma comparação surge no dístico final de um outro epigrama de Inácio de Moraes, do qual nos ocuparemos, trata-se do epigrama n.º 53- “Ignatius Moreus ad Auctorem”. Quando sobre ele nos debruçarmos, veremos também o pequeno epigrama que encerra a carta n.º 34, de que temos vindo a falar.

Lembremos que os elogios de Inácio de Moraes podem e devem ser tomados à letra descontando, é certo, o que neles existe de exagero retórico. Inácio de Moraes, pelas suas qualidades de poeta e orador, estava certamente em condições de emitir um julgamento crítico a respeito da qualidade literária das produções de Jerónimo Cardoso.

3.2.- Correspondência poética no *Elegiarum Liber*

O *corpus* de elegias ou, talvez mais correctamente, de poemas, (dado que, além de dísticos elegíacos, temos estrofes sáficas e falécios), de que nos ocupamos neste capítulo, constitui, como já acima dissemos, o maior grupo de composições do *Elegiarum Liber* trocadas entre Jerónimo Cardoso e um outro humanista. Trata-se de

²⁰⁷ Assim, de Inácio de Moraes a Jerónimo Cardoso temos as cartas n.º 34, (fl. E i-v.º), n.º 52, (fl. G ii-v.º), e n.º 54, (fl. G v-r.º). De Jerónimo Cardoso a Inácio de Moraes temos as cartas n.º 33, (fl. D viii-v.º), e n.º 56, (fl. G vii-v.º).

²⁰⁸ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 489, cita o epigrama que encerra a carta; Justino Mendes de Almeida publica uma tradução integral da epístola na sua «Introdução», *op. cit.*, 1965, p. 33; recentemente Mário Helder José Gomes Luís, *op. cit.*, pp. 39-40, transcreve e comenta esta pequena missiva.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

um total de seis poemas, contando com o epigrama de Inácio de Moraes, sobre os quais nos iremos agora debruçar com alguma atenção.

3.2.1.- A composição n.º 15- “Ad Aegnatium Moreum”

A primeira de todas as composições, a n.º 15- “Ad Aegnatium Moreum”, é uma epístola poética, em treze estrofes sáficas, que, em princípio, não deveria incluir-se num livro de elegias. O facto de o *Elegiarum Liber* ser, a todos os títulos, uma colecção de textos *dispersos*, justifica a sua inclusão nessa obra. Tematicamente, este poema em nada difere de outras composições, em versos elegíacos, de que nos ocupamos no decurso deste estudo. Em poucas palavras poderíamos dizer que este texto é um lamento pela falta de contacto entre os dois amigos e um incitamento a que esse contacto seja retomado.

A primeira estrofe abre com duas interrogações que nos deixam entrever a perplexidade de Jerónimo Cardoso ante a falta de correspondência de Inácio de Moraes e, de imediato, vem-nos à memória a composição n.º 14- “Ad Petrum Sanctium”, que vimos no capítulo anterior. O Lexicógrafo interroga-se sobre qual o motivo de um tão estranho como demorado silêncio.

Nas duas estrofes seguintes Jerónimo Cardoso tenta justificar a sua apreensão. Saberá menos notícias de Inácio de Moraes se este estivesse longe da cidade: «Vrbe si forsán procul hac abesses», palavras que nos permitem concluir que ambos, Jerónimo Cardoso e Inácio de Moraes, estavam estabelecidos na mesma cidade à data da composição deste texto.

No entanto, a despeito de tal situação, por que não se correspondem mais frequentemente, por que não trocam mais vezes estes bilhetes. Por que é que estes divertimentos, pergunta o Lexicógrafo, não esvoaçam de um lado para outro incessantemente.

Jerónimo Cardoso confessa já não saber, sequer, o que pensar, em face da mais completa ausência de notícias. Assim, consternado por este silêncio, qualquer débil explicação que consiga formular perde-se, arrebatada num redemoinho de pensamentos agitados, perturbados por não poderem assentar em base segura.

Duas explicações se avançam. Talvez a «aula» ocupe as horas e o pensamento de Inácio de Moraes. Muito provavelmente trata-se da corte, a *aula regia*, que, com os seus encantos e ninharias, «nugis,/ Delitiisque», retém quem quer que seja. Inácio de Moraes era professor de jovens da família real e, embora não exercesse a sua actividade docente

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

no Paço, certamente nele se demorou, por várias vezes, a fim de tratar assuntos respeitantes à sua actividade profissional.

A outra explicação formulada a respeito de tal silêncio justifica-o com o enfadamento que a natureza, fútil e vã, de semelhante forma de correspondência pode suscitar. A este hipotético motivo responde a própria índole de Inácio de Moraes que, conforme diz o Lexicógrafo, não desaprova completamente este tipo de divertimento, pensando até que tem algo que ver com o genuíno carácter latino. Por esta razão Jerónimo Cardoso pede a Inácio de Moraes que dedique algum tempo ao seu antigo costume de escrever versos, a fim de aliviar a sua imensa ansiedade. O poema, entretanto, muda tom e o Lexicógrafo lamenta a sua má sorte, causa de que as cartas que escreve aos seus amigos mais queridos nunca alcancem o seu destino.

Possuímos, a este respeito, outras informações que nos deixam entrever que, muitas vezes, cartas e poemas ficavam efectivamente pelo caminho, se é que chegavam a partir. Aqui Jerónimo Cardoso queixa-se da sua triste estrela: «triste sidus [...] / Flebile et fatum [...] // per quod haud unquam licet usque crebris / Litteris caros adiisse amicos». Na elegia n.º 14- “Ad Petrum Sactium” questionava-se: «Aut te multa premunt agitantque negotia circum / Aut cui forte dares carmina, nullus erat».

Também Pedro Sanches, numa epístola ao seu amigo Jerónimo Cardoso²⁰⁹, dirige uma violenta diatribe contra certos carteiros descuidados, depois de lamentar que não lhe tivesse chegado às mãos uma carta que o Lexicógrafo lhe enviara: «male sit istis incuriosis tabellariis qui nos tanta defraudant laetitia. Quod te, mi Cardose, oro atque obtestor ut postac diligentiori nuntio tuas committas epistolas».

Por fim, depois de afirmar a estima invulgar com que sabe distinguir os seus amigos, Jerónimo Cardoso passa, habilmente, ao elogio de Inácio de Moraes: «gloria [...] iuuenum decusque», ao elogio da amizade que os une, amizade mais doce do que o mel do Hímeto, e, finalmente, elogio da obra de Inácio de Moraes. Os seus livros, cheios de sabedoria, são fonte de prazer e, com justiça, se poderão considerar impregnados dos encantos da Antiguidade.

3.4.2.- A composição n.º 16- “Ad Eundem [Aegnatium Moreum]”

O poema n.º 16- “Ad Eundem [Aegnatium Moreum] do *Elegiarum Liber* é um pequeno epigrama de onze versos hendecassílabos alexandrinos que, tal como a

²⁰⁹ Trata-se da carta n.º 48, (fl. F viii-r.º), a que nos referimos no capítulo dedicado a Pedro Sanches.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

composição anterior, só com certa liberdade toma lugar num livro de *elegias*. O seu assunto é trivial, corresponde ao que o próprio Cardoso define, na carta nuncupatória a Álvaro Vaz, como «nugas et apinas meas». Com razão, portanto, se poderá considerar um poema de ocasião, um bilhete, uma cartinha, pretexto para um exercício de metrificação. Merece, em qualquer caso, ser estudado. Já veremos porquê.

O pequeno epigrama abre com uma interjeição: «heus tu», que deixa em suspenso a atenção do leitor. O verso prossegue com uma oração condicional, quase uma ameaça, «si quid erit», que logo se muda em súplica, uma prece consciente. Jerónimo Cardoso pede a Inácio de Moraes que se houver alguma palavra ou expressão que quebre algum preceito de elegância, decoro, ou propriedade não se coíba de a corrigir.

Estamos perante um pedido de censura poética, o primeiro dos dois que encontraremos no decurso deste trabalho, o menos interessante. Jerónimo Cardoso pede a Inácio de Moraes que lhe reveja uns versos, «uersiculos a me compositos», que lhe enviou, ou melhor, que lhe enviava, dado que este epigrama era, sem dúvida, um bilhete destinado a acompanhá-los. Sobre que versos devia pesar a lima de Inácio de Moraes? Nada no epigrama nos permite conjecturar.

Seriam, acaso, versos destinados a publicação? Verificando a cronologia das edições de Jerónimo Cardoso, este epigrama não deveria ser, em princípio, muito anterior a 1550, data da publicação do *Libellus de Terrae Motu*, a primeira das obras poéticas de Jerónimo Cardoso a ser impressa. Esta conjectura é, no entanto, altamente falível, pelo que, dada a falta de pontos de apoio mais seguros, será prudente guardar silêncio.

Estamos perante um texto que documenta a aplicação de um preceito horaciano exposto na *Arte Poética* de Horácio, que recomendava que um poema não saísse à luz sem antes ter sido *castigado* por um severo censor. Assim o Lexicógrafo menciona explicitamente a «censuram» e a «grauem limam» de Inácio de Moraes, isto é, tenta fazer submeter um poema seu ao tão conhecido *limae labor* de Horácio.

Cardoso receia, enfim, que alguma palavra sua tenha pouca propriedade, seja «apte minus», isto é, tem receio de que alguma expressão não se adecue à matéria tratada, às *res*. Se tal sucedesse seria desrespeitado um preceito da retórica antiga, em função do qual o tom de linguagem deverá ser apropriado ao tema. Quando tal preceito não é respeitado por um orador conduz ao risível, pelo que desde cedo se tornou regra

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

de retórica, ficando conhecido, em grego, como τὸ πρέπον. Com o progredir da teorização literária na Antiguidade, este preceito passou da retórica à poética, e assim encontramos-lo também Horácio, sob o nome latino de *aptum*. O epigrama cardosiano surge-nos, assim, como testemunho de como os preceitos de Horácio eram conhecidos e seguidos por alguns poetas neolatinos do Renascimento.

No final do epigrama Jerónimo Cardoso em tudo se submete ao juízo crítico de Inácio de Moraes, rogando-lhe que, se no poema cuja revisão solicita houver algum verso frouxo, composto com a lira «strepenti/ Ne dicam fragili, rudi, caduca», sem hesitação o elimine «ungui [...] acuto». Tal submissão será, como diz, a maior prova de uma mútua amizade.

A acção de Inácio de Moraes junto de Jerónimo Cardoso, quer incentivando-o a compor poemas quer empenhando-se na sua revisão, surge ainda documentada, no *Elegiarum Liber*, por um par de dísticos da elegia n.º 17- “Ad Eundem [Aegnatium Moreum]”⁶: «Tu solitus uires scribenda ad carmina ferre,/ Calcar et ingenio subdere saepe meo./ Integer et nostros iudex reprehendere uersus/ Adsuesti: et lapsus ungue notare meos».

Dissemos acima que nos ocupamos de dois pedidos de censura poética. O segundo pedido é o epigrama n.º 40- Ad Balthasarem Tebium Iuris Vtriusque Doctorem Eclogam cum Suam Corrigendam Mitteret”, que, como a seu tempo veremos, é de longe mais interessante do que este. Em face da maior riqueza desse texto e a fim de não nos repetirmos, reservamos para esse outro comentário as alusões explícitas ao texto de Horácio.

3.2.3.- A composição n.º 17- “Ad Eundem [Aegnatium Moreum]”⁶

A elegia n.º 17- “Ad Eundem [Aegnatium Moreum]”⁶, perpassada pela angústia de uma separação anunciada, é uma epístola poética de tom verdadeiramente elegíaco.

Os primeiros três dísticos descrevem a chegada da Musa de Inácio de Moraes, (por metonímia, uma composição poética), a casa de Jerónimo Cardoso, Musa que, abatida se lhe dirige com triste acento e pede que aceite o «flebile carmen» de que é portadora. Cardoso aceita, consternado, o triste canto e descreve os sentimentos de viva dor que experimenta ao escutá-lo, dor tão forte que, como ele mesmo diz: «putaui/ Extremum uitae tempus adesse meae».

Quando, por fim, foi capaz de articular algumas palavras, inicia um longo e patético lamento, que se estende até ao final da composição, pelo qual somos

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

informados das causas de tamanho pesar. O motivo foi a má sorte, a «sors inimica» de Inácio de Moraes que o obrigou a abandonar a cidade de Lisboa, onde, como o texto diz, teria muitos amigos, entre os quais Jerónimo Cardoso.

O Lexicógrafo descreve os sinais externos de dor que o deveriam cobrir. Restam-lhe as lágrimas: «superest quid nisi flere nimis», não mais se enfeitará com fitinhas festivas, não mais cingirá os seus cabelos com coroas entretecidas de ramos de loureiro, árvore consagrada a Apolo, nunca mais entoará canto nenhum, nunca mais buscará inspiração. Ao invés, o seu rosto cobrir-se-á de tristeza, o seu corpo de roupagens sombrias.

Descreve, depois, a acção de Inácio de Moraes junto a ele: Moraes encorajava-o a compor versos, censurava os seus defeitos, quando os havia, assim como também era o primeiro a congratular-se quando a lira de Cardoso produzia algum bom canto. Agora que Jerónimo Cardoso não mais poderá escutar os seus louvores, confessa não ter já motivo algum para voltar a compor versos ou escrever cartas: «non est quod scribere uersus/ Aut mandare notis uerba soluta uelim».

Ao aproximar-se do final da composição, nos últimos cinco dísticos, Jerónimo Cardoso pede a Inácio de Moraes que, seja qual for o seu destino, nunca se esqueça do seu nome, prometendo-lhe, por seu turno, que, quer a «fortuna inimica» o venha a desterrar para o extremo norte, quer para o tórrido sul, (Camões dirá: «Na Cítia fria, ou lá na Líbia ardente»), sempre Inácio de Moraes estará presente nos seus sentimentos, sempre os seus lábios se abrirão em seu louvor. De noite e de dia sempre será recordado.

Algo se pode arriscar quanto à cronologia desta composição. A presença de Inácio de Moraes em Lisboa está atestada desde 1535, data em que o encontramos a leccionar no Mosteiro dos Jerónimos de Belém. Em 1536, mais concretamente a 7 de Outubro, vamos encontrá-lo no Mosteiro da Penhalonga, pois daí data a carta que dirige a Frei Brás de Braga²¹⁰.

Foi só no ano de 1537, quando transitou para o Convento de Santa Marinha da Costa, perto de Guimarães, que Inácio de Moraes se afastou, definitivamente, da esfera de influência da capital. Dessa data em diante, até 1563, vamos encontrá-lo a residir predominantemente em Coimbra, com duas demoradas estadias em Guimarães. Os

²¹⁰ É muito provável que Inácio de Moraes, como amigo de Jerónimo Cardoso, tenha estado em Lisboa alguns dias antes, no primeiro dia de Outubro, e que tenha assistido à declamação da *Oratio pro Rostris*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

lamentos de Jerónimo Cardoso deverão, portanto, corresponder à notícia da primeira transferência de Inácio de Moraes para Guimarães, no ano de 1537.

3.2.4.- A composição n.º 23- “Ad Aegnatium Moreum Qui Suam Iuuentutem Monuerat, Loquitur Iuuentus”

O poema n.º 23- “Ad Aegnatium Moreum Qui Suam Iuuentutem Monuerat, Loquitur Iuuentus” é uma composição de 64 versos, (a segunda mais extensa deste trabalho). Todo o poema, que poderíamos definir como *prosopopeia da Juventude educada por Inácio de Moraes* é colocado, desde o primeiro verso, na boca de uma personagem colectiva fictícia, a Juventude personificada, que vai cantar as excelências deste seu ilustre professor.

A prosopopeia, (em latim *fictio personae*, em grego προσωποποιίας), é a figura retórica que consiste em apresentar abstrações ou seres irracionais como sendo dotados de sentimentos humanos, falando e comportando-se como pessoas. Assim vamos encontrar uma figura feminina, falando na primeira pessoa, que, de início hesitante e receosa, depois mais firme e segura, irá elogiar Inácio de Moraes.

A Juventude declara, de início, que leu os conselhos de Inácio de Moraes, a quem se dirige chamando-o «clare poeta», e que os teve em grande conta. Quais seriam esses conselhos? De todo o desconhecemos. Não sabendo como agradecer, a Juventude questiona-se sobre como poderá cantar o encómio de Moraes, confessando-se, no entanto, sem forças para entoar um canto digno dos seus merecimentos.

Evoca, em seu auxílio, duas divindades antigas: Apolo e Atena, chama sobre si, também, a eloquência da Antiguidade, os génios de Virgílio e de Ovídio, (metonimicamente referidos pelos nomes das terras que os viram nascer, Mântua e Sulmona), e ainda a elegância e a graça de Vénus, a fim de que o seu canto seja agradável.

Se tal lograr sairá coroada de prestígio, senão, restar-lhe-á o destino de quem quiser conhecer a medida das águas do Mar Egeu, o número das conchas que jazem pelas praias e das videiras que cobrem as encostas do monte Timolo, uma ilustrativa série de ἀδύνατα. Indecisa, hesita ainda uma vez. Se não responder aos versos que recebeu, causa de tamanha alegria, parecerá ingrata e, para melhor exprimir os seus receios serve-se, de um *simile*. A Juventude sente-se como uma frágil embarcação que se vê lançada ao mar tempestuoso, com sérios riscos de naufrágio.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Enchendo-se de coragem avança: «me temerarius ardor defert». Que Inácio de Morais lhe desculpe tamanha ousadia. Que matéria há-de cantar? Os versos e encantos de Inácio de Morais fornecem-lhe a resposta. Irá cantar louvores aos seus versos e à sua simpatia. Segue-se um passo que se poderá interpretar como uma alusão histórica: Morais obedeceu à vontade de um «ducis egregii», possivelmente uma alusão a D. João III, dando alento para os estudos e despertando os talentos de uma juventude acostumada à ociosidade. Esse será o assunto do seu canto.

Segue-se, efectivamente, uma enumeração de vícios antigos em contraposição às virtudes actuais. Antes de ser aconselhada, a Juventude, preguiçosa, só queria saber de amores, espectáculos cénicos, jogos e passeios intermináveis, quer pelas praças das cidades e pelos campos abertos. Antes entregava-se à bebida logo desde o meio dia circunstância que, obviamente, lhe impossibilitava qualquer estudo. Agora porém, alertada pelos preceitos de Inácio de Morais, sente-se finalmente estimulada para o estudo das Belas Letras.

Anteriormente já um professor, um «ductor benignus»²¹¹, lhe apontara todos os modelos que devia seguir. A Juventude, porém, não suportava o árduo trabalho dos estudos. Somente agora, com os conselhos de Inácio de Morais, começa a andar menos *desnorteada*. Tudo o que dantes lhe parecia desagradável e intangível surge agora acessível: «omnia plana patent», já todo o difícil caminho do Bem lhe é agradável.

A Juventude, espantada, reconhece que nunca antes tinha obedecido nem a rogos nem a ameaças de professores. Inácio de Morais, porém, conseguiu demovê-la com a brandura da sua voz: «tu potuisti igitur blanda me uoce mouere». A longa prosopopeia encerra, finalmente, com o voto final de que os grandes merecimentos de Inácio de Morais, exímio professor de Humanidades, «maxime uates» como a Juventude lhe chama, alcancem do destino a recompensa que lhes compete.

3.2.5.- A composição n.º 28- “Ad Aegnatium Moreum”

A composição n.º 28- “Ad Aegnatium Moreum” é uma epístola poética de 58 versos. Pelo seu conteúdo somos informados de que Jerónimo Cardoso recebera uma outra epístola poética, «carmina», de Inácio de Morais, em que este lamentava a ausência de correspondência de Cardoso. O Lexicógrafo replica-lhe confessando-se preguiçoso mas não esquecido deste seu amigo e justifica o seu silêncio em função de não possuir o talento de Inácio de Morais. A natureza foi menos generosa para consigo, menos meiga,

²¹¹ Que podia bem ser o próprio Jerónimo Cardoso: «En ego praeceptis Cardosi adsueta Iuuentus».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

razão pela qual não mais lhe enviou quaisquer versos. Depois de se confessar culpado, pede-lhe perdão, assegurando que a sua «simplicitas», a sua pureza de sentimentos, não deixa lugar a qualquer tipo de inveja.

Jerónimo Cardoso recebera recentemente alguns versos: «*quae mihi missisti carmina*», versos esses que, embora fossem belos, mergulharam o seu pensamento nas mais sombrias cogitações. A notícia de que Inácio de Moraes se encontrava doente encheu-o de pena e de indignação. Pena capaz de fazer brotar lágrimas de viva comiseração e compaixão por este seu amigo prostrado por uma doença atroz: «*morbo acri*». A indignação, surgida quando o pranto cessou, verteu-a Cardoso sobre o coro das nove Musas que deviam proteger os poetas, seus servidores por excelência, e que, afinal, lhes trazem sofrimentos sem conto.

Jerónimo Cardoso gasta alguns dísticos invectivando estas divindades. Chama-lhes cruéis e severas. Acusa-as de serem inclementes para com este seu cultor que faria melhor em evitar o culto de tão nocivas deusas, dado que, em troca dos seus muitos méritos, recebe tão infausta recompensa.

Contrapõem-se as Musas aos animais selvagens. Estes devem ser ferozes, aquelas deviam primar por sentimentos de piedade. Em vez disso, e desde sempre, tratam os seus servidores com a mais leviana incúria. Jerónimo Cardoso enumera seguidamente alguns poetas antigos, cultores das Musas, perseguidos pela má sorte, vítimas de um destino imerecido. O fluentíssimo Ovídio, morto no desespero do exílio, Lucano, o desgraçado sobrinho de Séneca, forçado ao suicídio por Nero, o vate da Sicília, Teócrito, modelo de Virgílio, e muitos outros cujo triste destino é penoso recordar.

Depois desta violenta diatribe contra as deusas Ascreias, aplacada a dor que lhe requeimava o peito, Jerónimo Cardoso, aproximando-se do termo da composição, deseja a Inácio de Moraes uma sorte melhor. Formula, então, o voto de que a esperança de recuperação, lhe retempere as forças e enumera toda uma série de *exempla* de como, quando a esperança parece completamente perdida, em vez do aniquilamento sobrevém a salvação: o navio que, à beira de naufragar, alcança, enfim, porto seguro; a árvore que, maltratada por violenta nortada, revive com nova folhagem; os cisnes de Apolo, cuja cruel perseguição e morte, (movidada pelas águias de Júpiter), não obsta à alegria de um festim; o próprio carro do Sol que tantas vezes se mostra encoberto por densas nuvens, para além das quais o azul resiste sempre.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

A epístola termina com um voto de Jerónimo Cardoso, expresso por um jogo de palavras que gira em torno do duplo sentido do plural «tempora», o desejo um tanto paradoxal de que as divindades tragam tanta saúde e alegria ao semblante de Inácio de Morais, quanto menos gratos lhe forem os tempos presentes.

3.2.6.- A composição n.º 53- “Ignatius Moreus ad Auctorem”

O poema n.º 53 do nosso índice, “Ignatius Moreus ad Auctorem” é a única composição da autoria de Inácio de Morais presente no *Elegiarum Liber*. Trata-se de um pequeno epigrama de seis dísticos que atinge grande elegância de expressão. Pelo seu conteúdo, a despeito do que nele soa a lugar comum, constitui uma veemente consagração dos conhecimentos e talento, quer poético quer oratório, de Jerónimo Cardoso. Foi, como tal, aproveitado por vários investigadores²¹² para ilustrar a fama com que alguns poetas quinhentistas aureolaram a figura de Jerónimo Cardoso.

O epigrama inicia-se com uma frase exclamativa introduzida pelo advérbio *quam*, na qual Jerónimo Cardoso surge como digno representante das artes das Musas. Dos seus lábios dimana a elegância a finura. Inácio de Morais canta os profundos conhecimentos de que o Lexicógrafo é portador. Cardoso, como ninguém, conhece as obras antigas dos antigos escritores, tudo o que se escreveu no campo da gramática, tudo o que nos chegou de Aristóteles e de Platão, todo o imenso legado da sábia Grécia. Ele fez dissipar as trevas do esquecimento que pesavam sobre os primores da erudição antiga, enriquecendo-os ainda com os frutos do seu imenso talento.

Jerónimo Cardoso é também um conhecedor de leis: «Quicquid doctores legum iurisque periti». Lembremos, a este propósito, que o Lexicógrafo fora estudante de Direito em Salamanca, onde alcançara o grau de bacharel, e que também Inácio de Morais viria a alcançar esse mesmo grau, na Universidade de Coimbra, a 26 de Julho de 1554. Este elogio, posto que arrebatado, não carece totalmente de fundamento.

O final do poema parece ser a reelaboração de um outro pequeno epigrama, também de Inácio de Morais, a que já fizemos referência. Esse outro epigrama, segundo nos informa o autor, (na carta n.º 34, que o precede), fora composto de improviso e é lícito supor que Inácio de Morais, bom improvisador como André de Resende nos deixa entrever, tenha aproveitado a ideia que então lhe surgira, engastando-a na parte final de um texto mais esmerado. O dito epigrama deve, portanto, preceder cronologicamente o

²¹² Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 489, cita integralmente o epigrama; Justino Mendes de Almeida publicou, na sua «Introdução», *op. cit.*, 1965, pp. 22-23, uma sua tradução.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

poema publicado no *Elegiarum Liber*. Infelizmente a carta n.º 34 não vem datada.

Vejamos o dito epigrama:

Seu cupis orator prosam, seu scribere carmen

Tullius es prosa, carmine Vergilius.

Carmina componas seu scribas uerba soluta

Alter Vergilius, Tullius alter ades.

A respeito desta composição diz Gomes Luís que: «é sobretudo neste pequeno epigrama, de dois dísticos elegíacos, composto numa estrutura quiástica, que Inácio de Moraes faz os maiores elogios a Cardoso, talvez com um certo exagero, típico, aliás, neste tipo de correspondência entre os humanistas, ao considerá-lo um novo Cícero, um novo Virgílio»²¹³.

Permitimo-nos discordar de Gomes Luís num ponto. Os elogios tributados por Inácio de Moraes a Jerónimo Cardoso são mais veementes no epigrama do *Elegiarum Liber*, em que a comparação entre Cardoso e Virgílio por um lado, e entre Cardoso e Cícero por outro, vem sendo preparada desde o início do poema.

O Lexicógrafo, recordemos, era um notável orador e também um notável poeta, embora, como diz Paul Teyssier: «contrairement à ce que disaient ses amis, Cardoso était loin d'être un Cicéron ou un Virgile. Il était loin, pour ne le comparer qu'avec ses contemporains et ses compatriotes, d'avoir l'étoffe d'un Damião de Góis ou d'un André de Resende»²¹⁴, e, no entanto, o mesmo investigador não deixa de reconhecer que: «Cardoso exprime un humanisme très authentique dont toutes les composantes son en résonance avec leur temps»²¹⁵.

3.3.- Correspondência poética no *Silvarum Liber Vnus*

Depois da publicação destas composições de que nos ocupámos veio ainda a lume, no *Silvarum Liber Vnus*, publicado no ano de 1564, (pp. 38-40), uma *silua* de 41 hexâmetros dactílicos, dirigida por Jerónimo Cardoso a Inácio de Moraes, cujo estudo está fora do âmbito deste trabalho.

²¹³ Mário Helder José Gomes Luís, *op. cit.*, p. 40.

²¹⁴ Paul Teyssier, *op. cit.*, 1980, p. 19.

²¹⁵ Paul Teyssier, *op. cit.*, 1980, p. 19.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo IX- André Cotrim, *requiem* por um poeta perdido

1.- Fontes do capítulo

1.1.- Barbosa Machado

Para a elaboração deste capítulo tomámos como principal fonte, no tocante à pessoa de André Cotrim, as informações que a seu respeito Barbosa Machado²¹⁶ recolheu. Consultando ulteriormente as nossas duas principais enciclopédias, que poderiam fornecer algum novo dado, verificámos que só a *Grande Enciclopédia Portuguesa e brasileira* lhe consagra um breve artigo de cinco linhas²¹⁷, resumo de Barbosa Machado, artigo esse que omite a referência à única obra que deste poeta restava no séc. XVIII: um *epicedium*. A restante bibliografia geral consultada²¹⁸ avolumou ainda mais o silêncio sobre este poeta que, assim, se pode considerar perdido.

1.2.- Bibliografia sobre o Aqueduto da Água de Prata

Uma vez que André Cotrim é aqui evocado principalmente por causa de um seu epigrama dedicado à Fonte da Água de Prata que corre na cidade de Évora, manuseámos alguma bibliografia com o fim de situar o epigrama perdido de Cotrim e, deste modo, indirectamente, o poema de Jerónimo Cardoso. Consultámos assim uma obra da autoria do falecido Túlio Espanca²¹⁹, profundo conhecedor da cidade em que viveu e a pessoa mais abalizada para nos prestar os esclarecimentos necessários.

2.- Alguns dados sobre André Cotrim

2.1.- André Cotrim, poeta perdido

Actualmente pouco é o que se sabe acerca do poeta André Cotrim e parece que, já no passado, a situação seria sensivelmente a mesma. Viveu, segundo notícia difundida por Barbosa Machado, na época de D. Manuel e de D. João III. Seria de nascimento português pois os Cotrim, de provável origem inglesa, já se encontravam entre os fidalgos da casa de D. Afonso V, nas pessoas de Jaime Cotrim e Heitor Cotrim. De um filho de Jaime Cotrim, João Martins Canas Cotrim, casado com a fidalga Maria Álvares de Sá, descendem todos os que usaram e usam este apelido.

2.2.- Notícia sobre o *epicedium*

²¹⁶ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, p. 144.

²¹⁷ «COTRIM (André)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 7, p. 927.

²¹⁸ *HISLAMP*, pp. 22, 42 e 161 e ainda Isaltina das Doreis Figueiredo Martins, *op. cit.*

²¹⁹ Túlio Espanca, *Évora*, pp. 63-68. E também Túlio Espanca, *et alii*, «Évora» in *Maravilhas de Portugal*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

A despeito das qualidades de André Cotrim, já no século XVIII, Diogo de Barbosa Machado afirmava que todas as suas obras se tinham perdido, com excepção do “*Epicedium Serenissimi Principis Eduardi Regis Emmanuelis filii*”.

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*²²⁰ que, como já dissémos, faz memória do nome deste poeta, refere somente os reinados em que viveu e, como Barbosa Machado, sua fonte, o epigrama sobre a Fonte da Água de Prata, a que a elegia n.º 22- “*Ad Andream Cotrinium de Epigrammate Suo in Aquam Argenteam*” se reporta.

A recente obra *HISLAMP*²²¹ menciona o *Epicedium* de André Cotrim, tomando por base Barbosa Machado. Porém, porque nada mais acrescenta, é um dado adquirido que a única obra de André Cotrim, de cujo título havia memória, se tenha perdido²²².

Que podemos nós inferir dos dois únicos poemas que sabemos terem existido? O título “*Epicedium Serenissimi Principis Eduardi Regis Emmanuelis filii*” fornece-nos algo sobre o poema perdido. Era um poema fúnebre, um pranto, (em grego ἐπικήδειον), um lamento sobre a morte do príncipe Eduardo, filho de D. Manuel, irmão de D. João III.

Quando morreu este príncipe? Segundo André de Resende: «aos vinte dias de Outubro do ano de 1540, entre as dez e as onze do dia, em idade de vinte e cinco anos e mês e meio»²²³. O *epicedium*, conseqüentemente, deverá datar do fim desse mesmo ano. Este tipo de poesia viria a ser, com o correr do século, cada vez mais comum²²⁴, expressão de uma época em que tudo parecia ir morrendo, até o próprio Reino. Já *HISLAMP*, não sem expressão de dúvida, assinala como *uarius annus uitae scriptoris* o ano de 1520.

Outro dado a inferir das poucas pistas que se nos deparam é que, se o poeta cantou a Água de Prata, ele estava já activo no ano da sua inauguração, em 1537. Temos, portanto, como cronologia possível para os dois poemas de André Cotrim, de que nos chegou notícia os anos de 1537 e 1540. A projecção que Jerónimo Cardoso alcançou com a *Oratio pro Rostris*, proferida a 1 de Outubro de 1536, algum tempo antes da inauguração do aqueduto, pode bem marcar o início de uma eventual relação de amizade entre os dois poetas.

²²⁰ «COTRIM (André)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 7, p. 927.

²²¹ *HISLAMP*, p. 161.

²²² Um reparo convém fazer: dado que *HISLAMP* regista não só as obras conservadas como também aquelas de que há memória, não seria descabido incluir, a par da menção do *epicedium*, a referência ao epigrama sobre a água de prata, epigrama que, pela elegia de Cardoso, sabemos ter existido. Reconstituindo o título, chamar-lhe-íamos “*Epigramma in Aquam Argenteam*”.

²²³ André de Resende, «*Vida do Infante Dom Duarte*» in *Obras Portuguesas*, p. 129.

²²⁴ Corram-se, como exemplo, os títulos de Inácio de Moraes.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

2.3.- André Cotrim aluno de Jerónimo Cardoso?

Sabendo nós que André Cotrim estava activo, como poeta, já desde 1537, não se nos afigura possível que o seu relacionamento com Jerónimo Cardoso fosse do tipo professor-aluno. Estranhámos, por isso, que Gomes Luís²²⁵, ao enumerar nomes de alguns alunos de Jerónimo Cardoso que criaram fama, mencione também o de André Cotrim, dado que este poeta devia, incusivamente, ser mais velho do que o Lexicógrafo. Só deste modo se explica que na carta que lhe dirige Jerónimo Cardoso o trate por «uir eminentissime» e «uir clarissime». Já quando fala do mensageiro que devia entregar a carta a André Cotrim, Cardoso chama-lhe, simplesmente, «Antonius auditor meus».

3.- A Água de Prata de Évora

3.1.- O papel de André de Resende

Digamos agora algumas palavras sobre as obras do aqueduto de Évora, origem de uma efémera e encantadora série de obras e referências literárias que fizeram da Água de Prata uma das fontes mais cantadas pelos nossos poetas e prosadores quinhentistas.

Évora foi, durante a Idade Média uma cidade em que a míngua de água, se fez sentir como uma ameaça latente e constante ao longo dos tempos. Dada a falta de nascentes próprias a população recorria ao armazenamento de águas pluviais em cisternas, costume árabe que ainda hoje persiste nas regiões centro e sul do País.

Com a família real a preferir Évora às restantes cidades e vilas do Reino para longas estadias, mais se agravava esta situação, pelo grande número de pessoas que, movendo-se na esfera da corte, forçosamente teria de a acompanhar.

Como se solucionaria semelhante problema? Esta questão deve ter sido colocada em muitas tardes, em muitos serões. André de Resende, o sábio antiquário, então a residir novamente na sua terra natal, após um demorado período de ausência, concebeu uma solução. Tendo viajado bastante por terras estranhas, indagador incansável, como era, dos vestígios da Antiguidade, o Dominicano sugeriu ao monarca a reconstrução de um aqueduto, supostamente romano, cujos vestígios há muito haviam desaparecido.

Tal projecto era, sem dúvida, bastante arrojado e, desde logo, as ideias de André de Resende encontraram opositores. Um deles era D. Miguel da Silva, bispo de Viseu. Da polémica que então estalou entre estes dois eruditos dá-nos conta o próprio André de

²²⁵ Mário Helder José Gomes Luís, *op. cit.*, p.18.
108

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Resende, alguns anos volvidos, na sua «História da Antiguidade da Cidade de Évora», ao discorrer sobre o tempo em que Sertório teria habitado a capital alentejana:

«[...] Sertório [...] fez trazer a água da Prata ao pórtico em o mais alto da cidade, donde se repartia per as regiões dela, como eu declarei em ûa apologia ou resposta²²⁶ que contra o bispo de Viseu escrevi, que estorvava a El-Rei, Nosso Senhor, tornar a trazer a dita água, dizendo-lhe que nem a água cá viera jamais, nem podia vir, nem Sertório aqui estivera, nem a obra era romana,- contra o que eu a Sua Alteza tinha persuadido.

Também falei disso em dous livros dos aquedutos²²⁷ que a El-Rei, nosso Senhor, per seu mandado escrevi [...]»²²⁸

Barbosa Machado²²⁹ informa-nos de como André de Resende fundamentou os seus argumentos com provas arqueológicas, conseguindo assim persuadir o monarca a edificar a grande obra. Évora viu, então, erguer-se o aqueduto, fonte de um manancial tão puro que desde cedo se chamou Água de Prata.

3.2.- As obras

As obras do aqueduto foram executadas em vida de D. João III (1521-1557), mais concretamente entre 1531 e 1537²³⁰. Decorreram, assim, a bom ritmo, a expensas de cristãos novos e da nobreza eborense. A sua inauguração verificou-se na tarde de 28 de Março de 1537, com o lançamento das primeiras águas públicas num chafariz construído sobre o arco triunfal ou pórtico romano que existia na Praça do Geraldo.

²²⁶ Obra intitulada *Apologia pelo Aqueducto de Sertório contra D. Miguel da Sylva, Bispo de Viseu*.

²²⁷ Obra intitulada *Dous Livros de Aqueductos* (1543).

²²⁸ André de Resende, «História da Antiguidade da Cidade de Évora» in *Obras Portuguesas*, pp. 17-18.

²²⁹ P.º Francisco da Fonseca, *Evora Gloriosa*, p. 405, Apud Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, p. 169: «Lendo com atenção as historias Romanas, e huns M. S. que hoje não temos, achou noticia certa do Aqueducto de Sertorio, e procurou persuadir a ElRey que o renovasse. Oppozselhe gallhardamente o nosso D. Miguel da Sylva, que não era menos erudito, e antiquário, e com hum elegante livro provou, que eraõ sonhos, e chimeras quanto Résende dizia do Aqueducto de Sertorio; porém appellando este da Theorica para a Practica tomou conforme as noticias dos livros as suas medidas tão ajustadas, que descobriu as ruinas, e os alicerces do Aqueducto Sertoriano. Não pode D. Miguel negar as evidências, nem ElRey deixar de fazer huma obra que havia de ser a sua immortal estatua. Fez-se a fabrica com diligencia, e introduzio-se em Evora a famosa agua da prata em cujos arcos, e fontes levantou Résende hum padraõ immortal da sua fama».

²³⁰ Túlio Espanca, *op. cit.*, p. 64, assinala que nesse ano de 1537 jorrou pela primeira vez a Água de Prata na fonte da Praça do Geraldo.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Presentes estavam D. João III, D. Catarina de Áustria e toda a corte. Uma corrida de touros, promovida pelos mercadores do povo, assinalou o fim desse dia festivo, certamente um dos mais belos que a cidade de Évora viveu.

3.3.- O Aqueduto da Água de Prata

Foi responsável pelo risco do monumento o arquitecto Francisco de Arruda, construtor da Torre de Belém em Lisboa, dos Paços de Évora e ainda do Aqueduto da Amoreira em Elvas. As obras foram dirigidas por mestre Pedro, entre outros.

A *argentea linfa* que corre no aqueduto provém de um manancial abastecedor situado a 18 quilómetros, no termo da Herdade da Graça do Divor de Arraiolos, mas o aqueduto só alcança certa monumentalidade a partir do Mosteiro de S. Bento de Castris, situado a 9 quilómetros da cidade. Nas proximidades do Convento da Cartuxa e da Torralva encontra-se, simulando uma entrada monumental, a parte mais nobre do aqueduto, com três torrinhos ornamentais, rematadas por cúpulas de gomos, sob as quais se abrem, sobrepostos, dois pórticos de pilastras dóricas, que por sua vez encerram pequenas edículas com esculturas de S. Bento e S. Bruno, já da década de sessenta do presente século, imitações de mármore de esculturas seiscentistas.

3.4.- As fontes em que jorra a Água de Prata;

A fonte em que pela primeira vez jorrou Água de Prata não logrou chegar aos nossos dias. Foi demolida, em 1570, por ordem do cardeal infante D. Henrique, juntamente com o arco ou pórtico romano, sobre o qual estava erguida, para que fosse possível a ampliação da igreja de S. Antão²³¹. Desconhece-se a sua localização exacta e sabe-se, unicamente, que essa antiga fonte era ornamentada por leões de mármore.

A fonte que a substituiu, uma das mais nobres que alguma vez se ergueram em Portugal, foi começada no ano seguinte, em 1571, por ordem do Cardeal Infante, sob risco do arquitecto Afonso Álvares, mestre da obras da comarca do Alentejo. Esta nova fonte, na qual se dispendeu quantia superior a 5000 cruzados, é de mármore branco de Estremoz delicadamente lavrado. Complementam a sua decoração alguns elementos brônzeos, uma coroa e oito gárgulas zoomórficas que, segundo tradição local, correspondem às oito ruas que desembocam na praça.

Com o correr do tempo, outras fontes se alimentaram do manancial conduzido pelo aqueduto e foram, por essa razão, chamadas *da Água de Prata*.

²³¹ Túlio Espanca, *op. cit.*, p. 44.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

4.- Reflexos literários da Água de Prata

As obras da Água de Prata tiveram reflexos sócio-culturais importantes no Portugal de então e, como tal, constituíram um tema recorrente na literatura dessa época, em particular, e na literatura sobre a cidade de Évora, em geral. A elegia de Jerónimo Cardoso e o epigrama de André Cotrim integram-se, juntamente com outras obras e inúmeras referências textuais, nesse ciclo literário que, no século de Quinhentos, saudou a reconstrução do Aqueduto de Sertório e que nos interessa particularmente, dado que, através de uma comparação, poderemos avaliar a qualidade do poema de Cardoso.

No entanto, uma investigação exaustiva que se proponha redescobrir todas as marcas que a Água de Prata deixou na literatura coetânea da sua inauguração será forçosamente objecto de estudo para longos anos e, como tal, não se pode adscriver ao âmbito deste trabalho. Por essa razão muitos mais textos, muitas mais alusões existirão, das quais não temos conhecimento.

Vejamos, em todo o caso, aquilo que conhecemos. Possuímos dois títulos de André de Resende²³², dos quais já fizemos menção. Encontramos referências na *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros²³³, (publicada em 1540), uma referência n.º *Os Lusíadas* de Luís de Camões²³⁴, (vindos a lume em 1572), e ainda em poemas do jurista e professor da Universidade de Coimbra Manuel da Costa²³⁵ e na obra de Diogo Pires²³⁶, *Didacus Pyrrhus Lusitanus* ou *Iacobus Flavius Eborensis*.

4.1.- João de Barros

A referência da *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros é muito curiosa. Dela faz memória Túlio Espanca²³⁷, citando-a com alguma imprecisão. Assim, ao tratar «Das Figuras», que define como «forma de dizer per alguã arte nova», João de Barros define *macrologia* como «longo rodeio de palavras e dições» dando o seguinte exemplo: «El-Rei D. João, Nosso Senhor, o terceiro deste nome, que ora reina nestes reinos de Portugal, per mãos de muitos e bons oficiais de pedraria, que mandou buscar per todo o seu reino, mandou fazer mui fortes arcos de pedraria com que veio água da Fonte da Prata à cidade de Évora». Logo depois conclui que tal se poderia dizer por

²³² Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, p. 169.

²³³ João de Barros, *Gramática da Língua Portuguesa*, p. 50.

²³⁴ Canto III, Est. 63.

²³⁵ Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1994, pp. 156-159.

²³⁶ Diogo Pires, *op. cit.*, pp. 46-47 e 70-71.

²³⁷ Túlio Espanca, *op. cit.*, p. 63.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

estas breves palavras: «El-Rei D. João o terceiro mandou trazer a Évora água da Fonte da Prata».

É sintomático que esta referência ao aqueduto surja numa obra que se pretende «como fundamento e primeiros elementos da Gramática», obra pela qual se deveriam formar os jovens espíritos desde a mais tenra idade, conscientes, assim, da filantropia do Piedoso.

4.2.- Luís de Camões

Em 1572, volvidos 35 anos sobre a construção do aqueduto, vinham a lume *Os Lusíadas* de Camões que, ao descrever os avanços de D. Afonso Henriques sobre os mouros, não se esquecia dessa grande obra de D. João III:

Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertório antigamente,
Onde ora as agoas nítidas de argento,
Vem sustentar de longe a terra, e a gente,
Pelos arcos reais que cento e cento
Nos ares se alevantão nobremente,
Obedeço, por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

Com fortes razões se supõe que entre 1543 e 1546 (e portanto em data próxima à da conclusão do aqueduto), em Lisboa, já o Poeta começava a compor o seu canto. O facto de não se esquecer da Água de Prata, ao descrever a tomada de Évora, é mais um argumento abonatório de tal hipótese.

Não deixa de ser curiosa a similitude entre a «Argentea Nais», que Jerónimo Cardoso coloca em jogo com «Aurea», e as «agoas nítidas de argento» de Camões. Teria este conhecimento do texto de Cardoso? Conheceria acaso o *epigramma* de André Cotrim? Muito dificilmente. Tal similitude de expressão provém, sem dúvida, de uma mesma formação humanística, comum a todos estes autores.

Igualmente de notar é a referência a Sertório, presente em Jerónimo Cardoso e Luís de Camões, facto a que não deverá ser alheia a influência de André de Resende²³⁸.

4.3.- Manuel da Costa

²³⁸ André de Resende, *op. cit.*, p. 17. Este erudito humanista divulgou, com base em documentos epigráficos que hoje não podemos verificar, a notícia de que Sertório, aliado dos Lusitanos, teria escolhido a cidade de Évora para sua residência fixa, por causa do auxílio militar que esta lhe teria então prestado e das vantagens estratégicas do lugar. Note-se que Resende usa as mesmas palavras que Camões: «tomou em ela seu assento».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Manuel da Costa, a quem Jerónimo Cardoso dirige uma das composições do *Silvarum Liber Vnus*, (pp. 15-17), foi um poeta áulico²³⁹. Refere-se ao aqueduto de Évora no poema em que canta o casamento do infante D. Duarte, filho de D. Manuel, (cuja morte prematura André Cotrim lamentará no *epicedium*), com D. Isabel, filha do duque D. Jaime de Bragança. O poema em questão, intitulado *De Nuptiis Eduardi Infantis Portugaliae Atque Isabellae, Illustrissimi Theodosii Brigantiae Ducis Germanae, carmen heroicum*, só foi publicado em 1552, posto que o casamento se tivesse realizado em 1537, em data, portanto, coincidente com a fase final das obras do aqueduto.

No momento da chegada da comitiva real a Vila Viçosa, comitiva da qual são mencionados os irmãos de D. João III, vários nobres e funcionários da corte, os canhões do castelo dispararam várias salvas: «Ouviram-nos os lagos transparentes, ao longe ouviu-os a serra de Ossa, e no aqueduto soberbo que se ergue nos ares, obra do rei João, ouviu-os a corrente de água de prata que penetra nos edifícios de Évora. Ao peito as mães apertaram os filhinhos, cada uma acarinhando no seio os corações assustados do estrondo».

Segundo Costa Ramalho, os versos de Manuel da Costa inspiram-se num passo da *Eneida* de Virgílio, (VIII, vv. 516-518), que também foi glosado por Camões n' *Os Lusíadas*, (IV, est. 28), já sem a alusão à Água de Prata. Os versos de Manuel da Costa têm implícito o elogio de D. João III e são inovadores pela menção do aqueduto, sendo que «a grandeza épica da situação quase é estragada pela intenção didáctica de explicar que a água de prata corre no grandioso aqueduto de Évora, e que tudo foi mandado construir por D. João III»²⁴⁰.

Num outro texto, que todavia não conhecemos, um elogio da Universidade de Coimbra e de D. João III, publicado no *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui Latine Scripserunt*, Manuel da Costa, «depois de celebrar a expansão portuguesa no

²³⁹ Manuel da Costa foi professor de Direito e jurista. Terá nascido em Lisboa por 1512. As suas obras poéticas foram editadas, primeiramente em Coimbra, em 1552, e tiveram reimpressão em 1747 no primeiro volume do *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui Latine Scripserunt*, (Tomo I, pp. 283-320), do P.º António dos Reis. Houve ainda uma impressão das suas *Obras Completas* em Salamanca, em 1584, promovida pelos seus filhos.

Manuel da Costa, tendo-se jubilado em Coimbra, seguiu para Salamanca, em 1561, para a Universidade onde primeiramente estudara, para disputar, com outro português, a Cátedra de Direito Civil. Posto que tivesse alcançado a dita Cátedra, veio a falecer pouco depois, deixando a sua mulher e dois filhos em sérias dificuldades económicas. Estes viriam a ser juristas notáveis e reimprimiram os tratados de Direito, os versos e os discursos do seu pai.

²⁴⁰ Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1994, p. 156.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Oriente, [...] recorda as grandes obras de utilidade pública, promovidas pelo rei, como o aqueduto da Água de Prata em Évora»²⁴¹.

4.4.- Diogo Pires

As duas referências que conhecemos, feitas à Água de Prata por Diogo Pires, estão inseridas numa antologia, publicada em Ragusa, (a moderna cidade de Dubrovnik), intitulada *Poematum illustrium Ragusinorum Liber Primus*, (sem data). Nestas duas citações vibra, com tom pungente, a saudade de um exilado que tinha por terra natural a cidade de Évora e que vira, com os próprios olhos, durante os tempos da sua juventude, erguer-se a obra famosa. Diogo Pires saiu de Portugal, por imposição paterna, em 1535²⁴², por imposição, data em que as obras, começadas quatro anos antes, estavam já bastante adiantadas.

Este exilado nunca viu o aqueduto concluído e, por tal razão, mais se avoluma a nostalgia que pesa sobre as suas palavras. Menciona-o, assim, na elegia “Ad Nicolaum Gottium”, (vv. 59-64): «Rursus et incipio: «Num fors tibi cognita dudum/ Moenia Vlysseis proxima littoribus,/ Quae circum lento deducta argentea riuo/ Ludit, Ioannis nobile regis opus?/ Donec in hos ibit uitalis spiritus artus,/ Illa meo nunquam pectore deciderint», ou, na versão de Carlos Ascenso André: «Volto atrás, e recomeço: «Porventura conheces, de há pouco, as muralhas próximas das praias de Ulisses? E aquelas em torno das quais brinca a água de prata, conduzida em lenta corrente, obra notável do rei João?» Enquanto nestes membros correr um sopro de vida, nunca elas hão-de apagar-se do meu coração».

Refere-se-lhe, ainda, na elegia “De Vltimis Portugalliae Regibus, Qui Aetate Mea Vixerunt”, (vv. 31-34): «At quae cura prior regi, quaeque una uoluptas/ Exstitit, occultis lympha reperta uadis./ Illa per et muros Eborae, perque aurea tecta/ Ludit, et argento purior unda salit», ou, na versão do mesmo tradutor: «Mas aquele que foi o cuidado mais importante para o rei, aquele que foi o seu maior prazer, foi a água que se encontrou em depósitos ocultos. Ela brinca pelos muros de Évora e pelos tectos doirados, e a água salta mais pura do que a prata».

4.5.- Outras

²⁴¹ Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1994, p. 159.

²⁴² Carlos Ascenso André, *op. cit.*, p. 16: «Em nota, escrita em prosa, a um dístico seu de louvor a D. João III, inserto no seu livro *Cato Minor*, publicado em Veneza em 1596, [Diogo Pires] declara com profundo sentimento ter deixado Portugal em 1535, isto é, aos 18 anos de idade». Também p. 18.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Modernamente também Fernando Campos, pretendendo com fina intuição reconstituir o ambiente sócio-cultural do Portugal de Quinhentos, no seu romance *A Casa do Pó*, não deixou de se referir às obras de reconstrução do aqueduto²⁴³.

5.- André Cotrim na obra de Jerónimo Cardoso

André Cotrim foi poeta latino de relevo e como tal, foi tido em alta conta por Jerónimo Cardoso, como atestam alguns pontos da sua obra. Pelos textos que chegaram até nós²⁴⁴, porém, podemos supor que nunca tenha existido, entre ambos, uma amizade tão estreita como a que uniu Jerónimo Cardoso a Pedro Sanches ou a Inácio de Moraes.

5.1.- A composição n.º 22- “Ad Andream Cotrinium de Epigrammate Suo in Aquam Argenteam”

A elegia n.º 22- “Ad Andream Cotrinium de Epigrammate Suo in Aquam Argenteam”, com que Jerónimo Cardoso celebrou o epigrama de André Cotrim, é, sem dúvida, o mais belo texto que encontrámos sobre a Água de Prata. O poema abre com uma interjeição, e logo se nos depara a Água de Prata, personificada, desde o primeiro verso, numa divindade aquática.

O elemento líquido, por meio de uma elegante prosopopeia, surge divinizado como «Argentea Nais». De elemento inerte torna-se a Náíada Argentea, uma ninfa dotada de sentimentos humanos, entre os quais impera a vaidade. Vaidade justificada por ter sido objecto do canto de um poeta da craveira de André de Cotrim, razão bastante para que se abandonasse o nome de «Argentea» e, com mais propriedade, se chamasse «Aurea». A Náíada Áurea, de quem se diz ser a única glória de Sertório.

A Náíada Argentea, enfim, ergueu-se magestosa. Obra de architectos? Não há margem para dúvidas, Jerónimo Cardoso diz: «nunc [...] demum», somente desde que André Cotrim fez soar a sua lira: irresistível evocação de Orfeu que, com o seu canto, amansava as feras, dominava os poderes da morte e movia as rochas, com elas edificando as muralhas de Troia, que então se fortificava.

5.1.1.- *Vt pictura poesis*

²⁴³ Fernando Campos, *A Casa do Pó*, p. 35: «seguimos pelo trilho que corre a par com o aqueduto em obras de reconstrução. O sábio André de Resende descobrira os vestígios do antigo aqueduto romano de Sertório e el-rei D. João III convenceu-se da bondade de tal empreendimento».

²⁴⁴ Concretamente, Jerónimo Cardoso dirige a André Cotrim a carta n.º 27, (fl. D ii-v.º), do seu *Epistolarum Familiarium Libellus*, e as duas composições de que nos ocupamos, com os n.ºs 22 e 27, sendo esta última um simples dístico. Na carta, que trata de crítica literária, Cardoso pede a André Cotrim, que manifestara desejo de ler a sua *Oratio pro Rostris*, que seja severo na sua revisão e, de seguida, justifica alguns passos de um poema que recentemente, «nuper», lhe enviara. Esse poema é precisamente a elegia n.º 22- “Ad Andream Cotrinium de Epigrammate Suo in Aquam Argenteam”.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

A referência aos pintores Apeles e Zeuxis, pondo de lado o que nela soa a lugar comum, vai ao encontro de um conceito com larga tradição no Ocidente. É Horácio que, na *Arte Poética*, fazendo eco de uma teoria aristotélica, estabelece uma comparação entre as duas artes dizendo que, como a pintura, assim é a poesia: «ut pictura poesis», (v. 361), e isto porque ambas as artes possuem um carácter marcadamente mimético, dado que procuram reproduzir a realidade.

É o próprio poeta que, na carta n.º 27, explica a André Cotrim o que pretendeu com a referência aos mais famosos pintores da Antiguidade: «cum ita scriptum est singula non sic uolui non similem Apellis pictoris clarissimi: sed multo eo superiorem indepingendis singulis facere».

5.1.1.- Obras famosas da Antiguidade citadas

Diz seguidamente Jerónimo Cardoso, na sua carta a André Cotrim: «Quatuor enim opera inter mundi mirabilia a ueteribus commemorata, duobus distichis inseruimus», e, com efeito, nos dois dísticos seguintes, passa em revista alguns monumentos da Antiguidade: o Mausoléu de Halicarnasso, as Pirâmides do Egipto, um «ebur Eleum» e um altar construído com marfim, que não consta em nenhuma lista de maravilhas do Mundo Antigo, mas que se pode interpretar, metonimicamente, como referência ao templo de Ártemis em Éfeso ou ao próprio Parténon, valendo o ablativo «cornibus» como alusão à riqueza de materiais empregues na sua construção. Todas estas maravilhas desejariam ter sido exaltadas em versos de André Cotrim.

O «ebur Eleum» rapidamente se depreende ser a estátua criselefantina de Zeus de Olímpia. André Cotrim, curiosamente, não teria compreendido a alusão e teria mesmo recomendado a Jerónimo Cardoso que efectuasse uma alteração no texto. Como Paul Teyssier concisamente notou: «André Cotrim ayant reproché à Cardoso d'avoir, [...], écrit «ebur elaeum» («ivoire d'Elide»), alors qu'à son avis il fallait dire «ebur eoum» («ivoire oriental»)»²⁴⁵. Jerónimo Cardoso esclarece eventuais dúvidas, na já citada carta n.º 27: «cum eleum in carmine meo scriptum est non de ebore indico ut tu falso suspicaris, intellexi: uerum quod multo praestantius est, de ebore Iouis Olympici simulachro quod Phidias [...] circa Olympum in Elide regione, non sine summa totius antiquitatis admiratione fabrefecit» e, mais adiante: «aperte potes colligere me apte et concinne eleum non autem aeoum scripsisse».

²⁴⁵

Paul Teyssier, *op. cit.*, 1980, pp. 18-19.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

A elegia de Jerónimo Cardoso encerra com uma referência ao valor da poesia, hoje irónica pela circunstância de se ter perdido o epigrama de André Cotrim a que reportava. Um arquitecto ergueu a Água de Prata e esta deve-lhe muito. Muito maior, porém, é a dívida do arquitecto ao poeta que a celebrou, pois só pela sua arte a obra arquitectónica alcançou a imortalidade.

5.2.- A composição n.º 27- “Ad Andream Cotrinium”

Com um epigrama, a composição n.º 27- “Ad Andream Cotrinium”, Jerónimo Cardoso rende mais uma vez homenagem ao génio poético de André Cotrim.

A concisão do Lexicógrafo é notável. Nenhum elogio se poderia fazer de forma mais expressiva e com menos palavras a um cultivador das Belas Letras: Febo, o deus Apolo, o chefe do coro das Musas, o deus de Eloquência, da Arte, da Poesia e da Música encheu-se de mágoa e de ciúme desde que André Cotrim soltou a sua língua, porque ao deus das competições poéticas, que é divino pelo nascimento e divino também pela arte, não é grato encontrar alguém que com ele possa rivalizar.

6.-Conclusão

Jerónimo Cardoso prestou homenagem a um poeta seu contemporâneo, autor de um epigrama que o fascinou, com dois pequenos poemas, dois epigramas, sem os quais André Cotrim não seria aqui lembrado.

A elegia n.º 22 de Jerónimo Cardoso, sobretudo, resulta em função do que vimos um *requiem*, pleno de nostalgia, sobre algo que o autor e seus contemporâneos conheceram e admiraram de perto, e que nós hoje por completo desconhecemos: o *epigramma* de André Cotrim e aquela antiga fonte, ornamentada com esculturas de leões, uma das fontes mais cantadas do nosso Renascimento, que não logrou sequer alcançar o fim do século que a viu erguer.

A «Argentea Nais», a despeito dos séculos que passaram, ainda corre em taças e tanques de fino mármore de Estremoz, o seu murmúrio incessante permanentemente se faz ouvir na calma de cada tarde alentejana. E ainda que um dia, «tu ne quaesieris», a Água de Prata cessasse de correr, bastariam alguns versos daqueles que a cantaram para que não deixasse de ser lembrada.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo X- Aquiles Estaço, um aluno ilustre

1.- Fontes do capítulo

1.1.- Barbosa Machado

Para a redacção deste capítulo, considerámos as duas notícias que Barbosa Machado²⁴⁶ dedicou ao nosso maior humanista de Quinhentos, das quais fizemos uso com a necessária prudência.

1.2.- Enciclopédia

De igual modo consultámos os artigos das enciclopédias, quer da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*²⁴⁷, quer da *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*²⁴⁸, que se apresenta actualizado por meio de um pequeno aditamento incluído num dos volumes do «Suplemento»²⁴⁹.

1.3.- Outras

Além destes artigos, demasiado breves e concisos, a nossa investigação orientou-se para alguns outros trabalhos de maior extensão. Deste modo ocupámo-nos de um estudo de Costa Ramalho sobre a formação de Aquiles Estaço²⁵⁰ e, para o restante percurso biográfico de Aquiles Estaço, servimo-nos de dois importantes trabalhos da autoria de Belmiro Fernandes Pereira²⁵¹, mais um investigador a destacar o facto de Aquiles Estaço ter sido aluno de Jerónimo Cardoso, como já anteriormente Cândido Aparício Pereira e Paul Teyssier haviam notado.

2.- Dados biográficos de Aquiles Estaço

2.1.- O seu nascimento

Aquiles Estaço nasceu na Vidigueira, povoação alentejana situada entre Évora e Beja, a 12 de Junho de 1524, como ele refere numa carta ao humanista Paul Melissus. Era seu pai Paulo Nunes Estaço, guerreiro valoroso que esteve ao serviço do Reino na

²⁴⁶ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, pp. 4-10 e Tomo IV, p. 1.

²⁴⁷ «ESTAÇO (Aquiles)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 10, pp. 360- 361.

²⁴⁸ Américo da Costa Ramalho, «ESTAÇO (Aquiles)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 7, pp. 1348-1349.

²⁴⁹ Américo da Costa Ramalho, «ESTAÇO (Aquiles)» in *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 19, p. 1200.

²⁵⁰ Américo da Costa Ramalho, «Notas Sobre a Formação de Aquiles Estaço» in *op. cit.*, 1983, pp. 293- 310.

²⁵¹ Belmiro Fernandes Pereira, *As Orações de Obediência de Aquiles Estaço*, 1991, pp. 11-46 e 65-75.

Belmiro Fernandes Pereira, «A Livraria de Aquiles Estaço, *Librorum Venator et Helluo*» in *HVMANITAS*- Vol. XLV, 1993, pp. 255-305. Em especial as pp. 258,266-267 e 269.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Índia, em África e no Brasil, e que pelos serviços prestados a D. João III recebeu do monarca o hábito da Ordem de Cristo, com uma boa tença, e o cargo de governador do castelo de Outão, na barra de Setubal.

Depois de enviuar, Paulo Nunes ter-se-ia recolhido ao Mosteiro da Serra de Ossa e, não satisfeito, obteve mais tarde faculdade do abade perpétuo de Alcobaça, o cardeal infante D. Henrique, para passar à regra de S. Bernardo, no Mosteiro de Seiça em Lavos, instituição em que passou o resto da sua vida e em que veio a morrer antes de 1 de Dezembro de 1573, data de uma carta de Inácio de Moraes a Aquiles Estaço²⁵² que o dá como morto. Costa Ramalho descreve o fim de Paulo Nunes Estaço com base num texto da autoria de Aquiles Estaço²⁵³.

2.2.- A sua viagem

Paulo Nunes teria destinado este seu filho a uma educação militar, com vista a torná-lo um soldado valoroso. Por essa mesma razão lhe teria dado o nome do filho de Peleu, Aquiles.

Para o afeiçoar desde a mais tenra idade à dureza dos cenários de combate, muito cedo o terá arrancado dos braços de sua mãe para um destino que lhe podia ter sido fatal. O simples facto de Aquiles Estaço ter sobrevivido, com tão tenra idade, às arriscadas travessias marítimas que efectuou, deita por terra a pretensa debilidade física que Barbosa Machado refere²⁵⁴. Costa Ramalho²⁵⁵ estranha essa fragilidade, com base literária fundada no texto do Ms. B-16 da Biblioteca Vallicelliana²⁵⁶. De qualquer forma é um dado adquirido que o jovem Aquiles Estaço tenha viajado para paragens distantes que Barbosa Machado e o artigo da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* dizem erroneamente terem sido as da Índia²⁵⁷.

Costa Ramalho, no estudo citado, mostra como o jovem Aquiles Estaço partiu, com cerca de 8 anos de idade, primeiro com destino à África Ocidental e, depois, às

²⁵² Carta publicada e traduzida por Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1985, pp. 192-195.

²⁵³ Américo da Costa Ramalho, «Notas Sobre a Formação de Aquiles Estaço», *op. cit.*, 1983, pp. 296-300, em especial p. 299: «o pai, segundo a mesma fonte, recolheu-se com mais de setenta anos ao mosteiro de São Bernarbo em Seiça, no concelho da actual Figueira da Foz, e aí morreu, seis meses depois, deixando edificadas os outros religiosos com o rigor de vida ascética que levava.»

²⁵⁴ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, p. 5: «e fosse pouco robusto para as armas.»

²⁵⁵ Américo da Costa Ramalho, «Notas Sobre a Formação de Aquiles Estaço», *op. cit.*, 1983, p. 295. Deste estudo existe um resumo do autor publicado na *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 19, p. 1200.

²⁵⁶ O manuscrito intitula-se *Pauli Nonii Statii electarum rerum gestarum commentariolus Achillis Statii Lusitani F.*

²⁵⁷ Na origem deste lapso poderá estar o facto de Paulo Nunes Estaço ter embarcado, numa armada de Vasco da Gama, para a Índia, quando tinha cerca de 24 anos. Nessa altura, porém, Aquiles Estaço estava ainda no ventre de sua mãe. Paulo Nunes só anos mais tarde viria a conhecer o seu filho.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

terras do Brasil. Terá aportado a Pernambuco, na nau Esfera, a 30 de Outubro de 1532, onde Paulo Nunes terá permanecido, em comissão, cerca de quatro anos, sendo provável que tivesse enviado o seu filho para o Reino antes de esse longo período findar.

A razão de tal retorno explica-a o próprio Aquiles Estaço no prefácio a uma sua obra que dedicou a João de Barros²⁵⁸: teria, por essa altura, mostrado grande facilidade em aprender as línguas nativas dos Índios e tal facto foi causa de que seu pai o enviasse para Portugal, a fim de que pudesse estudar Humanidades, desistindo assim dos seus intentos de fazer de Aquiles Estaço um homem de armas. Dado que seu pai iria estar ausente ainda por alguns anos, o jovem rapaz foi confiado a João de Barros, que ficou como seu tutor durante a ausência de Paulo Nunes.

2.3.- Estudos de Aquiles Estaço

O artigo da *Grande Enciclopédia* faz eco de uma informação, divulgada por Barbosa Machado²⁵⁹, segundo a qual, já antes de partir, o jovem teria aprendido os primeiros rudimentos de gramática com João de Barros. Que ele já então fosse instruído nas primeiras letras e em rudimentos de língua latina é facto de que se não pode duvidar, sendo, como era, filho de pais aristocratas. Costa Ramalho²⁶⁰, porém, com base nos textos do *Commentariolus* e do prefácio ao *De Optimo Genere Oratorum*, diz ser provável que o período de formação junto do Historiador não tenha sofrido qualquer interrupção e que deve ser posterior ao regresso de Aquiles Estaço do Brasil.

Assim, baseando-se no prefácio do *De Optimo Genere Oratorum*, Costa Ramalho traz alguma luz sobre este período da vida de Aquiles Estaço, o qual terá permanecido em Lisboa onde Paulo Nunes, o confiou ao poder tutelar de João de Barros. O Historiador foi, segundo palavras do próprio Aquiles Estaço, o principal responsável por este ter empreendido estudos literários, ao mesmo tempo que se ocupou da sua formação moral. Aquiles Estaço seria, por essa altura, uma criança com cerca de 10 anos, vivendo em casa de João de Barros, («atque ego tum hospes & aetate puer»), e convivendo com o seu filho, António de Barros. O Historiador ter-se-á encarregado pessoalmente da educação de Aquiles Estaço, mas unicamente no que diz respeito à gramática portuguesa.

²⁵⁸ O seu título: *M. T. Ciceronis/ De Optimo Genere Oratorum/ Liber/ achillis Statij Lusitani in eundem commentarij/ Lutetiae/ Apud Vascosanum, uia Iacobaea ad insigne fontis./ MDLI/ Cum Priuilegio*. Esta obra guarda-se na «Secção de Livros Raros» da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e deve ter pertencido a Barbosa Machado.

²⁵⁹ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Vol. 4, p. 1.

²⁶⁰ Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, p. 301.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

A uma versão corrente segundo a qual Aquiles Estaço teria sido professor dos filhos de João de Barros responde Costa Ramalho com palavras do próprio Aquiles Estaço que declara, no seu prefácio a Cícero, que António de Barros, filho do Historiador, era quase da sua idade e lhe levava vantagem nos estudos, certamente pela sua permanência no Reino e pela constante vigilância exercida por seu pai. «Como é que, declarando-se inferior, naquele tempo, a António, podia Aquiles ser professor dele?»

2.4.- Aquiles Estaço como aluno de Jerónimo Cardoso

Aquiles Estaço ter-se-á submetido, durante este período em que João de Barros foi seu tutor, aos ensinamentos de outros mestres. Baseando-se na leitura do *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem* e do *Diálogo da Viciosa Vergonha* de João de Barros, Costa Ramalho assinala que já pela época em que tais diálogos tiveram lugar o professor de latim de António de Barros seria outro que não seu pai. Acrescenta que este jovem teria, então, cerca de quinze ou dezasseis anos. O ano era o de 1540, e Aquiles Estaço, à data da impressão do diálogo, tinha 15 anos, quase a mesma idade de António de Barros. Se partirmos do princípio de que o Historiador, como tutor do jovem Aquiles Estaço, terá proporcionado a ambos os rapazes uma formação semelhante, então, em 1540, (ou com maior probabilidade alguns anos antes), já os encontramos na aula de um professor de Humanidades que era, nada mais nada menos, que Jerónimo Cardoso.

Para aclarar esta questão seria necessário saber até quando foi João de Barros o responsável pela formação do jovem Estaço. Belmiro Pereira²⁶¹ considera provável que tal período de formação tenha terminado com o regresso de Paulo Nunes do Brasil, no fim da sua comissão de 4 anos, em 1536, ficando então o jovem Aquiles Estaço confiado ao poder tutelar de seu pai.

Belmiro Fernandes Pereira foi um dos primeiros investigadores a referir-se ao facto de Aquiles Estaço ter recebido lições de Jerónimo Cardoso²⁶². Dizemos um dos primeiros porque, anteriormente, já Cândido Aparício Pereira e Paul Teyssier, partindo das mesmas fontes, se lhe tinham referido²⁶³. Belmiro Pereira, para fundamentar a sua

²⁶¹ Belmiro Fernandes Pereira, *op. cit.*, 1991, p. 12.

²⁶² Belmiro Fernandes Pereira, *op. cit.*, 1993, p. 258: «Aquiles Estaço ouviu, depois, as lições de André de Resende, Inácio de Moraes, Azpilcueta Navarro, e, facto que tem passado despercebido, ouviu também o nosso primeiro lexicógrafo, como se infere do poema *Ad Achilem Statium*, inserto no *Hieronymi Cardosi Lamacensis sylvarum liber unus*».

²⁶³ Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, p. 42: «professor de humanidades [...] por ele [Jerónimo Cardoso] passaram, como alunos, muitas ilustres figuras que, de Aquiles Estaço a D. Jerónimo Osório, sobremaneira honraram o antigo mestre». Paul Teyssier, *op. cit.*, 1980, p. 15: «Mais le plus illustre des anciens élèves de Cardoso n'a pas encore été mentionné. C'est Aquiles Estaço. Cardoso lui dédie un

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

afirmação, parte explicitamente de uma composição do *Sylvarum Liber Vnus* de Jerónimo Cardoso: a *sylua* “Ad Achilem Statium”, (pp. 41-43), sem no entanto referir a composição n.º 37 do *Elegiarum Liber*, que é bastante explícita quanto à natureza do relacionamento entre Aquiles Estaço e Jerónimo Cardoso, por ser dedicada “Ad Achillem Statium Auditorem Suum”.

Estranhámos que Barbosa Machado, que conhecia bastante bem o *Elegiarum Liber* de Jerónimo Cardoso, do qual extraiu tantas citações para documentar os seus estudos, não tenha reparado em tal facto, que não teria deixado de referir. Assim, ao enumerar os antigos alunos que pelos seus méritos deram testemunho da erudição e virtudes pedagógicas do Lexicógrafo²⁶⁴, não menciona o nome daquele que foi efectivamente o aluno de Jerónimo Cardoso com maior projecção internacional no campo da filologia clássica.

2.5.- Outros estudos

O período em que Aquiles Estaço escutou as lições de Jerónimo Cardoso deverá, em nossa opinião, ser bastante recuado cronologicamente e, como tal, estar muito próximo da *Oratio pro Rostris* de Cardoso, dado que o jovem Aquiles Estaço ainda viria a escutar as lições de André de Resende, em Évora, e as de Martim Azpilcueta Navarro, em Coimbra, antes de sair de Portugal.

Assim ao período de formação em Lisboa sucede o de Évora²⁶⁵, junto de André de Resende, sendo possível que ambos se tivessem já encontrado, em Lisboa, quando

petit poème recueilli dans les Elégies: «A Aquiles Estaço, son élève». Il lui consacre également une de ses Silves, en rappelant encore une fois qu'il est son ancien disciple [...]».

²⁶⁴ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 488: «Para eterno crédito do seu magisterio não somente teve por discipulos Ruy Gonçalves da Camara filho de D. Manoel da Camara Governador da Ilha de S. Miguel; D. Jerónimo de Castro, D. Ioaõ de Attayde, e outros Fidalgos da primeira Ierarchia, mas ao insigne Manoel da Costa Lente de prima de Leys em a Universidade de Salamanca intitulado o *Subtil*; a D. Ieronimo Osorio Cicero Portuguez, que depois foy Bispo do Algarve; Ayres Gomes de Sá Cathedrático de Canones, Antonio Vaz, e Antonio Mendes, que passou a ser o primeiro Bispo da Cathedral de Elvas, Lentes das Escolas Menores em Coimbra, podendo justamente gloriar-se de ser Mestre de tantos Mestres, que em diversas Faculdades assôbraraõ as mais celebres Universidades».

²⁶⁵ Francisco Leitão Ferreira, *Noticias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, Vol. III, p. 214, (Apud Belmiro Pereira, *op. cit.*, 1991, p. 14): «E porque redundão em grande esplendor dos Mestres a nobreza, o nome, e a fama dos discipulos, logrou Resende também as prehemincias desta gloria, porque não só teve por principaes discipulos, os Infantes [...] mas a muitas pessoas de engenho esclarecido como foi Achilles Estaço, que depois admirou Roma». Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, p. 5: «na Cidade de Évora aprendeo do insigne Varão Andre de Resende as letras humanas, e a lingua Latina».

No artigo da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* diz-se que: «voltou para Portugal e matriculou-se na Universidade de Évora, onde estudou humanidades com André de Resende». Efectivamente André de Resende mantinha um pequeno curso de latinidade e erudição, mas não era de modo algum uma Universidade. Esta instituição, fundada pelo cardeal infante D. Henrique, só teve a sua

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Resende pronunciara a *Oratio pro Rostris*, em Outubro de 1534, na abertura solene do ano lectivo.

De Évora Aquiles Estaço passou a Coimbra, cidade em que escutou as lições de Azpilcueta Navarro, havendo disso testemunho na sua obra²⁶⁶. O seu nome, no entanto, não consta nos livros de matrículas nem nas actas conciliares da Universidade.

Onde terá Aquiles Estaço conhecido Inácio de Moraes, se em Lisboa, cidade em que este ensinava Humanidades nos mosteiros de Belém e da Penhalonga, pelos anos de 1535/1536, se em Coimbra, onde continuou a sua actividade docente primeiro em Santa Cruz, em 1541, e depois na Universidade, desde 20 de Outubro de 1546, é facto que não se pode determinar. Belmiro Pereira opta pela segunda hipótese: deste modo Aquiles Estaço ainda viveria em Coimbra em 1541. No entanto, é perfeitamente possível que ambos se tivessem encontrado em Lisboa, em 1536, ano em que Jerónimo Cardoso, mestre de Aquiles Estaço e amigo de Inácio de Moraes, pronunciou a sua *Oratio pro Rostris*.

Depois de Coimbra, Aquiles Estaço terá frequentado a Universidade de Lovaina, na Flandres, onde escutou as lições de *Petrus Nannius*, (ou melhor Pieter Nannink), um orador brilhante, com o qual desenvolveu os seus conhecimentos de oratória, poética e teologia e aprofundou o seu domínio de latim, grego e hebraico. Também não existem registos desta sua matrícula na Universidade de Lovaina, mas a sua permanência na cidade é atestada pela publicação do seu primeiro trabalho poético intitulado *Achillis Statii Lusitani Syluae Duae. quibus adiuncta sunt, Praefatio in topica Ciceronis [...]*, no ano de 1547.

Em 1549 vamos encontrar Aquiles Estaço em Paris, cidade para onde se mudara no ano anterior e onde frequenta informalmente a Universidade, continuando os seus estudos de teologia, grego e hebraico. Aí, nesse mesmo ano, publica as *Syluae aliquot*, que dedicou ao Infante D. Luís.

Em 1550, dois anos depois de se ter ausentado, Aquiles Estaço regressa à Flandres, como ele mesmo afirma no *De Optimo Genere Oratorum*, (1551). Permaneceria aí poucos anos mais, sendo imprecisa a data na qual terá chegado a Itália.

inauguração solene no dia 1 de Novembro de 1559. Então havia muito que Aquiles Estaço tinha deixado Portugal.

²⁶⁶ Belmiro Fernandes Pereira, *op. cit.*, 1991, pp. 15-18.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Em 1555 há já indícios da sua presença em Itália e, em 1557, estava em Pádua²⁶⁷, cidade em que o humanismo de feição ciceroniana florescia.

2.6.- Carreira na corte pontifícia

Aquiles Estaço chegou a Roma antes de 23 de Julho de 1559, data de uma missiva em que o embaixador português junto da Santa Sé, Lourenço Pires de Távora, o dá como presente na Urbe.

Supõe-se que, na cidade de Roma, lhe tenha sido atribuída uma cadeira de Retórica na Sapienza. Como, porém, o seu nome não consta nos anais dessa Universidade, tal suposição foi já posta em causa. O cardeal Guido Ascanio Sforza nomeou-o seu secretário e bibliotecário, ficando assim Aquiles Estaço com livre acesso a uma vasta e importante colecção de manuscritos, dos quais soube tirar o melhor proveito, documentando os seus trabalhos com ricos escólios.

A sua fama foi tal que não passou despercebida aos papas. Assim, Pio IV chamou-o para secretário do Concílio de Trento, Pio V fez dele seu familiar e secretário das cartas latinas, (Aquiles Estaço para cuja formação latina Jerónimo Cardoso contribuíra), e Gregório XIII admitiu-o entre os seus familiares, embora Aquiles Estaço pouco tempo tivesse mantido esse privilégio, acabando por se retirar da corte.

Coube-lhe a honra de pronunciar Orações de Obediência a estes três pontífices: duas vezes em nome de D. Sebastião, a 20 de Maio de 1560, (na embaixada de Lourenço Pires de Távora, perante Pio IV), e a 28 de Setembro de 1574, (na embaixada de João Gomes da Silva, perante Gregório XIII). Pronunciou uma terceira Oração, em 1566, em nome do grão-mestre da ordem de São João de Jerusalém (Malta), Frei Jean de La Valette. Pronunciou ainda, em nome de Filipe I, em 1581, uma quarta Oração de Obediência, de que Barbosa Machado não faz memória. Celebrou, com uma oração fúnebre, a morte de D. Sebastião, nos solenes officios fúnebres promovidos em Roma, a 11 de Dezembro de 1578, pela Companhia de Jesus, Ordem que fora a principal responsável pela formação do jovem e malogrado monarca.

As tentativas de D. Sebastião enquanto viveu e, mais tarde, de D. Henrique de o fazerem regressar a Portugal saíram goradas, ainda que para tal o tivessem aliciado com os mais altos cargos a que no Reino poderia aspirar, como sejam o lugar de guarda-mor

²⁶⁷ Belmiro Fernandes Pereira, *op. cit.*, 1991, p. 19; Américo da Costa Ramalho, «ESTAÇO (Aquiles)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira*, Vol. 7, p. 1348.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

do arquivo real (Torre do Tombo), o posto honorífico de cronista latino e, no caso de D. Henrique, o lugar de seu secretário particular.

Aquiles Estaço terá mostrado, de início, certo desejo de regressar. Em 1565 preparava-se para abandonar Itália, a intervenção de S. Carlos Borromeu, porém, retém-no. O argumento usado era que Roma necessitava de homens como Aquiles Estaço para levar a cabo o programa de edições críticas dos textos dos Padres da Igreja, de acordo com as directivas conciliares. No início da década seguinte Aquiles Estaço terá pensado ainda uma vez em regressar. Inácio de Moraes, na missiva acima citada²⁶⁸, procurou demovê-lo desse intento, alegando a penúria em que viviam os letrados em Portugal. Aquiles Estaço, nessa altura, vivia em Roma numa situação financeira desafogada.

O ambiente culto da Roma de então e a sua atmosfera espiritual, o convívio de uma multidão de sábios, por um lado, e os próprios serviços que Aquiles Estaço podia prestar ao monarca português permanecendo em Roma, por outro, devem proporcionar-nos as razões justificativas da sua permanência na Urbe.

2.7.- A sua morte

Os seus últimos anos passou-os, assim, em Roma, dedicando-se inteiramente aos seus estudos. Morreu com 57 anos de idade, a 17 de Setembro de 1581, e foi sepultado, por ordem testamentária, na igreja dos padres da Congregação do Oratório de S. Filipe Neri, envergando o hábito de S. Domingos. O seu corpo teve sepultura em lugar honroso, na capela da Mãe de Deus.

A esta mesma Congregação do Oratório, formalmente reconhecida a partir de 1575, e concretamente à pessoa do P.^o Filipe Neri, futuro santo, legou Aquiles Estaço a sua livraria, «porventura a maior e a mais valiosa de todas as bibliotecas quinhentistas possuídas por portugueses»²⁶⁹, que deste modo veio a constituir o núcleo inicial da Biblioteca Vallicelliana de Roma.

A esta sua livraria foi, mais tarde, em 1644, reservada uma só sala, o *salone Borromini*, sobre cuja entrada figura um retrato de Aquiles Estaço e a legenda «Bibliotheca Satiana». Aos seus fundos bibliográficos, objecto de cobiça dos agentes de Filipe II, não faltavam sequer alguns livros de Jerónimo Cardoso²⁷⁰

2.8.- Breve referência à sua obra

²⁶⁸ Publicada e traduzida por Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, 1985, pp. 192-195.

²⁶⁹ Belmiro Fernandes Pereira, *op. cit.*, 1993, p.257

²⁷⁰ Belmiro Fernandes Pereira, *op. cit.*, 1993, pp. 266-267.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

A obra que produziu ao longo da sua vida é imensa e não cabe aqui referir o seu elenco²⁷¹. Assim, além das orações já citadas e das inumeráveis cartas que redigiu como secretário latino de Pio V, editou e comentou obras de Cícero, Virgílio, Catulo, Suetónio, Tibulo e Horácio. Traduziu para latim trechos da patrística grega e metrificou textos de salmos, trabalho que o levou a estudar a fundo a poesia antiga. De tal forma se especializou em crítica textual que os seus comentários a autores antigos ainda hoje se revelam úteis. As suas obras conservam-se, na sua maior parte, na Biblioteca Vallicelliana de Roma. Barbosa Machado refere ainda quatro volumes manuscritos que, ao seu tempo, se guardavam na biblioteca dos Padres Agostinhos, em Roma.

3.- Aquiles Estação na obra de Jerónimo Cardoso

Nas obras de Jerónimo Cardoso conservadas existem só dois textos dirigidos a Aquiles Estação, como já acima dissemos. São eles a composição n.º 37 do nosso índice, da qual nos ocupamos, e o poema em que Belmiro Fernandes Pereira se baseou para a sua afirmação.

3.1.- Correspondência poética no *Sylvarum Liber Vnus*

Esse poema é a *sylua* impressa no *Sylvarum Liber Vnus*, (pp. 41-43), saído em Lisboa, na tipografia de João da Barreira, em 1564, livro que é, cronologicamente a última obra poética do nosso autor. Nesse texto, dirigido “Ad Achilem Statium”, Jerónimo Cardoso, «complacente, [...] aprecia o trabalho poético de Aquiles e, gentil, roga-lhe o privilégio de, mestre desinteressado, partilhar da glória do discípulo (não convém que o general tome a presa devida ao soldado), advertindo, com o *exemplum* de Nero e Séneca, para os perigos de a vaidade resvalar para a ingratidão»²⁷². A composição estende-se por 55 hexâmetros dactílicos.

3.2.- A composição n.º 37- “Ad Achillem Statium Auditorem Suum”

Bastante diferente é o tom com que Jerónimo Cardoso se dirige ao seu aluno na elegia n.º 37- “Ad Achillem Statium Auditorem Suum”. Logo desde o título somos informados que o texto se dirige a um aluno do autor, o qual, à data da composição do poema, ainda devia escutar as lições do Lexicógrafo: um dado a reter, pois pode trazer

²⁷¹ Um bom elenco da produção literária de Aquiles Estação encontra-se em Belmiro Fernandes Pereira, *op. cit.*, 1991, pp. 34-46. Nesta listagem os títulos apresentam-se divididos entre *impressos* e *manuscritos*. Nos *impressos* registam-se edições de autores clássicos (12 títulos), edições de Padres da Igreja (8 títulos), poesia (8 títulos) e oratória (4 títulos). Nos *manuscritos* enumeram-se 26 títulos. Este índice tem a vantagem de mencionar as bibliotecas e as cotas dos livros.

²⁷² Belmiro Fernandes Pereira, *op. cit.*, 1993.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

alguma luz sobre a cronologia do epigrama que, assim, datará do período que medeia entre a chegada de Aquiles Estaço a Lisboa, no ano de 1534, e a sua partida para Évora, que acaso poderemos fixar na data do regresso de Paulo Nunes Estaço do Brasil, em 1536. Esta data, lembremo-lo, sugere-a Belmiro Pereira²⁷³ como limite cronológico do poder tutelar de João de Barros. A elegia é manifestamente mais antiga do que a *sylua*.

A composição abre com um hexâmetro simpático, pelo qual somos informados de que Jerónimo Cardoso recebera de Aquiles Estaço uma composição de pequeno fôlego, um *epigramma*, que muito lhe agradou, e muito mais lhe agradaria se não fosse tão breve. Tamanha brevidade resulta em prejuízo quer para o autor quer para o destinatário. A intenção daquele não passou disso mesmo, as expectativas deste, criadas pela recepção do poema, saíram frustradas.

Jerónimo Cardoso, de seguida, lembra Amiclas, cidade da Lacónia, e também a «lacedaemoniam [...] phrasin», ou seja, o estilo lacónico em que a *breuitas* impera. Aquiles Estaço, contudo, a despeito do seu nome, nasceu em Portugal, («Lusitano cum sis de sanguine natus»), não no Peloponeso e, por essa razão, não tem motivos para ser *lacónico*. Assim sendo, caso queira agradar ao seu mestre, será bom que, embora poucos, lhe envie cantos um pouco mais extensos.

3.2.2.- Comparação possível entre os dois poemas

O tom da elegia nº 37 é algo ambíguo. Na *sylua* Jerónimo Cardoso dirige-se a Aquiles Estaço com manifesta deferência, percebendo-se que o seu aluno já tinha criado fama. Neste epigrama, porém, uma abordagem inocente deixaria entrever um mestre a repreender, de modo muito brando, um defeito de um aluno. O epigrama que Aquiles Estaço dirigiu ao Lexicógrafo certamente se perdeu. O mesmo é de suspeitar quanto ao poema a que a *sylua* responde. Nesse porém, posto que o não conheçamos, já todo talento poético de Aquiles Estaço brilhava e o mestre, orgulhoso da sua obra, exorta-o a aperfeiçoar-se ainda mais.

3.2.3.- O exagero da *breuitas* conduz à *obscuritas*

Mas voltemos ao nosso epigrama. Poderíamos interpretar literalmente a composição e, assim, Jerónimo Cardoso estaria a censurar um defeito deste seu aluno, a demasiada brevidade, (*breuitas*), de um poema.

A *breuitas* corresponde a uma qualidade de estilo que um autor deve usar na justa medida. O defeito ou vício que decorre de um uso abusivo de tal qualidade

²⁷³ Belmiro Fernandes Pereira, *op. cit.*, 1991, p. 14.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

denomina-se *obscuritas*, isto é, falta de clareza na exposição das ideias. Horácio diz na *Arte Poética*: «breuis esse laboro,/ obscurus fio», (vv. 25-26). Aquiles Estaço, no epigrama que enviou ao Lexicógrafo, poderia ter seguido demasiado à risca o preceito horaciano: «esto breuis», (v. 335), e, deste modo, incorrido no vício da *obscuritas*, daí a censura do seu mestre: «est fraudata tua mens mea laetitia». O próprio Jerónimo Cardoso, de resto, mostra rechar este vício de estilo na elegia que envia a Baltasar de Teive, como adiante veremos.

A divisão entre *brevitas* e *obscuritas*, posto que ténue, deve, segundo Horácio, ser definida pelo ideal de vida que o poeta já para si preconizava, a célebre *aurea mediocritas*. Deste modo, forcejando por alcançar uma justa medida no uso da *brevitas*, se conseguem evitar dois defeitos: a quebra de unidade nas *res*, motivada pela intercalação de digressões fastidiosas na narração, (tudo o que não tenha uma estreita relação com o tema poético), e a *obscuritas*, que é prejudicial a ponto de afectar a própria compreensão de um texto.

Uma leitura diversa desta elegia, porém, deixa entrever o mestre maravilhado com uma pequena composição enviada pelo seu aluno, composição essa que Cardoso só poderia desejar que fosse ainda maior, daí semelhante protesto.

3.3.- Aquiles Estaço e o seu comentário ao *Arte Poética* de Horácio

Este discípulo de Jerónimo Cardoso, lembremos, havia ainda de granjear renome internacional pelos seus conhecimentos filológicos e, entre os seus muitos trabalhos, viria a publicar, em Antuérpia, em 1553, um comentário da *Arte Poética* de Horácio, intitulado *In Horatii Artem Poeticam Commentarium*, em que, como realça Rosado Fernandes²⁷⁴, o Humanista se ocupa principalmente de crítica textual.

4.- Conclusão

Aquiles Estaço escutou, ainda menino, em Lisboa, as lições de um jovem humanista para quem o futuro parecia brilhar. Jerónimo Cardoso era então um jovem promissor a quem fora concedida a honra de pronunciar a *Oratio pro Rostris* na abertura solene de mais um ano lectivo. Tal facto constituía uma veemente afirmação de prestígio, e é muito natural que Aquiles Estaço tivesse escutado este seu mestre a discursar.

Muitos anos volvidos, em 1563, já Aquiles Estaço era autor de várias obras publicadas, entre as quais avultavam comentários a Cícero e Horácio e alguns livros de

²⁷⁴ Na sua «Introdução» à *Arte Poética*, p. 36.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

versos. Mais do que isso, proferira já, algum tempo antes, em 1560, a sua primeira Oração de Obediência. O seu nome era famoso a ponto de D. Sebastião se esforçar para o trazer de volta a Portugal. Jerónimo Cardoso, ao publicar esta elegia, fazia alarde das suas qualidades de pedagogo, fazendo ver a todos Aquiles Estaço como *auditorem suum*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Capítulo XI- Baltasar de Teive e o «limae labor»

1.- Fontes do capítulo

Seguindo um procedimento extensivo aos restantes capítulos, iniciámos a nossa investigação por obras de carácter geral sobre bibliografia portuguesa. Tais obras, posto que contenham referências importantes para o nosso trabalho, ficam muito aquém das expectativas e, só por si, nunca bastariam à redacção deste último capítulo. Por essa razão assumem carácter importante as pequenas referências esparsas que se nos foram deparando no decurso de leituras várias. Delas daremos notícia, no desenrolar deste capítulo.

1.1.- Barbosa Machado

Barbosa Machado, como sempre, mostra-se imprescindível, dedicando a Baltasar de Teive duas pequenas notícias. Na primeira delas²⁷⁵ o bibliógrafo poucos dados acrescenta aos que se podem inferir da simples leitura dos dois poemas de que agora nos vamos ocupar. De novo só a sua naturalidade, (questionável em função de outras leituras), o lugar onde estudou, o conceito que dele formava Pedro Sanches, (no longo poema intitulado “Carmen de Poetis Lusitanis”), e uma simples e lacónica referência à *grande cópia* de epigramas e outras obras poéticas que este autor nos legou e que nunca foram publicadas. Pouca coisa, como podemos constatar. Podemos identificar, como fontes do seu primeiro artigo, a leitura dos dois poemas insertos no *Elegiarum Liber* e do “Carmen de Poetis Lusitanis” que Barbosa Machado conhecia bem uma vez que tinha sido dado a lume, havia pouco, em 1745, pelo P.º António dos Reis. A segunda notícia é brevíssima²⁷⁶ e diz respeito à filiação de Baltasar de Teive e à faculdade em que se formou.

É possível que Barbosa Machado nunca tenha compulsado o manuscrito das obras poéticas de Pedro Sanches, o Ms. F. G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa, de que era possuidor Gaspar de Faria Severim, porque nele existem cartas trocadas entre Baltasar de Teive e Rodrigo Sanches, pregador real e irmão de Pedro Sanches. Barbosa Machado tê-las-ia certamente mencionado, se delas tivesse tido conhecimento.

1.2.- Enciclopédia

²⁷⁵ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, p. 457.

²⁷⁶ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo IV, p. 66.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Compulsámos o artigo que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*²⁷⁷ consagra a Baltasar de Teive. Trata-se, como de costume, de um resumo das informações contidas na primeira notícia de Barbosa Machado. Além de não fazer caso do que este investigador diz na segunda notícia, acrescenta ainda, pelo menos, um erro, quando fala do «humanista e professor da Universidade Jerónimo Cardoso». O Lexicógrafo nunca chegou a ser professor da Universidade, a despeito de aí ter pronunciado a *Oratio pro Rostris* de 1536. Este facto estará na origem do lapso.

Dada a hipótese de Baltasar de Teive ter publicado alguma obra do foro jurídico, (à semelhança do que se passa com o juriconsulto Álvaro Vaz), consultámos ainda a *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI* de António Joaquim Anselmo, em busca que se mostrou infrutífera.

1.3.- Referências dispersas: Luís de Matos e Joaquim Veríssimo Serrão

Dada a escassez de informações biográficas dos artigos anteriormente citados, fizemos uso de todas as notícias encontradas no decurso de várias leituras. Assim destacamos o «Prefácio» à 2.^a edição de uma obra de Carolina Michaélis de Vasconcelos²⁷⁸, da autoria de Costa Ramalho, em que se menciona uma carta enviada por Baltasar de Teive a Rodrigo Sanches, datada de Salamanca, 28 de Setembro de 1532, (de que se trancreve um excerto), e a carta de resposta de Rodrigo Sanches, enviada a Salamanca, a Baltasar de Teive, datada de 18 de Outubro de 1532, (também parcialmente citada). Ambas as cartas procedem do Ms. F. G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa²⁷⁹.

Em função de tão segura notícia sobre a permanência de Baltasar de Teive em Salamanca, aliada ainda à informação, veiculada por Barbosa Machado²⁸⁰, de que Baltasar de Teive se graduara «na Faculdade de Jurisprudencia em a Universidade de Pariz» orientámos a nossa investigação no sentido de apurar as circunstâncias que rodearam as estadias de Baltasar de Teive em Paris e em Salamanca, sendo para tal

²⁷⁷ «TEIVE (Baltasar de)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 31, p. 21.

²⁷⁸ Américo da Costa Ramalho, «Prefácio» in Carolina Michaélis de Vasconcelos, *op. cit.*, p. XIV.

²⁷⁹ Consultando o índice deste códice, elaborado por Cândido Aparício Pereira, *op. cit.*, pp. 28-37, verificamos que se referem a Baltasar de Teive os seguintes títulos: n.º 17, (carta de Rodrigo Sanches a Baltasar de Teive); n.º 18 (carta de Baltasar de Teive a Rodrigo Sanches), n.º 19, (carta de Rodrigo Sanches a Baltasar de Teive), e n.º 49 (poema dirigido a Baltasar de Teive). As missivas citadas por Américo da Costa Ramalho têm os n.ºs 18 e 19.

²⁸⁰ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo IV, p. 66.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

inestimável o contributo prestado pelos trabalhos de Luís de Matos²⁸¹ e Joaquim Veríssimo Serrão²⁸².

1.4.- A *Arte Poética* de Horácio

Como os dois poemas de que nos ocupamos constituem um pedido de aplicação do «*limae labor*» horaciano e a resposta a esse mesmo pedido, orientámos o nosso comentário para o confronto entre os dois poemas, por um lado, e as prescrições da *Arte Poética* de Horácio, por outro.

2.- Dados biográficos de Baltasar de Teive

2.1.- O seu nascimento

Baltasar de Teive foi um jurista e cultivador da poesia latina cujas datas de nascimento e morte se ignoram. Um dado que, contudo, se pode inferir do pouco que sabemos a seu respeito, é que pertenceu à mesma geração de Pedro Sanches e Inácio de Moraes. O artigo da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* refere, vagamente, que Baltasar de Teive foi «poeta e latinista da segunda metade do séc. XVI». Semelhante cronologia só poderá ser aceite se a adscrevermos ao tempo em que Baltasar de Teive esteve activo como poeta, ou talvez nem isso.

Segundo Barbosa Machado²⁸³ Baltasar de Teive era natural de Braga. Porém, e posto que viesse a passar os últimos anos da sua vida em Braga, Luís de Matos²⁸⁴, (e, na sua esteira, Joaquim Veríssimo Serrão²⁸⁵), dá-o como natural do Funchal.

Sendo filho de Diogo de Teive e Catarina Rodrigues Cardoso, segundo nos informa Barbosa Machado, Baltasar de Teive pertencia a uma família da nobreza, na qual se distinguiram ainda, entre outros, dois homónimos de seu pai. Eram eles Diogo de Teive, primo de Baltasar de Teive²⁸⁶, famoso humanista português que ensinou no Colégio das Artes em Coimbra e um outro Diogo de Teive, que viveu no século anterior e esteve relacionado com a colonização da Ilha da Madeira, mais concretamente com o início da exploração açucareira na Ilha, dado que fizera um contrato com o Infante D.

²⁸¹ Luís de Matos, *Les Portugais a l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, pp. 56, 59-60, 64 e 165.

²⁸² Joaquim Veríssimo Serrão, «Portugueses no Estudo de Salamanca (1250-1550)» in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Lisboa, III série, 5, 1961, pp. 255 e 271-272.

²⁸³ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo I, p. 457.

²⁸⁴ Luís de Matos, *op. cit.*, p. 165.

²⁸⁵ Joaquim Veríssimo Serrão, *op. cit.*, p. 272.

²⁸⁶ Joaquim Veríssimo Serrão, *op. cit.*, p. 255.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Henrique, lavrado a 5 de Dezembro de 1452, para montar aí um engenho de tratamento de açúcar.

2.2.- Estudos

Baltasar de Teive e dois irmãos seus, Manuel e Gaspar de Teive, tiveram o privilégio de frequentar, em Paris, o colégio de S. Bárbara. Manuel de Teive, que permaneceria em Paris até ao fim do ano de 1531 viria a morrer, segundo Luís de Matos²⁸⁷, ainda antes de 1536, depois de ter já abandonado França, em 1532, muito provavelmente em companhia de seu irmão Baltasar de Teive.

Gaspar de Teive, a quem Jerónimo Cardoso dedica a elegia n.º 32- “Ad Gasparem Thebanum”, era natural de Braga²⁸⁸. Apresentamo-lo como irmão de Baltasar de Teive com uma certa reserva dado que Luís de Matos, depois de o dar como seu irmão²⁸⁹, se mostra algo hesitante quanto a tal relacionamento²⁹⁰.

O artigo da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, que infelizmente não cita as suas fontes, dá Baltasar de Teive como natural de Braga, (informação que pode ter sido bebida em Barbosa Machado), e diz que se formou em Cânones pela Universidade de Coimbra, informação que devemos ignorar à falta de pontos de apoio mais seguros, uma vez que não encontramos mais nenhuma referência a uma estadia de Baltasar de Teive em Coimbra. No dizer de Barbosa Machado, Baltasar de Teive «graduou-se na Faculdade de Jurisprudência na Universidade de Pariz»²⁹¹.

2.2.1.- A sua estadia em Paris

Baltasar de Teive, segundo Luís de Matos²⁹², chegou a Paris, (onde seria bolseiro régio até 1532), antes de 1527, uma vez que no ano anterior se encontrava matriculado, juntamente com seu irmão Manuel, no Colégio de S. Bárbara, onde devia ter chegado no início do principado de Diogo de Gouveia, cerca do ano de 1520. Esta mesma informação, repetida por Joaquim Veríssimo Serrão²⁹³, tem por fundamento o texto de uma carta de Gaspar de Teive à rainha D. Catarina, datada de 23 de Abril de 1542: «ali se escreve, com efeito, de seu irmão Baltasar, que ainda vivia em 1542 “após 23 anos

²⁸⁷ Luís de Matos, *op. cit.*, p. 56.

²⁸⁸ Luís de Matos, *op. cit.*, p. 61: «Gaspardus de Teues Bracarensis».

²⁸⁹ Luís de Matos, *op. cit.*, p. 59: «puis que par une lettre qu'en 1542 son frère Gaspar de Teive écrivit à la reine Cathérine».

²⁹⁰ Luís de Matos, *op. cit.*, p. 64: «Gaspar de Teive est sans doute un parent de la famille de Baltasar, Manuel et Diogo de Teive».

²⁹¹ Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo IV, p. 66.

²⁹² Luís de Matos, *op. cit.*, p. 59.

²⁹³ Joaquim Veríssimo Serrão, *op. cit.*, p. 272.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

de estudo em Paris, Salamanca, onde se fez doutor em leis, e canones”²⁹⁴. A esta estadia de Baltasar de Teive em Paris se refere Pedro Sanches no “Carmen de Poetis Lusitanis”.

2.2.2.- A sua estadia em Salamanca

Em 1532, no início do ano lectivo, vamos encontrá-lo em Salamanca, pois daí escreve a já mencionada carta dirigida a Lisboa, a Rodrigo Sanches, datada de 28 de Setembro. Pelo seu conteúdo ficamos a saber que então se aplicava ao estudo do Direito, vindo assim a alcançar os graus que lhe são atribuídos por Jerónimo Cardoso no título da elegia n.º 40: «Iuris Vtriusque Doctorem», isto é, doutor em Direito Civil e Direito Canónico. Joaquim Veríssimo Serrão estranha a completa ausência de documentos comprovativos deste doutoramento e mesmo da estadia em Salamanca a partir de Janeiro de 1534, pelo que deduz que Baltasar de Teive tenha abandonado a cidade com destino incerto: talvez Paris ou Tolouse.

2.3.- O retorno a Portugal

Definitivamente estabelecido em Portugal em 1542, data da carta de Gaspar de Teive a D. Catarina, Baltasar de Teive alcança, por favor da dita rainha, em 1545, o lugar de promotor da Inquisição em Braga²⁹⁵, cargo que ocupava ainda em 1551²⁹⁶.

2.4.- A sua obra como poeta

A sua obra era, segundo Barbosa Machado, constituída por muitos epigramas e por outras obras poéticas latinas que deixou manuscritas, tendo um dos epigramas sido publicado no *Elegiarum Liber* de Jerónimo Cardoso. Barbosa Machado não refere a carta, dirigida a Rodrigo Sanches, de que nós temos conhecimento.

O epigrama a que nos referimos, em quatro dísticos, constitui a resposta do Jurista a uma elegia que Jerónimo Cardoso lhe enviara, na qual lhe pedia que fizesse a revisão de uma écloga sua. Dessa composição, publicada no mesmo livro, nos ocupamos também neste capítulo. Os textos são de um interesse extremo, pois a écloga a que se reportam foi publicada em Coimbra, em 1550, por João da Barreira e João Alvares, no

²⁹⁴ Joaquim Veríssimo Serrão, *op. cit.*, p. 272.

²⁹⁵ Luís de Matos, *op. cit.*, pp. 59-60.

²⁹⁶ Sobre os últimos anos de Baltasar de Teive nada podemos afirmar. Uma notícia, transmitida por Luís de Matos, (*op. cit.*, p. 60), deixa entrever um destino menos risonho que, desde logo, parece não corresponder à verdade dos factos: «Baltasar de Teive fue a estudiar a Paris; allí se hizo doctor en derechos; fue grandísimo letrado y hombre de grande esperanza. Viniendo de Francia se enamoró en Braga de Ana de Teive su parente, hija de Isavel Fernandez de Teive que caso con un ciudadano honrrado de Braga; por el qual casamiento el Rey D. Juan no se quiso servir del, ni sus hermanos mas le trataron ni estimaron, y se desso arrinconar en Braga y allí vivió y murió pobre i sin poder servir en nada».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Libellus de Terrae Motu, sob o título “De Vario Amore Aegloga, Quae Silenis Inscibitur, Deque uini Inuentione”.

3.- Baltasar de Teive na obra de Jerónimo Cardoso

3.1.- A composição n.º 40- “Ad Balthasarem Tebium Iuris Vtriusque Doctorem Eclogam cum Suam Corrigendam Mitteret”

Vejam agora a composição em que Jerónimo Cardoso solicita de Baltasar de Teive a revisão de uma sua écloga.

O conteúdo do poema depreende-se do título, («Eclogam cum Suam Corrigendam Mitteret»), sendo tudo o que se segue o desenrolar de tal epígrafe. Em poucas palavras diríamos que Jerónimo Cardoso, pedindo desculpa pela sua ousadia, envia a Teive uma écloga da sua autoria e solicita-lhe que faça a sua revisão. Escuda-se dizendo que a sugestão para tal atrevimento partiu de Pedro Sanches que é um espelho de candura. Que Baltasar de Teive seja, portanto, indulgente.

O Lexicógrafo, dirigindo-se ao destinatário deste poema, que trata lisonjeiramente por «Tebi doctissime», diz-lhe que os dois interlocutores da sua écloga andam aterrados com a ideia de terem de afrontar a presença de um poeta tão ilustre, um «uatis Apollinei». Tal temor é plenamente justificado, dado que à sua rudeza de pastores se alia um pretense desconhecimento da língua latina e, sobretudo, uma ingenuidade muito própria de personagens da sua condição. Para completar a tortura dos pobres coitados, receberam eles ordens de dirigir a palavra a Baltasar de Teive, ajoelhados perante ele, numa atitude da mais completa submissão.

Dórilas e Mopso, (pois deles estamos a falar), jamais deixariam os seus amenos campos para se atreverem a cruzar o limiar da casa deste intérprete de Apolo, se Pedro Sanches os não tivesse exortado com palavras capazes de lhes infundir alguma confiança. Para mais o «audendi auctor», segundo Jerónimo Cardoso assegurava que, embora Baltasar de Teive brilhasse acima de todos os outros poetas do seu tempo, por causa dos seus muitos conhecimentos, «innumeris [...] artibus», o seu coração não conhecia a arrogância. Os dois pastores, por consequência, nada teriam a temer.

O dístico final encerra a composição com um veemente pedido de indulgência para com Dórilas e Mopso, no caso de estarem tão assustados que não consigam cantar coisa alguma que se pareça com latim.

3.1.1.- A aplicação de preceitos da *Arte poética* de Horácio

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

O pedido de revisão de Jerónimo Cardoso reporta-nos a um preceito horaciano, o «*limae labor*» que sempre deve preceder a edição de qualquer obra. Os preceitos expostos por Horácio na *Arte Poética* gozavam nesta época de considerável prestígio: sendo mais conhecidos do que hoje, eram seguidos pelos poetas quer por virtuosismo quer pelas vantagens práticas que advinham da sua aplicação. Deste modo os versos da *Arte Poética* eram estudados a fundo, aplicados na prática e glosados pelos teorizadores em novos tratados.

Horácio, na sua epístola, (vv. 289-294), dirigindo-se aos Pisões: «uos, o Pompilius sanguis», exortava-os a censurar a sua produção poética, acrescentando que o Lácio seria mais ilustre pela sua língua se os poetas empregassem mais tempo no «*limae labor*». Mais adiante, (vv. 385- 390), aconselhava o mais velho dos dois Pisões a que, caso quisesse escrever ele mesmo uma obra, a desse a ler repetidas vezes aos críticos, ao próprio pai, aos amigos. Depois, que tal escrito «*nonumque prematur in annum/ membranis intus positis*», assim poderia sempre ser revisto, o mesmo não sucedendo com os versos que se publicassem, os quais jamais se poderiam corrigir.

E Horácio acrescenta que, se nas outras ocupações humanas se concede que o mediano seja bom, não sucede o mesmo com os poetas e com o fruto do seu trabalho. Aqui só o sublime se tolera, a fronteira entre o mediano e o mau é demasiado ténue, (vv. 366-390). O resultado de descurar este conselho será, inevitavelmente, o cair no ridículo entre os concidadãos, o ser alvo da sua chacota.

Horácio advertia ainda para o perigo da adulação na crítica literária, (vv. 419-452). Os poetas devem escolher os seus críticos com todo o cuidado: «se a alguém tiveres dado alguma coisa ou tiveres intenção de lha dares, não o convides a ouvir teus versos, porque ele, por si só, está cheio de alegria e só clamará: "Que lindo! Que bem! Que certo!"²⁹⁷. Só um homem honesto e judicioso não se coibirá de censurar os versos que lhe soem mal, será um outro Aristarco, um crítico severo, um modelo de exegeta. Tal homem viu Pedro Sanches na pessoa de Baltasar de Teive. A rectidão do seu julgamento comprová-la-ia o tempo com a segunda edição da écloga.

Um outro reflexo da *Arte Poética* surge na composição de Jerónimo Cardoso quando o autor, falando de Dórilas e Mopso, justifica o temor destes em função do «*ingens/ Ingenii splendor, dexteritasque tui*», («o imenso brilho e a destreza do teu engenho»), e, mais adiante, em palavras que coloca na boca de Pedro Sanches, dirá que

²⁹⁷ Horácio, *Arte Poética*, v. 426 e segg. «*Tu seu donaris seu quid donare uoles cui,/ nolito ad uersus tibi factos ducere plenum laetitiae; clamabit enim: "Pulchre, bene, recte," etc.*».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Baltasar de Teive se destacava «innumeris [...] artibus», («por meio de conhecimentos inumeráveis»).

Sente-se latente a velha questão entre o «engenho e arte» que, na sequência de outros teorizadores²⁹⁸, Horácio abordou por três vezes ao longo da sua obra²⁹⁹. À pergunta sobre qual dos dois era mais necessário Horácio concluía que um bom poeta deverá possuir talentos naturais (*ingenium*), aos quais aliará, de um modo equilibrado, uma formação teórica (*ars*).

Sendo necessária à excelência do poeta uma equilibrada associação de ambas as partes, Baltasar de Teive erguia-se, por palavras de Jerónimo Cardoso, mais alto do que os seus contemporâneos, dado que aliava o seu imenso talento a uma rica formação teórica, factor que fazia dele um artífice do verso à maneira horaciana, um poeta inspirado, um crítico justo.

3.2.- A composição n.º 44- “Balthasar Tebius ad Auctorem de Doryla et Mopso”

A resposta ao pedido de Jerónimo Cardoso não se terá feito esperar. Surgiu breve, concisa, arrebatada e plena de emoção. Trata-se do poema n.º 44- “Balthasar Tebius ad Auctorem de Doryla et Mopso”. Nele Baltasar de Teive mostra-se encantado com o que leu, a ponto de enfaticamente o chamar seu: «Dorylas Mopsusque tui [...] meique». Os cantos dos pastores, longe do «quiddam umbrosum rusticulumque nimis» que Jerónimo Cardoso temia, surgem agradáveis, «dulcia carmina», a ponto de Baltasar de Teive desejar transformar-se num dos pastores. E, no entanto, Dórilas e Mopso cheiram a algo que não pertence ao presente.

Baltasar de Teive encerra a composição dizendo que há-de ler os «docta carmina» da égloga até ao dia em que se transformar num dos pastores. Até lá sofrerá com resignação viver a vida de juriconsulto que não assume como sua. Poder-se-ia resumir este epigrama numa só palavra: *imprimatur*.

A acuidade do julgamento de Baltasar de Teive surge confirmada pelas duas edições que a égloga conheceu.

3.3.- A composição “De Vario Amore Aegloga, Quae Silenis Inscibitur, Deque uniu Inuentione”

²⁹⁸ «Contra Demócrito e Platão que consideravam a poesia como resultado da inspiração, Horácio coloca-se na posição intermédia, seguindo a escola peripatética, que via na boa poesia o resultado da combinação da *natura* (φύσις) e *ars* (τέχνη)», R. M. Rosado Fernandes in *Arte Poética*, Horácio, p. 116.

²⁹⁹ *Arte Poética*, v. 32 e segg.; v. 295 e segg. e v. 408-411. Questão também abordada por Quintiliano, *Inst. Or.*, II, 19: «naturane plus ad eloquentiam conferat an doctrina», também em XII, 5, 2, e em Cícero, *op. cit.*, 7, 55.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

O poema para cuja revisão Jerónimo Cardoso solicitava os cuidados de Baltasar de Teive chegou aos nossos dias e encontra-se no *Libellus De Terrae Motu, De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum omnium Laudibus Oratio*, de Jerónimo Cardoso, saído *Conimbricae Apud Ioannem Barrerium, & Ioannem Aluarum Typographos Regios*, em 1550³⁰⁰.

Justino Mendes de Almeida diz, na sua «Introdução» à *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas*, que «a égloga *Silene* foi impressa em Coimbra por João da Barreira, em 1553, juntamente com outros poemas»³⁰¹. Desta reimpressão dão notícia também Barbosa Machado³⁰² e António Joaquim Anselmo³⁰³. Saiu esta segunda edição sob o título de *Egloga, quae Sylenis inscribitur de vario amore aliaque simul poemata*.

Não conhecemos nenhum exemplar desta edição, e o facto de Anselmo extrair a notícia a ela referente de Barbosa Machado, não mencionando a localização de nenhum exemplar, induz-nos no pensamento de que tal reimpressão de todo se tenha perdido.

Na edição de 1550, que é a que conhecemos, a égloga em questão segue-se, com rosto próprio, ao poema sobre o terramoto e, com outros poemas³⁰⁴, ocupa as pp. 29-42. Tal segmento corresponde ao título da edição de 1553, se bem que nada se possa afirmar com segurança quanto aos «aliaque simul poemata».

3.4.- A cronologia possível das composições n.º 40 e n.º 44

Trazemos aqui a questão porque ela poderia esclarecer a cronologia das duas composições de que nos ocupamos. Com efeito, podemos fixar como termo *ad quem*, para a composição destes dois poemas, duas datas possíveis, ou 1550 ou 1553. Fixamos

³⁰⁰ A esta edição se refere A. Joaquim Anselmo, *op. cit.*, p. 75, (com o título n.º 272), e Barbosa Machado, *op. cit.*, tomo II, p. 489.

³⁰¹ Justino Mendes de Almeida, na sua «Introdução», *op. cit.*, 1965, p. 25.

³⁰² Diogo de Barbosa Machado, *op. cit.*, Tomo II, p. 490.

³⁰³ A. J. Anselmo, *op. cit.*, p. 34, refere-se-lhe com o título n.º 122.

³⁰⁴ Eis uma descrição do segmento em questão: p. 29, (rosto), “HIERONY-/mi Cardosi/ LVSITANI/ De vario amore Aegloga, quae Silenis/ inscribitur, déque vini/ inuentione.”; p. 30, “HIERONYMVS CARDOSVS/ Hieronymo de Castro, clarissimo adolescenti/ auditori suo. S. D.”; p. 31, “HIERONYMI CARDOSI LVSI-/ tani De vario amore aegloga, quae Silenis in-/ scribitur, Déq; vini inuentione./ Interlocutores, Dorylas Et Mopsus.”, (poema em 118 hexâmetros dactílicos); p. 36, contém o fim da égloga e o início de outro poema: “Columba vnde Veneri dicata.”, (em seis dísticos elegíacos); p. 37, novo poema, “Ad Martiam se in fonte contemplantem.”, (em sete dísticos elegíacos); p. 38, “Ad eandem”, (epigrama em dois dísticos); segue-se novo poema em seis dísticos elegíacos sob o título “Ad conuiuas exhortatio” e a página encerra com o título de uma nova composição “Ad eosdem de fabulis agentes,/ & de vini inuentione.”, cujos 36 dísticos ocupam as pp. 39-42 em que termina com a palavra «FINIS.». O livro continua, depois, com a carta nuncupatória da Oração de Sapiência “Georgio Ferdinando”.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

estas datas porque os poemas do *Elegiarum Liber* não teriam sentido depois da publicação da égloga. O caso, porém, complica-se pela existência de duas edições.

Assim, estranhámos que tais epigramas não tenham sido incluídos entre os *testimonia* da edição de 1550, à semelhança de outros poemas de Pedro Sanches³⁰⁵ e de António da Costa que acompanham o *Libellus de Terrae Motu* de Jerónimo Cardoso, e isto porque um pedido de revisão teria mais sentido para preparar uma primeira edição do que para aperfeiçoar uma segunda. A nossa falta de conhecimentos quanto ao conteúdo da segunda edição também não contribui para esclarecer a situação.

De qualquer forma, estas composições são pelo menos dez anos anteriores à sua publicação no *Elegiarum Liber*, mais uma prova de que a obra de que nos ocupamos é uma compilação tardia de textos dispersos.

3.5.- A acção mecenática de Pedro Sanches

Ao abordarmos as composições do *Elegiarum Liber* trocadas entre Jerónimo Cardoso e Pedro Sanches não deixámos de referir a acção mecenática desenvolvida por este último humanista que, não tendo nunca publicado livros de versos seus, auxiliou pecuniariamente outros humanistas seus contemporâneos, menos favorecidos pela fortuna, na publicação das suas obras.

Referimos, deste modo, que Pedro Sanches terá promovido a publicação de obras poéticas de Inácio de Moraes e das cartas latinas, (do *Epistolarum Familiarium Libellus*), de Jerónimo Cardoso.

A elegia n.º 40- “Ad Balthasarem Tebium Iuris Vtriusque Doctorem Eclogam cum Suam Corriganam Mitteret” vem acrescentar um novo dado ao que então dissemos. Neste poema o dístico «ni foret Petreius Sanctius auctor/ Quo nihil est melius candidiusque nihil» e, para além dele, o próprio tom da composição, permite-nos verificar que o Lexicógrafo não estava directamente relacionado com Baltasar de Teive, antes é de concluir que tal relacionamento, extemporâneo e episódico, tenha sido suscitado por intermédio dos irmãos Sanches, (já fizemos menção da correspondência trocada entre Baltasar de Teive e Rodrigo Sanches).

Este facto terá obrigado o Lexicógrafo a um maior esforço de imaginação a nível da elaboração da elegia n.º 40, pelo que recorreu ao gracioso expediente de pôr em cena Dórilas e Mopso, interlocutores da sua égloga, constrangidos pela ordem de se submeter ao julgamento de Baltasar de Teive.

³⁰⁵

Recentemente estudados por Mário Helder José Gomes Luís, *op. cit.*

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Estudo Introdutório

Dado que, nas obras conservadas de Jerónimo Cardoso, não existem mais textos trocados entre ele e Baltasar de Teive, é de supor que o seu relacionamento se tenha ficado por esta breve correspondência poética.

Pedro Sanches, modelo de cordialidade, «Quo nihil est melius candidiusque nihil» ou, como Jerónimo Cardoso disse noutra lugar «Et summum decus: et poeta felix», surge-nos assim empenhado na divulgação e promoção da obra poética de Jerónimo Cardoso, sugerindo-lhe que solicitasse de Baltasar de Teive a revisão da sua écloga. Nada, no entanto, nos permite afirmar que Pedro Sanches tivesse também auxiliado pecuniariamente a edição do *Libellus de Terrae Motu*.

Mais do que um simples e descolorido pedido de revisão poética, (caso do epigrama n.º 16- “Ad Eundem [Aegnatium Moreum]”), a elegia n.º 40 surge-nos como um texto pleno de interesse seja pela sua riqueza formal e conceptual seja pela possibilidade de identificar o texto que se destinava a acompanhar e pelo epigrama que recebeu em resposta seja, enfim e sobretudo, por nos permitir vislumbrar alguns fios da delicada teia de relações que se estabeleceram, no século de Quinhentos, entre os nossos humanistas.

Texto Latino, Tradução e Notas

Observação preliminar

1.- Os textos latinos que se traduzem, da autoria de Jerónimo Cardoso ou a ele dirigidos, encontram-se publicados no *Elegiarum Liber (sic) II*, saído Vlisipone, apud Ioanem Barrerium typographum regium, M.D.LXIII.

2.- Os critérios de fixação de texto que adoptámos são os que Sebastião Tavares de Pinho estabeleceu e utilizou na sua obra *Lopo Serrão e o seu poema "Da Velhice"*¹, critérios esses que seguimos com o máximo escrúpulo.

3.- Já no tocante à pontuação do texto latino e porque, como refere Sebastião Tavares de Pinho: «o modo de pontuar implica profundamente com a compreensão do texto»², optámos por conservar a pontuação renascentista, mesmo quando ela é veementemente inaceitável. As alterações a efectuar ficaram, assim, circunscritas ao texto da tradução, no qual regularizámos o uso dos sinais de pontuação, em sintonia com as regras modernas de pontuar, e introduzimos aspas nos casos de discurso directo.

4.- As notas ao texto latino e à tradução têm numeração própria, independente entre si e independente, também, das indicadas no estudo introdutório. As notas à tradução têm por objectivo: «informar o leitor menos familiarizado com certos dados de carácter histórico e mitológico evocados pelo poeta; relacionar o conteúdo deste poema com outras obras e autores, [...]; e, finalmente, completar a referência e o comentário ao [...] caudal das fontes e passos paralelos»³ dos textos de que nos ocupamos.

¹ Sebastião Tavares de Pinho, *Lopo Serrão e o seu poema "Da Velhice"*, pp. 255-260.

² Sebastião Tavares de Pinho, *op. cit.*, p. 260.

³ Sebastião Tavares de Pinho, *op. cit.*, p. 262.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[A] Hieronimus Cardosus Doctori Alvaro Vallasco

Iurisconsulto Peritissimo

S.P.D.

Non dubito quin et in consultus et in consideratus plerisque uidear, doctor insignis, qui tibi tam multis districto negotiis, et causis forensibus uehementer occupato, seu uerius obruto nugas et apinas meas offerre audeam. Sed ut id facerem, duplex me impulit ratio: prior uidelicet, quod ex eruditis quibusdam adolescentibus intellexi, qui te olim Conimbricae magna cum celebritate et omnium admiratione ius ciuile praelegentem audierunt, te magnopere humanioribus litteris, et politioribus Musis delectari: quibus sic imbutus es, ut inter Latinos Ciceronem quem piam, inter iurisconsultos Scaeuolam alterum te omnes merito arbitrentur: neque enim ad iuris utriusque fastigium euolare tam feliciter posses, nisi prius et Latinis et Graecis litteris te ipse excoleres et expolires. Vnde fit, ut tam nunc forum regium regiusque senatus tuam in causis agendis facundiam, sollertiamque obstupescat, quam olim Conimbricensis Academia te iuris nodos et legum aenigmata dissoluentem (ut cum Satyrico loquar) admirata sit nec immerito hoc tibi euenire arbitror: nam praeter iurisprudentiam in qua praerogatiuam obtines: uirtutes paene omnes in istud pectus tamquam in sacrarium quoddam confluerunt. In primis humanitas et facilitas erga omnes, quam nisi ipse te aliquando adiens, et salutans expertus essem uix alteri narranti fidem fueram habiturus.

Fuit praeterea altera offerendi tibi nostri libelli ratio, quod feriae bimestres, seu senatoriae, iam appeterent, quo facilius clientibus uacuus et liber uersiculos nostros per otium legas exemplo Ciceronis, qui totum quod ei a forensi dictione uacabat tempus, ut ipse refert, in poetarum opera conferebat, quibus ab adolescentia mirifice se delectatum esse dicit, ignoscas igitur si tam paruo munere te prouocauerim, qui propter tua in me collata beneficia uel aurea uel argentea dona mittere debuissim, sed ut est in Graecorum prouerbio, οὐ τὰ δῶρα βλέπεται ἀλλὰ πεμψάντος θυμός, hoc est non dona cernuntur, sed animus mittentis, et ut Plinius inquit mola tantum salsa litant qui non habent thura.

Vale Lusitaniae nostrae ornamentum Vlisipone tertio Calendas Septembris.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[A] Jerónimo Cardoso ao Doutor Álvaro Vaz um Muito Versado Jurisconsulto, Saúda com Afeição

Eu não tenho dúvidas, insigne doutor, de que hei-de parecer a muitos insensato e irreflectido por me atrever a oferecer-te as minhas bagatelas e ninharias a ti, tão preso a muitos processos e completamente ocupado com as causas forenses ou, com maior verdade, por elas oprimido. Duas razões, porém, persuadiram-me a fazê-lo.

A primeira razão, naturalmente, foi porque eu me apercebi, por alguns jovens eruditos, (que há algum tempo te escutaram, em Coimbra, explicando o Direito Civil perante uma grande multidão e com grande espanto de todos), de que tu te comprazias vivamente com as letras mais humanas e com as Musas mais polidas, nas quais foste de tal forma instruído que, pelo teu mérito, todos te julgavam um outro Cícero entre os Latinos, (que ele me seja propício), e um outro Cévola entre os jurisconsultos.

Com efeito, nem tu te poderias elevar, de forma tão feliz, ao cume de um e de outro Direito se, antecipadamente, não te cultivasses e aperfeiçoasses por meio das Belas Letras quer latinas quer gregas. Daqui resulta que o foro régio e o régio senado fiquem agora tão espantados com a tua eloquência e com a tua destreza na defesa das causas quanto no passado se espantou a Academia de Coimbra contigo a deslindar os nós do Direito e os enigmas das leis, (para falar à maneira de um satírico¹). E não me parece que isto te suceda sem razão, é que, além da Jurisprudência, na qual possuis privilégios, quase todas as virtudes confluíram tanto nesse teu peito quanto num sacrário, principalmente a humanidade e a afabilidade para com todos, afabilidade essa que, se eu mesmo a não tivesse experimentado, consultando-te, enfim, e visitando-te, muito dificilmente daria crédito a outra pessoa que dela me falasse.

Houve, além desta, uma segunda razão para te oferecer o nosso livrinho, é que já se aproximavam umas férias de dois meses ou senatórias, em que tu, desocupado e livre de clientes, com mais facilidade poderás ler os nossos versinhos, durante os teus vagares, no exemplo de Cícero que dedicava às obras dos poetas, como ele próprio menciona²,

¹ O poeta satírico que Jerónimo Cardoso tem em mente é Juvenal que escreve, «qui iuris nodos et legum aenigmata soluat», (*Sat.* 8. 50).

² Este passo da carta nuncupatória reporta-se à confissão de Cícero de que, sem desmérito para a sua vida pública, consagrava todos os seus ócios ao culto da poesia: «Ego uero fateor me hiis studiis esse deditum; [...] ex quo fonte hauriam, sentio», (*Em Defesa do Poeta Arquias*, §§ 12-13).

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

todo o tempo que lhe restava desocupado de discursos forenses, obras essas com que, diz ele, muito se comprazia desde os tempos da sua juventude.

Perdoar-me-ás, portanto, se eu te tiver desafiado com uma dádiva tão insignificante, eu que, em retribuição dos benefícios que tu me prestaste, deveria enviar-te presentes de ouro ou de prata. No entanto, como se diz no provérbio grego: οὐ τὰ δῶρα βλέπεται, ἀλλὰ πεμψάντος θυμός, (isto é: «não são avaliados os presentes, mas a intenção daquele que os envia»), e, como diz Plínio: «oferece-se muita farinha salgada porque não se possui incenso nenhum»³.

Adeus, ó ornamento desta nossa Lusitânia. Em Lisboa, no terceiro dia das Calendas de Setembro⁴.

³ Plínio o Antigo, num passo da carta nuncupatória da sua obra, dedicada ao futuro imperador Tito, desculpa-se do escasso valor material da sua oferta, dizendo: «Verum dis lacte rustici multaeque gentes et mola tantum litant salsa qui non habent tura [...]», (*Naturalis Historia*, I, 11, 6: «Em verdade, os camponeses e muitos povos, porque não têm incenso, oferecem aos deuses apenas muita farinha salgada e leite [...]»). *Mola salsa* era a farinha misturada com sal que se espalhava ritualmente sobre a cabeça das vítimas destinadas ao holocausto.

⁴ Isto é, a trinta de Agosto de 1563.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[1] Ad Dium Joannem Baptistam

Salve siderei Praecursor¹ maxime Christi:

Salve sanctorum gloria prima chori.

Tu Dominum rerum haud natum non natus adoras²

Et supplex puerum procidis ante Deum.

Isabella sua genitrix longaeua³ sub aluo

Persensit motus obstupefacta tuos.

Deinde puer siluas, horrendaque lustra ferarum,

Ne te gens purum polluat ulla: petis

Melle famem agresti ponis, foedisque locustis,

Atque tuam sedat fluminis unda sitim⁴.

Hirsuti tegimen pellis fuit atra cameli⁵,

Haec artus textit nocte dieque tuos.

Lustra ibi quinque teris, deserta per auia clamans.

Vox ego sum, domini clamo, parate viam.⁶

¹ «Praecursor», isto é o *Precursor*. Trata-se do epíteto que qualifica São João como directo antecessor de Jesus Cristo. De um modo geral podemos considerar que todos os profetas do Antigo Testamento que vaticinaram a vinda de um Messias foram seus percussores, mas João foi o seu mais directo antecessor, não só dando, como os outros, notícia da sua vinda, mas afirmando inclusivamente a sua presença. Por esta mesma razão surge aqui qualificado com o superlativo «maxime». Leia-se Mt. 11. 9-10: «Que fostes, então fazer? Ver um profeta? Sim, Eu vo-lo digo, e mais que um profeta. É aquele de quem está escrito: “Eis que envio o Meu mensageiro diante de Ti, para Te preparar o caminho”». João Baptista é alegoricamente comparado ao servo precursor do filho do senhor da vinha, na parábola dos vinhateiros homicidas, (Mt. 21. 33-46, Mc. 12. 1-12, Lc. 20. 9-19). Veja-se ainda Lc. 1. 17. «et ipse praecedet ante illum in spiritu et uirtute Eliae, etc» e Jo. 3. 23. «Vós próprios sois testemunhas de que eu disse: “Não sou o Messias; apenas fui enviado adiante dele”».

² Lc. 1. 15 «et Spiritu sancto replebitur adhuc ex utero matris suae»; Lc. 1. 41. «Et factum est, ut audiuit salutationem Mariae Elisabeth, exultauit infans in utero eius: et repleta est Spiritu sancto Elisabeth»; Lc. 1. 44. «Ecce enim ut facta est uox salutationis tuae in auribus meis, exultauit in gaudio infans in utero meo».

³ Lc. 1. 7. «et non erat illis filius, eo quod esset Elisabeth sterilis, et ambo processissent in diebus suis»; Lc. 1. 18. «Et dixit Zacharias ad angelum: Vnde hoc sciam? ego enim sum senex et uxor mea processit in diebus suis»; Lc. 1. 36. «Et ecce Elisabeth cognata tua et ipsa concepit filium in senecta sua, et hic mensis est sextus illi, quae vocatur sterilis».

⁴ Mt. 3. 4. «esca autem eius erat locustae, et mel siluestre»; Mc. 1. 6. «et locustas et mel siluestre edebat».

⁵ Mt. 3. 4. «habebat vestimentum de pilis camelorum, et zonam pelliceam circa lumbos suos»; Mc. 1. 6. «Et erat Ioannes uestitus pilis cameli, et zona pellicea circa lumbos eius».

⁶ Mt. 3. 3. «Vox clamantis in deserto: Parate uiam Domini rectas facite semitas eius»; Mt. 11. 10. «qui praeparabit uiam tuam ante te»; Mc. 1. 2-3. «qui praeparabit uiam tuam ante te. Vox clamantis in deserto: Parate uiam Domini, rectas facite semitas eius»; Lc. 1. 76. «Et tu puer, propheta Altissimi uocaberis: praeibis enim ante faciem domini parare uias eius»; Lc. 3. 4. «sicut scriptum est in libro sermonum Isaiiae prophetae: Vox clamantis in deserto: Parate uiam Domini: rectas facite semitas eius»; Lc. 7. 27. «Ecce mitto angelum meum ante faciem tuam, qui praeparabit uiam tuam ante te»; Jo. 1. 23. «Ait: Ego uox clamantis in deserto: Dirigite uiam Domini, sicut dixit Isaias propheta».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[1] A São João Baptista

Salve, ó Percursor do Cristo infinitamente divino,
 Salve, ó glória primeira do coro dos santos.
Tu, ainda por nascer, adoras o Senhor da vida⁵ não nascido,
 E suplicante te prostras diante do Deus menino,
(Isabel, mãe de muita idade, sentiu, no interior do seu ventre,
 Cheia de espanto, os teus movimentos).
Ainda menino procuras os bosques e as medonhas florestas das feras,
 Para que gente alguma macule a tua pureza.
Sacias a fome com mel silvestre e também com repugnantes gafanhotos,
 A tua sede, porém, dessedenta-a a água de um rio.
Tiveste um escuro agasalho, feito da áspera pele de camelo,
 Ele os membros te cobriu, de noite e de dia.
Gastas aí cinco lustros, gritando por atalhos desertos:
 «Eu sou a voz do Senhor e clamo: preparai o caminho!»
Então, quando Deus to ordena, abandonas os antros das feras
 Para dar testemunho da vinda do nosso Deus,
E aí mostras as iniquidades dos homens, flagelando os pecados
 De todos sem excepção com muitos e redobrados preceitos.
Purifica-os das manchas dos seus crimes, junto às ribas do Jordão,
 E também dos seus pecados, com as águas lustrais.
Aqui, entre tantos e cerrados milhares de desvairadas gentes,
 Com o dedo e voz sonante apontas Deus:
«Eis Deus que vem, eis de Deus o brandíssimo cordeiro,
 Eis Deus que tira todos os pecados do mundo».
Do iníquo Herodes amaldiçoaste a união incestuosa
 E, por essa razão, te foi decapitada a santa cabeça.
E assim, de entre os nascidos, nenhum homem no mundo
 Se ergueu mais alto do que tu nem mais notável.
Digna-te pois olhar para os jovens que celebram o teu dia festivo

⁵ «Dominum rerum», o *Senhor das coisas*, o *Senhor da vida*. Já Gil Vicente, num *vilancete* inserto no *Auto da História de Deus*, fala d' «o Deus das alturas», d'«o Senhor das vidas», d'«o Deus das criaturas».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Inde iubente Deo linquis spelea ferarum⁷,
 Aduentum ut nostri testificare Dei⁸.
Inque hominum caetus prodis, peccata flagellans
 Cunctorum: longa multiplicata mora⁹.
Quos prope Iordanis ripas lustralibus undis
 A scelerum maculis abluis¹⁰: atque notis.
Hic conferta inter populi tot millia mixti¹¹,
 Ostendis digito, et uoce sonante Deum,
Ecce Deus uenit, ecce Dei mitissimus agnus,
 Ecce adimens mundi crimina cuncta Deus¹².
Concubitus incestum damnasti Herodis iniqui¹³:
 Idcirco est ceruix, sancta recisa tibi¹⁴.
Sic inter natos hominum te maior in orbe

⁷ Mt. 3. 1. «In diebus illis uenit Ioannem Baptista praedicans in deserto Iudaeae»; Lc. 1. 80. «et erat in desertis usque in diem ostensionis suae ad Israel»; Lc. 3. 2. «factum est uerbum Domini super Ioannem, Zachariae filium, in deserto».

⁸ Jo. 1. 6-8. «Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Ioannes. Hic uenit in testimonium, ut testimonium perhiberet de lumine, ut omnes crederent per illum. Non erat ille lux, sed ut testimonium perhiberet de lumine»; Jo. 1. 15. «Ioannes testimonium perhibet de ipso, et clamat dicens: Hic erat quem dixi: Qui post me uenturus est, ante me factus est: quia prior me erat.»; Jo. 1. 19. «Et hoc est testimonium Ioannis»; Jo. 1. 32. «Et testimonium perhibuit Ioannes, dicens: etc.»; Jo. 1. 34. «Et ego uidi: et testimonium perhibui quia hic est Filius Dei»; Jo. 3. 26. «qui erat tecum trans Iordanem, cui tu testimonium perhibuisti, ecce hic baptizat, et omnes ueniunt ad eum». Os versículos de Jo. 3. 22-36. constituem um testemunho, o último e por sinal o mais eloquente e extenso de todos, prestado por João Baptista, em que este afirma ser Jesus o Messias que estava para vir. Por causa da sua extensão escusamo-nos de o transcrever aqui. Mais adiante Jesus lembra o testemunho prestado por João Baptista: Jo. 5. 33. «Vos misistis ad Ioannem: et testimonium perhibuit ueritati».

⁹ Mt. 3. 2. «et dicens: Poenitentiam agite: appropinquauit enim regnum caelorum»; Mt. 3. 7-12. «Videns autem multos Pharisaeorum, et sadducaeorum, uenientes [...] comburet igni inextinguibili»; Mt. 21. 32. «Venit enim ad uos Ioannes in uia iustitiae, et non credistis»; Mc. 1. 7-8. «Et praedicabat dicens, etc»; Lc. 3. 7-17. «Dicebat ergo ad turbas [...] paleas autem comburet igni inextinguibili».

¹⁰ Mt. 3. 6. «et baptizabantur ab eo in Iordane confitentes peccata sua»; Mc. 1. 5. «et baptizabantur ab illo in Iordanis flumine, confitentes peccata sua»; Jo. 1. 28. «Haec in Bethania facta sunt trans Iordanem, ubi erat Ioannes baptizans»; Jo. 3. 23. «Erat autem et Ioannes baptizans, in Aennon, iuxta Salim: quia aquae multae erant illic, et ueniebant et baptizabantur».

¹¹ Mt. 3. 5. «Tunc exibat ad eum Ierosolyma, et omnis Iudaea, et omnis regio circa Iordanem»; Mc. 1. 5. «Et egrediebatur ad eum omnis Iudaeae regio, et Ierosolymitae uniuersi».

¹² Jo. 1. 29. «Altera die uidit Ioannes Iesum uenientem ad se, et ait: Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi»; Jo. 1. 36. «Et respiciens Iesum ambulans, dicit: Ecce agnus Dei».

¹³ Mt. 14. 4. «Dicebat enim illi Ioannes: non licet tibi habere eam»; Mc. 6. 18. «Dicebat enim Ioannes Herodi: Non licet tibi habere uxorem fratris tui»; Lc. 3. 19. «Herodes autem tetrarcha cum corripere ab illo de Herodiade uxore fratris sui, et de omnibus malis quae fecit Herodes».

¹⁴ Mt. 14. 10-11. «Misitque et decollauit Ioannem in carcere. Et allatum est caput eius in disco, et datum est puellae, et attulit matri suae»; Mc. 6. 16. «Quo audito Herodes ait: Quem ego decollauit Ioannem, hic a mortuis resurrexit»; Mc. 6. 27-28. «sed misso spiculatore praecepit afferri caput eius in disco. Et decollauit eum in carcere, et attulit caput eius in disco: et dedit illud puellae, et puella dedit matri suae»; Lc. 9. 9. «Et ait Herodes: Ioannem ego decollauit».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

com solenidade e aceita as preces ritualmente dirigidas.

Seja pois o teu nome cheio de graça e nada haverá nunca

Que a Deus não rogues meu divino santo.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Surrexit nemo, praecipuusque magis¹⁵.

Ergo tuum iuuenes festum sollemne colentes

Respice, et oblatas accipe rite preces.

Nam tibi cum nomen sit gratia, nil erit unquam.

Quod non exores diue beate Deum.

¹⁵ Mt. 11. 11. «Amen dico uobis, non surrexit inter natos mulierum maior Ioanne Baptista»; Lc. 7. 27. «Dico enim uobis: Maior inter natos mulierum propheta Ioanne Baptista nemo est».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[2] Ad Ferdinandum Siluerium Sarzedarum Dominum

O decus, et nostri fax fulgentissima regni.

Enitet in cuius vertice gemma duplex.

Vna est nobilitas, generosae et stirpis origo.

Quae supra Fabium stemmata clara micat.

Altera doctrina est, et mira peritia rerum.

Quae similem magnis te facit esse deis.

Accipe quem dono tibi dat mea Musa libellum,

Vndeno quamuis claudicet illa pede.

Tempus erit, cum res gestas, laudesque tuorum

Atque tuas, alio plenius ore tonem.

Clara recognosces tunc et primordia gentis

Silueriae, et priscae nobilitatis auos.

Interea haec fuerint operis praeludia magni,

Quod iam molitur nostra Camena tibi.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[2] A Fernando da Silveira Senhor de Sarzedas

Ó ornamento e tocha fulgentíssima do nosso reino,

Sobre cuja cabeça cintilam duas joias:

Uma é a nobreza e o nascimento de uma família generosa

Que brilha mais do que os ilustres antepassados dos Fábios⁶;

A outra é a sabedoria e a admirável experiência da vida

Que te faz semelhante aos deuses magníficos.

Aceita o poema que te dá de presente a minha Musa,

Embora ela vá coxeando pelos pés do dístico⁷.

Tempo virá em que eu, por outra boca, mais alto hei-de entoar

As tuas façanhas e os teus louvores.

Hás-de, então, reconhecer os primórdios ilustres

Da linhagem dos Silveira e os antepassados da antiga nobreza.⁸

Entretanto terão sido estes os prelúdios da magna empresa,

Porque já, para ti, labora a nossa Camena⁹.

⁶ Ilustre família romana, da classe patricia, na qual se distinguiram: *Q. Fabius Ambustus*, de triste memória, general e político romano que, segundo a tradição, foi responsável pelo saque de Roma às mãos dos Gauleses em 390 a. C.; *Q. Fabius Maximus* cognominado *Cunctator*, (m. 203 a. C.), que, durante a Segunda Guerra Púnica, pôs termo às vitórias de Anibal em Itália; e *Quintus Fabius Pictor*, contemporâneo do anterior, (m. c. 200 a. C.), membro do Senado, emissário de Roma a Delfos após o desastre de Canas e historiador utilizado como fonte por Tito Lívio, Políbio e Dionísio. Jerónimo Cardoso estabelece, assim, uma comparação entre duas famílias aristocratas: os *Fabii* e os Silveira.

⁷ Literalmente: «embora ela coxeie no décimo primeiro pé». Trata-se de uma expressão metafórica da falsa modéstia de Cardoso que não se pode interpretar à letra, uma vez que a escansão revela um poema metricamente perfeito. Jerónimo Cardoso tenta desculpar-se de enviar a Fernando da Silveira um simples *carmen* quando os seus feitos e os da sua família mereciam ser cantados num poema épico, que ele se propoe entoar nos dísticos seguintes.

⁸ Entre os mais remotos antepassados desta família de que resta memória, envolta, é certo, em lenda, encontra-se um D. João Pestana que participou na conquista de Coimbra em tempos de Fernando Magno, por quem foi armado cavaleiro, na mesquita dessa cidade, juntamente com o Cid. Era este o primeiro feito glorioso dos Silveira, dado que estes se tinham unido aos Pestana pelo casamento de Martim Gil Pestana, alferes-mor de Évora, com Maria Gonçalves da Silveira, trisavó do *Poeta Heróico*.

Esta família também se vangloriava de ter participado na conquista de Évora, em 1166, ao lado de Geraldo Geraldês sem Pavor, guerreiro que algumas genealogias, consultadas por Cristovão Alão de Moraes, apresentavam como ascendente comum de Silveiras e Pestanas. Saindo da lenda e entrando na história, lembremos os feitos de Nuno Martins da Silveira, bisavô do *Poeta Heróico*.

A menção de «primordia gentis» e «priscae nobilitatis auos» não permite relacionar este passo com os feitos contemporâneos dos Silveiras que enchem páginas da história dos portugueses no Oriente e que devem ter sido o motivo desta composição.

⁹ «Mea Musa», «Camena nostra»: Jerónimo Cardoso usa indistintamente *Musa* e *Camena* como personificação do engenho poético. As Camenas, em Roma, eram primitivamente ninfas das fontes, distintas portanto das Musas. A estas, porém, foram desde cedo assimiladas.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[4] Ad Ferdinandum Siluerium Responsio

Si non nobilitas, atque inclyta fama, decusque,
Pectoris et candor, simplicitasque tui:
Si non et grauitas tua, uix cessura Catoni,
Vel rigidis Curiis: Fabritioque graui.
Si non lingua tenax ueri, nimiumque diserta,
Ex qua nil fictum nil triuiale fluit:
Si non ingenuae, doctaeque modestia frontis
Explorata satis, et bene nota forent:
Rideri, aut ludi rerer me uersibus illis,
Quos tua de nobis Musa seuera canit.
Cum me praesertim culicem, muremque minutum,
Perficias dictis esse elephanta tuis.
Sed quia non cadere in mores, nec pectus in istud,
Aut animum in talem, frausue dolusue potest.
Illa ideo nobis encomia grata fuere,
Obstrepat et si mens conscia nostra sibi:
Quae nihil agnouit quod uere dicere posset
Esse aptum, aut proprium conueniensque sibi.
Sed tamen illa tui facundia pectoris ingens,
Quem non leniret alliceretque sibi.
Illic et Veneres, illic Charitesque puellae,
Illic et Latium, Cecropiumque melos.
Illic quotquot habet uernacula lingua lepores,
Illic festiui cum grauitate sales.
Haec te credibile est Phoebos dictante locutum.
Aut te Calliopes haec perarasse manu.
Nam simul accepi facunda poemata, dixi,
Materiam certe hic exsuperauit opus.
Sed quid nam instinxit te heros doctissime, quare
Tam uelles de me grandia et ampla loqui.
Suspicio hoc equidem, quo non est certius ullum,

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[4] Resposta a Fernando da Silveira

Se não fosse a tua nobreza e, também, a ínclita fama e honra
E a candura de teu peito e a tua simplicidade,
Se não fosse a tua gravidade, a custo ultrapassada por Catão¹⁰
Ou pelos sisudos Cúrios¹¹ e pelo grave Fabrício¹²,
Se não fosse a tua língua fiel à verdade e por demais eloquente,
Da qual nada de falso ou trivial flui,
Se não fosse a modéstia de tua ingénua e douta fronte
Bastante provada e por demais conhecida,
Cuidaria eu ser alvo de troça ou zombaria naqueles versos
Que a tua severa Musa acerca de nós canta.
Principalmente quando tu consegues que eu, um mosquito ou um rato pequeno,
Seja, pelas tuas palavras, transformado num elefante.
Mas porque não pode cair nos teus costumes, nem nesse teu peito
E nem nesse espírito elevado, quer a perfídia quer o engano,
Por essa razão foram-nos gratos aqueles elogios
E, se o nosso pensamento, consciente de si, protesta,
Nada ele reconheceu que, em verdade, pudesse dizer
Ser ajustado a si, ou próprio e conveniente.
E, no entanto, aquela incomensurável eloquência de teu peito
A quem não abrandaria e atrairia a si!
Ali os Amores, ali também as jovens Cárites¹³,

¹⁰ *M. Porcius Cato*, cognominado o *Censor* ou o *Velho*, (n. 234 a. C.; m. 149 a. C. em Túsculo), foi um homem de estado e orador, defensor ferrenho do *mos maiorum* contra os ideais filelénicos da família dos Cípiões e toda a influência grega, em geral, que imputava responsáveis pela dissolução dos padrões romanos de moralidade. Apoiou a *Lex Orchia* (181) contra o luxo e a *Lex Voconia* (169) que restringia a liberdade financeira das mulheres. Catão lutou na Segunda Guerra Púnica e, ante o progressivo estado de prosperidade da velha inimiga de Roma, pronunciou a célebre frase «delenda est Carthago», condição para a sobrevivência da *Vrbs*. Ainda assistiu à declaração de guerra, em 149.

¹¹ *M. Curius Dentatus*, vencedor dos Sannitas e de Pirro, um exemplo antigo de frugalidade e de respeito pelo *mos maiorum*. O plural *Curii* designa os homens da ténpera de Cúrio.

¹² *G. Fabritius Luscinus*, (séc. III a. C.), homem de estado e general romano cuja integridade e austeridade de costumes eram apontados como exemplos do *mos maiorum*. Originário de Alétrio, Fabrício foi cônsul em 282 e 278 e censor em 275. Depois da derrota infligida aos Romanos em Heracleia, em 280, por Pirro, rei do Epiro, Fabrício foi enviado para negociar o resgate dos prisioneiros. Terá então recusado um suborno e Pirro, impressionado pela sua incorruptibilidade, libertou os prisioneiros sem resgate. Contava-se que Fabrício teria posto fim a uma intriga destinada a envenenar o rei do Epiro, com quem, em 275, veio a celebrar a paz.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Augurium mentis nam reor esse meae.

Ingenii uoluisse tui fecisse periculum,

An de re nihili promere magna queat,

Hoc clari fecere uiri, quos Graecia iactat,

Ingenii ut nimias experiantur opes.

Hic muscam, quartanam alius laudauit, at ille

Stultitiam, hic Helenes turpia facta probat,

Sed quocumque tamen me nomine laudibus effers,

Pertentant pectus gaudia multa meum,

Laus est uera quidem, qua nulla beatior usquam,

Laudari a claro qualis es ipse uiro.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

E ali a melodia do Lácio e da Ática.

Ali quantos encantos possui uma língua vernácula,

Ali os gracejos, alegres com gravidade.

É de crer que tu disseste isto quando Febo o repetia

Ou será que o escreveste com a mão de Calíope¹⁴?

Pois eu, quando recebi este poema eloquente, disse assim:

«Aqui, certamente, o labor excedeu a matéria».

Mas, de facto, o que é que estimulou um herói doutíssimo como tu

A querer dizer coisas tão gloriosas e tão sublimes a meu repeito?

Tenho esta suspeita, de todas mais certa,

Pois suponho ser augúrio do meu espírito:

Tu quizeste fazer um pequeno ensaio a respeito do teu engenho,

Se de uma coisa de nada pode fazer sair obra de peso.

Isto fizeram ilustres varões de quem a Grécia se envaidece,

Para experimentarem os exímios recursos do seu engenho.

Elogiou este a mosca¹⁵, outro a febre quartã¹⁶, outro ainda

A loucura¹⁷, e este faz aprovar as torpezas de Helena.¹⁸

Mas seja com que nome for que me cubras de elogios,

¹³ As Cárites, (do gr. Χάριτες, em lat. *Gratiae*), eram três irmãs: Eufrosina, Talia e Aglaia, filhas de Zeus e Eurínome. Eram as divindades da beleza e a sua função era espalhar alegria na natureza, no coração dos homens e, até, no dos próprios deuses. Habitavam no Olimpo, em companhia das Musas, com quem faziam por vezes coros, faziam ainda parte do séquito de Apolo e eram também companheiras de Atena, de Afrodite, de Eros e Dioniso.

¹⁴ Calíope é uma das Musas, filhas de Mnemósine e Zeus. A partir da época Alexandrina, foi-lhe atribuída, como domínio, a eloquência e a épica, razão por que é considerada a primeira de todas em dignidade. A poesia ligeira foi atribuída a Terpsícore.

¹⁵ Referência ao *Muscae Encomium* de Luciano de Samósata, conferencista itinerante e o maior representante do estilo neoático, (n. Samósata, c. 120; m. Atenas, depois de 180). Trata-se de um pequeno trabalho de retórica, um elogio à maneira da Sofística, em que se gabam as virtudes e benefícios de uma criatura que os não tem.

¹⁶ Favorino, (m. c. 135 d. C.), foi um filósofo céptico e sofista, professor de Herodes Antipas, Aulo Gélio e Frontão, conhecido de Plutarco. Desenvolveu a sua carreira durante o reinado do imperador Adriano, durante o qual conheceu o exílio na Ilha de Quios, por ter caído em desgraça. Após a morte do imperador regressou a Roma onde foi restituído à sua antiga posição. Favorino redigiu um elogio da febre quartã, aqui lembrado por Jerónimo Cardoso.

¹⁷ O *Encomium Moriae* é, hoje, a obra mais divulgada de Erasmo de Roterdão. Erasmo, (n. Roterdão, 27.10.1466; m. Basileia, 11.7.1536), humanista, filósofo, pedagogo e ensaísta, concebeu o *Encomium Moriae*, durante uma travessia dos Alpes, de regresso a Inglaterra, em Julho de 1508. A sua redacção veio a ter lugar em casa de Thomas More. No seu título grego esta obra encerra um jogo de palavras com o nome latino de More: *Morus*.

¹⁸ Referência às célebres *Palinódias a Helena*, escritas por Estesícoro, poeta lírico grego do séc. VII-VI a. C., natural de Himera na Sicília, em que pela primeira vez se negou a sua ida a Tróia. As palinódias que, ao que se sabe hoje, eram duas, censuravam, uma a Homero por dizer que Helena estivera em Tróia, a outra a Hesíodo que se referia ao facto de Helena ter tido três sucessivas ligações amorosas, (com Teseu, Menelau e Páris), chamando-lhe *trígamos*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Muitas alegrias agitam este meu peito:

É louvor verdadeiro, o mais feliz de todos,

Ser louvado por um varão ilustre como tu és.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[6] Ad Petrum Sanctium

Cum bis terque tuos Sancti doctissime uersus,
Perlegerem: est miris mens recreata modis.
Namque uoluptatis tantum: et dulcedinis hausi:
Ebrius ut fierem: nec memor ipse mei.
Et mea cum multo languerent membra dolore:
Inque meo uultu nil nisi triste foret:
Totus abit (mihi crede) dolor: tum gaudia mille
Irrepunt: frons est exhilarata nimis.
Quid mirum: cum delitias Veneresque referrent,
Et uarios multa cum grauitate sales.
Si possent omnes penitus sopire dolores.
Atque in speratam, reddere laetitiam,
Sed quid ego ipse tuis laudandis immoror usque:
Iudicium factor quae superare meum.
Praesertim cum quae ingenio promuntur ab isto.
Sint exacta nimis sintque polita salis.
Sed quod in Archilochos linguam distrinxeris omnes.
Qui lacerant auide nomen ubique meum:
Atque ipsos tristi insecteris carmine: tamquam
Si rem forte geras: et tu ea re tuam:
Quas (rogo) persoluam grates, quae digna rependam
Munera: uel celebrem quo tua facta pede.
Tu clipeus famae: tu munitissima nostri
Arx exstas decoris: tuque patronus ades.
Tu me lerniferis¹⁶ serpentum e faucibus aufers:

¹⁶ Preciosismo vocabular, um *hapax*, marca dos profundos conhecimentos vocabulares do nosso primeiro lexicógrafo. Trata-se do adjectivo *lernifer*, *-fera*, *-ferum*, composto formado pela raiz de *Lerna*, *ae*, (ou *Lerne*, *es*, do grego), e pela raiz do verbo *fero*, segundo um modelo comum de compostos do tipo de *aurifer*, *-fera*, *-ferum*; *mortifer*, *-fera*, *-ferum*, (este último como sinónimo daquele). Lerna é o nome de uma lagoa na qual havia uma hidra que foi morta por Hércules.

Esta palavra surge uma só vez em textos clássicos, nas *Heróides* de Ovídio. (Ovide, *Heróides*, Paris, Les Belles Lettres, 1991, p. 57), no aparato crítico ao verso 14 da epístola IX- “Dcianira Herculi”: «Semiuir occubuit in lotifero Eueno/ Nessus, et infecit sanguis equinus aquas», («Nesso, meio homem meio fera, sucumbiu no mortífero Eueno,/ E o seu sangue de equídeo tingiu as águas»). No aparato crítico da fixação de texto lê-se o seguinte: «lerniferoque G2».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[6] A Pedro Sanches

Desde que eu li e reli, Sanches doutíssimo, do primeiro até ao último,
Os teus versos, de modo admirável se me reconfortou o espírito.
O facto é que bebi tanto encanto e tanta doçura,
Que fiquei ébrio e nem me lembro de mim.
E ainda que os meus membros com muita dor desfalecessem,
E no meu semblante nada houvesse que não fosse tristeza,
Acredita que toda a dor se dissipou e, então, mil contentamentos
Insinuam-se, em extremo a minha fronte se animou.
Que admiraria, (quando eles mencionam delícias e amores
E variados ditos de espírito, temperados com muita seriedade),
Se, por completo, pudessem adormecer todas as dores
E restituir-me, até, à alegria desejada.
Mas poque razão me demoro sempre nos teus elogios
Que reconheço estarem acima do meu julgamento?
Sobretudo quando as expressões, retiradas deste engenho,
São por demais exactas e são ainda de uma graça acabada.
Mas, porque terás solto a língua contra todos os Arquílocos¹⁹
Que difamam o meu nome, avidamente, por toda a parte,
Tu que até os persegues com um poema terrível, como se acaso
Tu, com isso, advogasses uma causa tua?
Pergunto como poderei agradecer, que dignos presentes retribuir,
Ou com que versos poderei celebrar os teus feitos.
Tu és escudo da fama, tu sobressais como inexpugnável fortaleza
Do nosso decoro e assistes-me com a tua protecção.
Tu apartas-me das fauces mortais das serpentes
E fazes com que não me sejam nocivos os seus terríveis venenos.
De ti depende, portanto, a segurança da nossa mente,

¹⁹ Jerónimo Cardoso refere-se aos seus detractores, homens de língua afiada como a do poeta grego Arquíloco, do séc. VII a. C., que nasceu em Paros e viveu longamente em Tasos. Este poeta foi mercenário de profissão e, se bem que não muito corajoso, parece ter morrido no campo de batalha. Como poeta, Arquíloco foi o responsável pela invenção dos versos iâmbicos, em que derramou o veneno dos seus ataques pessoais.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Et mihi ne noceant dira uenena facis.
A te igitur nostrae pendet fiducia mentis:
Vt sperem nugis pondus inesse meis.
Quae tibi si placeant: nil est quod uana moremur
Scommata: quae valeat fundere uulgi iners,
Iudicioque tuo fretus, prodire parabo,
In medium: quamquam tela per ipsa ruam.
Ast ego te obiiceam telis: quaecumque parabit
Mittere: siue ferox Sarmata, siue Getes.
Cum posses eadem uel uoce retundere sola.
Verbis tanta tuis est ubicumque fides.
Ergo tua quoniam merui suffragia linguae.
Hoc me felicem dicere iure queo.

A sigla corresponde ao *Codex Guelferbytanus* de Ovídio, a respeito do qual escreveu Henri Bornecque, (na p. XIX da «Introduction»): «Au X^e ou au XI^e siècles, le texte a été revu par un grammairien, dont la révision a influencé tous les autres manuscrits, parmi lesquels il faut en citer deux avant tout, l'un de Wolfenbüttel (*Guelferbytanus*), [...] du XII^e siècle.

Le *Guelferbytanus* a été copié par deux mains, [...]. Gâté par des retouches, souvent presque illisible dans les lettres 16 à 20, ce manuscrit est bien moins intéressant que celui de Paris et ses leçons ne doivent guère être acceptées que dans deux cas: Quand elles concordent avec celles d'autres manuscrits ou bien encore dans les parties qui nous donne et pour lesquelles P [Parisinus] n'existe pas.» (sublinhado nosso).

Em todo o caso, e a despeito da sua raridade, a palavra passou ao vocabulário latino, não sendo assim um neologismo renascentista. Deste modo aparece registada em alguns dicionários como: o *Magnum Lexicon* de Frei Manuel de Pinho Cabral (em que aparece com a forma *Lernifer*); e a *Prosódia* de Bento Pereira (com a forma *Lerniferus*).

Sebastião Stockamer, no *Dictionarium Aliud: de Propriis Nominibus [...] Conimbricae*. (1569), (páginas inumeradas), escreve: «Lerna, est lacus Achaiae circa Argos, & Palus in qua fuit hydra multis capitibus, quorum aliqua quotiens Hercules amputasset, mox renascebantur plura sed tandem congesta lignorum striga exussit. unde Lernaeus, & Lerniferus, a, um».

Sebastião Stockamer, conhecendo e registando este composto, não lhe atribui um sentido claro e, como Bento Pereira, apresenta o nominativo masculino *lerniferus*. Nenhum dos dicionários modernos consultados o regista.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

De tal modo que espero que as minhas ninharias tenham algum peso.
Se elas te agradarem, não há razão alguma para nos determos
Em sarcasmos vãos que o vulgo inábil pode divulgar.
Confiante no teu julgamento, hei-de preparar-me para avançar
Para o meio do campo de batalha, embora caia com a própria lança.
A ti, porém, eu hei-de expor-te aos dardos, quaisquer que se prepare
Para disparar quer o Sarmata fero quer o Geta²⁰,
Porque tu podes quebrá-los, talvez só com a voz,
Tamanha a confiança de que gozam, em qualquer parte, as tuas palavras.
Portanto, dado que eu mereci os favores da tua língua,
Posso com razão dizer isto: que eu sou feliz.

²⁰ Os Sármatas, habitantes da Sarmácia, região que compreendia os actuais territórios da Polónia, Moscóvia e Tartária, tinham fama de ser particularmente aguerridos, tal como os Getas, povo estabelecido nas margens do rio Danúbio.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[7] Ad Eundem [Petrum Sanctium] Phalaeticum

Multum memor tibi arrogare debes:
Et sublime caput sub astra ferre:
Sancti, praesidium unicum tuorum,
Et summum decus: et poeta felix.
Ingens quod tibi suppetat facultas:
Vt quicquid iuuet et uelis reponas.
Seu ludas elegos: canens amores:
Formosaeque tuae notans puellae
Tristem duritiam et seueritatem:
Aut uultum placidum, et nimis serenum.
Ostendisse tibi palam recensens.
Seu reges lituotones potentes,
Forti proelia miscuisse dextra.
Seu Lesbi modulos sequare plectri:
Aut mordacibus applicere iambis:
Quod si oratio te iuuet soluta.
Omnes ante uolas superque fulges.
Sed quid multa: nihil remittis ipse.
Quod non perficias decenter apte.
Tum quod maximum et optimum uideri
Debet, non uidet ullus aut superbum:
Sed cunctis facilem, bonum, benignum.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[7] Ao Mesmo [Pedro Sanches], Composição em Falécios

Sem dúvida muito te debes envaidecer
E glorificar a tua existência,
Caro Sanches, refúgio único dos teus,
Supremo decoro e poeta feliz,
Porque possuis um imenso talento,
Para gravar o que te der gosto e queiras,
Quer componhas versos elegíacos, cantando amores,
A censurar da tua formosa donzela
A triste aspereza e a austeridade,
Quer lembrando o momento em ela abertamente te mostrou
O seu rosto brando e tão sereno,
Quer cantes, com voz solene, que reis poderosos
Travaram corajosamente batalhas engenhosas,
Quer sigas os ritmos do plectro de Lesbos²¹
Ou te dediques aos iambos mordazes,
Porque quando uma linguagem livre te apraz
Triunfas e brilhas diante de todos.
Para quê dizer mais? tu nada respondes
Que não completes com graça e conveniência.
Então, como deve parecer magnífico e óptimo,
Ou ninguém o vê ou vê-o soberbo,
Mas a todos acessível, bom, benigno.

²¹ O plectro de Lesbos é, por metonímia, a poesia lírica. O plectro era uma varinha de marfim ou tartaruga usada para fazer vibrar as cordas da lira. Lesbos foi a pátria de Safo e Alceu, os dois maiores nomes da lírica monódica grega. Em face dos versos de Pedro Sanches que chegaram até aos nossos dias, podemos constatar que estas palavras de Jerónimo Cardoso não são destituídas de fundamento.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[14] Ad Petrum Sanctium

Cur tua Musa diu tacuit doctissime Sancti
 Curque tuum latuit clare poeta iubar.
Cur non Castalios effundis ut ante liquores
 Cur clausit tripodes pulcher Apollo suos.
Quis quaeso imposuit male grata silentia plectro
 Quo Geticam poteras aequiparare chelyn.
Nam prius ambrosiae perfusa poemata succo
 Mittebas curas depositura truces.
Quae roseas possent serpentum flectere cristas
 Quae possent fetas perdomuisse leas.
Quaeque etiam tauros possent sopire feroces
 Quos domuit Medica barbara Colchis ope.
Haec mihi sollicito solatia grata ferebant.
 Pellebantque animo taedia cuncta meo.
Vt primum his carui nulla usquam grata uoluptas
 Sed dolor et curae pectora nostra premunt.
Tantus et inde meos defluxit torpor in artus,
 Tantus et obsedit uiscera nostra rigor.
Vt me saxificam credam adspexisse Medusam
 Atque ueneficiis deriguisse¹⁷ nouis.
Quid rear ignoro aut me dedignaris amicum,
 Quem nosti stabili semper amare fide.
Aut te multa premunt agitantque negotia circum
 Aut cui forte dares carmina, nullus erat.
Sed quacumque tamen ratione id feceris esto,
 Dum maneat, noster non violatus amor.
At nisi decipior: manet: aeternumque manebit
 Si noui mores ingeniumque tuum.
Nam potius credam Siculos sub gurgite saeuos
 Adlatrare tuo corpore Scylla canes.

¹⁷ No original lê-se «diriguisse», certamente por lapso, dado que o verbo é *derigesco*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[14] A Pedro Sanches

Por que razão, doutíssimo Sanches, a tua Musa há tanto se calou?

E por que razão, ilustre poeta, se eclipsou o teu esplendor?

Por que razão não derramas, como antes, a castália linfa²²?

Por que razão Apolo formoso cessou seus oráculos?

Por mercê, quem foi que impos mal gratos silêncios ao plectro

Que só à gética lira se poderia comparar?

É que tu, dantes, enviavas poemas impregnados com o sabor da ambrósia,

Que sempre haviam de afastar atrozes cuidados,

Que poderiam aplacar as róseas cristas dos dragões,

Que por completo domariam as leas paridas²³,

Que podiam também deixar sopitos touros bravos,

Que a mulher bárbara da Cólquida²⁴ sujeitou com o poder de Média.

Eles grato alívio vinham trazer à minha exasperação

E baniam do meu espírito todos os enfadamentos.

Quando, pela primeira vez, me faltaram, já nunca um grato encanto,

Mas só dor e cuidado este nosso peito oprimem.

E foi tal o torpor que, desde então, pelos meus membros correu,

Tamanho o calafrio que se apoderou das nossas entranhas,

Que eu acreditei que tinha visto a Medusa que tudo petrifica

E me tinha inteiriçado com novos venenos.

Não sei que hei-de pensar. Ou tu me recusas como amigo

Que sempre soubeste amar com inabalável convicção

Ou então, ao teu redor, trabalhos muitos te oprimem e atormentam

Ou talvez não houvesse ninguém a quem pudesses entregar os versos.

Mas, no entanto, seja qual for a razão por que isto tenhas feito, seja pois!

²² A água da Castália, fonte do santuário de Delfos, na Beócia, consagrada a Apolo e às Musas, era utilizada em abluções susceptíveis de induzir a Pítia em transe mediúnico. Considerava-se, portanto que possuía a faculdade de despertar dotes poéticos em quem quer que dela bebesse. Jerónimo Cardoso refere-se aos escritos de Pedro Sanches mencionando, assim, metonimicamente, o princípio, (inspiração), em vez do fim, (a obra literária).

²³ É sabido que os animais selvagens se tornam mais ferozes quando têm crias. Estes versos de Jerónimo Cardoso lembram-nos o poder da poesia, personificado no mito de Orfeu.

²⁴ Jerónimo Cardoso refere-se a Medeia, a princesa da Cólquida que, com os seus poderes mágicos, ajudou Jasão que andava em busca do velo de ouro.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Et simul armatam flamma crepitante Chimaeram.

Bellerophontea succubuisse manu:

In super anguipedes caelum inuasisse Gigantes,

Fecundamque tuis, tristis Echidna malis.

Vtre uel inclusos austros tumidasque procellas.

Semiferosque etiam, tergeminosque uiros.

Aut te uipereis redimitam crinibus olim,

Vertisse in lapides torua Medusa uiros.

Immemorem nostri quam te carissime dicam,

Oblitumue mei nominis esse putem.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Desde que permaneça inabalável a nossa mútua estima.
Permanece e, se não estou enganado, assim há-de ficar para todo o sempre
Se eu bem conheci o teu modo de ser e o teu génio.
É que antes hei-de crer que, no teu corpo, ó Cila²⁵,
Lá do fundo do abismo, rosnam, malvados, os cães da Sicília
E crer, ao mesmo tempo, que a Quimera, armada de chama crepitante,
Tivesse sido vencida pela mão de Belerofonte²⁶,
Antes crer nos gigantes de pés de serpente que invadiram o céu
E crer também em ti, ó triste Equidna, de tantos males prenhe²⁷,
Ou que num odre enclausurados estiveram os austros e grandes procelas²⁸
E ainda que existiam os centauros e os homens de triplo corpo²⁹
Ou que algum dia, por cabelos de serpente, tu cingida,
Tivesses em pedra, Medusa terrível³⁰, os homens vertido,
Antes isso, do que eu dizer, meu muito caro, que não te lembras de nós
Ou julgar que te esqueceste do meu nome.

²⁵ Cila era um terrível monstro marinho emboscado no estreito de Messina, tinha a forma de uma mulher com a parte inferior do corpo rodeada por seis cães monstruosos que devoravam tudo o que lhes passava ao alcance. Homero, (*Od.* XII), menciona-a com o epíteto de «Cila dos terríveis latidos».

²⁶ A Quimera era um monstro com forma algo complicada. Leão na parte da frente, dragão atrás, era dotada de uma cabeça viperina e lançava chamas. Belerofonte, que montava Pégaso, conseguiu matá-la de um só golpe.

²⁷ Jerónimo Cardoso refere-se a Equidna, a *vibora*, criatura meia mulher meia serpente de quem se dizia que dera à luz uma incrível prole de monstros. De Tifon gerara Orto, Cérbero, a hidra de Lerna e a Quimera morta por Belerofonte. De Orto, seu filho, gerara Fix, (monstro da Beócia), e o leão de Némea. Dera à luz dois dragões: o da Cólquida que guardava o velo de ouro e o que guardava as maçãs de ouro do jardim das Hespérides. Era-lhe atribuída, enfim, a maternidade de quase todas as criaturas monstruosas, como a águia de Prometeu, Feia, (porca antropófaga morta por Perseu), a esfinge de Tebas, e Cila.

²⁸ Jerónimo Cardoso alude ao mito dos ventos enclausurados que surge em Homero, (*Od.*, X, 1-76). Ulisses, recebera de Éolo, senhor dos Ventos, rei de Eólia, um odre feito com uma pele de boi, no qual estavam encerrados todos os ventos, com exceção de Zéfiro que os devia conduzir até Ítaca. Ulisses sucumbiu à fadiga quando, no fim da viagem, já estava à vista da pátria. Os seus companheiros, então, suspeitando que o odre contivesse grandes riquezas abriram-no. Imediatamente os ventos se escaparam e se desencadeou uma terrível tempestade que os arrebatou novamente para a Eólia.

²⁹ Os centauros tinham, como se sabe, uma forma em parte humana, em parte equídea. Os «Tergeminosque uiros» eram gigantes do tipo de Gérion, criaturas fabulosas com três cabeças e corpo triplo até às ancas.

³⁰ A «saxificam Medusam» do décimo hexâmetro aparece aqui, pela segunda vez no decurso deste poema. O terrível monstro mitológico com forma de uma mulher, tendo serpentes em vez de cabelos, transformava em pedra, pelo horror da sua visão, todos aqueles em que o seu olhar se fixava. O herói Perseu, servindo-se de um escudo polido, conseguiu decapitá-la e serviu-se da sua cabeça para transformar em pedra o monstro marinho que ameaçava devorar Andrómeda.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[15] Ad Aegnatium Moreum.

Quin tuos nobis elegos iocosque
Dulcis Aegnati uelut ante mittis.
Cur meos raro tua tam frequentat
Musa Penates.

Parcius de te quererer minusque
Vrbe si forsán procul hac abesses.
Vt nec adspectum placidosue possem
Cernere uultus.

Moenibus sed cum teneamur iisdem,
Nec uiae montes noceant lacusue,
Nostra quin ultro uolitent citroque.
Ludicra semper.

Quid queam tandem bene suspicari
Me fugit certe, rapitur citato
Errat et cursu: stabilem requirens
Mens mea sedem.

Aula te nunquid prohibet: tuumque
Detinet morem: officiumque tardat:
Nam suis quem uis capit illa nugis,
Delitiisque.

Taedet an nostri: piget et uidere
Quotquot effutit mea Clio nugas.
Ne bonas horas male¹⁸ collocare.
Forte puteris:

¹⁸ No original lê-se, por lapso tipográfico, «malle». Esta forma verbal, porém, não tem aqui lugar sintacticamente nem cabe na estrutura métrica do verso, pelo que a corrigimos para o advérbio *male*.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[15] A Inácio de Moraes

Por que razão os teus versos elegíacos e gracejos

Não envias, doce Inácio, como antes?

Por que razão tão raramente a tua Musa

Frequenta os meus Penates³¹?

Mais parcamente eu seria informado a teu respeito, e menos,

Se acaso estivesses fora, longe desta cidade,

De tal maneira que eu, [de ti], não pudesse perceber

Nem as brandas feições nem a aparência.

Mas embora sejamos contidos por estas mesmas muralhas

E não nos prejudiquem nem vias nem montes nem lagos,

Porque é que os nossos cantos não podem esvoaçar sempre

De um lado para o outro?

Aquilo que eu, enfim, conseguir conjecturar com sucesso,

Certamente se me escapa, é arrebatado em apressada correria

E perde-se no caminho, uma vez que o meu pensamento

Requer uma base segura.

Por acaso o palácio te demora e detém

Os teus hábitos e retarda o teu dever?

É que ele seduz quem quer que seja

Com os seus encantos e ninharias.

Estás por acaso enfadado conosco, aborrece-te ver

As bagatelas que a minha Clío³² distribui?

³¹ Por metonímia *a minha casa*. Os Penates, considerados forças invisíveis ou simples abstracções, eram divindades romanas que protegiam os *lararia* das casas e eram, como tal, associados a Vesta, sem que fossem confundidos com os deuses Lares.

³² Clío era a Musa a quem foi atribuída a história. Jerónimo Cardoso refere-se à sua *Musa*, isto é, ao seu talento poético, não resultando claro o objectivo que o terá levado a preferir Clío a qualquer outra das restantes oito irmãs.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Fallor, est horum nihil, ipse lusus
Non meos damnas penitus, sed ultro
Non nihil censes Latiae referre
Indolis illos.

Hanc sed in primis reor esse causam.
Quae meam prorsus minuit querelam,
Quod bonis tempus studiis frequenter
Conteris omne.

Ergo si paulum potes aucupari
Temporis, morem reuoces priorem
Te precor, saltem releues ut acrem
Corde dolorem.

Nam tibi notum puto triste sidus,
Quod mihi nato heu misero refulsit.
Flebile et fatum, cecinere saeue
Quod mihi Parcae.

Per quod haud unquam licet usque crebris
Litteris caros adisse amicos.
Quos fide rara nimioque amore
Prosequor omnes.

Qualis in primis meus est disertus
Gloria Aegnatus¹⁹ iuuenum decusque,
Cuius est nobis amor ante mella.
Dulcis Hymetti.

¹⁹ A forma sincopada do nome de Inácio de Moraes, que encontramos neste verso, constitui uma liberdade poética de Jerónimo Cardoso motivada pela incompatibilidade métrica existente entre a forma plena *Aegnatus* e a estrutura do hendecassílabo sáfico.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Tens, talvez, receio de julgar que dás mau uso
A horas úteis?

Engano-me, não é nada disto, tu mesmo não
Reprovas completamente os meus versos.
Antes, pelo contrário, pensas que eles revelam
Alguma coisa da índole latina.

Desde já, porém, compreendo ser esta a causa,
Facto que diminui completamente a minha queixa,
Porque tu, frequentemente, consumes todo o tempo
Com estudos proveitosos.

Portanto, se tu puderes arranjar um pouco
De tempo, suplico-te que retomes
O teu hábito anterior, a fim de que ao menos alivies
A amarga dor do meu coração.

É que eu julgo que tu conheces a triste estrela
Que, ai, para mim que nasci miserável, cintilou
E conheces também o fado deplorável que as Parcas³³, cruelmente,
Para mim vaticinaram,

Pelo qual, em vez nenhuma, jamais é consentido
Às cartas numerosas chegar até aos meus caros amigos,
Os quais, todos, eu acompanho com confiança invulgar
E estima desmedida.

Assim é, entre os primeiros, o meu eloquente

³³ Cardoso, com falso dramatismo, refere-se à pouca segurança dos *correios* do seu tempo que muitas vezes se atrasavam ou perdiam a correspondência. As Parcas eram três divindades que presidiam ao destino dos mortais, cedo se identificaram com as Meras: Átropo, Cloto e Láquesis, de cujos atributos se revestiram. Eram, assim, representadas como três fiandeiras que se ocupavam do *fio da vida* dos mortais: uma, que fiava o fio da vida, presidia ao nascimento; outra, que enrolava esse mesmo fio, presidia ao casamento; a última, que cortava o fio, presidia à morte.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Cuius et doctis recreor libellis,
Qui meras plane redolent Athenas,
Quique Romanos sapiunt lepores,
Iudice Momo.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Inácio, glória e ornamento da juventude,

Cuja estima é para nós preferível

Ao doce mel do Himeto,

Com os doutos livrinhos de quem eu me entretenho,

Livrinhos que, claramente, exalam um puro odor de Atenas,

Livrinhos que têm o gosto das delícias romanas,

Sendo Momo³⁴ o juiz.

³⁴ Momo é, estranhamente, a personificação do sarcasmo, pelo que, a menos que exista outra figura mitológica homónima, resulta pouco claro o objectivo que levou Jerónimo Cardoso a colocar Momo na função de juiz. De qualquer modo, existe um mito que mostra Momo como conselheiro eficaz: quando a Terra pediu a Zeus que reduzisse o número de mortais que sobre ela pesavam, este desencadeou a Guerra de Tebas que a tal não bastou. Momo recomendou-lhe, então, um método mais eficaz. Sugeriu-lhe que desse Tetis em casamento a um mortal, para conceber uma filha, (Helena), motivo da Guerra de Troia, causa de tantas mortes.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[16] Ad Eundem [Aegnatium Moreum]

Heus tu si quid erit parum decenter.
Aut apte minus aut in eleganter
Dictum, continuo graues rogamus.
Penas ut luat, ac tuam subinde
Censuram subeat: grauemque limam,
Nec res me tibi deditum ulla reddet
Deiunctumque magis: uel obsequentem.
Quam si uersiculos lyra strepenti
Ne dicam fragili, rudi, caduca.
A me compositos secare morsu.
Vngui quin etiam uelis acuto.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[16] Ao Mesmo [Inácio de Moraes]

Atenção! Se alguma palavra for pouco decente,
Se for menos conveniente³⁵ ou contrária à elegância,
Continuamente, com seriedade, te rogamos
Que seja castigada, que se sujeite de imediato
À tua censura e à tua pesada lima.
E gesto nenhum me mostrará mais dedicado,
Mais dependente de ti ou mais submisso,
Do que se, acaso, tu mesmo deres ordem
Até de eliminar, com uma aguçada unha,
Versitos por mim compostos, de lira desafinada
Para já não dizer frágil, rude e caduca.

³⁵ O receio de impropriedade, seja na escolha do assunto a tratar seja no uso do estilo seja na inclusão de algum elemento narrativo que quebre a unidade de composição de um poema, exprime um princípio da retórica aristotélica de que Jerónimo Cardoso tinha obviamente conhecimento: τὸ πρέπον, (em lat. *aptum*, notemos que Cardoso usa o advérbio «apte»). A sua fonte é provavelmente a *Arte Poética* de Horácio, (v. 14, vv. 38-41 e vv. 88-92).

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[17] Ad Eundem [Aegnatium Moreum]

Maesta meos postquam tetigit tua Musa Penates.

Accipe quod refero flebile carmen ait.

Accipe quod luctus pariat tristesque dolores,

Et gemitus ualeat quod geminare tuos,

Accipe quod mentem rapiat lugubre poema,

Ac reddat madidas imbre fluente genas.

Vt primum accepi tam tristia dicta repente

Obstupui, et mens est exanimata mihi.

Pallor et infecit uultum, penitusque putauit

Extremum uitae tempus adesse meae.

Sed rigidus postquam dolor hic sua frena remisit,

Tunc ex abrupto talia dicta dedi.

Viuit io Superi quis me infelicioꝛ usquam

Aut cui tam grauiꝛ sors inimica fuit.

Cum meus hinc abeat uates Aegnatius unus

Quem laudant doctae turba nouena deae.

Et repetat patriae fines, urbemque relinquat,

Quae de Dulichii est nomine dicta ducis.

Deserat ante omnes memet: carosque sodales,

A quibus eximio cultus amore fuit.

Quae mihi laeta dies: quae gaudia grata uenire.

Iam poterunt superest quid nisi flere nimis

Nil opus est igitur niueis mea tempora uittis

Ornare, aut lauro condecorare comas.

Non Helicon libet posthac pulsare uirentem,

Atque Medusaeo fonte leuare sitim.

Aonidum festas iam fastidire choreas

Fas est, et nigra fronde ligare caput.

Imponenda meis sunt maesta silentia sacris,

Quae colui miris hactenus ipse modis.

Iam iuuat ingenti consumere tempora luctu,

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[17] Ao Mesmo [Inácio de Moraes]

Depois de que a tua Musa alcançou, abatida, os meus Penates,
Diz: «Aceita o lastimoso canto que eu te entrego,
Aceita um lúgubre poema que pode suscitar mágoa e tristes dores
E que pode também duplicar os teus gemidos,
Aceita um lúgubre poema capaz de arrebatrar a razão
E de entregar os húmidos olhos às lágrimas fluentes».
Logo que eu recebi aquelas tão tristes palavras, subitamente,
Cobri-me de espanto e fiquei com a mente consternada,
A palidez vestiu o meu rosto e deveras acreditei
Que tinha chegado o último instante da minha existência.
Mas depois de que esta hirta dor soltou os seus freios,
Nesse instante, bruscamente, proferi estas palavras:
«Alguém, ó deuses, vive em qualquer parte mais infeliz do que eu,
Alguém para quem a má fortuna foi tão severa.
Quando parte daqui um poeta, o meu caro Inácio, sozinho,
A quem prestam louvor as sábias deusas, o grupo das nove,
E procura as fronteiras da pátria e abandona a cidade
Que se chamou pelo nome do chefe de Dulíquio³⁶.
Deserta diante de mim mesmo e de todos os queridos amigos
Por quem foi honrado com estima sem igual.
Eu já tive um dia de felicidade e alguns gratos contentamentos.
Agora que me resta, a não ser chorar perdidamente?
Não deverei, portanto, ornamentar as minhas fontes com fitas brancas
Nem coroar os meus cabelos com ramos de loureiro.
De agora em diante já não dá gosto vibrar o Hélicon verdejante
Nem sequer matar a sede na fonte da Medusa³⁷.

³⁶ Dulíquio é uma ilha do Mar Íónio que fazia parte dos domínios de Ulisses. A cidade que tomou o nome do chefe de Dulíquio é Lisboa cujo nome latino, *Olisippo*, (composto com o radical fenício *-ippo* que significa *cidade*), pode ser etimologicamente interpretado como «cidade de Ulisses».

³⁷ Trata-se de uma das duas famosíssimas fontes que corriam nas encostas do Hélicon, as fontes de Hipocrene e Aganipe. Ambas brotaram da terra no lugar onde Pégaso, cavalo alado que nascera do sangue da Medusa, dera uma patada no solo. Eram consagradas às Musas que ao seu redor entoavam coros solenes sob a direcção de Apolo. Os mananciais destas nascentes eram tidos por fonte de inspiração poética.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Membraque pullata cingere ueste mea,
Nam cum discedas animo gratissime nostro
 Aegnati: ueniet quae mihi grata quies.
Tu solitus uires scribenda ad carmina ferre,
 Calcar et ingenio subdere saepe meo.
Integer et nostros iudex reprehendere uersus
 Adsuesti²⁰: et lapsus ungue notare meos.
Et bele siquid forsán mea Musa canebat,
 Tollebas laudes protinus ipse meas.
His ego cum caream non est quod scribere uersus
 Aut mandare notis uerba soluta uelim.
Sed quia iam fatis hoc debebatur iniquis.
 Fac me constanti pectore semper ames.
Nomen et in terras quascumque habitaueris ipse
 Te precor ut referas dulcis amice meum,
At me seu gelidum fortuna inimica sub axem
 Detulerit: Libyam siue sub aestiferam.
Illic praefixus medio mihi corde sedebis:
 Illic semper eris plurimus ore meo.
Illic te recolam: seu clara Aurora nitebit:
 Seu ducet bigas candida Luna suas.

²⁰ Esta palavra é um trissílabo, dado que a semivogal *u* assume valor de consoante.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Já é lícito sentir fastio pelos festivos coros das Musas
E cingir a cabeça com sombria folhagem.
Magoados silêncios devem pesar sobre os meus poemas
Que, até hoje, eu cultivei de maneira admirável.
Já me agrada consumir as tēmporas com luto desmedido
E revestir os meus membros com vestes sombrias.
Realmente, ó Inácio, gratíssimo ao nosso espírito,
Um agradável repouso virá até mim.
Tu, habituado a aplicar as forças para compor cantos,
Frequentemente estimulaste o meu engenho,
Habituaste-te ainda a censurar, como íntegro juiz, os nossos versos
E a apontar com a tua unha os meus erros
E, se acaso a minha Musa entoava bem algum canto,
Tu mesmo celebravas, imediatamente, os meus louvores.
Eu agora, sem estes elogios, não tenho qualquer razão
Para querer compor versos ou enviar cartinhas em prosa.
Mas, porque isto já era devido aos destinos cruéis,
Tenta estimar-me sempre com peito constante
E, suplico-te, doce amigo, que leves o meu nome para os lugares,
Sejam eles quais forem, que tu mesmo venhas a habitar.
Quanto a mim, quer me venha a levar para perto do gélido polo
A fortuna inimiga quer para junto da Líbia ardente,
Aí, nesse lugar, tu firme assento terás no meio do meu coração,
Aí sempre serás grande pela minha boca,
Aí te hei-de recordar, quer brilhe no céu a clara aurora
Quer conduza a branca Lua³⁸ a sua biga».

³⁸ A Lua personificada é, na Mitologia, filha de Hipérion e Tia. Era figurada como uma mulher de idade jovem que percorria o céu num carro de prata tirado por dois cavalos.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[22] Ad Andream Cotrinium de Epigrammate Suo in Aquam Argenteam

O quam se merito iactare Argentea Nais
 Debet, ab ingenio sic celebrata tuo,
Aurea mutato dicatur nomine posthac:
 Aptius hoc nomen, conueniensque magis.
Vnica nunc operi Sertori gloria demum
 Surgit, qua maior crescere nulla potest.
Quandoquidem tanti meruit praeconia uatis,
 Quantum (crede mihi) saecula rara dabunt.
Singula non clarus sic depinxisset Apelles:
 Zeuxidis aut sollers Parrhasiique manus.
Mausolea tuo uates .o. maxime cantu
 Optassent tolli, Pyramidumque labor.
Atque ebur Eleum, constructaque cornibus ara,
 Quid mallent, quam isto saepius ore cani.
At licet auctori multum fons debeat ipsi:
 Vni debebit plus tamen ille tibi.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[22] A André Cotrim: Acerca de um seu Epigrama

Dedicado à [Fonte da] Água de Prata

Ó quanto se deve envaidecer, e com razão, a Náíada

Argentea, assim por teu engenho celebrada.

Que de agora em diante, mudado o seu nome, seja chamada

Aúrea. Mais apropriado é este nome, é mais conveniente.

Somente agora se ergue a glória de Sertório³⁹, notável pelo trabalho,

De tal forma que nenhuma pode surgir maior,

Dado que mereceu os elogios de um vate tão célebre,

Quanto, (podes crer), poucos séculos hão-de produzir.

Não teria assim pintado uma só o ilustre Apeles⁴⁰

Nem a hábil mão de Zeuxis da Arcádia⁴¹.

As obras de Mausolo⁴², ó vate magnífico, e a fábrica das pirâmides⁴³

Teriam desejado ser exaltados pelo teu canto,

E até a estátua da Élide⁴⁴ e o altar construído com marfim.

³⁹ Sertório (m. 72 a. C.), foi estadista e general romano. Na guerra civil entre Mário e Sila, Serório seguiu o partido do primeiro e, após a derrota deste, foi proscrito. Depois de várias vicissitudes viria a chegar à Lusitânia, onde foi escolhido para chefiar a resistência contra os generais que Roma mandara para a submeter. Nada, além da tradição, nos prova hoje que o general romano tenha efectivamente habitado em Évora.

⁴⁰ Apeles era um célebre pintor grego. Viveu na segunda metade do séc. IV a. C. na corte de Alexandre Magno, de quem pintou o retrato. Após a morte deste permaneceu na corte de Ptolomeu. Foi notável tanto no retrato como na alegoria, de que terá sido um dos primeiros cultores. A sua fama perdurou de tal forma, que o seu nome se tornou sinónimo de *pintor de talento*. Todas as suas obras se perderam.

⁴¹ Zeuxis, (n. 464; m. 398 a. C.), é outro nome famoso da pintura grega antiga. Parece ter acentuado a tendência da pintura para o ilusionismo de um modo nunca antes alcançado. Também o seu nome se tornou sinónimo de *grande pintor*. Nada nos resta da sua obra.

⁴² O Mausoléu de Halicarnasso, erguido na Ásia Menor nos anos imediatamente anteriores e posteriores a 350 a. C. por Mausolo, que governava a região como sátrapa dos Persas e por sua viúva Artemisa.

⁴³ As pirâmides egípcias do complexo funerário de Gisé, de longe as mais famosas, eram uma das celebradas maravilhas do mundo antigo. De todo o complexo funerário, que conta com variados monumentos, destacam-se as três maiores pirâmides: uma erguida por Miquerinos, (c. 2470 a. C.); outra por Quéfren, (c. 2500 a. C.); e, a maior, de Quéops, (c. 2530 a. C.).

⁴⁴ A estátua criselefantina de Zeus de Olímpia, uma das maravilhas do mundo antigo, era a obra prima de Fídias. De proporções colossais, foi construída cerca de 430 a. C. e só teve par, no tamanho e na riqueza de materiais, na que Fídias antes esculpira para o Parténon. Esta estátua representava o deus sentado num elaborado trono de madeira de cedro, por sua vez ornamentado com ébano, marfim, ouro e pedraria. Apoiava-se, na sua mão direita, uma Vitória, na esquerda segurava um ceptro sobre o qual pousava uma águia. O templo em que ela se conservava foi destruído em 426 e a estátua pode ter sido destruída nessa ocasião ou talvez tenha desaparecido num incêndio, em Constantinopla, cerca de 50 anos mais tarde.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Que haviam de preferir a ser cantados mais vezes por esta voz?
Pois, por muito que a fonte deva a seu próprio construtor,
Ainda mais tal construtor te há-de dever só a ti.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[23] Ad Aegnatium Moreum Qui Suam Iuuentutem Monuerat

Loquitur Iuuentus

En ego praeceptis Cardosi adsueta²¹ Iuuentus
Perlegi monitus clare poeta tuos,
Quos quia sincero puroque e corde fluebant,
Tanti habui: ut posset gratius esse nihil.
Vnde tibi grates dubito quas soluere possem:
Quoue canam laudes ordine et arte tuas.
Quod modo mansuetum praestes mihi pectus, et altis
Consiliis animum constabilire pares.
Deficiunt uires cupidam: nec tanta facultas,
Vt referam meritis carmina digna tuis.
Plectra mihi Phoebus, citharam det Atlantide Maia
Natus, detque sophos Pallas et ingenium.
Det quodcumque mihi eloquium tulit alta uetustas.
Detque suum uatem Mantua, Sulmo suum,
His super adiungat Cypris formosa leporem,
Vt placeat quicquid lingua sonare uelit.
Tunc ego nil uerita attingam capita ardua laudum,
Quas dat doctorum turba diserta tibi.
Haec nisi contingam: frustra conabor, ut ille
Qui numerum Aegeae noscere gestit aquae,
Vel cupit Oceani iaceant quot litore conchae
Discere: uel uites nosse Timole tuas.
Sed quid agam dubito: numquid rescribere coner
Versibus, accepi quos ego laeta tuis.
Quod si distulero, uidearque ingrata, nimisque
Immemor officii uir uenerande tui.
At credenda ratis non est infirma procellae,
Ne pereat rapidis exagitata Notis.

²¹ Esta palavra, (e, nesta mesma composição, mais adiante, «mansuetum»), é um trissílabo, dado que a semivogal *u* assume valor de consoante.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[23] A Inácio de Moraes que Aconselhara a Sua Juventude, Fala a Juventude

Eis que eu, a Juventude, acostumada aos preceitos de Cardoso,
 Li do princípio ao fim, ilustre poeta, os teus conselhos
Que tive em tamanha conta, (porque fluíam de um coração sincero e puro),
 Que coisa nenhuma me pode ser mais agradável.
Donde me questiono sobre que agradecimentos te poderia prestar
 E com que ordem ou arte eu cante os teus louvores,
Porque em breve tornarás o meu peito sereno e preparas-te
 Para reforçar a minha alma com profundos conselhos.
As forças abandonam esta admiradora e eu não tenho tanto poder
 Que retribua cantos dignos dos teus méritos.
Que Febo, nascido da atlântide Maia, me ofereça a cítara
 E que Palas me conceda o engenho e o aplauso,
Que a ilustre Antiguidade me empreste todo o seu legado de eloquência
 E Mântua me conceda o seu vate e Sulmona também
E que Vénus formosa, sobre estes, ajunte a elegância,
 Para que seja agradável o que a língua quiser cantar.
Então eu, que nada sou, atingirei os cumes elevados e temidos dos louvores
 Que te dirige a eloquente multidão dos sábios.
Se tal não suceder, em vão me hei-de esforçar, tal como aquele
 Que quiser medir as águas do Mar Egeu
Ou saber quantas conchas jazem nas areias das praias
 Ou ainda, ó Timolo, conhecer quantas são as tuas vides.
Hesito no que hei-de fazer. Tentarei, porventura, responder
 Aos teus versos, que recebi cheia de alegria?
Porque, se eu adiar a resposta, hei-de parecer mal agradecida
 E até esquecida do teu serviço, ó homem venerável.
Não se deve, todavia, confiar frágil embarcação a uma tormenta,
 Não se vá ela perder, atormentada por rápidos ventos.
E, no entanto, apraz-me avançar, arrasta-me um temerário ardor:
 Que, contudo, tu mesmo me concedas o perdão.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Sed tamen ire libet: quo me temerarius ardor
 Deferet: ignoscas tu tamen ipse mihi.
Quid referam primum dubiam quo robore mentem
 Firmarunt uersus, delitiaeque tuae.
Nam ducis egregii moremque modumque secutus.
 Exacuis uires ingeniumque facis.
Illa equidem ut uitia effugiam nimiumque nocentem
 Desidiam: miris edocuere modis.
Calcar et acre mihi studia ut praeclara capessam
 Adiecere: bonis artibus utque uacem.
Nam prius (ut uerum fatear) nihil otia praeter
 Gratum erat: optabam praeter amare nihil.
Nunc aulaeatis laetabar inepta theatri,
 Pasebatque oculos saepe palaestra meos,
Nunc ego pigra foro medio spatiabar, et inde
 Lustrabam lento mollia prata gradu.
Indulgere mero media de luce solebam,
 Nec poteram studiis incubuisse meis.
Nam mihi ductor adest quamuis qui cuncta benignus
 Edocet, et tradit qui documenta mihi.
Luctor in aduersum tamen, et ceruice rebeli,
 Executio impositum iam furiosa iugum,
Difficilisque labor studiorum est uisus et asper,
 Quem poterant uires uix tolerare meae.
At nunc iam monitisque tuis et uoce serena
 Admonita: incipio cernere uicta iubar.
Omnia plana patent: modo quae mihi uisa fuere
 Aspera: uirtutis iam uia tota placet.
Credere quis posset, subito ut mutata redirem,
 Carminibus paucis exigisque sonis.
Quae fueram numquam precibus deuicta magistri,
 Quae fueram nullis sollicitata minis.
Tu potuisti igitur blanda me uoce mouere,

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

O que eu hei-de referir primeiro asseguraram-no, com alguma certeza,

Ao pensamento hesitante, os versos e os teus encantos,

(Pois tu seguiste a vontade e a lei de um ilustre príncipe:

Produzes forças e despertas os engenhos).

Ensinaram, por modos admiráveis, como evitar aqueles vícios

E também a preguiça excessivamente nociva.

Ajuntaram ainda, e com ardor, estímulo para eu empreender

Estudos eruditos e para ter vagar para as Belas Letras.

É que dantes, (para confessar a verdade), além dos tempos livres,

Nada me era agradável, eu nada queria para além do amor.

Por esse tempo eu, estulta, alegrava-me com espectáculos cénicos⁴⁵

E recreava muitas vezes os meus olhos pelos campos de jogos,

Nesse tempo eu passeava, inactiva, pelo meio da praça

E desde aí percorria com passo lento os campos amenos.

Tinha por hábito abandonar-me ao vinho desde o meio dia

E não me podia dedicar aos meus estudos,

Pois, embora eu tenha um educador que, indulgentemente,

Tudo me ensina e me aponta bons exemplos,

Luto, todavia, em sentido contrário e, já furiosa, sacudo

O jugo imposto sobre a cerviz rebelde.

Pareceu-me difícil e penoso o labor dos estudos

Que, a custo, as minhas forças poderiam suportar.

Agora, porém, advertida pelos teus conselhos e pela tua voz serena,

Começo, convencida, a ver a estrela da manhã.

Tudo o que, ainda há pouco, me parecia desagradável mostra-se

Agora acessível, já todo o caminho da virtude me apraz.

Acredite quem puder, eu fui subitamente transformada

Por alguns cantos e por breves palavras,

Eu que nunca tinha sido demovida por rogos de um professor,

Eu que nunca tinha sido coagida por ameaça alguma.

Tu, portanto, lograste modificar-me com voz branda:

⁴⁵ Jerónimo Cardoso, falando de teatro, refere-se ao *aulaeum*, que era o pano de cena do teatro romano. Este pano permanecia estendido enquanto o espectáculo decorria e recolhia-se no final. A esta cortina, que funcionaria como toldo, se refere Horácio na *Arte Poética*, (v. 154).

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Tanta est eloquio gratia iuncta tuo,
Pro meritis igitur tibi maxime uates,
Persoluant Superi praemia digna uale.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Tamanha simpatia se aliou à tua eloquência.
Que, assim, vate magnífico, em troca de tamanhos méritos,
Os deuses te concedam os justos prémios. Adeus.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[27] Ad Andream Cotrinium

Cum sua soluisset facunda Cotrinus ora:

Indoluit Phoebus se reperisse parem.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[27] A André Cotrim

Desde que Cotrim abriu a sua eloquente boca,
Encheu-se Febo de mágoa por ter encontrado um rival.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[28] Ad Aegnatium Moreum

Sum fateor segnis, sed non oblitus ut essem,
 Officio quam me uinxeris ipse tuo.
Nam si te renui timuique reuisere nostris
 Versibus, ingenium tam rude causa fuit,
Non ita Pierides sensique habuique benignas,
 Vt mihi quod parui tam facis ipse darent.
Exiguas natura minus mihi fausta: minusque
 Blanda: dedit uires exiguumque sophos
Quare ignosce libens: satis est peccasse fateri
 Abstrahit inuidiam nam mea simplicitas,
At caelata nouem uates doctissime Musis:
 Quae mihi misisti carmina, nuper erant.
Quae quamuis roseos sparsissent undique sucos.
 Est tamen e damnis mens mea maesta tuis,
Nam cum te morbo uexari nouimus acri:
 Oppressit subitus pectora nostra dolor.
Et doluit: nec enim satis indoluisse putarem,
 Ni dolor humentes excuteret lacrimas.
Post tamen ut saeui fluctus cessere doloris:
 Coepimus Ascræas increpitare deas.
Crudeles nimium diuae nimiumque seueræ:
 Atque in Caucaseis rupibus ingenitæ.
Quae uos tanta diu tenet inclementia, uati
 Vt nullam uestro ferre pateris opem.
At satius foret huic Parnassi odisse cacumen:
 Quosque leuis latice ungula fodit equi.
En haec cultori redduntur praemia uestro:
 En haec sunt meritis munera parta suis.
At non Mnemosyne, Ioue nec uos esse creatas:
 Neue aliquod credam numen habere pium.
Apta deis pietas: est apta leonibus, ursis,

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[28] A Inácio de Moraes

Confesso que sou preguiçoso, mas não me esqueceria

Do quanto tu me terás superado por meio do teu ofício,

Pois se eu recusei e evitei que tu voltasses a ver os nossos versos

Foi só por causa da rudeza do meu engenho:

É que não senti nem conheci as Piérides⁴⁶ assim tão benignas

Que me concedessem aquilo que a ti mesmo pouco importa.

A natureza, menos generosa para comigo e menos branda,

Concedeu-me forças escassas, escassos aplausos.

É bastante o confessar um erro, que, benevolente, por esta razão me perdoes

Porque, de facto, a minha ingenuidade não dá lugar à inveja.

E, no entanto, os cantos que me enviaste, doutíssimo poeta,

Tinham sido cinzelados recentemente pelas nove Musas,

Os quais espargiram, por um e outro lado, perfumes de rosas.

A minha razão, contudo, foi afligida pelos teus padecimentos,

Pois, quando soubemos que te atormentava uma doença terrível,

Uma dor súbitamente torturou o nosso peito

E enchi-me de mágoa e, de verdade, nem julgaria ter sofrido o bastante,

Se a dor não fizesse brotar as húmidas lágrimas.

E, contudo, depois de que o pranto da violenta dor cessou,

Começámos a invectivar as deusas Ascreias⁴⁷:

«Divindades por demais cruéis e por demais severas

E nascidas, além disso, nos penhascos do Caúcaso.

Que inclemência tamanha de há tanto vos domina

Que ao vosso vate força alguma conseguís levar?

Ser-lhe-ia, antes, preferível detestar o cimo do Parnaso

E as águas que faz saltar o casco do ágil cavalo⁴⁸.

⁴⁶ As Piérides eram nove jovens, naturais de Piéria, na Trácia, que ousaram rivalizar com as Musas na arte do canto. Subiram, por isso, ao Hélicon e desafiaram as Musas para um concurso de que saíram derrotadas. Como castigo da sua ousadia foram metamorfoseadas em pássaros, mas dado que tinham os mesmos nomes do que as Musas, vieram a confundir-se com estas. Jerónimo Cardoso usa indiferentemente os nomes de Piérides e Musas.

⁴⁷ Isto é, as Musas. Ascra, que fora berço de Hesíodo, poeta da *Teogonia*, estava situada na Beócia, junto ao monte Hélicon que, desde Hesíodo, se dizia ser a morada das Musas.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Atque apris feritas, montiuagisque lupis.
Quaeque suos seruant et habent, caelestia curae
Numina cultores, eripiuntque malis.
At uos doctiloquos solae spreuistis alumnos.
Pallade seu Phoebo seu Ioue digna canant.
Vestraque quam fuerint sacra exitialia multis:
Testantur uariis scripta uetusta notis.
Exsul Naso Tomis periit, quem frigidus Ister,
Quem fleuere Getae, Sauromataeque truces.
Baeticus uates nymphis ploratus Iberis
Occidit, ecce tuum pro Nero dire scelus.
Non etiam Siculum seruarunt rustica uatem
Seria: Mantuae²² tam bene nota lyrae.
Praeterea innumeri (dolor est meminisse) poetae.
Pertulerant uestris multa nefanda sacris.
Haec ubi sum questus paulum subsedit acerbus
Qui mea torquebat uiscera et ossa dolor.
At tibi uenturae spes haud longinqua salutis
Optima det uires, quae mala cuncta leuat.
Saepe ratis tutos contingit naufraga portus,
Quae rapidis fuerat sollicitata Notis.
Saepe suis gaudet reparatis frondibus arbor:
Quas Boreas saeuo turbine depulerat.
Saepe Iouis niueos ales uexauit olores:
Sed tamen elapsi gaudia multa mouent.
Saepe latet Phoebi suppressus nubibus axis,
Clarior at fuis nubibus ille redit.
Sic tua di faciant reuirescant tempora, tanta
Laetitia, quanto grata fuere minus.

²² O adjectivo *Mantous*, *-a*, *-um*, equivalente semântico de *Mantuanus*, *-a*, *-um*, constitui um neologismo criado por Jerónimo Cardoso tendo por modelo adjectivos gregos do tipo Ἄργῶς, Ἴνδῶς, Νειλῶς, Ἀλφειῶς, etc.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Então estes são os prémios devolvidos ao vosso cultor,
Então estas são as dádivas alcançadas com os seus méritos.
Eu, porém, não hei-de crer que fostes geradas de Mnemósine e Júpiter.
Nem sequer acreditarei que possuíis um númen piedoso:
A piedade é apropriada aos deuses, apropriada para leões, ursos
E javalis a feridade, e para os lobos que correm pelos montes.
Um a um, os númenes, protectores celestes, preservam e
Guardam os seus cultores e afastam-nos das desgraças.
Só vós, porém, desprezastes os eloquentes discípulos
Que entoam cantos dignos de Palas, de Febo ou de Júpiter.
Do quanto terá sido funesta, também para muitos, a vossa religião
Dão testemunho, com vários indícios, os textos antigos:
Pereceu Nasão, proscrito na cidade de Tomos, Nasão que o frio Istro,
Que os Getas e os Sármatas ferozes prantearam⁴⁹;
O vate da Bética, chorado pelas Ninfas de Ibéria, pereceu,
Vede bem, ó Nero tirano, em virtude do teu crime⁵⁰;
Nem o vate da Sicília salvaram os graves cantos rústicos,
Tão bem conhecidos da lira de Mântua⁵¹.
E, desde então, poetas inumeráveis, (penoso é recordá-lo),
Suportaram, por vossa religião, múltiplos males».
Quando eu assim me lamentei, acalmou-se um pouco a violenta dor
Que torturava os meus ossos e as minhas entranhas.
Que a esperança, óptima e não distante, de saúde vindoura,

⁴⁸ Trata-se das famosas fontes de Hipocrene e Aganipe, nascentes que brotaram do chão no lugar onde Pégaso, o «ágil cavalo», dera duas patadas no solo.

⁴⁹ *Publius Ovidius Naso*, (n. 43 a. C.; m. 17 d. C.), grande poeta romano que foi banido de Roma por Augusto, em 8 d. C., para a cidade de Tomos, nas costas do Mar Negro. Todas as tentativas que este poeta fez, em vida, de alcançar um perdão saíram goradas e nem a morte de Augusto, em 14 d. C., trouxe qualquer melhoria à sua situação, pelo que veio a falecer no exílio.

⁵⁰ *Marcus Annaeus Lucanus*, (n. 39 d. C.; m. 65 d. C.), poeta romano que nasceu na Bética, em Córdoba, era sobrinho de Séneca. Frequentou a corte de Nero, imperador a quem tratou com adulação até se revoltar contra ele e alinhar, como conspirador, na conjura dos Pisões. Caído em desgraça, recebeu ordem do imperador para cometer o suicídio. A imagem que dele dá Cardoso corresponde ao que a tradição consagrou a seu respeito no primeiro verso do seu epitáfio: «Corduba me genuit, rapuit Nero, proelia dixi».

⁵¹ O poeta da Sicília é Teócrito, (n. c. 310 a. C.; m. c. 250 a. C.), natural de Siracusa. A «lira mantuana» é a poesia de Virgílio, os solenes cantos rústicos são os trinta *Idílios* atribuídos a Teócrito, modelo das *Bucólicas* de Virgílio. Teócrito viveu em Siracusa até 275 a. C., data em que se mudou para a ilha de Cós. Ai havia de passar grande parte do resto da sua vida, tendo ainda residido alguns anos na cidade de Alexandria.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Alívio de todos os males, te conceda as forças:
Muitas vezes atinge portos seguros a náu maltratada,
Atormentada que fora por ventos arrebatadores;
Muitas vezes a árvore reverdesce com a sua folhagem reparada
Que, em terrível tempestade, o vento Bóreas arrancara;
Muitas vezes a ave de Júpiter perseguiu os níveos cisnes,
Mas, posto que caídos, provocam muita alegria;
Muitas vezes o carro do Sol permanece oculto pelas nuvens,
Porém, dispersas estas, aquele regressa mais claro.
Que, assim, com tanta alegria os deuses façam reviver as tuas temporas,
Quanto menos gratos te foram os tempos.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[30 (1)] Ad Doctorem Aluarum Vaz Iureconsultum

O consultorum iuris clarissime, cuius
 Enitet in toto lingua diserta foro.
Qui doctos inter doctissimus unus habetis
 Optimus atque inter crederis esse bonos.
Quae tibi sincero mittuntur pectore laeta
 Accipe, fronte libens munera parua, precor:
Magna dabunt alii quibus est res ampla clientes:
 Paupertas nescit sed mea magna dare:
Nil donare queunt nisi carmina sola poetae:
 Pauper enim est Helicon Phoebus et ipse pater.
At cum patronos post erga reliqueris omnes:
 Et sit regali par tibi nemo foro.
Muneribus tibi plena domus, te consulit omnis
 Turba, senator, eques aduena, ciuis, inops.
Responsis est mira fides foliumque putatur
 Cumaeae uatis, quicquid ab ore fluit,
Quicumque ergo suae cupiet cognoscere causae
 Euentum, et certum discere consilium,
Te petat, atque adeat, te consulat, atque sequatur,
 Inueniet siquidem certius esse nihil.
Non dolus hic ullus, non fraus innexa clienti,
 Sed probitas, uerum, candor, et alba fides.
Hunc igitur seruate diu bona numina solem,
 Luceat ut nostrae nocte dieque plagae.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[30 (1)] Ao Jurisconsulto Doutor Álvaro Vaz

Ó muito ilustre de entre os jurisconsultos

Cuja eloquente língua se distingue em todo o foro.

Tu que, de longe, és considerado muito douto entre os doutos

E entre os bons muito bom,

Aceita, por favor, benevolente, os pequenos presentes

Que te são enviados de peito sincero e alegre rosto.

Outros clientes, que possuam amplos recursos, dar-tos-ão grandes,

A minha pobreza, porém, grandes não os sabe oferecer.

(Os poetas não podem oferecer nada, a não ser somente cantos,

Pois que pobre é o Hélicon⁵² e também o próprio pai Febo).

Além disso, porém, posto que te tenhas afastado de todos os patronos

E ninguém no régio foro te iguale,

Cheia de prendas está a tua morada: o senador e o cavaleiro,

O estrangeiro e o cidadão, o indigente, toda a turba te consulta.

Confiança admirável reside nas tuas respostas e é tido por vaticínio

Da sibila cumana⁵³ tudo o que se escapa dessa tua boca.

Como tal, todo aquele que quiser ser informado do resultado

Do seu processo e ouvir um conselho informado,

Que te procure e te visite, te consulte e te obedeça.

Descobrirá, com efeito, que nada há de mais seguro.

Aqui não existe engano algum nem fraude urdida contra o cliente,

Mas certamente integridade, sinceridade e clara lealdade.

Por tudo isto, ó bons númenes, preservai por muito tempo este astro,

A fim de que cintile para este nosso reino noite e dia.

⁵² O Hélicon, (por metonímia a poesia), é a maior montanha da Beócia. Geograficamente situado entre o lago Capois e o golfo de Corinto era, tal como o Parnaso, consagrado ao deus Apolo. Esta montanha era considerada lugar de residência das nove Musas, a tal não será alheio o facto de Ascra, cidade natal de Hesíodo, ter estado situada a pouca distância das suas encostas.

⁵³ Jerónimo Cardoso compara as sentenças de Álvaro Vaz aos oráculos proferidos pela sibila de Cumas, a mais importante vidente que existia no território de Itália. Em Roma, no Capitólio, eram guardados os chamados Livros Sibílicos, colecção de oráculos que se perdeu num incêndio em 83 a. C., vindo a ser substituída por uma outra que Augusto mandou guardar no templo de Apolo, no Palatino. Esta segunda colecção continuou a ser consultada até ao fim do séc. IV, altura em que Estilício, comandante dos exércitos de Honório, deu ordem para que fosse destruída.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[37 (8)] Ad Achillem Statium Auditorem Suum

Gratius esse tuo nil certe epigrammate²³ posset.

Conclusum tanta ni breuitate foret.

Ante expectatum mihi te tacuisse molestum

Accidit, et longas ducere nolle moras.

Clauseris exiguo cum tot mea gaudia gyro:

Est fraudata tua mens mea laetitia.

Ista quidem tacitas breuitas commendet Amyclas

At non Spartanum dedecet esse breuem.

Nam Lusitano cum sis de sanguine natus,

Cur Lacedaemoniam dic mihi phrasin amas.

Si cupis ergo mihi morem gessisse, caeto:

Carmina cum dederis scribere longa parum.

²³ No original lê-se, por lapso do tipógrafo, *epigrammatem*. Tal forma é morfologicamente impossível dado tratar-se de uma palavra do género neutro, (*epigramma, -atis*), para mais dependente do comparativo «*gratius*».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[37 (8)] Ao Seu Aluno Aquiles Estaço

Sem dúvida nada poderia existir mais agradável do que o teu epigrama,
Se não fosse concluído com tamanha brevidade.
Sucede-me a mim ser desagradável, em função da expectativa,
Que te tenhas tu calado, não querendo compor longas demoras.
Quando, em círculo estreito, todos os meus contentamentos encerraste,
A tua ideia foi defraudada, foi-o também a minha alegria.
Que esta brevidade espalhe a fama da silenciosa Amiclas⁵⁴,
Porém não desdiz de um espartano o ser conciso.
Mas tu, dado que nasceste de sangue verdadeiramente lusitano,
Ora responde-me: porque do estilo lacónico tanto gostas?
Por tudo isto, se acaso desejas obedecer-me evita escrever,
Quando m'os dirigires, poemas de pouca extensão.

⁵⁴ Amiclas, cidade da Lacónia, de origem micénica, (túmulo de Cassandra e Agamémnon), estava situada na margem direita do rio Eurotas. A taciturnidade dos seus habitantes tornou-se proverbial pela lenda, difundida por Sérvio, de que, aquando da invasão dos Espartanos, os seus habitantes, cansados de relatórios falsos sobre a aproximação das tropas inimigas, proibiram que de tal se falasse. Quando os inimigos se aproximaram realmente, ninguém se atreveu a dar o alarme e, assim, a cidade foi tomada e todos os habitantes pereceram pelo silêncio, daí o verso de Lucílio «mihi necesse loqui; nam scio Amyclas tacendo perisse» e o dito «Amyclis ipsis taciturnior».

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[40 (11)] Ad Balthasarem Tebium Iuris Vtriusque Doctorem Eclogam cum Suam Corrigendam Mitteret

Si trepidat noster Tebi doctissime Mopsus
 Et Dorylas uultus forte subire tuos.
Iudicium mihi crede, tuum deterret, et ingens
 Ingenii splendor, dexteritasque tui.
Nam rudis agrestis Latiique ignarus uterque
 Cum sit sermonis, quis trepidare uetet.
Praecipue adfari cum te iubeantur, et istos
 Ante pedes flexo procubuisse genu
Nec tamen auderent propius consistere: et intra
 Vatis Apollinei limina ferre gradum.
Ni foret audendi Petreius Sanctius auctor,
 Quo nihil est melius candidiusque nihil.
Qui cum tam trepidos uidisset, sumite, dixit,
 O pueri uires, sit metus iste procul.
Candida laurigeri petitis penetralia Tebi,
 Quae nullo cunctis tempore clausa patent.
Et licet innumeris praepolleat artibus unus,
 Non tamen illius pectore fastus inest.
Ignoscas igitur si nil Latiale sonabunt,
 Sed quiddam umbrosum rusticulumque nimis.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[40 (11)] A Baltasar de Teive, Doutor em Direito Civil e Direito Canónico,
(Quando Lhe Enviava uma Sua Écloga que Devia Corrigir)

Teive doutíssimo, se acaso os nossos Dórilas e Mopso

Receiam insinuar-se na tua presença,

Crê em mim que é porque os aterra o teu discernimento

E o imenso brilho e a destreza do teu engenho.

Na verdade, dado que são ambos incultos e rudes, ignorantes

Na língua latina, quem conseguiria impedi-los de recear?

(Sobretudo desde que receberam ordens para te dirigir a palavra

E para prostrar-se de joelho flectido diante desses pés).

Eles, no entanto, nunca se atreveriam a parar mais perto

Nem a penetrar nas moradas do vate apolíneo,

Se não fosse Pedro Sanches o autor da ousadia,

(Ninguém é melhor nem mais cordial do que ele, ninguém).

Este disse-lhes, depois de os ver assim tão perturbados:

«Coragem rapazes⁵⁵, não tenham receio!

Vocês procuram o esplêndido santuário do Teive coroado de louro,

Templo que se mostra sempre aberto para toda a gente,

E ainda que só um leve a palma, por meio de conhecimentos inumeráveis,

Não existe, em qualquer caso, arrogância naquele peito».

Tu perdoarás, portanto, se eles não tiverem um eco do Lácio,

Mas antes um canto turvo e rude em demasia⁵⁶.

⁵⁵ *Pueri* porque escravos. Os dois interlocutores da écloga parecem ser já bem entrados em anos ou, pelo menos, bastante *experientes*, como se depreende de uma fala de Dórilas: «Narremus ueteres pariter, quos sensimus, ignes».

⁵⁶ De falta de clareza e mau latim, acusações possíveis para um poema mal composto, falava já Marcial, (II. 8), dirigindo-se a um leitor imaginário: «si qua vibebuntur [...] siue obscura nimis siue latina parum».

Note-se que Jerónimo Cardoso, ao falar de falta de clareza num poema, remete para um preceito retórico aristotélico que deve ter conhecido pela via indirecta da *Arte Poética* de Horácio. Deste modo, a *obscuritas* decorre de uma exagerada concisão, *brevitas*, na narração das *res*. A *brevitas*, na sua justa medida, é uma qualidade de estilo e, como tal, deve ser observada, sem que nunca se perca de vista a *aurea mediocritas*. Horácio adverte claramente para este perigo ao dizer: «breuis esse laboro, / obscurus fio», (vv. 25-26).

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[41 (12)] Petrus Sanctius ad Auctorem

In doctos hominum coetus urbemque perosus.
Atque leuem populum: dulcia rura peto
Dulcia rura peto siluas umbrasque uirentes
Quae me sollicitum mente animoque leuant.
Iam iuga praetereo geniali consita uitae,
Quae quondam Dryades incoluisse ferunt.
Aestus erat pariter meta distabat utraque
Phoebus: et igne suo florida rura coquit,
Insolitusque labor iam me lassabat et ultra
Et calor atque sitis longius ire uetant.
Non procul ecce suas umbras promittit amicas
Fraxinus alta uirens: hanc peto linquo uiam,
Forte fuit iuxta puris uberrimus undis
Illimis fons: quem plurima silua tegit.
Gramineus caespes uiridantes circinat oras:
Non iunci non hic canna palustris erat.
Stagna suo binos eructant gurgite riuos:
Per salices trepide garrula lympa fugit.
His Arethusa tuae cedant his fontibus undae
Atque lacus Cyanes, Salmacidisque palus.
Hic postquam saeuos compescuit unda calores:
Exstinxitque aestus atque sitim domuit.
Protinus in uiridi depono gramine corpus:
Et fesso cubitum subiicio capiti.
Sic recubans nostros mecum meditabar amores,
Atque hic dicebam Lilia pulchra ueni.
Lilia pulchra ueni requies mihi certa laborum,
Certa mihi requies Lilia pulchra, ueni:
Meque iuues ignesque leues quibus urimur intus.
Inque sinus uenias dulcis amica meos:
Nec te paeniteat ruris, nam saepe secuta est

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[41 (12)] Pedro Sanches ao Autor

Detestando as intrigas dos homens contra os sábios, a cidade

E mesmo o povo inconstante, dirijo-me para campos amenos,

Dirijo-me para campos amenos, para sombras e bosques verdejantes

Que a mim, desassossegado, aliviam na alma e na mente.

Já passo ao lado dos cimos montanhosos, plantados para uma vida prazenteira,

Que, segundo dizem, em tempos as Dríades⁵⁷ habitaram.

Fazia muito calor e Febo⁵⁸ estava equidistante de uma

E outra meta e, com o seu calor, requeimava os campos floridos

E já uma desacostumada fadiga me cansava e, além disso,

Ora o calor ora a sede, impedem-me de ir mais além.

Não longe, eis que um alto e verdejante freixo promete

As suas sombras amigas. Abandono a vereda e avanço para ele.

Havia, por acaso, ali perto, uma fonte abundante de puras

E límpidas águas que um denso bosque oculta.

Um torrão de terra, coberto de relva, forma um círculo verde em torno

À margem. Não havia aqui juncos nem a cana dos pântanos.

As águas do lago lançam, do seu seio, duas torrentes,

A linfa murmurante escoar-se rápida por entre os salgueiros.

Diante, ó Aretusa⁵⁹, destas nascentes, as tuas águas retirar-se-ão

E mesmo o lago de Cíane⁶⁰ e o paúl de Salmácide⁶¹.

Aqui, depois de que a torrente aplacou os tórridos ardores

⁵⁷ As Dríades eram as ninfas dos bosques cuja vida estava ligada à de uma árvore. Quais seriam os cimos montanhosos que Pedro Sanches tinha em mente? Acaso Sintra?

⁵⁸ Febo, (em gr. Φοίβος «o brilhante»), é um epíteto de Apolo que muitas vezes, sobretudo em latim, substitui o próprio nome. Vamos encontrá-lo várias vezes no decurso desta composição, umas vezes como divindade solar, outras como deus da poesia e da eloquência.

⁵⁹ Aretusa era uma ninfa do Peloponeso e da Sicília. Quando Alfeu, deus do rio homónimo que corre no Peloponeso, se apaixonou por esta ninfa, companheira de Diana na caça, ela fugiu para Ortígia, ilha do porto de Siracusa. Alfeu perseguiu-a e, quando estava para a alcançar, esta transformou-se em fonte. Pedro Sanches menciona-a como fonte famosa que corre perto de Siracusa.

⁶⁰ Cíane era uma ninfa da Sicília, foi transformada em fonte por Hades quando se opunha ao rapto de Prosérpina, de quem era companheira. Corria, como a anterior, em Siracusa.

⁶¹ Salmácide era um lado da Cária, famoso pela limpidez das suas águas, cuja pureza foi a causa indirecta da transformação de Hermafrodito, jovem de grande beleza por quem a ninfa do lago se apaixonara, num ser de dupla natureza sexual. Hermafrodito, ofendido, rogou aos deuses que sofresse a sua sorte quem quer que se banhasse nessas águas. A crença em tal efeito ainda subsistia no tempo de Estrabão.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Cynthia per siluas Endymiona suum.
Retia tendentem de summo uertice Hymetti
 Subripuit patri lutea diua uirum.
Detinuit Venerem iuuenis Cinareius ipsam
 Rure quibus dederant gramina saepe torum.
Dum loquor haec frustra dum uentis irrita dono,
 Non profecturas perdoque blanditias.
Igneus occiduas Pyrois properabat ad undas.
 Longior et summis montibus umbra cadit.
Innitens manibus uiuo de caespite surgo:
 Egredior siluis ingrediorque uiam
Hic mihi se accliuo ostendit de monte puella:
 Et properans ad nos sedula carpit iter.
Colligit in nodum subcintas fibula uestes,
 Innectunt, flauas aurea fila comas.
Myrtea uirga manu est: obnubit tempora laurus.
 In pedibus niueis aurea uincla gerit.
Obstupui postquam uultus faciemque uerendam
 Adspexi: quis non crederet esse deam,
Esse deam dixi quia nil mortale uidebam,
 Forma uenusta decens uirgineusque decor.
Sed non Dictynna est nam nec sonat aureus illi
 Arcus: nec claudit picta pharetra latus.
Atque tegit galea pulchram Tritonia frontem.
 Ornat et hasta manus aegida pectus habet.
Non igitur Pallas uolucrum nec mater amorum
 Non Veneri castus conuenit ille pudor.
Dum dubito adcessi propius doctamque Camenam.
 Cardosi agnosco protinus esse mei.
Quae multam roseo postquam dedit ore salutem.
 Sumpsit et amplexus terque quaterque meos.
Calliope maior uel si quid maius habetur.
 Iudice me dixi: quam mihi grata uenis.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

E extinguiu o grande calor e dessedentou a sede,
Logo eu abandono o corpo na verde relva
E amparo, com o cotovelo, a fatigada cabeça.
Deste modo, estendido, pensava nos nossos amores
E, nesse lugar, assim dizia: «Vem, ó Lília formosa.
Ó Lília formosa vem, seguro descanso dos meus trabalhos,
O meu seguro descanso és tu, Lília formosa, vem.
Ajuda-me e alivia o fogo que nos abraza sob a pele⁶²
E vem, doce amiga, para junto do meu peito
E não te seja o campo desagradável, pois muitas vezes perseguiu
Cíntia, através dos bosques, o seu querido Endimião⁶³.
A rosada deusa arrebatou, ocultando-o de seu pai, um homem
Que estendia as redes desde o mais alto cume do Himeto.
Encantou a própria Vénus o jovem da ilha de Cinara
A quem, no campo, bastas vezes a relva serviu de leito».
Enquanto digo em vão estas palavras, enquanto as lanço, inúteis, aos ventos
E gasto baldadamente carícias que não hão-de suceder,
O igneo Pírois⁶⁴ aproxima-se das vagas ocidentais
E, dos montes elevados, uma sombra cai mais longa.
Apoiando-me nas mãos, levanto-me da relva viçosa
E, abandonando o bosque, avanço para a vereda.
Aqui se mostra, descendo um escarpado monte, uma jovem
E toma diligente o caminho, avançando apressadamente para nós.
Uma fibula prende num nó as suas vestes airosas,
Enlaçam dourados fios os seus fulvos cabelos,
Traz na mão um raminho de mirto, coroa de louro lhe cinge as fontes⁶⁵,
Traz, nos níveos pés, pulseiras de ouro.
Espantei-me após ter visto o seu rosto e face veneranda.

⁶² O fogo como metáfora do amor, tal como em Safo, Catulo e Camões.

⁶³ Cíntia, nome de Ártemis ou Diana, assim chamada por ser venerada no monte Cíntio, na Ilha de Delos, onde nascera. Endimião era um pastor, jovem e bellissimo, por quem a Lua, (Diana por sincretismo), se teria apaixonado. Esta terá solicitado de Zeus a realização de um desejo de Endimião e este escolheu ficar perpetuamente adormecido sem que a sua beleza se desvanecesse. Durante o seu sono Diana uniu-se-lhe várias vezes em segredo.

⁶⁴ Pírois é um dos cavalos da quadriga de Hélio (ou Febo).

⁶⁵ O raminho de mirto e a coroa de louro são, respectivamente, os símbolos de Afrodite, deusa do amor, e de Apolo, deus da poesia e da eloquência.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Delitiae uestrae quid agit Cardosus in urbe

Num ualet: est Sancti num memor ille sui:

Rettulit illa ualet: nomenque extendit in aeuum.

Et parat extremis eripuisse rogis.

Nemo magis carus Phoebus nunc uiuit in orbe.

Nemo est cui faueat docta Minerua magis

Nam seu bella tonat seu dulcia carmina tentat

Ille suo nobis imperat arbitrio.

Multa simul mandata dedit, sed plura roganti

Nox ait Oceani praecipitatur aquis.

Iam Phoebus disiungit equos suadetque reuerti.

Flammigeros currus iam leuat unda Tagi.

I decus et Latiae linguae Latiique leporis

Ad dominum referes haec mea dicta tuum.

Ille precor uiuat longaeui Nestoris annos,

Vtque facit magnum nomen ad astra ferat.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Quem poderia acreditar que não era uma deusa?
Eu disse ser uma deusa porque não via nada de mortal:
Uma figura harmoniosa, cheia de sedução e encanto virginal.
Não é, porém, Dictina⁶⁶, pois não retine ali nem o arco de ouro
Nem a aljava pintada lhe cinge o flanco.
E, contudo, a Tritónia protege a linda frente com um elmo⁶⁷,
Uma lança arma-lhe as mãos e o peito possui um escudo.
Não é, portanto, nem Palas⁶⁸ nem a mãe de volucres amores,
Pois que a Vénus não convém aquele casto pudor.
Enquanto assim hesito, aproximei-me mais da douta Camena
Que logo reconheço ser a do meu estimado Cardoso,
A qual, de seus lábios rosados, me dirigiu depois vivas saudações
E recebeu, três e quatro vezes, os meus abraços.
Mais solene do que Calíope ou se algo se pode ter por mais solene,
Com que gosto te encontro, disse eu, pensando para comigo.
«Que faz Cardoso, encantos vossos, na cidade?
Encontra-se bem? Ainda se recorda do seu amigo Sanches?»
Respondeu: «está de saúde, dilata o seu nome pela eternidade
E prepara-se para arrebatá-lo á última chama⁶⁹.
Ninguém, mais caro a Febo, vive agora sobre a terra,
A ninguém a sábia Minerva concede mais favores,
Pois quer cante feitos bélicos, quer tente doces cantos,
Aquele impera sobre nós segundo a sua vontade».
Transmitiu-me, ao mesmo tempo, muitas recomendações, porém,
Questionando-a mais, disse-me: «A noite precipita-se nas águas do Oceano,
Já Febo desatreia os cavalos e os persuade a regressar⁷⁰,

⁶⁶ Dictina é um sobrenome de Diana ou Ártemis que, como deusa da caça, é simbolizada por um arco e uma aljava.

⁶⁷ O elmo era, juntamente com a lança e um escudo, o símbolo da deusa Atena, que tinha o sobrenome de Tritónia. A deusa nascera da cabeça de seu pai, Zeus, já armada com estes objectos que se tornaram seus atributos.

⁶⁸ Palas é um epíteto ritual da deusa Atena, que aparece muitas vezes denominada como Palas Atena. Há em todo o caso uma lenda tardia em que Palas era uma figura distinta da da deusa, uma jovem filha do deus Tritão (o génio do lago Tritono), junto da qual Atena teria sido criada e a quem acidentalmente teria morto. Em sua homenagem Atena teria fabricado a estátua Paládio.

⁶⁹ Expressão que significa *alcançar a imortalidade*, veja-se, por exemplo, Ovídio, (*Amores*, 3. 9. 28).

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

Já a onda do Tejo sustenta o flamejante carro do sol».
«Í, ó ornamento da língua latina e da latina elegância,
Levar até ao teu senhor estas minhas palavras:
Eu rogo que ele viva os anos do idoso Nestor⁷¹
E, como já faz, que eleve o seu grande nome até aos astros».

⁷⁰ Os cavalos de Febo, (ou Hélios), são Pírois, Eos, Éton e Flégon cujos nomes evocam a ideia de chama, fogo ou luz. Na Mitologia, Febo parte diariamente da Índia e atravessa o céu pelo meio. Ao chegar ao ocidente os seus cavalos, exaustos, banham-se nas águas do Oceano e regressam ao oriente. Febo passa a noite num palácio de ouro e, de manhã, embarcado numa taça, viaja por mar, tornando ao oriente por um trajecto muito mais curto do que aquele que percorre na sua quadriga.

⁷¹ Nestor, personagem homérica, viveu, por mercê de Apolo, mais de três gerações. Era considerado o modelo do ancião sensato, ainda corajoso a combater e excelente conselheiro.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[44 (15)] Balthasar Tebius ad Auctorem de Doryla et Mopso

Sic Dorylas Mopsusque tui rapuere meique.

Dulcia dum mecum carmina uterque canit

Vt Dorylas cuperem fieri uel Mopsus, alendi

Quamuis ille gregis pastor. Et ille gregis

Cum summo²⁴, redolent aliquid non temporis huius.

Docta uetustatis carmina Mopsus habet.

Quae Cardose legam donec mutabor in illos.

Et grate patiar non meus esse mihi.

²⁴ No original lê-se *sumo*, sem dúvida por lapso tipográfico.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[44 (15)] Baltasar de Teive ao Autor

Acerca de Dórilas e Mopso

Dórilas e Mopso, teus e meus, a tal ponto seduziram,

Enquanto, comigo, ora um ora outro entoa doces cantos,

Que eu queria transformar-me em Dórilas ou em Mopso,

Embora um, pastor que tem de alimentar o rebanho,

E o outro, com o maior rebanho, cheirem a qualquer coisa que não é deste tempo.

Mopso possui os doutos cantos da Antiguidade,

Que eu, ó Cardoso, lerei até ao dia em que me transformar neles,

E de bom grado sofrerei não ser mais eu próprio.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[53 (24)] Ignatius Moreus ad Auctorem

Quam bene depingit pulchros Cardosus honores

Musarum: ut dulci manat ab ore lepos:

Quanta demulcet mentes dulcedine fandi

Et nouit ueterum scripta uetusta uirum:

Quicquid grammaticae docti scripsere magistri

Quicquid Aristoteles protulit atque Plato,

Quicquid doctores legum iurisque periti

Et quicquid demum Graecia docta tulit:

Protulit in lucem multis caelata tenebris.

Quae simul exornat floribus ipse suis:

Nunc Cicero est uisus sed si non fallor amore

Alter Virgilius postmodo uisus erit.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Texto Latino, Tradução e Notas

[53 (24)] Inácio de Moraes ao Autor

Como Cardoso representa⁷² bem as belas glórias
Das Musas, como a graça flui de sua doce boca.
Com quanta doçura de linguagem deleita os espíritos,
E conheceu, dos homens antigos, os antigos escritos:
Tudo aquilo que doutos mestres de gramática escreveram,
Tudo aquilo que Aristóteles publicou e ainda Platão,
Tudo aquilo que publicaram doutores de leis e peritos no direito
E, em suma, tudo quanto a douta Grécia legou.
Fez avançar, das densas trevas para a luz, as maravilhas
Que, ao mesmo tempo, enriqueceu com as suas flores.
Agora pareceu Cícero mas, se não sou iludido pela estima,
Há-de, logo depois, parecer um outro Virgílio.

⁷² Sugestão da *Arte Poética* de Horácio: «ut pictura poesis», (v. 361). Tal aproximação decorre do carácter mimético de ambas as artes: pintura e poesia são imitação da realidade.

Bibliografia

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

Bibliografia cardosiana

CARDOSO, Jerónimo, *Elegiarum Liber (sic) II*, Vlisipone, apud Ioanem Barrerium Typographum Regium, M.D.LXIII.

_____, *Epistolarum Familiarium Libellus*, Olysipone, apud Ioannem Barrerium Typographum Regium, 1556.

_____, «Jerónimo Cardoso envia saudações a Jerónimo Osório, escrivão da puridade do Príncipe D. Luís» in *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, D. Jerónimo Osório, trad., introd. e anotações de A. Guimarães Pinto, Lisboa, Col. Pensamento Português, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, pp. 244-246.

_____, *Libellus de Terrae Motu. De Vario Amore Aegloga. De Disciplinarum Omnium Laudibus Oratio*, Conimbricae, apud Ioannem Barrerium, et Ioannem Aluarum Typographos Regios, M.D.L.

_____, *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas*, reprodução fac-similada da edição de 1550, trad. de Miguel Pinto de Meneses e introd. de Justino Mendes de Almeida, Lisboa, Instituto de Alta Cultura-Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1965.

_____, *Syluarum Liber Vnus*, Vlyssipone, apud Ioannem Barrerium, M.D.LXIII.

Bibliografia geral

AAVV, «VALASCO (Genealogia)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 18, Lisboa, Editorial Verbo, pp. 615-616.

AAVV, «VAZ (Genealogia)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (V.)*, Vol. 18, pp. 789-790.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

A Bíblia de Jerusalém, trad. do texto em língua portuguesa directamente dos originais, tradução das introduções e notas de *La Sainte Bible*, edição de 1973, publicada sob a direcção da «École Biblique de Jérusalem», nova edição revista, S. Paulo, Edições Paulinas, 1993⁶.

ALARCÃO, Jorge, *Portugal Romano*, Lisboa, Editorial Verbo, Col. Historia Mundi-33, edição revista, 1987⁴.

ALMEIDA, J. A. Ferreira de, et alii, *Tesouros Artísticos de Portugal*, Porto, Selecções do Reader's Digest, 1980².

ALMEIDA, Justino Mendes de, «Uma carta latina do humanista Jerónimo Cardoso» in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, 3, 1957, pp. 207-213.

_____, «O primeiro lexicógrafo português de língua latina: Jerónimo Cardoso» in *Euphrosyne*, Lisboa, 2, 1959, pp. 139-152.

_____, «Introdução» in *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas* (V.), 1965.

ANSELMO, António Joaquim, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, Publicações da Biblioteca Nacional, reedição, 1977.

ANTÓNIO, Nicolau, «HIERONYMVS CARDOSUS» in *Bibliotheca Hispana*, Tomo I, Romae, ex Officina Nicolai Angeli Tinassii. MDCLXXII, col. 1, p. 437.

ASSUMPÇÃO, Fr. José da, *Hymnologia Sacra em seis partes igualmente dividida*, Tomo II, Lisboa Occidental, M.DCC.XXXVIII.

ATTWATER, Donald, *Dicionário de Santos*, trad. de Jorge Pinheiro, Lisboa, Publicações Europa-América, 1992.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

AUTOR ANÓNIMO, «CARDOSO (Jerónimo)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, AAVV, Vol. 5, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d., p. 906.

_____, «COTRIM (André)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 7, p. 927.

_____, «ESTAÇO (Aquiles)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 10, pp. 360-361.

_____, «MORAIS, (Inácio de)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 17, p. 808.

_____, «SANCHES, (Pedro)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 26, p. 912.

_____, «SILVEIRA, (Fernão da)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 28, p. 907.

_____, «TEIVE, (Baltasar de)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 31, p. 21.

_____, «VAZ, (Álvaro)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (V.), Vol. 34, pp. 365-366.

AUTOR DESCONHECIDO, *Ditos Portugueses Dignos de Memória*, História íntima do século XVI anotada e comentada por José Hermano Saraiva, Lisboa, Col. Biblioteca Universitária-13, Publicações Europa-América, 2ª edição, s.d.

BARROS, João de, *Gramática da Língua Portuguesa*, organizada por José Pedro Machado, Lisboa, 1957³.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

BELCHIOR, Maria de Lourdes, «*Bíblia, Influência na Literatura Portuguesa*» in *Dicionário de Literatura*, Vol.2, direcção de Jacinto do Prado Coelho, Porto, Livraria Figueirinhas, 1989⁴, pp. 99-101.

Bíblia Sagrada-a Boa Nova, trad. interconfessional do hebraico, do aramaico e do grego em português corrente, Difusora Bíblica (Franciscanos Capuchinhos), 1995³.

BOLÉO, Manuel de Paiva, «Recensão» a J. Mendes de Almeida e Miguel Pinto de Meneses, *Oração de Sapiência Proferida em Louvor de Todas as Disciplinas de Jerónimo Cardoso* (V.) in *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 15, 1969-1971, p. 494.

BRANDÃO, Mário, *Inácio de Moraes-Conimbricæ encomium*, revisão e prefácio, Coimbra, 1938.

BUESCU, Victor, «HÉLICON» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 9, pp. 1704-1705.

CAMPOS, Fernando, *A Casa do Pó*, Lisboa, DIFEL, Difusão Editorial, 2.^a edição, s.d.

CICERO, *Em Defesa do Poeta Árquias*, introd., trad. e notas de Maria Isabel Rebelo Gonçalves, Lisboa, Col. Clássicos Inquérito-15, Editorial Inquérito, 1986.

CIDADE, Hernâni «*Rimas de Luís de Camões*» in *Dicionário de Literatura* (V.), Vol. 5, 1990⁴, pp. 943-946.

COELHO, Jacinto do Prado, «Deus na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura* (V.), Vol. 2, pp. 256-257.

COSTA, Mário Júlio de Almeida, «Adopção» in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. 6, direcção de Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 363.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

DÍAZ y DÍAZ, M. C., NASCIMENTO, Aires Augusto, et alii, *HISLAMPA (Hispanorum Index Scriptorum Latinorum Medii Posteriorisque Aevi), Autores Latinos Peninsulares da Época dos Descobrimentos (1350-1560)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993.

EMMANUELIS PINII CABRALII, *Magnum Lexicon Latinum, et Lusitanum, ex Diuturnis Celeberrimorum, Eruditissimorumque Philologorum Observationibus Depromptum, ad Plenissimam Scriptorum Latinorum Interpretationem Accomodatum*, Olyssipone, Typis Simonis Thaddaei Ferreira, Editio Altera, MDCCCII.

ERASMO DE ROTERDÃO, *Elogio da Loucura*, tradução, prefácio e notas de Maria Isabel Gonçalves Tomás, Lisboa, Col. Livros de Bolso Europa-América-61, Europa América, s.d.

ESPANCA, Túlio, «Évora» in *Maravilhas de Portugal*, AAVV, Salvat Editora do Brasil, 1989.

_____, *Évora*, Lisboa, Col. Cidades e Vilas de Portugal, Editorial Presença, 1993.

FERREIRA, António Gomes, *Dicionário de Latim-Português*, Porto, Porto Editora, 1983.

FERREIRA, Francisco Leitão, *Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra*, 1.^a parte, 2.^a edição organizada por Joaquim de Carvalho, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937².

_____, *Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra*, 2.^a parte, Vol. 3, Tomo 1, primeira edição publicada, revista e anotada por Joaquim de Carvalho, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1944.

GAFFIOT, Félix, *Dictionnaire Latin Français*, Paris, Hachette, 1994.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

- GONÇALVES, Patrocínio, «JOÃO BAPTISTA (São)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), vol.11, (D. L. 1983), pp. 632-635.
- GRIMAL, Pierre, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, trad. de Victor Jabouille, Lisboa, DIFEL Difusão Editorial, 1992.
- HORÁCIO, *Arte Poética*, introd., trad. e comentário de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Col. Clássicos Inquérito-11, Editorial Inquérito, 1990².
- JASON, W. H., *História da Arte*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989⁴.
- LEWIS, T, and SHORT, Charles, *A Latin Dictionary, Founded on Andrews' Edition of Freund's Latin Dictionary*, revised, enlarged, and in great part rewritten by Charlton T. Lewis, Ph. D., Oxford, Clarendon Press, 1996.
- Livros Impressos no Século XVI Existentes na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora- I Tipografia Portuguesa*, Separata do *Boletim da Junta Distrital de Évora*, Évora, 1964.
- LUÍS, Mário Helder José Gomes, *Jerónimo Cardoso e os Irmãos Pedro e Rodrigo Sanches (Contributo para a História do Humanismo em Portugal)*, Trabalho de Síntese, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 1995, (dact.).
- MACHADO Diogo de Barbosa, *Bibliotheca Lusitana, Histórica, Crítica, Cronológica*, Tomo I (M.CM.LXV), Tomo II e Tomo III (M.CM.LXVI.), Tomo IV (M.CM.LXVII.), Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967.
- MARTINS, Isaltina das Dores Figueiredo, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-3, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1986.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

- MARTINS, Mário, «Cristo na Literatura Portuguesa» in *Dicionário de Literatura* (V.), Vol. 1, 1989⁴, pp. 230-231.
- MATOS, Luís de, *Les Portugais a l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1950.
- MORAIS, Cristovão Alão de, *Pedatura Lusitana (Nobiliário das Famílias de Portugal)*, Vol. 2, Tomo 1, publicado por Alexandre António Pereira de Miranda Vasconcellos et alii, Porto, Livraria Fernando Machado, 1944.
- MORAIS, Inácio de, *Conimbricæ encomium ab Ignatio Morali editum*, versão em linguagem por A. da Rocha Brito, Figueira da Foz, Tipografia Popular, 1935.
- MORGAN, Tom, *Saints A Visual Almanac of the Virtuous, Pure, Praiseworthy, and Good*, San Francisco, Chronicle Books, 1994.
- Novo Testamento*, introd. e notas actualizadas de Frei Alcindo da Costa, Lisboa, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 1992¹⁷.
- Novum Testamentum Graece et Latine*, Gianfranco Nolli curante, textus graecus, cum apparatu critico-exegetico, Vulgata Clementina et Neovulgata, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1981.
- OVIDE, *Héroïdes*, Paris, Société D'Édition «Les Belles Lettres», 1991.
- PEREIRA, Belmiro Fernandes, *As Orações de Obediência de Aquiles Estaço*, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-9, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1991.
- _____, «A Livraria de Aquiles Estaço, *Librorum Venator et Helluo*» in *HVMANITAS*, Vol. 45, 1993, pp.255-305.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

- PEREIRA, Cândido Aparício, *Subsídios para a História do Humanismo em Portugal- Pedro e Rodrigo Sanches*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1955, (tese de licenciatura dactilografada).
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, «ESTESÍCORO» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1984, p. 1506.
- _____, *Estudos de História da Cultura Clássica*, volume I/ Cultura Grega, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988⁶.
- _____, «SIBILA» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 17, p. 38.
- PERFEITO, Abílio Alves, «Recensão» a J. Mendes de Almeida, «O primeiro lexicógrafo português da língua latina: Jerónimo Cardoso», *Euphrosyne*, Lisboa, 1959, in *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 11-II, 1961, pp. 219-220.
- PINHO, Sebastião Tavares de, *Lopo Serrão e o seu poema «Da Velhice»*, estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, trad. e notas, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-4, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1987.
- PIRES, Diogo, *Antologia Poética*, introd., trad., comentário e notas de Carlos Ascenso André, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-1, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1983.
- PLINE L'ANCIEN, *Histoire Naturelle- livre I*, texte établi, traduit et commenté par Jean Beaujeu, introduction de Alfred Ernout, Paris, Société D'Édition «Les Belles Lettres», 1950.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

RAMALHO, Américo da Costa, «CARDOSO (Jerónimo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 4, Lisboa, Editorial Verbo, 1966, pp. 1031-1032.

_____, «CARDOSO (Jerónimo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 22, 1991, pp. 182-183.

_____, «ERASMO (Desidério)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1984, pp. 758-761.

_____, «ESTAÇO (Aquiles)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 7, 1968, pp. 1348-1349.

_____, «ESTAÇO (Aquiles)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 19, (D. L. 1988), p. 1200.

_____, *Estudos Camonianos*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980².

_____, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1969.

_____, *Estudos sobre o Século XVI*, Lisboa, Col. Estudos e Temas Portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.^a edição aumentada, 1982.

_____, *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-2, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1985.

_____, «MORAIS (Inácio de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 20, 1980, pp. 575-576.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

- _____, «MORAIS (Inácio de)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 22, 1991, pp. 565-566.
- _____, *Para a História do Humanismo em Portugal-I*, Coimbra, Col. Textos Humanísticos Portugueses-6, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1988.
- _____, *Para a História do Humanismo em Portugal-II*, Lisboa, Col. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.
- _____, «PLÍNIO SEGUNDO, chamado *O VELHO* (Gaio)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 15, 1988, pp. 310-311.
- _____, «SANCHES (Pedro)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 16, 1974, pp. 1224-1225.
- _____, «SANCHES (Pedro)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 20, 1980, pp. 1121-1122.
- _____, «SANCHES (Rodrigo)» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V.), Vol. 20, 1980, p. 1122.
- RESENDE, André de, *Obras Portuguesas*, prefácio e notas do Prof. José Pereira Tavares, Lisboa, Col. Clássicos Sá da Costa, Livraria Sá da Costa, 1963.
- RESENDE, Garcia de, *Livro das Obras de Garcia de Resende*, edição crítica, estudo textológico e linguístico por Evelina Verdelho, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

- RÉVAH, I. S., «Les origines de Jerónimo Cardoso auter du premier dictionnaire portugais imprimé» in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, 36, 1964, pp. 277-279.
- RODRIGUES, Martinho Vicente e CÓIAS, Serafim dos Anjos Grasina, *Livros Quinhentistas da Biblioteca Municipal de Santarém*, introd. de José V. de Pina Martins, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1993.
- SANCEAU, Elaine, «Silveira, António da» in *Dicionário de História de Portugal* (V.), Vol. 5, 1992, pp. 583-584.
- _____, «Silveira, Heitor da» in *Dicionário de História de Portugal* (V.), Vol. 5, 1992, p. 584.
- SÉGIER, Jayme de, et alii, *Diccionario Prático Ilustrado, Novo Diccionario Encyclopédico Luso-Brasileiro*, Lisboa, Empresa do Diccionario Prático Ilustrado, 1910.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, «Portugueses no Estudo de Salamanca (1250-1550)» in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Lisboa, III série, 5, 1961.
- SILVA, Innocência Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo III, (MDCCCLIX), Tomo VII, (MDCCCLXII), Lisboa, Imprensa Nacional, 1859-1862.
- SOARES, José Pedro, *Os Sagrados Hymnos da Santa Igreja, Dispostos em Latim por Ordem Alfabética, e Traduzidos em Portuguez, Com a Medição de seus Versos, Explicações, e Notas, Compostos e Dedicados ao Exc.^{mo}, e Rev.^{mo} Senhor Bispo de Angra, e das mais Ilhas dos Açores, do Conselho de Sua Alteza Real*, Tomo I., A=L, Lisboa, Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, M. DCCCVI.
- TEYSSIER, Paul, «Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise» in *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, Lisboa, 41, 1980, pp. 7-32.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Bibliografia

_____, «Les Adages d'Erasmus dans le Dictionnaire Latin-Portugais de Jerónimo Cardoso» in AAVV *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. A. Costa Ramalho*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1992, pp. 127-136.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*, prefácio de Américo da Costa Ramalho, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 2.^a edição fac-similada, 1994³.

VERDELHO, Telmo, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995.

YALURIS, N. y A., *Olimpia, Guía del Museo y del Santuario*, Atenas, Ekdotike Athenon S.A., 1989.

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Índice Geral

Índice Geral

Prefácio.....	4
Estudo Introdutório.....	7
Capítulo I- Uma biografia de Jerónimo Cardoso.....	8
1.- Fontes do capítulo.....	8
2.- Dados biográficos de Jerónimo Cardoso.....	10
Capítulo II- A obra de Jerónimo Cardoso.....	13
1.- O lexicógrafo e gramaticógrafo.....	13
2.- O orador.....	16
3.- O poeta.....	16
4.- O epistológrafo.....	18
Capítulo III- O <i>Elegiarum Liber</i> (sic) II de Jerónimo Cardoso.....	19
1.- Introdução.....	19
2.- Suporte material.....	20
3.- Principais falhas tipográficas.....	22
4.- Índices.....	24
5.- Da métrica.....	30
Capítulo IV- Álvaro Vaz, um muito notável jurisconsulto.....	31
1.- Fontes do capítulo.....	31
2.- Dados biográficos de Álvaro Vaz.....	32
3.- Álvaro Vaz na obra de Jerónimo Cardoso.....	37
Capítulo V- S. João Baptista, protector do <i>Elegiarum Liber</i>	45
1.- Fontes do capítulo.....	45
2.- A presença do divino na literatura portuguesa.....	46
3.- Uma biografia de S. João Baptista.....	50
4.- A composição n.º 1- “Ad Dium Ioannem Baptistam”.....	55
Capítulo VI- Fernando da Silveira, o <i>Poeta Heróico</i>	58
1.- Fontes do capítulo.....	58
2.- Dados biográficos de Fernando da Silveira.....	59
3.- Problemas da homonímia renacentista.....	63

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Índice Geral

4.- Fernando da Silveira na obra de Jerónimo Cardoso.....	66
Capítulo VII- Pedro Sanches «et summum decus et poeta felix».....	72
1.- Fontes do capítulo.....	72
2.- Dados biográficos de Pedro Sanches.....	75
3.- Pedro Sanches na obra de Jerónimo Cardoso.....	79
Capítulo VIII- Inácio de Morais, amigo de Jerónimo Cardoso.....	87
1.- Fontes do capítulo.....	87
2.- Dados biográficos de Inácio de Morais.....	88
3.- Inácio de Morais na obra de Jerónimo Cardoso.....	94
Capítulo IX- André Cotrim, <i>requiem</i> por um poeta perdido.....	106
1.- Fontes do capítulo.....	106
2.- Alguns dados sobre André Cotrim.....	106
3.- A Água de Prata de Évora.....	108
4.- Reflexos literários da Água de Prata.....	111
5.- André Cotrim na obra de Jerónimo Cardoso.....	115
6.-Conclusão.....	117
Capítulo X- Aquiles Estaço, um aluno ilustre.....	118
1.- Fontes do capítulo.....	118
2.- Dados biográficos de Aquiles Estaço.....	118
3.- Aquiles Estaço na obra de Jerónimo Cardoso.....	126
4.- Conclusão.....	128
Capítulo XI- Baltasar de Teive e o « <i>limae labor</i> ».....	130
1.- Fontes do capítulo.....	130
2.- Dados biográficos de Baltasar de Teive.....	132
3.- Baltasar de Teive na obra de Jerónimo Cardoso.....	135
Texto Latino, Tradução e Notas.....	141
Observação preliminar.....	142
[A] Jerónimo Cardoso ao Doutor Álvaro Vaz um Muito Versado Jurisconsulto, Saúda com Afeição.....	143
[1] A São João Baptista.....	145
[2] A Fernando da Silveira Senhor de Sarzedas.....	148

Algumas Elegias de Jerónimo Cardoso

Índice Geral

[4] Resposta a Fernando da Silveira.....	149
[6] A Pedro Sanches.....	152
[7] Ao Mesmo [Pedro Sanches], Composição em Falécios.....	154
[14] A Pedro Sanches.....	155
[15] A Inácio de Moraes.....	157
[16] Ao Mesmo [Inácio de Moraes].....	160
[17] Ao Mesmo [Inácio de Moraes].....	161
[22] A André Cotrim: Acerca de um seu Epigrama Dedicado à [Fonte da] Água de Prata.....	163
[23] A Inácio de Moraes que Aconselhara a Sua Juventude, Fala a Juventude.....	165
[27] A André Cotrim.....	168
[28] A Inácio de Moraes.....	169
[30 (1)] Ao Jurisconsulto Doutor Álvaro Vaz.....	172
[37 (8)] Ao Seu Aluno Aquiles Estaço.....	173
[40 (11)] A Baltasar de Teive, Doutor em Direito Civil e Direito Canónico, (Quando Lhe Enviava uma Sua Écloga que Devia Corrigir).....	174
[41 (12)] Pedro Sanches ao Autor.....	175
[44 (15)] Baltasar de Teive ao Autor Acerca de Dórilas e Mopso.....	179
[53 (24)] Inácio de Moraes ao Autor.....	180
Bibliografia.....	181
Índice Geral.....	194

Apêndice

Errata

pág.	linha	onde se lê	deve ler-se
8	rodapé	Octobri bus	Octobribus
10	8	os	nos
17	17	a	à
19	18	constituem integram	integram
20	31	primeiro capítulo da segunda parte	quarto capítulo
29	12	e o	e
29	14	manuseado	compulsado ainda
33	rodapé	então	então,
36	8	também	também,
36	9	arcediago	arcediago
50	última	replica	réplica
60	rodapé	e herdeiro	herdeiro
61	rodapé	acima vimos	adiante veremos
63	8	Garcia	de Garcia
66	rodapé	<i>Syluarum</i>	<i>Siluarum</i>
68	5	porém	porém,
73	rodapé	Cândido	Cândido
75	rodapé	Portuga	Portugal
77	8	notícia de	notícia
81	16	<i>Epistolarium</i>	<i>Epistolarum</i>
84	4	escrever	escrever,
86	6	Cardoso	Cardoso viva
86	última	<i>Silvarum</i>	<i>Siluarum</i>
91	10	1549	1549,
94	última	<i>Epistolarium</i>	<i>Epistolarum</i>
97	10	muda	muda de
97	penúltima	Moreum]	Moreum]”
99	18	Ad	“Ad
99	28	abatida	abatida,
100	24	7	5
101	12	abstrações	abstracções
101	penúltima	receios serve-se,	receios, serve-se
102	11	e	quer
102	13	estimulada	estimulada
103	8	po	por
103	26	recuperação,	recuperação
105	antepenúltima	<i>Silvarum</i>	<i>Siluarum</i>
106	8	<i>brasileira</i>	<i>Brasileira</i>
107	25	notícia	notícia,
108	15	Média	Média,
108	15	água,	água
110	25	da obras	das obras
113	2	<i>Silvarum</i>	<i>Siluarum</i>
114	10	1535 ²⁴² , por imposição,	1535 ²⁴² ,
115	19	André de Cotrim	André Cotrim
117	2	que	que se
120	22	Nunes,	Nunes

pág.	linha	onde se lê	deve ler-se
122	1	<i>Sylvarum</i>	<i>Siluarum</i>
122	2	<i>sylua</i>	<i>silua</i>
122	15	cronológicamente	cronologicamente
126	15	<i>Sylvarum</i>	<i>Siluarum</i>
126	16	<i>sylua</i>	<i>silua</i>
126	16	<i>Sylvarum</i>	<i>Siluarum</i>
127	5	<i>sylua</i>	<i>silua</i>
127	19	<i>sylua</i>	<i>silua</i>
128	8	<i>brevitas</i>	<i>brevitas</i>
128	18	ao	à
130	12	bibliografo	bibliógrafo
135	25	Cardoso	Cardoso,
137	rodapé	Cícero	Cícero
171	penúltima	temporas	têmporas
173	8	espartano	Espartano
175	rodapé	lado	lago